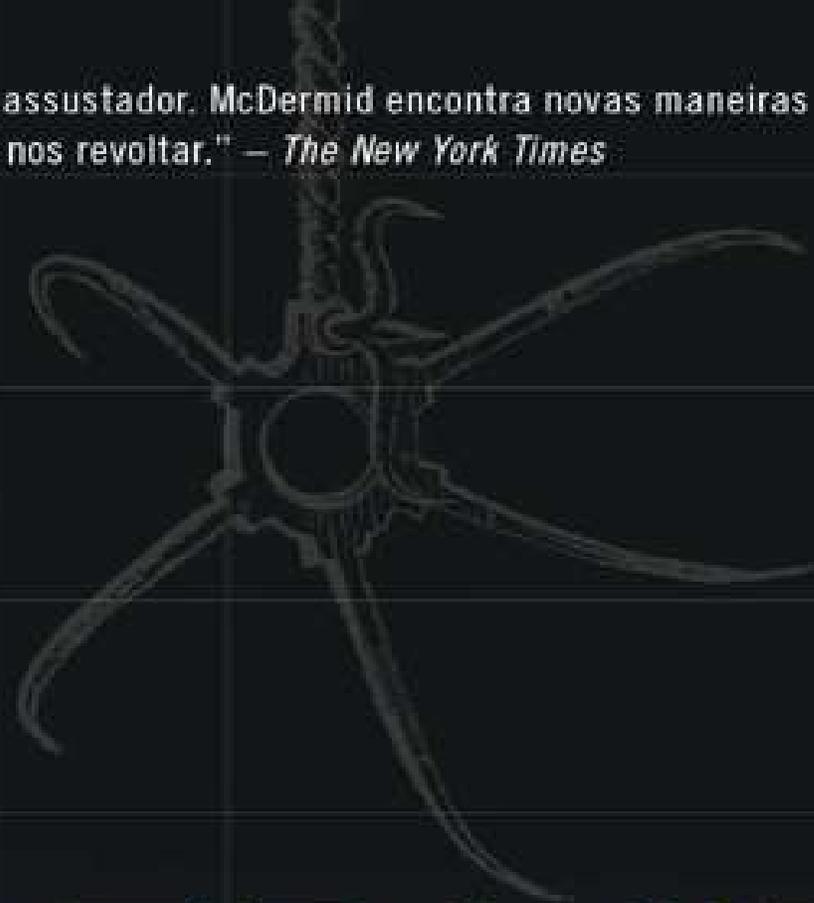


"Um thriller deliciosamente assustador. McDermid encontra novas maneiras de nos chocar e nos revoltar." – *The New York Times*



VAL McDERMID

O canto das sereias

BB
BERTRAND BRASIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

VAL McDERMID

O CANTO
DAS SEREIAS

Tradução
Michel Marques

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright © Val McDermid 1995

Copyright da tradução © Editora Bertrand Brasil Ltda. 2014

Título original: *The Mermaids Singing*

Capa: Raul Fernandes

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Produzido no Brasil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

M1c

McDermid, Val, 1955-

O canto das sereias [recurso eletrônico] / Val McDermid ; tradução
Michel Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2014.

recurso digital

Tradução de: *The mermaids singing*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Agradecimento, epílogo.

ISBN 978-85-286-1980-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção escocesa. 2. Livros eletrônicos. I. Marques, Michel. II. Título.

14-16291

CDD: 828.99113

CDU: 821.111(411)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ — Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Agradecimentos

É sempre perturbador quando a vida parece imitar a arte. Comecei a planejar este livro na primavera de 1992, muito antes dos assassinatos que abalaram a comunidade gay em Londres. Minha esperança sincera é que não haja nada nestas páginas que cause sofrimento ou ofenda alguém.

Como sempre, consultei muita gente e explorei meus amigos até não poder mais enquanto pesquisava e escrevia *O canto das sereias*. Gostaria de agradecer especialmente ao psicólogo clínico-sênior e analista criminal Mike Berry, do Hospital Psiquiátrico de Segurança Máxima de Ashworth, em Liverpool, por me oferecer tão generosamente seu tempo e conhecimento especializado na preparação deste livro. As ideias e as informações que coletei foram inestimáveis, além de interromperem imediatamente as conversas em jantares.

Agradeço também a Peter Byram, do Responsive College Unit, em Blackburn, que me ofereceu orientação sobre pontos mais detalhados da tecnologia de computadores. Alison Scott e Frankie Hegarty forneceram informações úteis em assuntos médicos. O detetive-superintendente Mike Benison, da Polícia de Sussex, generosamente encontrou tempo em sua ocupada agenda para me atualizar sobre o andamento de importantes investigações de assassinatos. Jai Penna, Diana Cooper e Paula Tyler

demonstraram mais uma vez que alguns advogados são generosos com seu tempo e conhecimento.

Pelo apoio, paciência e orientação no decorrer do livro, gostaria de agradecer particularmente a Brigid Baillie e a Lisanne Radice. Não deve ser fácil lidar com alguém que passa os dias dentro da cabeça de um serial killer...

A cidade setentrional de Bradfield é inteiramente um produto da minha imaginação. Em particular, as atitudes e o comportamento atribuídos a profissionais de vários tipos, inclusive policiais, foram escolhidos por motivos de necessidade ficcional, e não verossimilhança. Na Grã-Bretanha, temos sorte de ter poucos serial killers; isso porque muitos deles são capturados depois de seu primeiro assassinato. Vamos esperar que os analistas criminais e a polícia possam manter as coisas assim.

Para Tookie Flystock,
meu querido serial killer de insetos.

Ouvi cantar as sereias, umas para as outras.
Não creio que um dia elas cantem para mim.

“A canção de amor de J. Alfred Prufrock”

T. S. Eliot

A alma da tortura é masculina.

Comentário numa das peças expostas
Museu de Tortura e Criminologia Medieval,
San Gimignano, Itália.

Todas as epígrafes dos capítulos foram extraídas da obra
Do assassinato como uma das belas-artes,
de Thomas De Quincey (1827)

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 001**

A gente sempre se lembra da primeira vez. Não é o que dizem sobre o sexo? Talvez isso seja mais verdadeiro quando se trata de um assassinato. Nunca me esquecerei de nenhum momento delicioso desse drama estranho e invulgar. Muito embora hoje, com o benefício da experiência e da visão retrospectiva, considero aquela uma performance amadora, ainda consigo me empolgar, por mais que não alcance a satisfação.

Apesar de não ter percebido antes que a decisão de agir me fosse imposta, eu vinha preparando o terreno para o assassinato com muita antecedência. Imagine um dia de agosto na Toscana. Um ônibus turístico com ar-condicionado nos levando a toda a velocidade de cidade em cidade, lotado de abutres da cultura do norte, todos desesperados para preencher cada instante de nosso precioso pacote de duas semanas com algo memorável que compensasse Castle Howard e Chatsworth.

Eu apreciara Florença, as igrejas e galerias de arte cheias de imagens estranhamente contraditórias de martírio e madonas. Havia escalado as alturas estonteantes do domo de Brunelleschi que coroava a imensa catedral. Minha empolgação era a escada sinuosa que leva da galeria até a minúscula cúpula acima, os degraus de pedra gastos, espremidos como sanduíches entre o teto do domo e o próprio telhado. Era como estar dentro do meu computador, uma aventura real de RPG, percorrendo a trilha do labirinto lentamente e com dificuldade até chegar à luz do dia. Só faltavam monstros para exterminar pelo caminho. E depois, emergir no dia claro e com a surpresa de que lá em cima, no final dessa subida comprimida, havia um vendedor de cartões-postais e souvenirs, um homenzinho moreno e sorridente, curvado por puxar suas mercadorias para cima há tantos anos. Se fosse mesmo um jogo, eu poderia ter comprado alguma magia com ele. Do modo como eram as coisas, comprei mais cartões-postais do que tinha para quem enviar.

Depois de Florença, San Gimignano. A cidade surgia da planície verde da Toscana, suas torres em ruínas fincando-se no céu como dedos que se agarram ao solo, da beirada de uma cova. O guia tagarelava sobre “uma Manhattan medieval”, outra comparação grosseira para adicionar à lista que nos tinha sido impingida desde Calais.

À medida que nos aproximávamos da cidade, minha empolgação crescia. Em toda a Florença, eu vira os anúncios da única atração turística que realmente desejava ver. Penduradas esplendidamente em postes de iluminação,

deslumbrantes em vermelho vivo e dourado, as faixas insistiam que eu visitasse o Museo Criminologico di San Gimignano. Consultando meu livro de frases de viagem, confirmei o que achava que as letras miúdas diziam. Um museu de criminologia e tortura. Não é preciso dizer que ele não constava em nosso itinerário cultural.

Não tive trabalho de procurar meu destino; um folheto sobre o museu, completo com o mapa de ruas, foi-me entregue passados menos de dez metros do portal de pedra localizado nas muralhas medievais. Saboreando o prazer da expectativa, perambulei por algum tempo, maravilhando-me com os tributos à desarmonia civil representados pelas torres. Cada família poderosa tivera sua própria torre fortificada que defendia contra os vizinhos com todos os meios, de chumbo derretido a canhões. No auge da prosperidade da cidade, havia, segundo dizem, cerca de duzentas torres. Comparada à San Gimignano medieval, a noite de sábado nas docas depois do expediente parece o jardim de infância; os marinheiros, meros amadores em desordem.

Quando não pude mais resistir à atração do museu, cruzei a praça central, lançando uma moeda de duzentas liras bicolor no poço para dar sorte, e caminhei alguns metros por uma rua lateral, onde as agora familiares tapeçarias enfeitavam as antigas muralhas de pedra. Com a excitação zunindo em mim como um mosquito sedento por sangue, adentrei o frio foyer e calmamente comprei meu ingresso e um exemplar do guia do museu ilustrado em papel brilhante.

Como posso começar a descrever a experiência? A realidade física era muito mais avassaladora do que eu me preparara com as fotografias, vídeos ou livros. A primeira peça em exposição era um potro, e o cartão que o acompanhava descrevia sua função em adoráveis detalhes em italiano e inglês. Os ombros se soltavam de seus encaixes; quadris e cintura se separavam, com o som de cartilagem e ligamentos sendo rasgados; a coluna se esticava, perdendo o alinhamento até que as vértebras se desmontavam como contas de um cordão partido. “As vítimas”, o cartão dizia laconicamente, “muitas vezes mediam entre quinze e vinte e três centímetros a mais depois do potro.” Que mentes extraordinárias tinham os inquisidores. Não satisfeitos em interrogar seus hereges enquanto estavam vivos e sofriam, eles precisavam buscar mais respostas de seus corpos violados.

A exposição era um testemunho da engenhosidade do homem. Como alguém poderia não admirar as mentes que examinaram o corpo humano com tanta intimidade a ponto de arquitetar um sofrimento tão sofisticado e precisamente calibrado? Com sua tecnologia de relativa rusticidade, aqueles cérebros medievais criaram sistemas de tortura tão apurados que ainda hoje estão em uso. Ao que parece, o único aperfeiçoamento que nossa sociedade pós-industrial conseguiu conceber foi o frisson extra fornecido pela aplicação da eletricidade.

Eu andava pelas salas saboreando cada um dos brinquedos, dos espetos grosseiros da Dama de Ferro ao mecanismo mais sutil e elegante das peras,

aqueles corpos ovoides delgados e segmentados que eram inseridos na vagina ou no ânus. Depois, quando o roquete era girado, os segmentos se separavam e expandiam até que a pera se metamorfoseava numa estranha flor, com as pétalas orladas de dentes metálicos afiados como navalha. Em seguida, era removida. Às vezes, as vítimas sobreviviam, o que provavelmente era um destino mais cruel.

Percebi o mal-estar e o horror no rosto e na voz de outros visitantes como eu, mas reconheci a hipocrisia contida nisso. Secretamente, eles estavam adorando cada minuto daquela peregrinação. No entanto a respeitabilidade proibia qualquer demonstração pública de entusiasmo. Apenas as crianças eram sinceras em sua fervorosa fascinação. Eu teria apostado, de bom grado, que estava longe de ser a única pessoa naquelas salas frias em tom pastel que sentia o surto do desejo sexual entre as pernas enquanto éramos arrebatados pelas peças expostas. Muitas vezes me perguntei quantos encontros sexuais de férias foram apimentados pelas lembranças secretas do museu de tortura.

Lá fora, num pátio banhado de sol, um esqueleto agachado numa gaiola, com os ossos limpos como se tivessem sido desnudados por abutres. No tempo em que as torres estavam de pé, essas gaiolas eram penduradas nas muralhas externas de San Gimignano; uma mensagem tanto para os habitantes quanto para os forasteiros de que esta era uma cidade onde a lei cobrava uma dura pena se não fosse respeitada. Senti uma estranha afinidade com esses

habitantes dos burgos. Eu também respeitava a necessidade de punição após a perfídia.

Próximo ao esqueleto, uma enorme roda com raios de metal estava encostada à muralha. Ela teria parecido perfeitamente adequada a um museu agrícola. Mas o cartão fixado na parede atrás dela revelava uma função mais imaginativa. Os criminosos eram atados à roda. Primeiro, eram esfolados com um azorrague que arrancava a carne dos ossos, expondo suas entranhas para a multidão ansiosa. Depois, seus ossos eram quebrados com barras de ferro na roda. Flagrei-me pensando na carta de tarô, a roda da fortuna.

Quando percebi que teria de me tornar homicida, a lembrança do museu de tortura surgiu diante de mim como uma musa. Sempre trabalhei bem com as mãos.

Depois da primeira vez, parte de mim esperava que não houvesse a compulsão de repetir o ato. Mas eu sabia que, se tivesse de fazer de novo, da próxima vez seria melhor. Aprendemos com nossos erros as imperfeições de nossas ações. E, felizmente, a prática leva à perfeição.



Cavalheiros, tive a honra de ser escolhido por seu comitê para a árdua tarefa de proferir a Conferência Williams sobre Assassinato considerado como uma das belas-artes; uma tarefa que podia ser fácil o bastante há três ou quatro séculos, quando a arte ainda era pouco compreendida, e poucos modelos notáveis haviam sido expostos; mas hoje, quando obras-primas de excelência foram executadas por profissionais, deve ser evidente, que no estilo da crítica que lhes foi aplicada, o público procurará algo com um aprimoramento correspondente.

Tony Hill colocou as mãos atrás da cabeça e fitou o teto. Havia uma fina teia de rachaduras em torno da elaborada roseta de gesso que circundava a luminária, mas ele não tomou consciência dela. A luz fraca do amanhecer, tingida com o laranja das lâmpadas de vapor de sódio da rua, foi filtrada por uma abertura triangular na parte de cima da cortina, mas ele não tinha nenhum interesse nela tampouco. Com o subconsciente, ele registrou o boiler do aquecimento central entrando em ação, aprontando-se para suavizar o frio do inverno úmido que penetrava pela porta e pelos vidros da janela. Seu nariz estava frio, e ele tinha uma sensação de areia nos olhos. Não conseguia se

lembrar da última vez que tivera uma noite inteira de sono. Sua preocupação com o que tinha de enfrentar naquele dia era parte da razão dos sonhos interrompidos da noite, mas havia mais do que isso. Muito mais.

Como se o dia de hoje não fosse preocupação mais do que suficiente. Ele sabia o que se esperava dele, mas cumprir era outra história. Outras pessoas lidavam com essas coisas sem nada além de um breve tremor na barriga, mas não Tony. Era preciso usar toda a sua habilidade para manter as aparências e chegar ao final do dia. Em circunstâncias como aquela, ele compreendia o quanto exigia dos atores profissionais compor os desempenhos atormentados e intensos que cativavam o público. À noite, ele não serviria para nada, salvo outra tentativa vã de obter oito horas de sono.

Tony mudou de posição na cama, liberando uma das mãos e a passando pelos curtos cabelos escuros. Cofiou os fiapos de barba no queixo e suspirou. Ele sabia o que queria fazer hoje, mas da mesma forma tinha perfeita consciência de que, se o fizesse, seria suicídio profissional. Não importava que soubesse que havia um serial killer à solta em Bradfield. Não podia dar-se ao luxo de ser o primeiro a afirmar isso. Sentiu um aperto no vazio do estômago e fez uma careta de dor. Com um suspiro, empurrou o edredom e saiu da cama, sacudindo as pernas para esticar as dobras de seu pijama folgado.

Tony se arrastou até o banheiro e acendeu a luz. Enquanto esvaziava a bexiga, estendeu a mão livre e ligou o rádio. O locutor de tráfego da Bradfield Sound estava anunciando os prováveis engarrafamentos da manhã com uma alegria que nenhum motorista poderia igualar sem grandes doses de Prozac. Felizmente, ele não dirigiria naquela manhã. Tony se virou para a pia.

Ele contemplou os olhos azuis afundados em suas órbitas e ainda turvos de sono. Quem quer que tenha dito que os olhos são os espelhos da alma

gostava de uma boa conversa fiada, pensou com ironia. Provavelmente era melhor assim, ou ele não teria um espelho intacto na casa. Abriu o botão de cima do pijama e abriu o armário do banheiro, esticando a mão para pegar a espuma de barbear. O tremor que identificou nela o interrompeu no meio da ação. Com raiva, fechou a porta com um estrondo e procurou o barbeador elétrico. Odiava o resultado que ele produzia, nunca o deixando com a sensação de frescor e limpeza que vinha de um barbear molhado. Mas era melhor se sentir vagamente desleixado que dar as caras como uma ilustração ambulante da morte, com mil cortes no rosto.

A outra desvantagem do barbeador elétrico era que ele não precisava se concentrar tanto no que estava fazendo, deixando a mente livre para abarcar o dia à frente. Às vezes, era tentador imaginar que todo mundo era como ele, levantando-se pela manhã e selecionando um personagem para o dia. Mas ele aprendera, após anos examinando a vida de outras pessoas, que não era assim. Para a maior parte das pessoas, a seleção disponível era limitadíssima. Sem dúvida, algumas ficariam agradecidas pelas escolhas que a habilidade, o conhecimento e a necessidade proporcionaram a Tony. Ele não era uma delas.

Quando desligou o barbeador, ouviu os acordes frenéticos que precediam todo resumo de notícias na Bradfield Sound. Com uma sensação de mau agouro, virou o rosto para o rádio, tenso e alerta como um corredor de meia distância à espera do tiro de partida. No fim do boletim de cinco minutos, suspirou aliviado e abriu a cortina do chuveiro. Ele esperara uma revelação que lhe teria sido impossível de ignorar. Mas, até agora, a contagem de corpos ainda estava em três.

No outro lado da cidade, John Brandon, o chefe de polícia assistente da Polícia Metropolitana de Bradfield (divisão de crimes), curvou-se sobre a pia dirigindo um olhar triste para o espelho do banheiro. Nem mesmo o sabão

de barbear que cobria seu rosto como uma barba de Papai Noel poderia lhe conferir um ar de benevolência. Se não tivesse escolhido a polícia, ele teria sido um candidato ideal para uma carreira de agente funerário. Media um metro e oitenta e oito centímetros de altura, era magro a ponto de ser esquelético, com olhos fundos escuros e cabelos prematuramente grisalhos. Mesmo quando sorria, seu rosto comprido conseguia manter um ar melancólico. Hoje, pensou, ele parecia um sabujo com resfriado. Pelo menos havia um bom motivo para seu infortúnio: estava prestes a seguir um procedimento que seria tão bem-recebido pelo chefe de polícia quanto um padre numa fraternidade protestante.

Brandon suspirou profundamente, espirrando espuma no espelho. Derek Armthwaite, seu chefe, tinha os olhos azuis intensos de um visionário, mas não havia nada revolucionário no que eles viam. Era um homem que considerava o Antigo Testamento um manual mais apropriado para policiais do que a legislação aprovada pelo parlamento. Acreditava que a maior parte dos métodos policiais modernos não apenas era ineficaz, mas herética. Na opinião que Derek Armthwaite expressava com frequência, trazer de volta a vara de marmelo e o chicote de nove pontas seria muito mais eficaz na redução dos índices criminais do que qualquer número de assistentes sociais, sociólogos ou psicólogos. Se tivesse alguma ideia do que Brandon tinha planejado para aquela manhã, ele o teria transferido para o departamento de trânsito, o equivalente dos dias de hoje a Jonas ser engolido pela baleia.

Antes que sua depressão pudesse superar sua determinação, uma batida na porta do banheiro assustou Brandon.

— Pai — chamou sua filha mais velha. — Você ainda vai demorar muito?

Antes de responder, Brandon ainda pegou a navalha e raspou-a numa das faces.

— Cinco minutos, Karen — gritou ele. — Desculpe, querida.

Numa casa com três adolescentes e apenas um banheiro, raramente havia muita oportunidade para refletir.

Carol Jordan deixou seu café pela metade ao lado da pia e cambaleou até o chuveiro, quase tropeçando no gato preto que se enroscava em seus tornozelos.

— Um minuto, Nelson — murmurou ela, enquanto fechava a porta para o miado interrogativo. — E não acorde o Michael.

Carol tinha imaginado que a promoção à detetive-inspetora e a saída concomitante do plantão da rota lhe concederiam as oito horas regulares de sono por noite que vinham sendo seu desejo constante desde a primeira semana de trabalho. Que falta de sorte que a promoção tinha coincidido com o que sua equipe estava chamando sigilosamente de Assassinatos de Gays. Por mais que o superintendente Tom Cross protestasse tanto na imprensa quanto na sala do esquadrão que não havia conexões da perícia forense entre os assassinatos, e nada que sugerisse a presença de um serial killer em Bradfield, as equipes de homicídio pensavam de modo diferente.

Enquanto a água quente rolava em cascata sobre Carol, tornando cinzentos seus cabelos louros, ela pensou, não pela primeira vez, que a atitude de Cross, como a do chefe de polícia, servia a seus próprios preconceitos ao invés da comunidade. Quanto mais ele negava que houvesse um serial killer atacando homens, cuja fachada respeitável escondia uma vida homossexual secreta, mais gays morreriam. Se não era mais possível tirá-los das ruas prendendo-os, deixe que um assassino os remova. Não importa muito se ele fizesse isso através do homicídio ou do medo.

Era uma política que tornava absurdas todas as horas que ela e seus colegas estavam empregando nas investigações. Sem mencionar as centenas de milhares de libras do dinheiro dos contribuintes que esses inquéritos

estavam custando, especialmente uma vez que Cross insistia que cada assassinato fosse tratado como algo inteiramente distinto. Cada vez que uma das três equipes surgia com algum detalhe que parecia ligar os casos, Tom Cross o rejeitava com cinco pontos em que havia divergência. Não importava que cada vez os elos fossem diferentes e as desculpas sempre o mesmo velho quinteto. O chefe dos detetives-inspetores tinha se retirado completamente do conflito, entrando de licença médica com seu oportuno problema nas costas. Quem mandava, então, era Cross.

Carol esfregou o xampu nas mãos até formar uma espuma volumosa e sentiu-se acordar gradualmente debaixo da ducha quente. Bem, sua parte da investigação não ficaria encalhada nos recifes de preconceito de Popeye Cross. Mesmo que alguns de seus policiais menos graduados estivessem inclinados a se apegar à falta de visão do chefe como uma desculpa para as suas próprias investigações pouco inspiradas, Carol não aceitaria nada menos que cem por cento de compromisso, e na direção correta. Ela havia trabalhado como um mouro por quase nove anos, primeiro para conseguir um bom diploma e depois para justificar seu lugar na fila rápida das promoções. Não queria que sua carreira fosse por água abaixo só porque cometeu o engano de escolher uma força regida por neandertais.

Determinada, Carol saiu do chuveiro, com os ombros retos e um brilho rebelde nos olhos verdes.

— Venha, Nelson — disse ela, mexendo os ombros para entrar no roupão e puxando para cima com a mão o feixe muscular de pelo negro do gato. — Vamos atacar a carne vermelha, garoto.

Tony examinava a imagem projetada na tela sobre sua cabeça pelos últimos cinco segundos. Como a maior parte da plateia expressara claramente sua falta de compromisso com a palestra ao não tomar notas, ele queria pelo

menos oferecer ao subconsciente dos presentes a oportunidade máxima de absorver seu fluxograma do processo de criação de perfis criminais.

Ele se virou de novo para a plateia.

— Não preciso lhes dizer o que já sabem. Os analistas criminais não capturam criminosos. São os agentes da lei que fazem isso.

Ele sorriu para sua audiência de policiais veteranos e funcionários do Ministério do Interior, convidando-os a compartilhar sua autodepreciação. Alguns o acompanharam, embora a maioria tenha permanecido com o rosto sem expressão e a cabeça caída para um lado.

Por mais que enfeitasse, Tony sabia que não conseguiria convencer a maioria dos policiais veteranos de que não era um acadêmico sem contato com a realidade tentando lhes dizer como fazer seu trabalho. Suprimindo um suspiro, ele olhou para suas anotações e continuou, tentando fazer o máximo de contato visual que podia, copiando a linguagem corporal descontraída dos comediantes de stand-up bem-sucedidos que ele estudara visitando as boates do norte.

— Porém, às vezes, nós analistas criminais vemos as coisas de modo diferente — disse. — E essa nova perspectiva pode fazer toda a diferença. Mortos contam histórias, e as histórias que eles contam aos analistas não são as mesmas que contam aos policiais.

“Por exemplo: um cadáver é encontrado nos arbustos a três metros da estrada. Um policial observa esse fato. Ele verifica todo o terreno em volta em busca de pistas. Há pegadas? Algo foi descartado pelo assassino? Alguma fibra ficou presa nos arbustos? Mas, para mim, esse fato isolado é apenas o ponto de partida para especulações que, tomadas em conjunto com todas as outras informações à minha disposição, podem me levar a conclusões úteis sobre o assassino. Eu me pergunto: o corpo foi colocado ali deliberadamente? Ou o assassino estava cansado demais para continuar carregando? Ele tentou

escondê-lo ou descartá-lo? Ele queria que fosse encontrado? Por quanto tempo ele esperava, ou queria, que ficasse escondido? Qual o significado desse lugar para ele?”

Tony ergueu os ombros e estendeu as mãos num gesto aberto de questionamento. A plateia continuou olhando, sem se mexer. Meu Deus, quantos truques ele teria que tirar da cartola antes de obter uma resposta? A sensação de suor na nuca estava se tornando uma gota, deslizando para baixo entre sua pele e a gola da camisa. Era uma sensação desconfortável que lhe lembrava quem ele realmente era por trás da máscara que assumira para sua apresentação pública.

Tony limpou a garganta, concentrou-se no que estava projetando, em vez de no que sentia, e prosseguiu:

— A geração de perfis criminais é só mais uma ferramenta que pode ajudar os policiais a restringir o foco da investigação. Nosso trabalho é compreender o bizarro. Não podemos lhes dar nome, endereço e telefone de um criminoso. Contudo, **podemos** direcioná-los quanto ao tipo de pessoa que cometeu um crime com características específicas. Às vezes, podemos indicar a área onde ele pode morar, o tipo de trabalho que esperamos que tenha.

“Sei que alguns de vocês questionaram a necessidade de montar uma Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Vocês não estão sozinhos. Os liberais também estão fazendo um estardalhaço quanto a isso.”

Finalmente, pensou Tony com profundo alívio. Sorrisos e gestos afirmativos na plateia. Ele precisou de quarenta minutos para chegar lá, mas finalmente quebrou a resistência deles. Não significava que poderia relaxar, mas aliviava seu desconforto.

— Afinal — continuou —, não somos como os americanos. Não temos serial killers à espreita em cada esquina. Ainda temos uma sociedade em que

mais de noventa por cento dos assassinatos são cometidos por familiares ou pessoas que eram conhecidas das vítimas.

Ele os estava conduzindo agora. Vários pares de pernas e braços se descruzaram, organizados como um exercício militar.

— Mas a geração de perfis não se restringe à captura do próximo Hannibal, o Canibal. A técnica pode ser usada em uma extensa gama de crimes. Já tivemos notável sucesso nas medidas antissequestro em aeroportos, capturando “mulas”, escritores de cartas anônimas, chantagistas, estupradores compulsivos e incendiários. E tão importante quanto isso, a criação de perfis criminais foi usada com muita eficácia para aconselhar policiais quanto a técnicas de interrogatório e formas de lidar com suspeitos em importantes inquéritos criminais. Não que falte aos seus policiais as técnicas de interrogatório; só que nosso histórico clínico indica que desenvolvemos abordagens diferentes, que muitas vezes podem ser mais produtivas que as técnicas comuns.

Tony respirou fundo e se inclinou para a frente, segurando a borda do atril. Seu parágrafo final tinha soado bem em frente ao espelho do banheiro. Ele rezou para que acertasse em cheio o alvo em vez de pisar no calo das pessoas.

— Minha equipe e eu estamos agora no primeiro ano de um estudo de plausibilidade de dois anos para montar a Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Já entreguei um relatório provisório para o Ministério do Interior, que me confirmou ontem que o órgão está comprometido com a formação da força-tarefa assim que o relatório final for entregue. Senhoras e senhores, essa revolução na luta contra o crime vai acontecer. Vocês têm um ano para se certificarem de que ela ocorrerá de uma forma com a qual se sintam confortáveis. Minha equipe e eu temos mentes abertas. Estamos todos do mesmo lado. Queremos saber o que vocês pensam, porque queremos que

dê certo. Queremos criminosos violentos e perigosos atrás das grades, do mesmo modo que vocês querem. Creio que nossa ajuda lhes seria útil. Sei que podemos contar com a ajuda de vocês.

Tony deu um passo para trás e saboreou os aplausos, não porque fossem especialmente entusiasmados, mas porque sinalizavam o fim dos quarenta e cinco minutos que ele vinha temendo há semanas. Falar em público sempre esteve absolutamente fora dos limites de sua zona de conforto, de tal maneira que ele recusou a carreira acadêmica depois de obter seu doutorado porque não conseguia encarar o espectro constante do auditório. A habilidade de se apresentar em particular não era um motivo. De algum modo, passar os dias vasculhando as partes remotas e distorcidas da mente de criminosos insanos era bem menos ameaçador.

Quando as breves palmas cessaram, o relações-públicas do Ministério do Interior levantou num salto de seu assento na primeira fila. Enquanto Tony provocava uma desconfiança cautelosa na parte do seu público formada por policiais, George Rasmussen gerava mais irritação generalizada que picada de pulga. Seu sorriso ansioso revelava dentes demais e uma semelhança perturbadora com o comediante George Formby, que estava em desacordo com a antiguidade de seu cargo no serviço público e com o corte elegante de seu terno cinza risca de giz. Os zurros retumbantes de seu sotaque de escola pública eram tão exagerados que Tony ficou convencido de que Rasmussen tinha realmente sido educado em algum colégio inclusivo. Tony ouvia sem muita atenção enquanto ele mexia nas anotações e recolocava as transparências em suas respectivas pastas. Agradecidos pelas fascinantes explicações blá-blá-blá... Café e esses biscoitos absolutamente deliciosos, blá-blá-blá... Oportunidade para perguntas informais, blá-blá-blá... Lembrá-los de que todas as apresentações de propostas para o dr. Hill devem ser feitas até...

O som dos pés se arrastando abafou o resto da fala cheia de lábia de Rasmussen. Quando a escolha era entre o discurso de agradecimento de um funcionário público e uma xícara de café, não havia competição. Nem mesmo para os funcionários públicos. Tony respirou fundo. Hora de abandonar o papel de palestrante. Agora ele precisava ser o colega charmoso e bem-informado, ansioso para ouvir, assimilar e fazer seus novos contatos sentirem que ele realmente estava do lado deles.

John Brandon se levantou e ficou na lateral da fileira de assentos para permitir que as outras pessoas se retirassem. Observar a apresentação de Tony Hill não tinha sido tão elucidativo quanto ele esperava. Informara muito sobre a geração de perfis psicológicos, mas quase nada sobre o homem, exceto que ele parecia confiante sem ser presunçoso. Os últimos quarenta e cinco minutos não lhe trouxeram nenhuma certeza de que o que estava planejando era a coisa certa a fazer. Mas ele não conseguia ver outra alternativa. Permanecendo colado à parede, Brandon avançou contra o fluxo de pessoas até que estivesse no mesmo nível de Rasmussen. Vendo que sua plateia expressava sua insatisfação indo embora, o funcionário público tinha encerrado seu discurso abruptamente e desfeito o sorriso. Enquanto Rasmussen coletava os papéis que tinha largado no assento, Brandon passou por ele de mansinho e foi até o lado oposto, onde estava Tony, que fechava sua surrada valise de couro.

Brandon limpou a garganta e disse:

— Dr. Hill? — Tony olhou para cima, com um educado olhar interrogativo no rosto. Brandon engoliu seu receio e continuou: — Não nos conhecemos, mas você vem trabalhando na minha área. Sou John Brandon...

— O chefe de polícia assistente de investigações criminais? — interrompeu Tony, com um sorriso de orelha a orelha. Ele ouvira o bastante

sobre John Brandon para saber que ele era um homem que queria do seu lado. — É um prazer conhecê-lo, sr. Brandon — disse, injetando simpatia em sua voz.

— John, pode me chamar de John — respondeu Brandon, de modo mais abrupto do que pretendia. Ele percebeu com uma onda de surpresa que estava nervoso. Havia algo na serena segurança de Tony Hill que o desconcertava. — Podemos ter uma palavrinha?

Antes que Tony pudesse responder, Rasmussen estava entre eles.

— Com licença — interveio, sem nenhum sinal de humildade, o sorriso de volta em seu lugar. — Tony, se puder ir agora para a sala de café, sei que nossos amigos na polícia estão ansiosos para conversar com você de um modo mais próximo. Sr. Brandon, se quiser nos acompanhar..

Brandon podia sentir seus pelos se eriçando. Estava desconfortável o bastante com a situação sem ter que lutar para manter a confidencialidade de sua conversa numa sala cheia de policiais bebedores de café e figurões intrometidos do Ministério do Interior.

— Se eu pudesse só ter uma palavrinha em particular com o dr. Hill?

Tony olhou de relance para Rasmussen, notando o leve aprofundamento das linhas paralelas entre suas sobrancelhas. Normalmente, teria sido divertido provocar Rasmussen, continuando sua conversa com Brandon. Ele sempre gostou de cutucar gente pomposa, reduzindo a arrogância à impotência. Mas havia coisas demais que dependiam do sucesso de seu encontro com outros policiais hoje, de modo que decidiu se privar do prazer. Em vez disso, desviou o olhar de Rasmussen sem disfarçar e disse:

— John, você vai voltar de carro para Bradfield depois do almoço?

Brandon fez que sim.

— Talvez pudesse me dar uma carona, então? Vim de trem, mas se não se importar, eu preferia não enfrentar a British Rail no caminho de volta.

Sempre há a opção de me deixar nos limites da cidade, se não quiser ser visto confraternizando com esse pessoal que segue o que está na moda.

Brandon sorriu, o rosto comprido se vincando em rugas símias.

— Acho que não será necessário. Ficarei feliz em deixá-lo na sede da força.

Ele ficou atrás e observou Rasmussen guiar Tony para as portas, preocupando-se em todo o caminho. Brandon não conseguia se livrar da sensação ligeiramente desconcertante que o psicólogo lhe tinha dado. Talvez o hábito adquirido de estar no controle de tudo em seu mundo tivesse tornado um simples pedido em uma experiência estranha que automaticamente lhe deixava desconfortável. Não havia outra explicação óbvia. Com um gesto de indiferença, seguiu o grupo até a sala do café.

Tony fechou o cinto de segurança com um clique e saboreou o conforto do Range Rover sem identificação. Ele não disse nada enquanto Brandon manobrava para fora do estacionamento do comando de Manchester e se encaminhava para a rede de rodovias, não querendo interferir na concentração necessária para evitar se perder numa cidade não familiar. Enquanto passavam lentamente pela via secundária que dava acesso à rodovia principal e se juntavam ao tráfego que fluía rapidamente, Tony quebrou o silêncio:

— Se isso ajuda, acho que já sei sobre o que você quer falar comigo.

As mãos de Brandon ficaram tensas no volante.

— Achei que você fosse um psicólogo, não um vidente — brincou. Ele se surpreendeu. O humor não fazia parte de seu modo de ser natural; normalmente recorria a ele apenas quando estava sob pressão. Brandon não conseguia se acostumar a como se sentia nervoso ao pedir esse favor.

— Alguns de seus colegas me dariam mais importância se eu fosse — disse Tony ironicamente. — Então, você quer que eu tente adivinhar e corra o risco de bancar o idiota?

Brandon deu uma rápida olhada em Tony. O psicólogo parecia relaxado, com as palmas das mãos para baixo em suas coxas e os pés cruzados nos tornozelos. Ele dava a impressão de que estaria mais à vontade de jeans e suéter do que no terno que até Brandon identificava como muito ultrapassado em relação à moda atual. Podia se identificar com isso, lembrando-se dos comentários mordazes que as filhas rotineiramente faziam sobre as suas roupas de passeio.

Brandon disse de modo abrupto:

— Acho que temos um serial killer agindo em Bradfield.

Tony deixou escapar um pequeno suspiro de satisfação.

— Estava começando a me perguntar se você tinha notado — respondeu ele, com ironia.

— Está longe de ser uma opinião unânime — disse Brandon, sentindo a necessidade de alertar Tony antes mesmo de pedir sua ajuda.

— Deduzi da cobertura da imprensa. Se lhe serve de consolo, pelo que li, tenho certeza absoluta que sua análise está correta.

— Não foi exatamente a impressão que deu nas suas declarações no *Sentinel Times* depois do último assassinato.

— Meu trabalho é cooperar com a polícia, não prejudicá-la. Suponho que você tenha suas próprias razões operacionais para não tornar públicas as pistas do serial killer. Enfatizei com eles que o que estava dizendo não era mais que uma teoria baseada em informações de conhecimento público — acrescentou Tony, seu tom contradizendo a súbita tensão de seus dedos que faziam pregas no tecido de suas calças formando um plissado solto.

Brandon sorriu, ciente apenas da voz.

— Touché. Então, você está interessado em nos dar uma mãozinha?

Tony sentiu uma onda quente de satisfação. Era isso que vinha aguardando ansiosamente havia semanas.

— Tem uma parada na estrada daqui a alguns quilômetros. Aceita uma xícara de chá?

A detetive-inspetora Carol Jordan olhava fixamente o caos de carne despedaçada que antes havia sido um homem, forçando os olhos com determinação para mantê-los fora de foco. Ela queria não ter se interessado naquele sanduíche velho de queijo da cantina. Por alguma razão, ninguém reclamava quando policiais jovens vomitavam diante de vítimas de morte violenta. Angariavam até certa simpatia com isso. Mas, apesar do fato de que, supostamente, faltava coragem às mulheres, quando as policiais femininas vomitavam nas áreas adjacentes às cenas do crime, elas perdiam instantaneamente qualquer respeito que tivessem conquistado e se tornavam objetos de desprezo, os alvos das piadas machistas. Não há nenhuma lógica nisso, pensou Carol amargamente enquanto cerrava as mandíbulas com mais força. Ela enfiou as mãos no fundo dos bolsos de sua capa de chuva e cerrou os punhos, cravando as unhas nas palmas.

Carol sentiu a mão de alguém em seu braço, um pouco acima do cotovelo. Grata pela oportunidade de desviar o olhar, ela se virou e encontrou seu sargento se avultando sobre ela. Don Merrick era uns bons vinte centímetros mais alto que sua chefe, e tinha desenvolvido uma estranha corcunda quando falava com ela. A princípio, ela achara isso divertido o bastante para contar às amigas durante um jantar ocasional ou quando conseguiam programar uma saída à noite para tomar uns drinques. Agora, ela nem notava.

— A área já está isolada, chefe — disse ele, com seu sotaque do nordeste da Inglaterra. — O legista está a caminho. O que acha? Estamos diante do número quatro?

— Não deixe o supervisor ouvir o que diz, Don — recomendou ela, não inteiramente de brincadeira. — No entanto, eu diria que sim. — Carol olhou em volta. Eles estavam na região de Temple Fields, no pátio de um pub que servia principalmente ao público gay, com um bar em cima frequentado por lésbicas, três noites por semana. Ao contrário do que sugeriam os gracejos dos machões que ela ultrapassou nas disputas de promoção, esse não era um bar no qual Carol teria motivo para entrar algum dia.

— E o portão?

— Pé de cabra — disse Merrick, laconicamente. — Não está ligado ao sistema de alarme.

Carol inspecionou os altos depósitos de lixo e as caixas empilhadas de garrafas vazias.

— Nenhuma razão para estar ligado — falou ela. — O que o proprietário tem a dizer?

— Whalley está falando com ele nesse momento, chefe. Parece que ele fechou ontem à noite por volta de onze e meia. Eles têm lixeiras com rodas atrás das grades para as garrafas vazias e, na hora de fechar, eles as levam para o pátio lá atrás. — Merrick acenou para a porta de trás do pub, onde estavam três lixeiras plásticas azuis, cada uma do tamanho de um carrinho de supermercado. — Eles só separam à tarde.

— E foi assim que encontraram isso? — perguntou Carol, fazendo um gesto com o polegar sobre o ombro.

— Simplesmente estava deitado lá. Ao relento, pode-se dizer.

Carol assentiu com a cabeça. O arrepio que a percorreu nada tinha a ver com o vento nordeste gelado. Ela deu um passo em direção ao portão.

— Tudo bem. Vamos deixar isso com a perícia por enquanto. Estamos só atrapalhando aqui. — Merrick a seguiu pelo beco estreito atrás do pub. Era um pouco mais largo do que o necessário para um veículo passar. Carol olhou para cima e para baixo do beco, agora cercado com fitas da polícia e protegido em cada extremidade por dois policiais uniformizados.

— Ele conhece seu território — murmurou ela ao andar para trás ao longo do beco, mantendo o portão do pub constantemente à vista. Merrick a seguia, esperando por novas ordens.

No fim do beco, Carol parou e girou para verificar a rua. De frente para o beco havia um prédio alto, um ex-armazém que tinha sido convertido em oficinas de artesanato. À noite, costumava ficar deserto, mas no meio da tarde quase todas as janelas enquadravam rostos ansiosos, olhando do calor interno para o drama abaixo.

— Não há muita chance de que alguém estivesse olhando pela janela no momento crucial, imagino — comentou.

— Mesmo que alguém estivesse, não teria notado nada — disse Merrick incredulamente. — Depois que tudo fecha, as ruas por aqui ficam uma agitação. Todas as portas, todos os becos e metade dos carros têm um par de veados comendo o rabo um do outro. Não admira que o chefe de polícia chame Temple Fields de “Sodoma e Gomorra”.

— Sabe, muitas vezes fico pensando. É bem claro o que eles estavam fazendo em Sodoma, mas qual você acha que era o pecado em Gomorra? — perguntou Carol.

Merrick tinha uma aparência perplexa. Isso aumentava de modo perturbador sua semelhança com um labrador de olhos tristes.

— Não estou entendendo, senhora.

— Não importa. Estou surpresa que o sr. Armthwaite não tenha feito a Delegacia de Costumes removê-los todos com acusações de obscenidade —

disse Carol.

— Ele chegou a tentar há alguns anos — confidenciou Merrick. — Mas a corregedoria encheu o saco dele por causa disso. Ele os enfrentou, mas eles o ameaçaram com o Ministério do Interior. E depois do problema com Holmwood Three, ele sabia que já estava na corda bamba com os políticos, então recuou. Isso, porém, não impede que ele os recrimine sempre que uma oportunidade aparece.

— Bem, espero que dessa vez nosso amável assassino do bairro tenha-nos deixado um pouco mais de indícios para prosseguirmos, ou nosso querido líder pode escolher outro alvo para sua próxima recriminação. — Carol endireitou os ombros. — Certo, Don. Quero visitas às lojas, agora. De porta em porta. E, hoje à noite, nós todos estaremos nas ruas, falando com os michês.

Antes que Carol pudesse concluir suas instruções, uma voz de trás das fitas interrompeu.

— Inspetora Jordan? Penny Burgess, do *Sentinel Times*. Inspetora? O que temos aqui?

Carol fechou os olhos por um breve momento. Lidar com os obstinados intolerantes da cadeia de comando era uma coisa. Lidar com a imprensa era algo infinitamente pior. Desejando ter ficado no pátio com o medonho cadáver, ela respirou fundo e caminhou até o cordão de isolamento.

— Deixe-me entender isso direito. Você quer que eu faça parte da equipe durante esse inquérito de homicídio, mas não quer que eu conte a ninguém? — O olhar divertido de Tony mascarava sua raiva pela relutância dos policiais influentes em aceitar o valor do que ele sabia fazer.

Brandon suspirou. Tony não estava facilitando as coisas para ele, mas, também, por que deveria?

— Quero evitar qualquer insinuação na imprensa de que você está nos ajudando. A única chance que tenho de envolvê-lo formalmente na investigação é persuadir o chefe de polícia de que você não vai roubar os holofotes dele e de seus policiais.

— E que não vai ser do conhecimento público que Derek Armthwaite, a Mão Divina, está recorrendo aos homens do vocabulário difícil em busca de ajuda — disse Tony, com uma aspereza na voz que revelava mais do que ele desejava.

O rosto de Brandon se contorceu num sorriso cínico. Era bom ver que era possível enrugam aquela superfície lisa.

— Se é isso que diz, Tony. A rigor, é uma questão operacional, e ele não deve interferir a menos que esteja fazendo algo que seja contrário às políticas da força e do Ministério do Interior. E faz parte da política das práticas recomendadas de gestão lançar mão de ajuda especializada sempre que for apropriado.

Tony bufou com uma risada.

— E você acha que ele vai me aceitar como “apropriado”?

— Acho que ele não quer outro confronto com o Ministério do Interior ou com a corregedoria. Ele vai se aposentar daqui a dezoito meses; está desesperado pelo título de cavaleiro.

Brandon não podia acreditar no que dizia. Ele não expressava esse tipo de deslealdade nem para a esposa, que dirá para alguém que era praticamente um estranho. O que Tony Hill tinha para fazê-lo se abrir de modo tão imediato? Esse papo de psicologia devia ter algum valor no final das contas. Brandon se confortou de que, pelo menos, ele tinha aplicado o tal valor em prol da justiça.

— Então, o que me diz?

— Quando começo?

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 002**

Mesmo naquela primeira vez, planejei o evento com mais cuidado do que um diretor de teatro planeja a estreia de uma nova peça. Na minha cabeça, produzi a experiência, até que ela fosse um sonho claro e brilhante, disponível todas as vezes que fechava meus olhos. Eu verificava e reverificava cada movimento coreografado, certificando-me de que não tinha deixado escapar nenhum detalhe vital que colocaria em risco minha liberdade. Revendo o passado hoje, percebo que o filme mental que criei era quase tão prazeroso quanto o próprio ato.

A primeira etapa era encontrar um lugar onde eu pudesse pegá-lo com segurança, um lugar em que pudéssemos ficar a sós. Descartei imediatamente a minha casa. Consigo ouvir as discussões sórdidas de meus vizinhos, o latido histérico do pastor-alemão deles e a batida irritante dos graves de seu aparelho de som; não tinha nenhum desejo de compartilhar minha exaltação

com eles. Além disso, havia bisbilhoteiros demais nos terraços da minha rua. Eu não queria nenhuma testemunha da chegada nem da partida de Adam.

Cogitei alugar uma garagem com tranca, mas rejeitei a ideia pelos mesmos motivos. Além de que parecia infame demais, muito semelhante a um clichê do mundo da televisão e do cinema. Eu queria algo em harmonia com o que estava para acontecer. Foi então que me lembrei da tia de minha mãe, Doris. Doris e o marido, Henry, costumavam criar ovelhas nas charnecas de Bradfield. Porém, cerca de quatro anos atrás, Henry morreu. Doris tentou manter as coisas caminhando por um tempo, mas quando seu filho Ken a convidou para sair por férias prolongadas com a família rumo à Nova Zelândia, ela vendeu as ovelhas e arrumou as malas. Ken havia escrito para mim no Natal, dizendo que sua mãe tinha sofrido um leve ataque cardíaco e não voltaria no futuro próximo.

Naquela noite, aproveitei uma calmaria no trabalho para ligar para Ken. A princípio, ele ficou surpreso de ouvir minha voz, depois murmurou:

— Imagino que esteja usando o telefone do trabalho.

— Venho querendo ligar há um bom tempo — respondi. — Queria saber como tia Doris estava indo. — É muito mais fácil fingir preocupação via satélite. Fiz os ruídos apropriados enquanto Ken me entediava com a saúde de sua mãe, sua esposa, seus três filhos e suas ovelhas.

Depois de dez minutos, decidi que tinha suportado o bastante.

— Ah, outra coisa, Ken. É que me preocupo com a casa — menti. — É tão isolado lá, alguém devia ficar de olho no lugar.

— Você tem razão — disse ele. — Era para o advogado dela estar fazendo isso, mas não acho que ele tenha passado nem perto da casa.

— Você quer que eu vá lá e verifique? Agora estou morando de novo em Bradfield, não seria nenhum incômodo.

— Você pode fazer isso? Tiraria um peso das minhas costas, não vou negar. Cá entre nós, não tenho certeza de que mamãe algum dia vai estar bem o bastante para voltar para lá, mas odiaria pensar que algo pode acontecer com a casa da família — explicou Ken, com ansiedade.

Odiaria pensar que algo pudesse acontecer à herança dele, isso sim. Eu conhecia Ken. Dez dias depois, estava com as chaves. Quando tive uma folga, dirigi até lá para verificar a precisão das minhas lembranças. O caminho sulcado que levava à Fazenda Start Hill estava com mato muito mais crescido do que da última vez que eu estivera lá, e meu 4x4 lutou para subir os cinco quilômetros pela pista única mais próxima. Desliguei o motor a uns dez metros da horrível casinha de campo e permaneci de ouvidos atentos durante cinco minutos. O vento cortante da charneca farfalhava a cerca viva crescida, pássaros cantavam aqui e ali. Mas não havia sons humanos. Nem mesmo o som monótono do trânsito distante.

Saí do 4x4 e dei uma olhada em volta. Um lado do galpão das ovelhas tinha caído, formando uma pilha de pedras de arenito, mas o que me

agradava era que não havia sinal de visitas humanas casuais; nada de restos de piquenique, nem latas de cerveja carcomidas, jornais amassados, pontas de cigarro ou camisinhas usadas. Voltei andando para a casa e entrei.

A casa era pouco mais que um sobrado com duas salas embaixo e dois quartos em cima. No lado de dentro, era muito diferente da casa de fazenda aconchegante de que me lembrava. Todos os toques pessoais — fotografias, ornamentos, placas decorativas de arreios de cavalos, antiguidades — não estavam mais lá, e sim embalados em caixas num depósito, uma preocupação típica de Yorkshire. De certa forma, era um alívio para mim. Não havia nada ali que pudesse acionar lembranças que interfeririam com o que eu tinha que fazer. Era uma tábula rasa, com todas as humilhações, embaraços e dor apagados. Nada do meu passado estava à espreita para me surpreender. A pessoa que eu tinha sido estava ausente.

Atravessei a cozinha até a despensa. As prateleiras estavam vazias. Só Deus sabe o que Doris teria feito com suas fileiras entulhadas de geleias, picles e vinhos caseiros. Talvez ela as tenha enviado para a Nova Zelândia para se resguardar de ser alimentada com comida exótica. Fiquei na entrada e olhei para o chão. Eu podia sentir um sorriso bobo de alívio se espalhando pelo meu rosto. Minha memória não tinha me decepcionado. Havia um alçapão no chão. Agachei-me e puxei o anel de ferro enferrujado. Depois de alguns segundos, a porta se moveu para trás, sustentada por dobradiças que rangiam. Enquanto aspirava o ar do porão, tive ainda mais convicção de que os deuses

estavam do meu lado. Eu temia que estivesse úmido, fétido e cheio de mofo. Mas, em vez disso, estava frio e fresco, ligeiramente doce.

Acendi meu lampião a gás de acampamento e desci cuidadosamente o lance de escadas de pedra. O lampião revelou um recinto de tamanho considerável, de cerca de seis por nove metros. O piso era coberto de placas de pedra, e um grande banco também de pedra se estendia pelo comprimento de uma parede. Ergui o lampião e vi as toras sólidas do teto. O forro de sarrafos e argamassa era a única parte do porão que mostrava sinais de falta de manutenção. Eu podia consertar isso facilmente com placas de reboco, que serviriam ao duplo propósito de impedir que alguma luz escapasse pelas tábuas de assoalho expostas acima. À direita do banco estava um tanque. Lembrei que a fazenda dispunha de sua própria fonte. A torneira estava dura, mas, quando finalmente consegui abri-la, a água correu pura e límpida.

Próximo da escada ficava uma bancada, cheia de tornos e grampos, as ferramentas de Henry penduradas em fileiras organizadas acima. Sentei-me no banco de pedra e me congratulei. Algumas horas de trabalho bastariam para transformar aquele lugar numa masmorra muito superior a qualquer coisa que os programadores de jogos um dia já criaram. Para começar, eu não tinha que pensar em criar um ponto fraco interno de modo que meus aventureiros pudessem escapar.

Até o final da semana, saindo para a fazenda no meu tempo livre, tinha concluído o trabalho. Nada sofisticado; consertei o cadeado e os parafusos

internos do alçapão, consertei o teto e cobri as paredes com duas camadas de cal. Eu queria que o lugar fosse o mais claro possível para garantir a qualidade do vídeo. Até puxei uma extensão da instalação para ter acesso à eletricidade.

Havia pensado por um longo tempo antes de resolver como punir Adam. Finalmente, decidi pelo que os franceses chamam *chevalet*; os espanhóis, *escalero*; os alemães, *ladder*; os italianos, *veglia*; e os poetas ingleses, *The Duke of Exeter's Daughter* [a filha do duque de Exeter]. O nome eufemístico do potro se deve ao talentoso John Holland, duque de Exeter e conde de Huntingdon. Depois de uma carreira bem-sucedida como soldado, o duque se tornou condestável da Torre de Londres e, por volta de 1420, ele apresentou o esplêndido instrumento de persuasão a estas paragens.

A versão mais antiga consistia numa estrutura retangular aberta, sustentada sobre pernas. O prisioneiro era deitado sobre ela, preso por cordas em torno dos pulsos e calcanhares. Em cada canto, as cordas eram ligadas a um sarilho operado por um carcereiro que puxava alavancas. Esse dispositivo deselegante e que exigia trabalho intenso se tornou mais sofisticado ao longo dos anos, terminando mais como uma mesa ou escada horizontal, muitas vezes incorporando um cilindro com pontas de ferro no meio, de modo que, à medida que o corpo do prisioneiro se movia, suas costas eram rasgadas pelos ferros. Foram projetadas também polias que ligavam todas as quatro cordas, possibilitando que o maquinismo fosse operado por uma única pessoa.

Felizmente, aqueles que aplicavam punição ao longo das eras foram meticulosos em suas descrições e desenhos. Eu tinha também as fotografias no manual do museu para consultar e, com a assistência de um programa de CAD, projetei meu próprio potro. Para o mecanismo, desmontei um enxugador manual de roupas que escolhi numa loja de antiguidades. Também comprei uma mesa de jantar antiga de mogno num leilão. Levei-a imediatamente até a fazenda e a desmembrei na cozinha, admirando o trabalho artesanal que tinha sido aplicado à madeira sólida. Foram necessários alguns dias para construir o potro. Só faltava testá-lo.



Que o leitor então descubra por si mesmo o puro frenesi de horror quando, nesse silêncio de expectativa, olhando e, efetivamente, desejando que o braço desconhecido batesse mais uma vez, mas sem crer que qualquer audácia pudesse se igualar a tal tentativa naquele momento, enquanto todos os olhos observavam (...) um segundo caso da mesma natureza misteriosa, um assassinato no mesmo plano de extermínio, foi perpetrado no mesmíssimo bairro.

Assim que Brandon deu partida no motor, o celular posicionado no painel vibrou. Ele agarrou o telefone e gritou: “Brandon.” Tony ouviu a voz computadorizada dizer: “Você tem novas mensagens. Por favor, ligue para 121. Você tem novas mensagens...”

Brandon tirou o telefone do ouvido, apertou as teclas e o pressionou contra o ouvido novamente. Dessa vez, Tony não conseguiu escutar o que foi dito. Depois de um momento, Brandon ligou para outro número.

— Minha secretária — explicou ele brevemente. — Desculpe por isso... Alô, Martina? John. Estava me procurando?

Alguns segundos depois da resposta, Brandon apertou os olhos, como se sentisse dor.

— Onde? — perguntou, com voz monótona. — Certo, entendi. Chego aí em meia hora. Quem está cuidando disso?... Ótimo, obrigado, Martina.

Brandon abriu os olhos e terminou a ligação. Recolocou cuidadosamente o aparelho no lugar e se virou no assento para encarar Tony.

— Você queria saber quando podia começar? Que tal agora?

— Outro corpo? — perguntou Tony.

— Outro corpo — assentiu Brandon, com gravidade, virando-se novamente e ligando o carro. — O que acha de cenas de crime?

Tony deu de ombros.

— Provavelmente vou perder o almoço, mas é um bônus para mim se eu conseguir vê-las num estado intocado o bastante.

— Não há nada intocado na forma como esse canalha doente deixa os corpos — resmungou Brandon enquanto entrava rapidamente na rodovia e ia direto para a pista externa. O velocímetro marcava cento e cinquenta quilômetros por hora antes que ele aliviasse o pé no acelerador.

— Ele voltou a Temple Fields? — perguntou Tony.

Surpreso, Brandon deu-lhe uma rápida olhada. Tony fitava o que havia à frente, com as sobrancelhas escuras franzidas.

— Como sabia disso?

Essa era uma pergunta que Tony não estava preparado para responder.

— Chame de palpite — tergiversou. — Acho que dá última vez ele estava com medo de que Temple Fields pudesse estar se tornando visado demais. Largar o terceiro corpo em Carlton Park mudou o foco, talvez tenha feito a polícia parar de se concentrar numa área. Provavelmente relaxou a vigilância das pessoas um pouco. Mas ele gosta de Temple Fields. Seja porque conhece a

área muito bem, ou porque é importante para sua fantasia. Ou talvez para ele isso seja algum tipo de declaração — refletiu Tony em voz alta.

— Você sempre cria meia dúzia de hipóteses diferentes toda vez que alguém lhe apresenta um fato? — perguntou Brandon, piscando as luzes para um BMW que relutava em desistir da via rápida. — Mude de pista, seu canalha, antes que eu arranje trânsito para você — rosnou ele.

— Eu tento — respondeu Tony. — É como faço o trabalho. Gradualmente, os indícios me fazem eliminar algumas suposições iniciais. Por fim, algum tipo de padrão começa a se formar. — Ele silenciou, já fantasiando sobre o que encontraria na cena do crime. Sentiu um vazio no estômago, os músculos trêmulos como os de um músico antes de um concerto. Não importa a qualidade do fotógrafo e dos outros peritos, era sempre a visão de outra pessoa que ele precisava traduzir. Dessa vez, ele estaria o mais próximo de um assassino do que já estivera. Para um homem que passava sua vida sob a proteção dos comportamentos aprendidos, penetrar a fachada de um assassino era a única opção possível.

Carol disse: “Nada a declarar”, pela décima primeira vez. A boca de Penny Burgess se comprimiu e seus olhos se moveram rapidamente pela cena, na busca desesperada por alguém que parecesse menos com um muro de pedra que Carol. Popeye Cross podia ser um porco chauvinista, mas entre os comentários condescendentes ele temperava algumas declarações memoráveis. Como a tentativa não deu em nada, ela se concentrou em Carol de novo.

— E onde fica a camaradagem entre as mulheres, Carol? — reclamou ela. — Poxa, dê uma ajudinha. Tem de haver alguma coisa que você possa me dizer sem ser “nada a declarar”.

— Lamento, sra. Burgess. A última coisa que seus leitores precisam ouvir é especulação desinformada e fora de hora. Assim que eu tiver algo concreto para dizer, prometo que você será a primeira a saber. — Carol suavizou suas palavras com um sorriso.

Ela se virou para ir embora, mas Penny agarrou a manga de sua capa impermeável.

— Em off? — suplicou ela. — Só para eu me orientar? Para que eu não acabe escrevendo algo que me faça parecer uma idiota. Carol, eu não preciso lhe dizer como é. Trabalho num escritório cheio de caras que estão fazendo apostas sobre quando vai ser minha próxima mancada.

Carol suspirou. Era difícil resistir. Apenas o pensamento do que Tom Cross falaria sobre isso na sala de reunião da delegacia manteve sua boca fechada.

— Não posso — disse. — Mas, de qualquer forma, até onde eu sei você está indo muito bem até agora.

Enquanto falava, um Range Rover familiar virou na esquina.

— Ah, merda — murmurou ela, puxando o braço para longe da repórter. Tudo que ela precisava era que John Brandon decidisse que ela era a fonte policial por trás da histeria do serial killer do *Sentinel Times*. Depressa, Carol andou até o automóvel de Brandon, que tremeu até parar por completo, e esperou que alguém movesse as fitas que isolavam a cena do crime. Ela parou e aguardou enquanto os policiais corriam para impressionar o chefe de polícia assistente com sua eficiência. O Range Rover se moveu lentamente para a frente, dando a Carol a oportunidade de identificar o estranho no assento do carona de Brandon. Enquanto os dois homens desciam, ela examinou cuidadosamente Tony, armazenando os detalhes no banco de memória que ela se treinou a desenvolver. Nunca se sabe quando vai ser necessário criar um retrato falado. Cerca de um metro e setenta e três centímetros, magro, ombros fortes, cintura estreita, pernas e tronco

proporcionais, cabelos curtos escuros, partidos para o lado, olhos de tom intenso, provavelmente azuis, olheiras, pele clara, nariz médio, boca grande, lábio inferior mais cheio que o superior. Pena que não soubesse se vestir, porém. O terno está ainda mais fora de moda que o de Brandon. Não parecia gasto, no entanto. Dedução: esse era um homem que não trabalhava de terno. Do mesmo modo, não gostava de jogar dinheiro fora, então o terno seria usado até cair aos pedaços. Segunda dedução: ele provavelmente não era casado nem estava num relacionamento permanente. Qualquer mulher cujo parceiro precisasse de um terno ocasionalmente o teria convencido a comprar um modelo clássico à prova do tempo, que não pareceria tão absurdo cinco anos depois da compra.

Quando ela chegou a essa conclusão, Brandon estava a seu lado, acenando para que sua companhia se juntasse a eles.

— Carol — disse ele.

— Sr. Brandon — cumprimentou ela.

— Tony, gostaria que conhecesse a detetive-inspetora Carol Jordan. Carol, este é o dr. Tony Hill, do Ministério do Interior.

Tony sorriu e estendeu a mão. Sorriso atraente, adicionou Carol à sua lista de detalhes enquanto apertava a mão dele. Bom aperto de mão, também. Seco, firme, sem a necessidade machista de esmagar os ossos que muitos policiais veteranos demonstravam.

— Prazer em conhecê-la — disse ele.

Uma voz surpreendentemente grave, com leve sotaque do norte. Carol manteve seu próprio sorriso de lábios fechados. Nunca se sabe com o Ministério do Interior.

— Igualmente — respondeu.

— Carol está liderando uma das equipes de homicídios que temos sobre esses assassinatos. Número dois, não é, Carol? — perguntou Brandon, já

sabendo a resposta.

— Exato, senhor. Paul Gibbs.

— Tony está no comando do estudo de viabilidade da Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais do Ministério do Interior. Pedi a ele que desse uma olhada nesses homicídios, para ver se sua experiência podia nos oferecer algumas indicações.

Os olhos de Brandon se dirigiam aos de Carol, certificando-se de que ela percebesse que havia entrelinhas.

— Eu agradeceria qualquer ajuda que o dr. Hill pudesse nos fornecer, senhor. Pela breve verificação que fiz da cena do crime, não acho que tenhamos mais para prosseguir que nos casos similares anteriores.

Carol sinalizou que havia entendido o que Brandon estava dizendo. Os dois estavam andando na mesma corda bamba, mas cada um numa extremidade diferente. Brandon não podia ser visto solapando a autoridade operacional de Tom Cross, e, se Carol quisesse uma existência tolerável na força de Bradfield, ela não podia contradizer abertamente seu superior imediato, ainda que o chefe de polícia assistente concordasse com ela.

— O dr. Hill gostaria de verificar a cena do crime?

— Vamos todos dar uma olhada — disse Brandon. — Você pode ir me atualizando enquanto isso. O que temos aqui?

Carol guiou os dois.

— Aqui é o pátio do pub. A cena do crime obviamente não é a cena da morte. Nem um pouco de sangue. Temos um homem branco, vinte e tantos anos, nu. Identidade desconhecida. Ele parece ter sido torturado antes de morrer. Os dois ombros dão a impressão de terem sido deslocados, e possivelmente também o quadril e os joelhos. Alguns tufo de cabelo estão faltando no couro cabeludo. Ele está deitado de bruços, por isso não tivemos chance de ver toda a extensão de seus ferimentos. Suspeito que a causa da

morte seja um ferimento profundo na garganta. Parece que o corpo foi lavado antes de ser descartado.

Carol terminou sua recitação monótona no portão do pátio. Olhou para Tony, atrás dela. A única diferença que suas palavras tinham causado era um aperto nos lábios.

— Pronto? — perguntou ela.

Ele assentiu e respirou fundo.

— O mais pronto possível — respondeu ele.

— Fique fora das fitas, por favor, Tony — pediu Brandon. — Os peritos criminais ainda têm muito a fazer, e eles não precisam que deixemos vestígios forenses por toda a cena do crime.

Carol abriu o portão e acenou para que os dois entrassem. Se Tony pensara que as palavras dela o tinham preparado para a visão do que havia lá dentro, bastou uma olhada para lhe dizer o contrário. Era grotesco, e a anormal ausência de sangue ressaltava isso. A lógica clamava que um corpo tão desfigurado devia ser uma ilha num lago sanguinolento, como um cubo de gelo num Bloody Mary. Ele nunca vira um cadáver tão limpo fora de uma funerária. No entanto, em vez de jazer tranquilamente como uma estátua de mármore, este corpo estava retorcido numa paródia do esqueleto humano, com os membros soltos; uma marionete desconjuntada, esquecida onde caíra quando os fios foram cortados.

Quando os dois homens entraram no pátio, o fotógrafo pericial parou de registrar imagens e fez um sinal de reconhecimento para John Brandon.

— Tudo bem, Harry — disse Brandon, aparentemente não perturbado pela visão diante de si. Ninguém podia ver os punhos fortemente cerrados dentro dos bolsos de seu casaco impermeável.

— Já fiz toda a parte de longo e médio alcance, sr. Brandon. Só tenho agora que fazer os close-ups — disse o fotógrafo. — Há muitas feridas e

hematomas; quero ter certeza de que peguei tudo.

— Bom garoto — incentivou Brandon.

De trás deles, Carol acrescentou:

— Harry, quando terminar, pode tirar fotos de todos os carros estacionados nas proximidades?

O fotógrafo ergueu as sobrancelhas.

— De todos?

— É, de todos — confirmou Carol.

— Bem pensado, Carol — interveio Brandon, antes que o fotógrafo, que nesse momento franzira a testa, pudesse dizer mais alguma coisa. — Sempre existe a chance remota de que esse indivíduo tenha deixado a cena do crime a pé ou no carro da vítima. Ele pode ter deixado o dele aqui para buscar depois. E é muito mais difícil o sumário da defesa argumentar contra fotografias do que contra um caderno de policial.

O fotógrafo se voltou outra vez para o cadáver, bufando violentamente. A breve conversa tinha dado a Tony tempo para controlar seu estômago revirado. Ele aproximou-se do corpo, tentando captar alguma compreensão primitiva da mente que havia reduzido um homem àquilo. “Qual é o seu jogo?”, pensou ele. “O que isso significa para você? Que operações estão acontecendo entre essa carne fragmentada e seu desejo? Achei que era um especialista em manter as coisas preparadas para uma emergência, mas você é outra história, não é? É realmente especial. É o controlador dos maníacos controladores. Você vai ser um desses que vira tema de livro. Bem-vindo à fama.”

Reconhecendo que estava perigosamente próximo da admiração por uma mente complexa de um modo que o perturbava, Tony se forçou a se concentrar nas realidades que estavam diante de si. O corte profundo na garganta tinha praticamente decapitado o homem, deixando a cabeça

inclinada como se fosse articulada na nuca. Tony suspirou profundamente e disse:

— O *Sentinel Times* noticiou que todos morreram com a garganta cortada. É verdade?

— É — confirmou Carol. — Todos sofreram torturas antes de morrer, mas foram as feridas no pescoço que causaram a morte em todos os casos.

— E todos foram tão profundos quanto esse?

Carol balançou a cabeça, em dúvida.

— Só estou completamente familiarizada com o segundo caso, e nele a ferida não chegou nem perto da violência deste. Mas vi as fotografias dos outros dois, e o último deles era quase tão ruim.

Graças a Deus por algo perceptivelmente clássico, pensou Tony. Ele deu alguns passos para trás e analisou a área. Fora o corpo, não havia nada que o distinguisse do pátio de qualquer outro pub. Caixas de garrafas vazias estavam empilhadas contra as paredes, as tampas das grandes latas de lixo industriais com rodas estavam firmemente fechadas. Nada óbvio fora levado, nada óbvio fora deixado para trás, exceto o próprio cadáver.

Brandon limpou a garganta.

— Bem, tudo parece estar sob controle aqui, Carol. É melhor que eu vá dar uma palavra com a imprensa. Vi Penny Burgess tentando arrancar a manga do seu casaco quando cheguei. Sem dúvida, o resto do bando já está uivando nos calcanhares dela a esta altura. Vejo você de novo no comando mais tarde. Apareça no meu escritório. Quero ter uma conversa com você sobre o envolvimento do dr. Hill. Tony, vou deixá-lo nas mãos capazes de Carol. Quando terminar aqui, talvez deva marcar uma reunião com ela, para que possa lhe dar acesso aos arquivos do caso.

Tony assentiu com a cabeça.

— Parece uma boa ideia. Obrigado, John.

— Vou manter contato. E obrigado de novo. — Com isso, Brandon foi embora, fechando o portão atrás de si.

— Então, você cria perfis criminais — disse Carol.

— Eu tento — respondeu Tony, com cautela.

— Graças a Deus, finalmente as autoridades resolveram agir — disse ela, sem emoção. — Estava começando a pensar que nunca chegariam a admitir que temos um serial killer em nossas mãos.

— Então, somos dois — respondeu Tony. — Estava preocupado desde o primeiro, mas fiquei convencido a partir do segundo.

— E imagino que não seja da sua alçada dizer isso a eles — disse Carol, exaurida. — Maldita burocracia.

— É uma questão delicada. Mesmo quando tivermos uma força-tarefa nacional montada, suspeito que ainda teremos que esperar que cada força policial nos procure.

Carol ia responder quando foi cortada pela batida no portão do pátio, aberto com violência. Os dois se viraram. Enquadrado pelo umbral, estava um dos maiores homens que Tony já vira. Ele tinha a força bruta de um atacante de rúgbi fora de forma, e sua barriga de chope precedia seus ombros largos por uns bons quinze centímetros. Seus olhos eram protuberantes como groselhas estufadas num rosto carnudo, origem do apelido do detetive-superintendente Tom Cross. Sua boca, como a do seu homônimo dos desenhos animados, era um arco de cupido, pequena a ponto de ser incongruente. O cabelo cor de rato margeava sua calvície como a coroa de um monge.

— Senhor — cumprimentou Carol.

Sobrancelhas pálidas se curvavam numa careta de descontentamento. A julgar pelas linhas profundas entre elas, era uma expressão familiar.

— Quem diabos é você? — interpelou ele, movendo um dedo grosso na direção de Tony. Automaticamente, ele notou a unha roída. Antes que pudesse responder, Carol falou com inteligência.

— Senhor, este é o dr. Tony Hill, do Ministério do Interior. Ele é responsável pelo estudo de viabilidade da Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Dr. Hill, este é o detetive-superintendente Tom Cross. Ele está no comando geral de nossos inquéritos de homicídios.

A segunda metade da apresentação de Carol foi abafada pela resposta explosiva de Cross.

— Que diabos você está aprontando, mulher? Isso aqui é uma cena de homicídio. Não se pode deixar qualquer burocrata do Ministério do Interior ficar andando por aqui.

Carol fechou os olhos por uma fração de segundo mais longa que uma piscada. Depois, disse com uma voz cujo tom alegre assustou Tony.

— Senhor, foi o sr. Brandon quem trouxe o dr. Hill. O chefe de polícia assistente acha que o dr. Hill pode nos ajudar a criar o perfil criminal do nosso assassino.

— O que quer dizer com assassino? Quantas vezes tenho de lhe dizer? Não temos um serial killer à solta em Bradfield. Temos só um bando de bichas perigosas copiando crimes. Sabe qual o problema com vocês, graduados em rápida ascensão? — interpelou Cross, inclinando-se agressivamente em direção a Carol.

— Tenho certeza de que o senhor me dirá — respondeu Carol, com doçura.

Cross parou momentaneamente, com o ar levemente desconcertado de um cachorro que consegue ouvir a mosca, mas não consegue vê-la.

— Vocês estão todos desesperados pela glória. Querem glamour e manchetes. Não querem se dar ao trabalho de fazer o trabalho policial

corretamente. Não querem levantar a bunda da cadeira para trabalhar em três inquéritos de homicídio, então tentam juntar todos eles num só para minimizar o esforço e maximizar a cobertura da imprensa. E você — acrescentou ele, girando em direção a Tony. — Você pode sair da minha cena de crime agora mesmo. A última coisa de que precisamos são esquerdistas com esse sentimentalismo barato nos dizendo que estamos em busca de algum pobrezinho que não pôde ter um ursinho de pelúcia quando era menino. Não é essa lenga-lenga que captura criminosos, é o trabalho da polícia.

Tony sorriu.

— Não poderia estar mais de acordo, superintendente. Mas o seu chefe de polícia assistente parece pensar que posso ajudar no direcionamento mais eficaz do seu trabalho policial.

Cross era muito macaco velho para ceder em nome da civilidade.

— Eu comando a equipe mais eficiente desta força — retorquiu ele. — E não preciso que a porcaria de um doutor me diga como capturar um punhado de veados homicidas.

Ele se voltou para Carol.

— Acompanhe o **doutor** Hill até a saída, inspetora.

Ele conseguiu fazer o título soar como um insulto.

— E, quando terminar, pode voltar aqui e me atualizar sobre o que conseguiu descobrir a respeito do nosso último assassino.

— Muito bem, senhor. Ah, a propósito, o senhor talvez deseje se juntar ao chefe de polícia assistente. Ele está dando uma coletiva improvisada para imprensa lá na frente. — Desta vez, a doçura tinha um toque de aspereza.

Cross deu uma olhada superficial no corpo que jazia exposto no pátio.

— Bem, *ele* é que não vai a lugar nenhum, não é? — comentou. — Certo, inspetora, espero um relatório assim que eu tiver terminado com o chefe de

polícia assistente e a imprensa.

Ele girou nos calcanhares e saiu com violência, fazendo tanto barulho quanto na entrada.

Carol pôs uma das mãos no cotovelo de Tony e o guiou para fora do portão.

— Vai valer a pena ver isso — murmurou ela em seu ouvido enquanto o liderava pelo beco nas pegadas de Cross.

Meia dúzia de repórteres tinham se juntado a Penny Burgess atrás das fitas plásticas amarelas. John Brandon os encarava. Quando Tony e Carol chegaram mais perto, conseguiram ouvir a cacofonia de perguntas lançadas pela imprensa ao chefe de polícia assistente. Carol e Tony ficaram a curta distância enquanto Cross forçava o caminho por um policial ao lado de Brandon e gritava:

— Um de cada vez, senhoras e senhores. Todos vocês serão ouvidos.

Brandon deu meia-volta e fitou Cross, com o rosto sem expressão.

— Obrigado, superintendente Cross.

— Temos um serial killer à solta em Bradfield? — interpelou Penny Burgess, sua voz cortando o silêncio momentâneo como o grito de uma ave de mau agouro.

— Não há razões para supor... — iniciou Cross.

Brandon o cortou com frieza.

— Deixe isso comigo, Tom — disse ele. — Como dizia há pouco, nesta tarde encontramos o corpo de um homem branco no final de seus vinte ou no início de seus trinta anos. É muito cedo para ter certeza absoluta, mas há indícios de que este homicídio pode estar ligado aos três anteriores que ocorreram em Bradfield ao longo dos últimos nove meses.

— Isso significa que vocês estão tratando esses assassinatos como o trabalho de um serial killer? — perguntou um jovem com um gravador

estendido à frente como uma vara de tocar bois.

— Estamos examinando a possibilidade de que um criminoso seja responsável pelos quatro crimes, sim.

Cross dava a impressão de querer bater em alguém. Suas mãos estavam fechadas em punhos nos lados do corpo, as sobrelanceiras tão abaixadas que deviam reduzir sua visão a uma fenda.

— Embora seja somente uma possibilidade neste estágio — acrescentou ele, obstinadamente.

Penny interveio à frente da concorrência novamente:

— Como isso afetará a sua abordagem da investigação, sr. Brandon.

— A partir de hoje, vamos reunir os três inquéritos dos homicídios anteriores com este último numa única força-tarefa para incidente de grande importância. Vamos utilizar amplamente o Sistema de Investigações do Ministério do Interior para analisar os dados disponíveis. Temos confiança de que isso permitirá a descoberta de novas pistas — anunciou Brandon, com o rosto lúgubre em contradição com o otimismo em sua voz.

— Cara, vai com tudo — sussurrou Carol.

— Vocês não estão atrasados? O homicida não tirou proveito do fato de vocês se negarem a reconhecê-lo como um serial killer? — gritou do fundo uma voz raivosa.

Brandon endireitou os ombros e assumiu uma aparência severa.

— Somos policiais, não clarividentes. Não teorizamos à frente dos indícios. Fiquem sossegados, faremos tudo ao nosso alcance para levar esse assassino à justiça tão rápido quanto for humanamente possível.

— Vocês vão usar um psicólogo criminal? — Era Penny Burgess de novo. Tom Cross dirigiu a Tony um olhar puramente de ódio.

Brandon sorriu.

— Isso é tudo por enquanto, senhoras e senhores. Haverá um boletim mais tarde através da assessoria de imprensa. Agora, se me dão licença, temos muito trabalho a fazer. — Ele acenou com a cabeça de forma benevolente para os repórteres, depois se virou, levando Cross firmemente pelo cotovelo. Eles andaram de volta até o beco, as costas de Cross rígidas de raiva. Carol e Tony acompanhavam alguns passos atrás. Enquanto prosseguiam, a voz de Penny Burgess soou alta e clara atrás deles:

— Inspetora Jordan? Quem é o novato?

— Meu Deus, essa mulher não perde uma — murmurou Carol.

— É melhor mantê-la fora do caminho, então — comentou Tony. — Se eu terminar na capa dos jornais pode ser um risco sério à saúde.

Carol ficou perplexa.

— Você quer dizer que o assassino poderia ter você como alvo?

Tony sorriu.

— Não, quero dizer que seu chefe de polícia teria um derrame.

A necessidade irresistível de espelhar o sorriso dele atingiu Carol. Esse homem era diferente de todos os nerds funcionários do Ministério do Interior que ela já encontrara. Não só tinha senso de humor como não se incomodava em ser indiscreto. E, pensando bem, ele com certeza se encaixava na categoria que sua amiga Lucy descrevia como “pegável”. Ele estava dando sinais de ser o primeiro homem interessante que conhecia no trabalho em muito tempo.

— Você pode ter razão — limitou-se a dizer, conseguindo não se comprometer a ponto de que suas palavras pudessem ser usadas contra ela.

Eles chegaram à esquina do beco a tempo de ver os ataques verbais de Tom Cross contra Brandon.

— Com o devido respeito, senhor, mas acaba de contradizer tudo que venho dizendo a esses bostas desde que esse showzinho começou.

— É hora de usar uma abordagem diferente, Tom — disse Brandon, com tranquilidade.

— Então por que não conversa comigo em vez de me fazer parecer um idiota na frente daquela multidão? Isso sem falar nos meus próprios homens. — Cross se inclinou para a frente de modo beligerante. Uma das mãos estava para cima, com o indicador esticado, como se ele fosse bater no peito de Brandon com ela. Mas o bom senso na gestão da carreira prevaleceu, e a mão desceu novamente ao seu lado.

— Você acha que se eu tivesse chamado você no meu escritório e sugerido uma nova abordagem eu conseguiria aplicá-la? — Havia austeridade sob a brandura da voz de Brandon, e Cross a reconheceu.

Seu maxilar inferior se projetou para a frente.

— No final das contas, as decisões operacionais cabem a mim — disse ele. Por baixo da beligerância, Tony visualizava um garotinho, valentão e agressivo, ressentido dos adultos que ainda tinham a capacidade de lhe dar um jeito.

— Mas estou no comando da polícia assistente de investigação criminal, e a responsabilidade é minha. Sou eu quem toma as decisões de diretrizes e acabo de tomar uma que, por acaso, impactou sua esfera de operações. De agora em diante, esta é uma investigação única de incidente. Está claro, Tom? Ou quer que leve o caso adiante?

Pela primeira vez, Carol tinha visto por si mesma por que John Brandon tinha subido tanto na carreira. A ameaça em sua voz não era pura pose. Ele estava claramente preparado para fazer o que fosse preciso para atingir seus objetivos, e agia com toda a segurança de um homem acostumado a vencer. Não havia alternativa restante para Tom Cross.

O superintendente resolveu atacar Carol.

— Não tem nada melhor para fazer, inspetora?

— Estou aguardando para fazer meu relatório, senhor — respondeu ela.
— O senhor me disse para esperá-lo depois da entrevista à imprensa.

— Antes que vocês comecem... Tom, permita-me apresentá-lo ao dr. Tony Hill — disse Brandon, puxando Tony para perto.

— Já fomos apresentados — avisou Cross, emburrado como um estudante de colegial.

— Dr. Hill concordou em trabalhar em contato direto conosco nesta investigação. Ele tem mais experiência na criação de perfis de serial killers que praticamente qualquer pessoa do país. E também concordou em manter seu envolvimento em sigilo.

Tony deu um sorriso diplomático autodepreciativo.

— Exatamente. A última coisa que quero é transformar sua investigação num espetáculo secundário. Se houver algum crédito quando pegarmos esse canalha, quero que vá para sua equipe. São eles quem farão o trabalho, afinal.

— Você está certo nisso — murmurou Cross. — Não quero você no nosso pé, no meio do caminho.

— Nenhum de nós quer isso, Tom — disse Brandon. — É por isso que pedi a Carol para atuar como oficial de ligação entre nós e Tony.

— Não posso me dar ao luxo de perder um policial graduado numa hora como essa — protestou Cross.

— Você não a está perdendo — retorquiu Brandon. — Está ganhando uma policial com uma visão única de todos os casos. Isso pode ser algo inestimável, Tom. — Olhou para o relógio. — É melhor eu ir. O chefe vai querer um relatório sobre isso. Mantenha-me informado, Tom.

Brandon esboçou um aceno, voltou à rua e saiu de vista.

Cross puxou um maço do bolso, tirou um cigarro e o acendeu.

— Sabe qual é o seu problema, inspetora? — recomeçou ele. — Você não é tão esperta quanto gosta de pensar que é. Um passo fora da linha, moça, e

lhe arranco as tripas.

Ele tragou profundamente seu cigarro e se inclinou para a frente, soprando a fumaça na direção de Carol. O gesto foi arruinado pelo vento que carregou a fumaça para longe antes de atingi-la. Dando a impressão de estar enojado, Cross deu meia-volta e andou até a cena do crime.

— Não existe flor que se cheire neste emprego — disse Carol.

— Pelo menos, agora eu sei para onde o vento sopra — respondeu Tony. Enquanto falava, ele sentiu uma gota de chuva em seu rosto.

— Ai, merda — reclamou Carol. — É tudo de que precisamos. Escute, podemos nos encontrar amanhã? Posso pegar os arquivos hoje à noite e dar uma olhada neles antes. E então você poderia colocar a mão na massa.

— Ótimo. No meu escritório, às dez?

— Perfeito. Como encontro você?

Tony deu orientações a Carol, depois observou enquanto ela corria de volta para o beco. Uma mulher interessante. E atraente também, a maioria dos homens concordaria quanto a isso. Houve épocas em que quase desejou que conseguisse encontrar uma resposta descomplicada em si mesmo. Mas, desde então, havia passado do ponto em que se permitira sentir-se atraído por uma mulher como Carol Jordan.

• • •

Já passava das sete quando Carol finalmente conseguiu chegar de volta ao comando da força. Quando ligou para o ramal de Brandon, sentiu-se agradavelmente surpresa ao encontrá-lo ainda em sua mesa.

— Venha aqui em cima — disse-lhe ele.

Quando passou pela porta de sua secretária e o encontrou servindo duas canecas fumegantes na cafeteira, Carol ficou ainda mais surpresa.

— Leite e açúcar?

— Nenhum dos dois — respondeu ela. — Esse é um prazer inesperado.

— Eu larguei o cigarro há cinco anos — confidenciou Brandon. — Agora só a cafeína me mantém estruturado. Entre.

Carol adentrou o escritório, excitada de curiosidade. Ela nunca passara por aquele batente antes. A decoração era a tinta creme do regulamento, e a mobília era idêntica à do escritório de Cross, exceto pela madeira que estava brilhando, sem arranhões, queimaduras de cigarro ou marcas deixadas por xícaras quentes. Ao contrário da maioria dos policiais graduados, Brandon não tinha enfeitado as paredes com fotografias da polícia e suas comendas em quadros. Em vez disso, ele escolhera meia dúzia de pinturas da virada do século que retratavam cenas urbanas de Bradfield. Coloridas, ainda que sombrias, muitas vezes encharcadas de chuva, elas espelhavam a vista espetacular da janela do sétimo andar. O único item na sala que correspondia às expectativas era o retrato da esposa e dos filhos na escrivaninha. Mesmo que não fosse uma fotografia posada, feita em estúdio, era uma ampliação de uma foto de férias a bordo de um veleiro. Dedução: apesar da impressão que Brandon se esforçava para passar, de um policial tradicional, franco e objetivo, por dentro, ele era na verdade muito mais complexo e profundo.

Ele indicou a Carol um par de cadeiras em frente à sua mesa, depois se sentou na outra.

— Eu gostaria de esclarecer uma coisa — avisou Brandon sem preâmbulos. — Você se reporta ao superintendente Cross. Ele está no comando desta operação. Porém, quero ver cópias dos relatórios feitos por você e pelo dr. Hill, e quero saber qualquer teoria que vocês dois imaginem, mas que não estejam prontos para declarar por escrito. Acha que consegue dar conta desse malabarismo?

As sobrancelhas de Carol se ergueram.

— Só há uma maneira de descobrir, senhor — disse ela.

Os lábios de Brandon se torceram num meio sorriso. Ele sempre preferiu sinceridade à conversa mole.

— Tudo bem, assegure-se de que receberá acesso aos arquivos de todos. Qualquer problema com isso, qualquer impressão de que alguém está tentando cercear suas ações ou às do dr. Hill, quero que me diga, não importa quem seja o responsável. Falarei com o esquadrão pessoalmente pela manhã, vou me certificar de que ninguém tem dúvidas sobre quais são as novas regras do jogo. Alguma coisa que precise que eu consiga?

Mais doze horas no dia seria um começo, pensou Carol com cansaço. Amar desafios era muito bom, mas dessa vez parecia que o amor seria uma verdadeira luta.

• • •

Tony fechou a porta da frente atrás de si. Deixou cair a pasta onde estava e se recostou na parede. Havia conseguido o que queria. Era uma batalha de inteligências agora, sua intuição contra a fortaleza do assassino. Em algum lugar no padrão daqueles crimes existia um caminho labiríntico que ia direto ao coração do homicida. De alguma forma, Tony precisava seguir por aquele trajeto com cuidado, para evitar se perder na ardilosa vegetação rasteira.

Ele se afastou da parede, sentindo-se de repente exausto, e se encaminhou à cozinha, retirando a gravata e desabotoando a camisa pelo caminho. Uma cerveja gelada, e depois ele poderia percorrer sua pequena coleção de recortes de jornal dos três homicídios anteriores. Acabara de abrir a geladeira para pegar uma lata de Boddingtons quando o telefone tocou. Fechou a porta com violência e agarrou a extensão, segurando ainda a lata gelada.

— Alô.

— Anthony — respondeu a voz.

Tony engoliu em seco.

— Essa não é uma boa hora — disse ele, cortando com frieza o contralto rouco que vinha da linha. Largou a cerveja na bancada e puxou o anel da lata com uma das mãos.

— Está se fazendo de difícil? Ah, bom, isso é parte da diversão, não é? Achei que tinha resolvido esse problema de você tentar me evitar. Achei que tínhamos deixado tudo isso para trás. Não me diga que vai regredir e desligar na minha cara de novo, é tudo que peço.

A voz era provocadora, debaixo da superfície havia o murmúrio de uma risada.

— Não estou me fazendo de difícil — rebateu ele. — Não é mesmo uma boa hora.

Ele conseguia sentir a leve queimação de raiva subindo do fundo do estômago.

— Isso você decide. Você é o cara. O chefe. A menos, é claro, que queira coisas diferentes para variar, se é que me entende.

A voz era quase um sussurro, provocando-o com seu aspecto fugidio.

— Afinal, isso é estritamente entre mim e você. Consentimento entre adultos, como se diz.

— Então, neste momento, não tenho o direito de dizer não? Ou são só as mulheres que têm esse direito? — disse ele, ouvindo a tensão em sua voz à medida que a raiva subia como bile em sua garganta.

— Meu Deus, Anthony, sua voz fica tão sexy quando você está nervoso — ronronou.

Perplexo, Tony segurou o telefone à distância do ouvido, olhando para ele como se o aparelho fosse uma invenção de outro planeta. Às vezes, ele se perguntava se o que saía de sua boca eram as mesmas palavras que chegavam

aos ouvidos de seus interlocutores. Com um distanciamento que não podia oferecer à pessoa que ligara, ele observou que segurava o telefone com tanta força que seus dedos estavam pálidos. Depois de um momento, pôs o aparelho de novo no ouvido.

— Só ouvir sua voz já me deixa molhada, Anthony — dizia ela. — Não quer saber o que estou usando, o que estou fazendo agorinha mesmo?

A voz era sedutora, a respiração mais audível do que tinha sido no começo.

— Olhe, eu tive um dia difícil, tenho muito trabalho a fazer e, por mais que goste dos nossos joguinhos, não estou a fim esta noite.

Agitado, Tony olhava desesperadamente pela cozinha como se procurasse a saída mais próxima.

— Você parece tão tenso, querido. Deixe-me acabar com toda essa tensão. Vamos brincar. Pense em mim como uma técnica de relaxamento. Você sabe que vai trabalhar melhor depois. Sabe que vou fazer você se divertir como nunca. Com um garanhão como você e uma rainha do sexo como eu, não há nada que não possamos fazer. Para começar, vou lhe proporcionar o telefonema mais safado, sexy e excitante que já tivemos.

De repente, sua raiva encontrou uma fraqueza nas barreiras que a continham e explodiu.

— Não esta noite! — gritou Tony, batendo o telefone com tanta força que a lata de cerveja pulou. Uma espuma cremosa subiu pelo orifício triangular no topo da lata. Tony olhou para ela com nojo. Pegou a lata e a jogou na pia. O objeto fez um barulho ao bater contra o aço inoxidável, depois rolou de um lado para outro. Cerveja e espuma saindo em esguichos de cor marrom e creme enquanto Tony se agachava, com a cabeça baixa e as mãos no rosto. Esta noite, encarando a profundidade dos pesadelos de outras pessoas, ele não queria de jeito nenhum o confronto inevitável com suas próprias deficiências,

que as chamadas telefônicas sempre traziam em seu rastro. O telefone tocou novamente, mas ele permaneceu imóvel, os olhos apertados. Quando a secretária eletrônica atendeu a ligação, a pessoa desligou.

— Vaca — xingou ele, com violência. — Vaca.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 003**

Quando meus vizinhos saem para trabalhar pela manhã, eles deixam o pastor-alemão deles solto no quintal. O dia inteiro, ele corre saltitante para cima e para baixo, incansável, percorrendo o terreno de concreto com a diligência de um carcereiro que realmente adora seu trabalho. Ele é corpulento, preto com manchas marrom e pelo felpudo. Sempre que alguma pessoa entra no quintal por qualquer um dos lados, ele late; uma cacofonia longa que vem do fundo da garganta e dura muito mais do que qualquer invasão. Quando os lixeiros vêm pela passagem dos fundos para empurrar nossas lixeiras com rodas até o caminhão, o cachorro fica histérico, de pé sobre as patas traseiras; as dianteiras arranhando inutilmente o portão pesado de madeira. Já o observei do ângulo privilegiado da minha janela no quarto dos fundos. Ele é quase tão alto quanto o próprio portão. Perfeito, na verdade.

Na manhã da segunda-feira seguinte, comprei cerca de um quilo de bife e cortei em cubos de dois centímetros, como todas as melhores receitas dizem. Depois, fiz um pequeno corte em cada cubo e inseri um dos tranquilizantes que meu médico insiste em prescrever para mim. Nunca os quis e certamente jamais os usei, mas tinha a sensação de que eles podiam ser úteis algum dia.

Saí pela porta dos fundos e ouvi com alegria a salva de latidos do cão. Podia me dar ao luxo de ficar alegre; seria a última vez que teria de suportá-lo. Mergulhei a mão na tigela de carne úmida, apreciando seu contato gelado e escorregadio. Depois atirei-a sobre o muro com as mãos cheias. Voltei para dentro, lavei-me e fui até o andar de cima, para minha posição privilegiada ao lado do computador. Escolhi o ambiente atmosférico de Darkseed, tranquilizando minha excitação com o submundo gótico e macabro que vim a conhecer tão bem. Apesar do envolvimento no jogo, no entanto, não podia evitar olhar de relance para fora da janela em intervalos de poucos minutos. Depois de um tempo, ele despencou no chão, com a língua pendente para fora da boca. Saí do jogo e peguei meus binóculos. Ele parecia estar respirando, mas não se movia.

Desci correndo as escadas, pegando a bolsa de viagem que havia preparado mais cedo, e entrei no 4x4. Fui de ré pelo beco até que a porta traseira estivesse ao nível do portão do quintal do vizinho. Desliguei o motor. Silêncio. Não pude resistir a certa satisfação arrogante enquanto peguei o pé de cabra e pulei para fora. Forçar o portão do vizinho foi uma questão de instantes.

Enquanto entrava, pude ver que o cachorro não se moveu. Abri a bolsa e agachei ao lado dele. Joguei a língua dele de volta para a boca e fechei seu focinho com um rolo de esparadrapo. Atei suas pernas, as dianteiras e as traseiras, e o arrastei até o carro. Ele era pesado, mas me mantenho em forma, e não foi muito difícil carregá-lo.

Quando chegamos à fazenda, sua respiração vinha em roncos suaves, mas não havia vislumbre de consciência, mesmo quando abri suas pálpebras com os dedos. Coloquei-o no barril que deixara lá fora, rolei-o pela casa e despejei-o no final do lance de escadas. Acendi as luzes e joguei o cão no potro como um saco de batatas, virando-me para estudar minhas facas. Eu prendera uma fita imantada na parede, e todas elas estavam penduradas lá, afiadas até atingir um gume profissional: cutelo, faca para desossar, faca de trinchar, faca de legumes e estilete. Escolhi o estilete, cortei a fita das pernas do cão e o estendi com a barriga para baixo. Fechei a correia em volta do meio do seu corpo para firmá-lo contra o potro. Foi então que percebi que havia um problema.

Em algum momento nos últimos minutos, o cachorro havia parado de respirar. Enfiei a cabeça contra os pelos ásperos do seu peito, procurando um batimento cardíaco, mas já era tarde. Eu havia obviamente calculado errado a dosagem da droga e administrado demais a ele. Fiquei com muita raiva, preciso admitir. A morte do cachorro não afetaria o lado prático de testar cientificamente meu aparato, mas esperava ansiosamente por esse sofrimento;

uma pequena vingança pelas tantas vezes que seu latido demente havia me acordado, especialmente quando eu chegava após um difícil turno da noite. Mas ele morrera sem um minuto de sofrimento. A última coisa que tinha conhecido fora cerca de um quilo de carne. Não me agradava que ele tivesse morrido feliz.

E isso não era tudo; também descobri um segundo problema. As correias que instalei eram suficientes para tornozelos e pulsos humanos, mas o cachorro não tinha mãos nem pés para impedir que seus membros escorregassem livremente.

Minha confusão não durou muito tempo. Estava longe de ser uma solução elegante, mas serviu ao meu propósito. Eu ainda tinha alguns pregos de quinze centímetros que sobraram dos reparos e consertos que fiz no porão. Coloquei cuidadosamente sua pata dianteira esquerda de modo que ela cobrisse um vão nas madeiras. Com o tato, procurei o espaço entre os ossos e, com uma martelada, fiz o prego atravessar nos ângulos certos da pata, logo acima da última junta. Prendi a correia abaixo do prego e puxei. Achava que ela seguraria por tempo suficiente.

Fixei as outras patas em cinco minutos. Depois que ele estava preso com segurança, eu finalmente podia começar os afazeres do dia. Mesmo com a perspectiva singela de um experimento puramente científico, conseguia sentir a excitação crescendo em mim até que se tornasse um grande nó na garganta. Ao que parecia, quase inconscientemente, minha mão desgarrou-se e foi à

manivela do potro. Eu a observei, com desprendimento, como se fosse a mão de uma pessoa estranha. Ela alisou os dentes da engrenagem, correu levemente sobre a roda e, finalmente, foi repousar na manivela. O leve aroma do óleo lubrificante estava suspenso no ar, misturando-se ao ligeiro cheiro de tinta e ao odor bolorento canino do meu assistente de experimento. Suspirei fundo, tremi de expectativa e comecei a girar a manivela lentamente.



Não sustento a afirmação de que qualquer homem que se envolva em assassinato deve ter modos muito incorretos de pensar e princípios verdadeiramente inexatos.

Don Merrick abriu o zíper da braguilha. Com um suspiro de alívio, relaxou os músculos e permitiu que sua bexiga, que estava quase estourando, se esvaziasse. Atrás dele, a porta do cubículo se abriu. Seu prazer foi interrompido de modo abrupto quando uma pesada mão desceu em seu ombro.

— Sargento Merrick. Justamente o homem que eu queria ver. — disse Tom Cross com seu vozeirão. Inexplicavelmente, Merrick descobriu que não conseguia terminar o que tinha começado.

— Bom-dia, senhor — cumprimentou ele, com cautela, sacudindo-se e rapidamente tirando o pênis da vista de Cross.

— Ela contou sobre a nova missão dela, não contou? — perguntou Cross com toda camaradagem.

— Ela mencionou, sim, senhor. — Merrick olhava com ansiedade para a porta. Mas não havia escapatória. Não com a mão de Cross ainda agarrando seu ombro.

— Fiquei sabendo que está pensando em fazer os exames para inspetor — comentou Cross.

Merrick sentiu um aperto no estômago.

— É verdade, senhor.

— Então vai precisar de todos os amigos no alto escalão que puder encontrar, não é, meu rapaz?

Merrick forçou a abertura dos lábios no que esperava que fosse um sorriso para corresponder ao de Cross.

— Se o senhor diz, sim, senhor.

— Você tem o que é preciso para ser um bom policial, Merrick. Contanto que se lembre a quem deve ser leal. Sei que a inspetora Jordan vai ser uma moça muito ocupada nas próximas semanas. Ela pode nem sempre ter tempo de me manter completamente *a par* das coisas. — Cross dirigiu-lhe um olhar sugestivo. — Vou contar com você para me manter informado de todo os desdobramentos. Entendeu, meu rapaz?

Merrick fez que sim.

— Sim, senhor.

Cross abaixou a mão e se encaminhou à porta. Enquanto a abria, ele se virou novamente para Merrick e disse:

— Principalmente se ela começar a transar com nosso amigo doutor.

A porta se fechou atrás de Cross.

— Puta que pariu — disse Merrick baixinho para si mesmo enquanto andava até a pia e começava a esfregar as mãos vigorosamente sob a água quente.

• • •

Tony estava em sua mesa desde as oito. Até agora, apenas fizera algumas fotocópias do Relatório de Análise Criminal que tinha criado para a força-tarefa projetada. Baseado amplamente no questionário do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos do FBI, ele pretendia estabelecer uma classificação padrão para todos os aspectos do crime, da vítima aos indícios forenses. Arrumou os formulários distraidamente, depois recolocou seus recortes de jornal numa pilha organizada. Justificava sua falta de atividade dizendo a si mesmo que até que Carol chegasse com os arquivos da polícia, havia pouco que ele pudesse fazer. Mas isso era apenas uma desculpa.

A verdade era que havia um bom motivo para que lhe fugisse a concentração. Ela estava em sua cabeça novamente. A mulher misteriosa. No princípio, ele se sentira vulnerável, não desejando tomar parte em seus jogos. Do mesmo modo que seus pacientes, pensou com ironia. Quantas vezes ele tinha proferido a máxima de que todo mundo, em algum nível, relutava em cooperar com a terapia? Perdera a conta do número de vezes que tinha batido o telefone nos primeiros dias. Mas ela persistira, continuando pacientemente a administrar sua persuasão tranquilizante até que ele começara a relaxar e até mesmo a participar.

A mulher o tinha desequilibrado completamente. Dava a impressão, desde a primeira vez, de ter um instinto para identificar seu calcanhar de aquiles, embora nunca o tenha atacado. Era tudo que qualquer um poderia desejar numa amante de fantasia, do gentil ao vulgar. A questão central, para Tony, era se ele era patético porque conseguia se envolver com telefonemas pornográficos de uma estranha, ou se devia se felicitar por ser tão bem-ajustado que compreendia o que precisava e o que funcionava para si próprio. Mas ele não podia escapar ao receio de que, se ainda não estivesse

dependente dos telefonemas, estaria em risco de sucumbir a esse perigo. Já incapaz de sustentar um relacionamento sexual normal, será que ele estava laborando com a piora de sua condição ou se encaminhando para a recuperação? Tentar passar da fantasia à realidade era a única forma de saber qual das duas opções estava correta, mas ele ainda estava muito receoso da humilhação da carne para isso. Por enquanto, precisava se contentar com a desconhecida misteriosa que conseguia fazê-lo se sentir um homem por tempo suficiente para afastar seus fantasmas.

Tony suspirou e pegou sua caneca. O café estava frio, mas ele o bebeu assim mesmo. Contra a própria vontade, começou a reconstituir em sua cabeça conversas passadas. Como se não as tivesse repetido o suficiente durante as primeiras horas da manhã quando o sono lhe foi tão fugidioso quanto o serial killer de Bradfield. A voz da mulher zumbia em seus ouvidos, inescapável como o walkman de outra pessoa num vagão de trem. Ele tentou bloquear suas emoções e tratar as chamadas com a objetividade intelectual que aplicava em seu trabalho. Tudo que precisava fazer era se isolar, da maneira que fazia quando estava examinando as fantasias pervertidas de seus pacientes. Certamente tivera experiência suficiente de se recusar a reconhecer ecos em si mesmo.

Pare a voz. Analise. Quem era ela? O que a motivava? Talvez, como ele, ela simplesmente gostasse de explorar mentes perturbadas. Pelo menos, isso explicaria como ela havia conquistado sua simpatia passando por suas barreiras. Não havia dúvida: ela era completamente diferente das mulheres vulgares que trabalhavam oferecendo sexo por telefone. Antes de começar esse estudo para o Ministério do Interior, ele estivera envolvido numa pesquisa sobre o assunto. Uma quantidade considerável dos criminosos recém-condenados com quem ele tinha lidado admitiu que fazia ligações frequentes para esses serviços telefônicos. Assim, podiam despejar suas

fantasias sexuais, por mais bizarras, obscenas e pervertidas que fossem, nos ouvidos de mulheres pagas de modo irrisório, incentivadas por seus chefes a satisfazer os usuários pelo tempo que estivessem dispostos a pagar. Chegara mesmo a telefonar para alguma dessas linhas, só para ter uma ideia do que era oferecido e descobrir, usando as transcrições de algumas de suas entrevistas, até que ponto era possível ir antes que a repulsa superasse o objetivo do lucro ou a necessidade desesperada de ganhar a vida.

Por fim, ele entrevistara uma seleção das mulheres que trabalhavam atendendo os telefonemas. A única coisa que todas tinham em comum era a sensação de terem sido violadas e degradadas, embora algumas delas a encobrissem no desprezo que exprimiam por seus clientes. Ele chegara a vários resultados, mas o documento que escreveu posteriormente não incluía todos eles. Deixou algumas dessas conclusões de fora porque eram muito disparatadas, outras porque temia que pudessem revelar demais sobre sua própria psique. Isso incluía sua convicção de que a reação de um homem que já tivesse ligado anteriormente para uma linha de disque-sexo a uma ligação de cunho erótico com um membro do sexo oposto seria radicalmente diferente à de uma mulher na mesma situação. Em vez de bater o telefone, ou denunciar o número à empresa de telefonia, a maioria desses homens se divertiria ou ficaria excitado. Em qualquer das alternativas, o homem ia querer ouvir mais.

Tudo que ele tinha de descobrir era por que, ao contrário das funcionárias do disque-sexo, essa mulher achava sexo por telefone com um desconhecido algo tão atraente. O que ele precisava era saciar a curiosidade intelectual que era pelo menos tão forte quanto seu desejo de explorar a satisfação sexual que ela havia descortinado para ele. Talvez ele devesse pensar em sugerir um encontro. Antes que pudesse continuar, o telefone tocou. Tony

se moveu, mas sua mão parou no meio do caminho em sua travessia automática até o aparelho.

— Ah, pelo amor de Deus — sussurrou ele impaciente, balançando a cabeça como um mergulhador que chega à superfície. Pegou o telefone e disse: — Tony Hill.

— Dr. Hill, aqui é Carol Jordan.

Tony não disse nada, aliviado que seus pensamentos tivessem fracassado em conjurar a mulher misteriosa.

— Aqui é a inspetora Jordan. Polícia de Bradfield — continuou Carol no silêncio que se seguiu.

— Olá, sim, desculpe, estava só tentando... limpar um espaço na minha mesa — titubeou Tony, e sua perna esquerda começou a tremer como uma xícara de chá num trem.

— Sinto muito, mas não vou conseguir chegar às dez. O sr. Brandon convocou uma reunião, e acho que não seria prudente perdê-la.

— Tudo bem, eu entendo — disse Tony, pegando com a mão livre uma caneta e desenhando sem se dar conta um narciso. — Já vai lhe ser difícil o bastante agir como intermediária sem que pareça que não faz parte da equipe. Não se preocupe com isso.

— Obrigada. Escute, não acho que essa reunião vai demorar muito, estarei com você assim que puder. Provavelmente por volta das onze, se isso não interferir em sua agenda.

— Está ótimo — respondeu ele, aliviado que não teria muito tempo para refletir antes que eles pudessem começar a trabalhar. — Não tenho nada agendado, então leve o tempo que precisar. Não será nenhum incômodo.

— Certo. Até lá.

Carol colocou o fone de volta no gancho. Até aqui tudo estava bem. Pelo menos Tony Hill não parecia um prisioneiro de seu ego profissional, ao contrário de vários dos especialistas com quem ela lidava. E, ao contrário da maioria dos homens, ele compreendera sua possível dificuldade sem ser condescendente com ela, e tinha aceitado com boa vontade um modo de agir que minimizaria os problemas dela. Com impaciência, ela afastou a lembrança da atração que sentira por ele. Ultimamente, ela não tinha tempo e nem interesse em se envolver emocionalmente. Dividir um apartamento com o irmão e encontrar tempo para manter algumas poucas amizades íntimas tomava toda a energia de que podia dispor. Além disso, o fim de seu último relacionamento tinha causado um baque muito grande em sua autoestima para que ela entrasse despreocupadamente em outro.

O caso com um cirurgião da ala de emergência em Londres não sobrevivera à sua mudança da Polícia Metropolitana para Bradfield três anos antes. Até onde Rob sabia, foi decisão de Carol se mudar para o congelante Norte. Então, viajar para cima e para baixo por rodovias e conseguir passar algum tempo juntos era responsabilidade dela. Ele não tinha nenhuma intenção de desperdiçar seu valioso tempo de folga acrescentando uma quilometragem desnecessária ao seu BMW só para ir a uma cidade cujo único atrativo compensatório era Carol. Além disso, as enfermeiras eram bem menos críticas e estressadas, e compreendiam turnos e expedientes longos tão bem quanto uma policial, se não melhor. Seu egoísmo brutal tinha perturbado Carol, que se sentia traída na emoção e na energia que investira em amar Rob. Tony Hill podia ser atraente, charmoso e, se sua reputação estivesse correta, inteligente e intuitivo, mas Carol não iria arriscar seu coração de novo. Especialmente com um colega de trabalho. Se ela estava achando difícil tirá-lo da cabeça, era porque estava fascinada pelo que poderia aprender com ele sobre o caso, não porque se interessara por ele.

Carol passou uma das mãos pelos cabelos e bocejou. Ela estivera em casa durante precisamente cinquenta e sete minutos nas últimas vinte e quatro horas. Vinte desses minutos foram gastos no chuveiro numa tentativa inútil de se vacinar contra os efeitos da falta de sono. Ela havia passado uma grande parte da noite indo de porta em porta com sua equipe do Departamento de Investigações Criminais em averiguações infrutíferas entre os nervosos habitantes, funcionários e frequentadores de Temple Fields e de seus estabelecimentos homossexuais. As reações dos homens tinham variado da total falta de cooperação ao insulto. Carol não se surpreendeu. A área estava fervilhando com uma grande quantidade de sentimentos contraditórios.

Por um lado, os estabelecimentos para gays não queriam a área infestada de policiais porque isso era ruim para os negócios. Por outro, os ativistas gays, cheios de raiva, exigiam proteção adequada agora que a polícia concluía com atraso que um serial killer de gays estava à solta. Um grupo de clientes ficou horrorizado de ser interrogado, já que sua vida homossexual era um segredo muito bem-escondido de esposas, amigos, colegas de trabalho e pais. Outro grupo bancava alegremente os machões, gabando-se de que nunca estariam numa situação em que pudessem ser assassinados por algum maníaco de olhar gélido. Já um terceiro grupo estava ansioso por detalhes, empolgado de forma obscura e, aos olhos de Carol, obscena pelo que podia ocorrer quando um homem saía do controle. E havia ainda algumas lésbicas separatistas que faziam o estilo linha-dura e não escondiam sua alegria pelos homens serem o alvo dessa vez.

— Talvez agora eles entendam por que ficamos tão indignadas durante a caça ao estripador de Yorkshire quando os homens sugeriram que as mulheres solteiras deveriam ter um toque de recolher — dissera uma delas em tom de escárnio a Carol.

Exausta por causa de toda essa confusão, a inspetora tinha dirigido de volta à sede da força para começar a pesquisa exaustiva nos arquivos das investigações existentes. A sala da divisão de homicídios estava estranhamente quieta, já que a maioria dos detetives estava fora em Temple Fields, seguindo diferentes linhas de investigação ou aproveitando para pôr a bebida, a vida sexual ou o sono em dia. Ela já tivera uma rápida conversa com os responsáveis pelas outras duas investigações de homicídio, e eles, com certa relutância, tinham concordado em lhe fornecer acesso aos seus arquivos desde que ela devolvesse o material em suas mesas no início da manhã. Não era exatamente o que esperava: a aparência era de colaboração, mas em termos reais era uma resposta calculada para lhe causar ainda mais problemas.

Quando entrou em seu escritório, ela ficou assombrada pelo volume de papel. Pilhas de declarações, relatórios forenses e patológicos e arquivos de fotografias praticamente enterravam seu local de trabalho. Por que, em nome de Deus, Tom Cross não decidira usar o sistema Holmes para os primeiros homicídios? Pelo menos assim todo o material estaria acessível no computador, indexado e com referências cruzadas. Tudo que ela teria que fazer então seria convencer um dos indexadores do Holmes a imprimir os itens relevantes para Tony. Com um gemido, ela fechou a porta na bagunça e andou pelos corredores vazios até o escritório do sargento de farda. Era chegada a hora de testar a instrução do chefe de polícia assistente de que todas as patentes colaborassem com ela. Sem outro par de mãos, ela nunca terminaria o trabalho da noite.

Mesmo com a ajuda de um policial, concedida com insatisfação, foi uma luta chegar ao final do material. Carol tinha passado os olhos pelos relatórios da investigação, extraindo tudo que parecia indicar alguma possibilidade de interesse e pedindo que o policial fizesse cópias. Mesmo assim, ainda havia uma desafiadora pilha de material em que Tony e ela trabalhariam. Quando o

assistente terminou o trabalho às seis, Carol carregou com cansaço as fotocópias para algumas caixas de papelão e cambaleou até seu carro com elas. Ela reuniu conjuntos inteiros de fotografias de todas as vítimas e cenas de crime, preenchendo um formulário para solicitar novas cópias para as equipes de investigação substituírem as que ela pegara.

Só então Carol se encaminhara para casa. Mesmo lá, não teve trégua. Nelson aguardava atrás da porta, miando de um jeito aborrecido enquanto entrelaçava seu corpo sinuoso em torno dos calcanhares dela, forçando-a a ir direto para a cozinha pegar o abridor de latas. Quando ela largou a tigela de comida na frente dele, o animal a olhou com suspeita, fazendo uma careta. Depois a fome sobrepujou seu desejo de puni-la e ele devorou todo o conteúdo da tigela sem fazer nenhuma pausa.

— Bom ver que senti minha falta — disse Carol ironicamente enquanto ia para o chuveiro. Quando saiu, Nelson tinha claramente decidido perdoá-la. Ele a seguia, ronronando como um tom de discagem, sentando-se em cada roupa que ela escolhia do armário e colocava na cama.

— Você é mesmo o fim — rosnou Carol, puxando seu jeans preto debaixo dele. Nelson continuou a adorando, nem um pouco abalado. Ela vestiu o jeans, admirando o corte no espelho do armário. Eles eram Katharine Hammett, mas só custaram vinte libras num brechó semestral na Kensington Church Street, onde ela sempre ia atrás das grifes que adorava, mas que não podia comprar, mesmo com o salário de inspetora. A blusa de linho creme era French Connection e o cardigã cinza com reforços de uma cadeia de loja de departamentos masculina. Carol limpou alguns pelos pretos da peça e notou o olhar de reprovação de Nelson.

— Você sabe que eu amo você. Só não preciso sair vestida de gato — disse ela.

— Você ficaria chocada se ele respondesse — disse uma voz masculina na entrada.

Carol se virou para encarar o irmão, que se inclinava contra a ombreira da porta, vestindo shorts, com o cabelo louro despenteado, olhos turvos de sono. Seu rosto tinha uma estranha congruência com o de Carol, como se alguém tivesse digitalizado a fotografia dela num computador e alterado sutilmente traços femininos para masculinos.

— Não acordei você, acordei? — perguntou ela, com ansiedade.

— Nada. Preciso ir a Londres hoje. O homem do dinheiro chegou.

Ele bocejou.

— Os americanos? — perguntou Carol, agachando-se e alisando o gato atrás das orelhas. Nelson prontamente rolou de costas, expondo toda a barriga para ser acariciado.

— Sim. Eles querem uma demonstração completa do que fizemos até agora. Venho dizendo a Carl que nada parece muito impressionante no momento, mas ele diz que quer alguma garantia de que não está só jogando o dinheiro do desenvolvimento pela janela.

— As alegrias do desenvolvimento de software — disse Carol, eriçando os pelos de Nelson.

— Desenvolvimento de software de ponta, por favor — retrucou Michael, meio de brincadeira. — E você? O que aconteceu lá na fábrica de homicídios? Ouvi no noticiário ontem que vocês tinham encontrado mais um.

— É o que parece. Pelo menos os chefões finalmente admitiram que temos um serial killer à solta. E eles trouxeram um analista de perfil psicológico para trabalhar conosco.

Michael deu um assobio.

— Puta merda, a polícia de Bradfield chegou ao século XX. Como o Popeye recebeu a notícia?

Carol fez uma careta.

— Ele gostou tanto disso quanto gostaria se lhe enfiassem um espeto nos olhos. Acha que é um completo desperdício de tempo — disse Carol, engrossando a voz e imitando o sotaque de Bradfield de Tom Cross. — Depois, quando me indicaram como intermediária com o analista de perfil criminal, ele ficou mais animado.

Michael assentiu com a cabeça, com uma expressão cínica no rosto.

— Dois coelhos com uma cajadada só.

Carol sorriu.

— É, bem, vai ter de passar por cima do meu cadáver.

Ela se levantou e Nelson deu um pequeno miado de protesto. Carol suspirou, dirigindo-se à porta.

— De volta ao trabalho, Nelson. Obrigada por tirar minha cabeça dos cadáveres — disse ela.

Michael chegou para o lado da porta para permitir que ela passasse e lhe deu um abraço.

— Não faça prisioneiros, maninha — disse ele.

Carol bufou.

— Acho que você não compreende muito bem os princípios do trabalho da polícia, maninho.

Quando ficou atrás do volante, o gato e Michael foram esquecidos. Ela estava de volta com o assassino.

Agora, algumas horas e uma pilha de relatórios noturnos da equipe de homicídios depois, a casa parecia uma lembrança tão distante quanto suas férias de verão em Ithaca. Carol forçou-se para fora da cadeira, pegou a

papelada e entrou no escritório principal do Departamento de Investigações Criminais.

Todas as cadeiras estavam ocupadas quando ela chegou; os detetives, normalmente baseados em outras delegacias, esforçando-se para conseguir um lugar na multidão. Dois de seus policiais se moveram para dar espaço para ela, um deles ofereceu sua cadeira.

— Merda de puxa-saco — disse uma voz de forma audível do outro lado da sala. Carol não conseguiu ver quem tinha falado, mas reconheceu que não era ninguém de sua própria equipe. Sorriu e balançou a cabeça negativamente para o policial não graduado, escolhendo sentar-se na beira da mesa dele ao lado de Don Merrick, que acenou numa saudação morosa. O relógio indicava nove e vinte e nove. A sala cheirava a charuto barato, café e jaquetas úmidas.

Um dos outros inspetores captou o olhar de Carol e começou a andar em direção a ela. Mas, antes que pudessem falar, a porta se abriu e Tom Cross entrou rapidamente, seguido por John Brandon. O superintendente parecia tranquilo de um jeito perturbador ao entrar com passos decididos. Os oficiais lhe davam passagem automaticamente, deixando um caminho livre para ele e Brandon andarem até o quadro branco na outra extremidade da sala.

— Bom-dia, rapazes — disse Cross, cordialmente. — E moças — acrescentou, como algo que só lhe tivesse ocorrido depois. — Não há ninguém aqui que não saiba que temos quatro assassinatos não solucionados em nossas mãos. Temos a identificação dos três primeiros corpos: Adam Scott, Paul Gibbs e Gareth Finnegan. Até agora não fizemos nenhum progresso quanto à quarta vítima. O pessoal no laboratório de patologia está trabalhando nele agora, tentando produzir um rosto que não embrulhe o estômago do público quando divulgarmos a imagem para a imprensa.

Cross respirou fundo. Talvez sua expressão tenha se tornado ainda mais benevolente.

— Como todos vocês sabem, não sou um homem dado a teorizar além do que apontam as evidências. E, oficialmente, tenho relutado a conectar esses assassinatos por causa da histeria de mídia que isso traria para nós. Julgando pelas manchetes desta manhã, eu estava certo quanto a isso.

Ele apontou para vários dos jornais que os detetives seguravam.

— Contudo, à luz do homicídio mais recente, precisamos rever nossa estratégia. Desde ontem à tarde, reuni os quatro inquéritos de assassinato numa única investigação.

Houve um murmúrio de apoio. Don Merrick se inclinou para a frente e murmurou no ouvido de Carol:

— Troca mais de opinião do que de roupa.

Ela concordou.

— Queria que ele trocasse as meias com a mesma frequência.

Cross lançou um olhar furioso na direção deles. Ele não podia ter ouvido os comentários, mas ver os lábios de Carol se moverem era desculpa suficiente.

— Fiquem quietos — ordenou ele com severidade. — Não terminei ainda. Pois bem, não é preciso muito em matéria de habilidade investigativa para ver que esse lugar é muito pequeno para nós *e mais* as atividades normais do posto policial, então, assim que tivermos terminado aqui nesta manhã, mudaremos nossa operação para a antiga delegacia na Scargill Street, que como alguns de vocês devem lembrar foi desativada seis meses atrás. Durante a noite, uma equipe de funcionários de manutenção, peritos em computadores e engenheiros de telecomunicação foi até lá e a colocou num estado operacional.

Isso levantou um coro de protestos. Ninguém derramara uma lágrima quando o velho prédio vitoriano na Scargill Street foi fechado. Inconveniente, sujeito a correntes de ar, com poucas vagas de estacionamento, banheiros femininos — tudo, a não ser celas —, o prédio tinha sido designado para demolição e reconstrução. Como era típico, não houve dinheiro suficiente no orçamento para levar o projeto adiante.

— Eu sei, eu sei — disse Cross, cortando as reclamações. — Mas todos estaremos sob o mesmo teto, assim poderei ficar de olho em vocês. Estarei no comando geral das investigações. Vocês terão dois inspetores a quem se reportar: Bob Stansfield e Kevin Matthews. Eles vão listar suas atribuições num minuto. A inspetora Jordan não estará envolvida nisso, mas numa iniciativa do sr. Brandon. — Cross pausou. — Com a qual tenho certeza de que todos vocês vão querer cooperar.

Carol manteve a cabeça erguida e olhou em volta. Grande parte dos rostos que ela podia ver mostrava flagrante cinismo. Várias cabeças se viraram para ela. Não havia cordialidade em seus olhares. Mesmo aqueles que talvez apoiassem a iniciativa de criação de perfis criminais estavam irritados que aquele trabalho importante tinha sido dado a uma mulher em vez de um dos homens.

— Pois bem, Bob assumirá as responsabilidades operacionais da inspetora Jordan para Paul Gibbs e Adam Scott, e Kevin cuidará do cadáver de ontem e também de Gareth Finnegan. A equipe HOLMES foi acionada, e eles começarão a inserir seus dados tão logo os nerds tenham instalado os cabos em seus lugares. O inspetor Dave Woolcott, de quem alguns de vocês se lembrarão de quando ele foi sargento aqui, será o chefe da investigação no comando da equipe HOLMES. A palavra está com o senhor, sr. Brandon.

Cross deu um passo atrás e acenou para o chefe de polícia assistente ir à frente. Seu gesto por pouco não ultrapassou os limites da educação, indo

recair na insolência.

Brandon parou por um momento para olhar a sala em volta. Ele nunca tinha precisado fazer um discurso de convencimento mais importante. A maioria dos detetives na sala estava entediada e frustrada. Muitos deles vinham trabalhando num dos homicídios anteriores há meses, com muito pouco para mostrar como resultado. A capacidade de motivação de Tom Cross era célebre, mas mesmo ele estava tendo dificuldades, em especial por causa de sua recusa intransigente em admitir anteriormente que os crimes estavam relacionados. Era hora de derrotar Tom Cross em seu próprio jogo. Agir com severidade nunca foi o ponto forte de Brandon, mas ele tinha praticado a manhã inteira em frente ao espelho em que se barbeava, enquanto comia seus ovos com torrada, e no carro a caminho do posto policial. Brandon enfiou uma das mãos no bolso da calça e cruzou os dedos.

— Esta é provavelmente a tarefa mais difícil de nossas carreiras. Pelo que sabemos, esse sujeito só está operando em Bradfield. De certa forma, estou satisfeito por isso, porque nunca vi um grupo melhor de detetives do que temos aqui. Se alguma equipe pode pegar esse canalha, essa equipe é a de vocês. Podem contar com cento e dez por cento do apoio de seus oficiais superiores e com todos os recursos de que precisam, quer os políticos queiram ou não.

O tom de beligerância de Brandon ganhou um murmúrio de aprovação na sala.

— Em mais de um aspecto, vamos desbravar um novo caminho. Todos vocês sabem sobre os planos do Ministério do Interior para uma Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Bem, nós seremos as cobaias. Dr. Tony Hill, o homem que vai dizer ao Ministério do Interior o que pensar, concordou em trabalhar conosco. Agora, sei que há alguns entre vocês que pensam que a criação de perfis não passa de um monte de bobagens. Mas

gostem ou não, é parte do nosso futuro. Se cooperarmos e trabalharmos com esse sujeito, teremos muito mais chance de que essa força-tarefa termine do modo como queremos. Se nós enchermos a paciência dele, é capaz de termos um fardo enorme em nossas costas. Está claro para todo mundo aqui?

Brandon olhava com severidade em volta da sala, sem deixar de notar Tom Cross. Os gestos de assentimento variavam dos entusiasmados aos quase imperceptíveis.

— Estou satisfeito que nos entendemos. O trabalho do dr. Hill é avaliar os indícios que lhe fornecermos e criar um perfil do assassino para nos ajudar a concentrar nossas investigações. Indiquei a inspetora Carol Jordan como oficial intermediária entre o esquadrão de homicídios e o dr. Hill. Inspetora Jordan, pode se levantar por um minuto?

Assustada, Carol se levantou depressa, deixando cair os arquivos pelo caminho. Don Merrick imediatamente se ajoelhou e pegou os papéis que escapuliram.

— Para aqueles de outras divisões que não conhecem, essa é a inspetora Jordan.

Boa, Brandon, pensou Carol. Como se houvesse esquadrões de detetives femininas para escolher.

— A inspetora Jordan precisa ter acesso a cada folha de papel desta investigação. Quero mantê-la completamente informada sobre qualquer avanço. Qualquer um que esteja atrás de uma pista promissora deve discuti-la com ela e também com seu inspetor ou com o superintendente Cross. E qualquer pedido da inspetora Jordan deve ser tratado como uma solicitação urgente. Se chegar ao meu conhecimento que alguém está bancando o engraçadinho, tentando excluir a inspetora Jordan ou o dr. Hill da investigação, não vou livrar a cara de ninguém. O mesmo se aplica a qualquer um que deixe vazar qualquer coisa sobre este aspecto da investigação para a

mídia. Então pensem bem. A menos que tenham uma intensa ambição de voltar a vestir uma farda e andar na chuva pelas ruas de Bradfield por todo o resto da carreira, vocês farão tudo o que for possível para ajudá-la. Isto aqui não é uma competição. Estamos todos do mesmo lado. Dr. Hill não está aqui para capturar o assassino. Esse é seu...

Brandon parou a frase no meio. Ninguém havia notado a porta se abrindo, mas as palavras do sargento da sala de comunicações captaram a atenção de todos mais rapidamente do que um tiro.

— Desculpe interromper, senhor — disse ele, com a voz tensa pela emoção contida. — Temos a identificação da vítima de ontem. Ele é um dos nossos homens.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 004**

Foi um jornalista americano quem disse: “Eu vi o futuro, e ele funciona.” Sei exatamente o que ele quis dizer. Depois do cachorro, sabia que Adam não seria nenhum problema.

Passei o resto da semana num estado de tensão nervosa. Tive até a tentação de experimentar um dos tranquilizantes, mas resisti. Não era hora de ceder à fraqueza. Além disso, não podia me dar ao luxo de estar menos do que em completo autocontrole. Meus anos de autodisciplina foram recompensados; duvido que algum dos meus colegas tenha notado algo de estranho em meu comportamento no trabalho, exceto que eu não conseguia realizar os turnos extras de fim de semana para os quais eu geralmente me voluntariava.

Na manhã de segunda, eu estava no auge da prontidão. Tinha me preparado e estava impecável; sublime homicida à espera. Até o clima estava do meu lado. Era uma manhã de outono clara e límpida, o tipo de dia que

abre um sorriso mesmo nas pessoas que precisam tomar conduções diariamente para ir e voltar do trabalho. Um pouco antes das oito, passei de carro pela residência de Adam, uma casa nova de três andares com terraço e garagem no piso inferior. As cortinas do quarto dele estavam fechadas, a garrafa de leite ainda aguardava na porta, metade de um Daily Mail estava para fora na caixa de correio. Estacionei a algumas ruas de distância, perto de uma fileira de lojas, e refiz meu caminho. Andei pela rua dele, com a satisfação de até agora estar em sincronia. As cortinas de seu quarto estavam recolhidas, o leite e o jornal tinham ido embora. No final da rua, atravessei para um pequeno parque e sentei-me num banco.

Abri meu próprio Daily Mail e imaginei Adam lendo as mesmas histórias que eu estava olhando sem ver. Mudei de posição de modo que pudesse visualizar a porta de entrada dele sem erguer meu jornal, e pus minha visão periférica em alerta. Às oito e vinte, a porta se abriu conforme o cronograma, e Adam surgiu. De modo casual, dobrei meu jornal, joguei-o na lixeira ao lado do banco e caminhei no encalço dele.

A estação de bonde ficava a menos de dez minutos de distância a pé, e eu estava logo atrás de Adam enquanto ele andava na plataforma lotada. O bonde chegou deslizando na estação momentos mais tarde e ele se adiantou com o fluxo de passageiros. Fiquei ligeiramente atrás e deixei algumas pessoas ficarem entre nós; eu não ia me arriscar.

Ele estava movendo a cabeça enquanto entrou no bonde. Eu sabia exatamente por quê. Quando seus olhos se encontraram, Adam acenou e avançou, contorcendo-se pela multidão de modo que eles pudessem conversar estupidamente por todo o caminho até a cidade. Observei-o enquanto ele se inclinava para a frente. Conhecia todas as expressões do seu rosto, todos os ângulos e gestos de seu corpo esbelto e musculoso. Seus cabelos, os cachinhos na nuca ainda úmida; a pele, rosa e brilhosa por ter feito a barba; o perfume de sua colônia Aramis. Ele riu alto de algo na conversa deles, e senti o gosto amargo da bile subindo na boca. O gosto da traição. Como é que ele tinha coragem? Deveria ser eu falando com ele, animando-lhe o rosto, provocando aquele belo sorriso nos lábios. Se minha firmeza de propósito tivesse por um momento fraquejado, a visão dos dois aproveitando aquele encontro matinal de segunda-feira teria solidificado minha resolução como granito.

Como de costume, ele saiu do bonde em Woolmarket Square. Eu estava a menos de dez metros atrás. Ele se virou para acenar de volta para o seu amor, que logo estaria de luto. Rapidamente virei para o outro lado, fingindo ler o quadro de horários do bonde. A última coisa que queria naquele momento era que ele me notasse, que percebesse que eu estava seguindo de perto seus passos. Esperei alguns segundos, depois retomei a perseguição. Esquerda, na Bellwether Street. Consegui ver seus cabelos escuros se movendo para cima e para baixo entre os funcionários de lojas e escritórios que lotavam as calçadas. Adam pegou um atalho por uma passagem à direita, e eu apareci na

Crown Plaza bem a tempo de vê-lo entrar no prédio da Inland Revenue onde ele trabalhava. Contente por aquela ser só mais uma segunda-feira, continuei pela praça, passei pelo baixo e largo prédio comercial de vidro e metal, e entrei nas recém-restauradas arcadas vitorianas do shopping.

Tinha tempo para gastar. O pensamento trouxe um sorriso aos meus lábios.

Saí para fazer algumas pesquisas na Biblioteca Central. Eles não tinham nada novo, então eu me contentei com um velho favorito, *Killing for Company*. O livro sobre o caso de Dennis Nilsen nunca deixa de me fascinar e repelir ao mesmo tempo. Ele matou quinze homens jovens sem que ninguém jamais sentisse falta deles. As pessoas não tinham a menor ideia de que havia um serial killer de gays perseguindo os sem-teto e os sem raízes. Nilsen se tornou amigo deles, levou-os para casa, mas só podia lidar com eles depois que tivessem se tornado perfeitos na morte. Então, e só então, podia abraçá-los, fazer sexo com eles, tratá-los com carinho. Pois bem, isso é doentio. Esses jovens não tinham feito nada para merecer seu destino; não tinham cometido nenhuma deslealdade, nenhum ato de traição.

O único erro que Nilsen cometeu foi o descarte dos corpos. É quase como se, inconscientemente, ele quisesse ser pego. Cortá-los e cozinhá-los, tudo bem, mas jogá-los no vaso sanitário? Devia ser óbvio para um homem inteligente como ele que o sistema de esgoto sanitário não seria capaz de dar conta

daquele volume de sólidos. Nunca entendi por que ele simplesmente não alimentou o cão com a carne.

Contudo, nunca é tarde demais para aprender com os erros dos outros. As mançadas dos assassinos nunca deixam de me surpreender. Não é preciso muita inteligência para compreender como a polícia e os peritos forenses trabalham e tomar as precauções adequadas. Principalmente porque os homens que ganham a vida tentando capturar assassinos escreveram gentilmente manuais detalhados sobre a própria natureza de seu trabalho. Por outro lado, raramente ouvimos sobre os fracassos. Eu sabia que jamais apareceria nesses catálogos de incompetência. Tinha planejado bem demais, cada risco minimizado e equilibrado com os benefícios que traria. O único relato do meu trabalho será este diário, que não verá a tinta da impressora até que meu último suspiro seja uma memória distante. Meu único arrependimento é que não vou estar presente para ler as resenhas.

Eu estava de volta ao meu posto às quatro, muito embora nunca tenha ficado sabendo que Adam deixou o trabalho antes de quinze para as cinco. Sentei-me à janela no Burger King da Woolmarket Square, no lugar perfeito para observar a entrada do beco que levava ao escritório dele. No momento certo, ele surgiu, às quatro e quarenta e sete, e se encaminhou para o ponto do bonde. Juntei-me ao emaranhado de pessoas que aguardavam na plataforma elevada, sorrindo com meus botões enquanto ouvia o apito do bonde a distância. Aproveite a viagem, Adam. Será sua última.



O fato foi que “gostei” dele e resolvi estreitar minha atividade em seu pescoço.

Quando Damien Connolly não apareceu no início do seu turno como policial do serviço local de informações na delegacia da Divisão F, no lado sul da cidade, a sargento de plantão não ficou muito preocupada. Embora o policial Connolly fosse um dos melhores analistas de antecedentes criminais da força, e um policial com treinamento no sistema HOLMES, ele era conhecido por não cumprir horários. Pelo menos duas vezes por semana, entrava com violência pelas portas da delegacia uns bons dez minutos após o início do turno. Contudo, quando ainda não havia chegado meia hora depois, a sargento Claire Bonner sentiu uma pontada de irritação. Mesmo Connolly tinha juízo suficiente para perceber que, se ia se atrasar mais de quinze minutos, precisava ligar. Principalmente hoje, quando o comando da força estava exigindo o comparecimento de todos os oficiais HOLMES na investigação do serial killer.

Suspirando, a sargento Bonner verificou o número do telefone residencial de Connolly em seus arquivos e ligou. O telefone tocou e tocou, até que finalmente a linha foi desconectada automaticamente. Ela sentiu um arrepio de preocupação. Connolly era meio solitário fora do trabalho. Era mais quieto e talvez mais pensativo que a maioria dos policiais no apoio da sargento Bonner; sempre mantinha certa distância quando participava da vida social da delegacia. Pelo tanto que ela sabia, não havia namorada em cuja cama Connolly poderia ter dormido demais. Sua família estava toda em Glasgow, então não adiantava tentar contatar os parentes. Bonner forçou a memória. O dia anterior tinha sido um dia de folga para os substitutos do turno. Quando eles saíram do turno da noite anterior, Connolly viera tomar café da manhã com ela e meia dúzia dos outros rapazes. Ele não tinha dito nada sobre ter planos para seu tempo livre, a não ser recuperar o sono atrasado e trabalhar em seu carro, um velho conversível Austin Healey.

A sargento Bonner foi até a sala de comando e conversou com outro sargento, pedindo-lhe que uma radiopatrulha fosse até a casa de Connolly para verificar se ele não estava doente ou ferido.

— Veja se eles podem checar a garagem, certifique-se de que a porcaria do carro dele não caiu do macaco com ele embaixo — acrescentou enquanto voltava à sua mesa.

Já passava das oito quando o sargento da sala de controle apareceu no escritório de Bonner.

— Os rapazes foram à casa de Connolly. Ninguém respondeu à porta. Eles fizeram uma boa sondagem em volta, e todas as cortinas estavam abertas. Tinha leite na porta. Nenhum sinal de vida até onde eles podiam identificar. Só observaram algo um pouco estranho. O carro estava estacionado na rua, o que não é do feitio dele. Não preciso lhe dizer que ele trata aquele automóvel como as joias da coroa.

A sargento Bonner franziu a testa.

— Talvez alguém estivesse com ele. Um parente ou uma namorada? Talvez ele os tenha deixado colocar seus carros na garagem?

O sargento da sala de comando sacudiu a cabeça.

— Não. Os rapazes olharam pela janela da garagem, e ela estava vazia. E não se esqueça do leite.

A sargento Bonner deu de ombros.

— Não há muito mais que possamos fazer, então, há?

— Bem, ele já passou dos vinte e um. Achei que ele teria juízo suficiente para não entrar na lista de desaparecidos, mas você sabe o que dizem dos mais quietinhos.

A sargento Bonner suspirou.

— Vou arrancar as tripas dele quando ele aparecer. A propósito, pedi a Joey Smith para substituí-lo na função deste turno.

O sargento da sala de comando ergueu os olhos.

— Você sabe mesmo como fazer um homem ganhar o dia, não é? Não podia ter escolhido um dos outros? Smith mal domina o alfabeto.

Antes que a sargento Bonner pudesse discutir longamente o assunto, houve uma batida na porta.

— Sim? — gritou ela. — Entre.

Uma policial da sala de comando entrou com hesitação. Ela parecia ter um leve mal-estar.

— Chefe. — A preocupação em sua voz era óbvia nessa única palavra. — Acho que é melhor dar uma olhada nisto. — Ela segurava uma folha de fax com a extremidade inferior irregular onde tinha sido rasgada apressadamente do rolo.

Por estar mais perto, o sargento da sala de comando pegou a folha frágil e a olhou. Ele inspirou com força, depois fechou os olhos por um momento.

Sem dizer nada, entregou o fax à sargento Bonner.

A princípio, tudo que ela viu foi o preto e branco nítido da fotografia. Por um momento, e com a proteção automática do horror que sua mente produzia, ela se perguntou por que alguém tinha passado por cima dela e comunicado o desaparecimento de Connolly. Depois, seus olhos converteram as marcas no papel em palavras.

“Fax urgente para todos os postos policiais. Esta é a vítima de assassinato não identificada descoberta ontem à tarde no pátio do pub Queen of Hearts, Temple Fields, Bradfield. Fotografia ainda na tarde de hoje. Favor circular e divulgar. Quaisquer informações ao detetive-inspetor Kevin Matthews na sala de ocorrências da Scargill Street, ramal 2456.”

A sargento Bonner olhava desolada para os outros dois policiais.

— Não há nenhuma dúvida, há?

A policial olhou para o chão, sua pele estava pálida e viscosa.

— Acho que não, chefe — disse ela. — É Connolly. Digo, não é propriamente um bom retrato, mas com certeza é ele.

O sargento da sala de comando pegou o fax.

— Vou contatar o detetive-inspetor Matthews imediatamente — avisou ele.

A sargento Bonner empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— É melhor eu ir ao necrotério. Eles vão precisar de uma identificação formal o mais rápido possível para que possam avançar na investigação.

• • •

— Isso muda todo o jogo — constatou Tony, com o rosto sombrio.

— Certamente aumenta os riscos — disse Carol.

— A pergunta que me faço é se o Faz-tudo sabia que estava nos dando um policial — disse Tony baixinho, girando em sua cadeira para olhar pela janela os telhados da cidade.

— O quê?

Ele deu um sorriso torto e disse:

— Não, sou eu que tenho de me desculpar. Sempre lhes dou apelidos. Torna as coisas pessoais.

Ele girou de volta para encarar Carol.

— Isso incomoda você?

Carol negou com um aceno de cabeça.

— É melhor que o apelido da delegacia.

— Que é? — perguntou Tony, com as sobrancelhas erguidas.

— Assassino de Bonecas — respondeu Carol, com visível aversão.

— Isso levanta muitas questões — observou Tony, sem revelar sua opinião. — Mas, se os ajuda a lidar com o medo e a raiva, provavelmente não é uma coisa ruim.

— Eu não gosto. Não me parece pessoal chamá-lo de Assassino de Bonecas.

— O que parece pessoal para você? O fato de que ele pegou um dos seus agora?

— Já me sentia assim. Logo que houve o segundo assassinato, o que estava sob minha responsabilidade, eu estava convencida de que estávamos lidando com um criminoso em série. Foi quando se tornou pessoal para mim. Quero pegar esse canalha. Preciso. Profissionalmente, pessoalmente, tanto faz.

A veemência desapaixonada na voz de Carol deu confiança a Tony. Essa era uma mulher que ia mover céus e terra para se certificar de que ele tinha o que precisava para fazer seu trabalho. O tom de voz e as palavras que tinha

escolhido eram também um desafio calculado, mostrando-lhe que ela não dava a mínima sobre o que ele pensava acerca de seu desejo. Ela era exatamente o que ele precisava. Profissionalmente, pelo menos.

— Não apenas você, como eu também — disse Tony. — E, juntos, podemos fazer isso acontecer. Mas apenas juntos. Sabe, na primeira vez que me envolvi diretamente com a criação de perfis criminais, era um incendiário em série. Depois de meia dúzia de grandes incêndios, eu sabia como ele fazia, por que fazia, o que lhe interessava nisso. Sabia exatamente o tipo de canalha maluco que ele era, e ainda assim eu não podia atribuir-lhe um nome ou um rosto. Por um tempo, a frustração me deixou maluco. Depois, percebi que não era meu trabalho fazer isso. Esse é o seu trabalho. Tudo que posso fazer é lhe apontar a direção certa.

Carol sorriu com gravidade.

— Basta apontar, e vou estar atrás dele como um cão de caça — disse ela. — Quando falou que se perguntava se ele sabia que Damien Connolly era um policial, o que quis dizer?

Tony passou a mão pelos cabelos, deixando-os espetados como os de um punk.

— Muito bem. Temos duas hipóteses aqui. O Faz-tudo podia não saber que Damien Connolly era um policial. Pode não ser mais que uma coincidência, uma coincidência particularmente desagradável para seus colegas, mas ainda assim uma coincidência. Essa não é uma hipótese com que eu esteja satisfeito, contudo, porque a minha interpretação, baseada no pouco que sei até agora, é que essas não são vítimas aleatórias selecionadas ao acaso. Acho que ele as escolhe com cuidado, e planeja em detalhes. Você concorda com isso?

— Ele não deixa as coisas ao sabor do acaso, isso é óbvio — disse Carol.

— Exato. A alternativa é que o Faz-tudo sabe muito bem que sua quarta vítima é um policial. Essa hipótese leva a duas outras possibilidades. A primeira: ele sabia que tinha matado um policial, mas esse fato é absolutamente irrelevante para o significado do assassinato para ele. Em outras palavras, Damien Connolly cumpria todos os outros critérios que o Faz-tudo precisava em suas vítimas, e ele teria morrido naquele momento quer fosse um policial ou motorista de ônibus. A outra hipótese é a de que gosto mais, porém: o fato de que Damien era policial é parte crucial do motivo pelo qual ele o escolheu como sua quarta vítima.

— Você quer dizer que ele está fazendo pouco caso da gente? — perguntou Carol.

Graças a Deus ela era rápida. Isso simplificaria muito o trabalho. Ela havia se saído bem na carreira, já que não lhe faltava aparência nem cérebro. Qualquer dos atributos isolado teria facilitado a promoção.

— Isso certamente é uma possibilidade — reconheceu Tony. — Mas acho que é mais provável que seja uma questão de vaidade. Acho que ele começou a ficar de saco cheio com a recusa do detetive-superintendente Cross em reconhecer sua existência. Aos seus próprios olhos, ele é muito bem-sucedido no que faz. Ele é o melhor. E merece reconhecimento. E esse desejo de reconhecimento foi contrariado pela recusa da polícia em admitir que há apenas um criminoso por trás desses homicídios. Tudo bem, o *Sentinel Times* vem especulando sobre um serial killer desde a segunda vítima, mas isso não é o mesmo que receber a glória oficial pela própria polícia. E eu posso ter posto lenha na fogueira, sem querer, depois do terceiro homicídio.

— Com a entrevista que deu ao *Sentinel Times*?

— É. Minha sugestão de que era possível que houvesse dois assassinos trabalhando pode tê-lo deixado com raiva por não estar sendo reconhecido como um mestre de sua arte.

— Meu Deus — disse Carol, dividida entre a repulsa e o fascínio. — Então ele passou a perseguir um policial para que o levássemos a sério?

— É uma possibilidade. É claro, não podia ser qualquer policial. Muito embora dar seu recado aos figurões seja importante para o Faz-tudo, a principal diretriz ainda é tentar encontrar vítimas que cumpram seus critérios personalíssimos.

Carol franziu a testa.

— Então você está dizendo que há algo em Connolly que o torna diferente da maioria dos outros policiais?

— Parece que sim.

— Talvez seja a questão da sexualidade — refletiu Carol. — Digo, não há muitos homossexuais na força. E os que são gays estão tão no armário que daria para confundi-los com um cabide.

— Calma aí. — Tony riu, levantando as mãos, como se ela fosse atacá-lo, e ele estivesse se defendendo. — Nada de teorizar sem dados. Não sabemos ainda se Damien era gay. O que pode ser útil, porém, é descobrir em que turnos Damien trabalhou recentemente. Digamos, nos últimos dois meses. Isso nos dará uma ideia dos horários em que ele estava em casa, o que pode ajudar os policiais que vão interrogar os vizinhos. Além disso, devíamos fazer perguntas aos policiais do turno dele para verificar se sempre ficava sozinho ou se já deu carona até em casa a alguém. Precisamos descobrir tudo que há para saber sobre Damien Connolly tanto como homem quanto como policial.

Carol sacou seu caderno e escreveu um lembrete para si mesma.

— Turnos — murmurou.

— Há algo mais que isso pode nos dizer sobre o assassino — disse Tony devagar, organizando as ideias que surgiam em sua mente.

Carol olhou para cima, com os olhos atentos.

— Prossiga.

— Ele é muito bom no que faz — constatou Tony, sem emoção. — Pense bem. Um policial é um observador treinado. Mesmo o cara mais lerdo é muito mais alerta sobre o que está acontecendo à sua volta que a média das pessoas comuns. Pois bem, pelo que você me contou, Damien Connolly era um sujeito esperto. Era analista de antecedentes criminais, o que significa que era ainda mais atento que a maioria dos policiais. Ao meu ver, o trabalho de um analista de antecedentes criminais é funcionar como uma enciclopédia ambulante da delegacia. Ter todas as informações locais sobre criminosos conhecidos e detalhes sobre o modus operandi em fichas de arquivo é muito bom. Mas se o analista não for esperto, então o sistema não tem nenhum valor, não é assim?

— Na mosca. Um bom analista vale meia dúzia de corpos no chão — concordou Carol. — E de acordo com todos os relatos, Connolly era um dos melhores.

Tony se reclinou na cadeira.

— Então se o Faz-tudo perseguiu Damien sem deixar soar nenhum alarme, ele tem que ser muito bom. Pense, Carol, se alguém estivesse continuamente lhe perseguindo, você ia perceber, não ia?

— Espero que sim — respondeu Carol, secamente. — Mas sou mulher. Talvez sejamos um pouquinho mais alertas que os homens.

Tony sacudiu a cabeça negativamente.

— Acho que um policial esperto como Damien teria notado qualquer coisa a não ser que fosse um perseguidor muito profissional.

— Você quer dizer que talvez estejamos procurando alguém da polícia? — indagou Carol, com a voz subindo de tom enquanto dizia o impensável.

— É uma possibilidade. Não posso defendê-la com mais ênfase até que tenha visto todas as provas. É isso aqui? — perguntou Tony, com um gesto

para a caixa de papelão que Carol depositara ao lado da porta de seu escritório.

— Parcialmente. Tem outra caixa e outras pastas de fotografias ainda no carro. E isso depois de muita edição.

Tony fez uma careta.

— Antes você do que eu. Vamos lá pegar, então?

Carol se levantou.

— Por que não começa enquanto eu vou pegar o resto?

— Quero ver as fotografias primeiro, então posso ir e ajudar — disse ele.

— Obrigada — agradeceu Carol.

No elevador, eles ficaram em lados opostos, ambos conscientes da presença física um do outro.

— Esse seu sotaque não é de Bradfield — comentou Tony quando as portas se fecharam. Se quisesse ser bem-sucedido no trabalho com Carol Jordan, ele precisava saber o que a levava a agir como agia, tanto pessoal quanto profissionalmente. Quanto mais coisas pudesse descobrir sobre ela, melhor.

— Achei que tinha deixado o trabalho de detetive com a gente?

— Nós, psicólogos, somos bons em afirmar o óbvio. Não é isso que nossos críticos na força dizem?

— Touché. Sou de Warwick. Estudei na Universidade em Manchester e depois emendei na Polícia Metropolitana de Londres. E você? Não sou boa com sotaques, mas consigo identificar quem é do norte, embora você também não pareça de Bradfield — respondeu Carol.

— Nascido e criado em Halifax. Universidade de Londres, em seguida doutorado em Filosofia em Oxford. Oito anos em hospitais especiais. Dezoito meses atrás, o Ministério do Interior me contratou para fazer esse estudo de viabilidade.

Dar um pouco para receber muito, quem mesmo estava sondando quem?

— Então somos dois forasteiros — concluiu Carol.

— Talvez tenha sido por isso que John Brandon escolheu você para estabelecer essa ligação comigo.

As portas do elevador se abriram e eles caminharam pelo estacionamento subterrâneo até a parte de carros de visitantes, onde Carol havia deixado seu carro. Tony levantou a caixa de papelão do porta-malas.

— Você deve ser mais forte do que parece — disse, respirando com esforço.

Carol pegou as pastas de fotografias e sorriu.

— E sou faixa preta em jogar Detetive — disse ela.

— Escute, Tony, se esse maníaco estiver na polícia, que tipo de coisa esperaria encontrar?

— Não devia ter dito isso. Estava teorizando antes de ter acesso aos dados, e não quero que dê a isso nenhuma importância, está bem? Apague isso da memória — arfou Tony.

— Tudo bem, mas quais seriam os sinais? — insistiu ela.

Eles estavam de volta ao elevador antes que Tony a tivesse respondido.

— Um comportamento que exibe familiaridade com a polícia e o procedimento forense — explicou ele. — Mas, sozinho, isso não prova nada. Há tantos detetives realistas nos livros e na TV hoje em dia que qualquer um poderia saber esse tipo de coisa. Olhe, Carol, por favor, tire isso da sua cabeça. Precisamos manter a mente aberta. Caso contrário, o trabalho que fazemos não tem valor.

Carol suprimiu um suspiro.

— Tudo bem. Mas vai me contar se ainda pensa assim depois que tiver visto os indícios? Porque, se for mais do que uma possibilidade remota, talvez precisemos repensar a forma como lidamos com a investigação.

— Prometo que sim — disse ele. As portas do elevador se abriram, como se estivessem colocando seu próprio ponto final na conversa.

De volta ao escritório, Tony retirou o primeiro grupo de fotografias das pastas.

— Antes de começar, poderia me informar como você gostaria de proceder? — perguntou Carol, pronta para fazer anotações.

— Primeiro, analiso as fotos, depois pedirei que me atualize quanto à investigação até agora. Quando tivermos feito isso, analisarei os papéis eu mesmo. Depois disso, o que geralmente faço é traçar um perfil de cada uma das vítimas. Depois temos outra sessão com isso — disse ele, brandindo seus formulários. — E, em seguida, eu ando na corda bamba e estabeleço um perfil do criminoso. Isso parece sensato para você?

— Parece ótimo. Quanto tempo é provável que leve?

Tony franziu a testa.

— É difícil dizer. Alguns dias, com certeza. Porém, o Faz-tudo parece trabalhar num ciclo de oito semanas, e não há sinal de que ele esteja acelerando. Só isso já é incomum, a propósito. Depois que eu tiver estudado o material, terei uma ideia melhor de quanto ele está no controle, mas acho que provavelmente temos algum tempo antes que ele mate de novo. Tendo isso em conta, ele pode já ter selecionado sua próxima vítima, então temos de nos certificar de manter qualquer progresso que fizermos longe da imprensa. A última coisa que queremos é ser o estopim para ele agilizar o processo.

Carol resmungou.

— Você é sempre assim tão otimista?

— Faz parte. Ah, e mais uma coisa: se você encontrar qualquer suspeito, prefiro não saber nada sobre ele por enquanto. Há uma possibilidade de que meu subconsciente altere o perfil para se adequar.

Carol bufou.

— Quem dera.

— Ruim assim, é?

— Ah, detivemos todos que tinham um histórico de abuso sexual ou crimes violentos contra gays, mas nenhum deles parece nem uma possibilidade remota.

Tony fez uma cara de solidariedade, depois pegou as fotografias do cadáver de Adam Scott e passou lentamente a analisá-las. Puxou uma caneta e o bloco A4 para perto de si. Olhou para Carol.

— Café? — perguntou ele. — Queria ter perguntado antes, mas estava muito interessado no que estávamos falando.

Carol se sentiu como parte de uma conspiração. Ela vinha gostando da conversa deles também, embora com uma pontada de culpa porque múltiplos assassinatos não deviam ser uma fonte de prazer. Conversar com Tony era como falar com alguém semelhante a ela, que não escondia o jogo, e cuja principal preocupação era encontrar um caminho até a verdade, não uma forma de alimentar o ego. Era algo que ela sentira falta nesse caso até então.

— Eu também — admitiu. — Estou provavelmente chegando ao estágio onde o café é uma necessidade. Quer que eu vá pegar um pouco?

— Ah, meu Deus, não! — Tony riu. — Não é para isso que você está aqui. Espere aqui, já volto. Como gosta do seu?

— Puro, sem açúcar. Direto na veia, de preferência.

Tony pegou uma garrafa térmica grande no seu armário de arquivos e desapareceu. Ele estava de volta cinco minutos depois, com duas canecas de onde saía fumaça e a garrafa térmica. Ele entregou a Carol uma das canecas e fez um gesto em direção à garrafa.

— Está cheia. Imagino que vamos ficar por aqui algum tempo. Sirva-se como e quando quiser.

Carol tomou um gole, grata.

— Quer se casar comigo? — perguntou ela, num romantismo fingido.

Tony riu novamente, para esconder a súbita apreensão que lhe revolveu o estômago, uma resposta familiar mesmo ao flerte mais desinteressado.

— Você não vai dizer isso em alguns dias — respondeu ele, evasivo, voltando sua atenção às fotografias.

— Vítima número um: Adam Scott — disse ele baixinho, fazendo uma anotação no bloco. Tony analisava as fotografias uma de cada vez, depois voltava ao começo. A primeira imagem mostrava uma praça urbana, casas georgianas altas de um lado, um prédio de escritórios moderno no outro e uma fileira de lojas, bares e restaurantes no terceiro. No centro da praça ficava um jardim público, cortado por dois caminhos diagonais. No meio havia uma fonte vitoriana decorada com água potável. O parque era cercado por um muro de tijolos de noventa centímetros de altura. Ao longo dos dois lados do jardim havia arbustos cerrados. O ambiente era levemente gasto, a argamassa das casas descascando aqui e ali. Ele se imaginava de pé na esquina, assimilando a vista, inalando o ar urbano esfumaçado misturado com o fedor de álcool e lanches rápidos bolorentos, ouvindo os sons noturnos. O giro dos motores, o som dos saltos altos nas calçadas, risadas ocasionais e gritos transportados pelo vento, o chilrear de estorninhos, acordados pela luz de sódio dos postes de iluminação. Onde você ficou, Faz-tudo? De onde observava seu objeto de estudo? O que viu? O que ouviu? O que *sentiu*? Por que aqui?

A segunda imagem mostrava uma parte do muro e os arbustos do lado da rua. A fotografia era nítida o bastante para Tony identificar os pequenos quadrados de ferro na parte de cima do muro, que foi tudo que restou dos trilhos que presumivelmente foram removidos durante a guerra para construir armas e projéteis. Uma parte dos arbustos mostrava galhos

quebrados e folhas esmagadas. A terceira foto exibia o corpo de um homem, com o rosto para baixo na terra, os membros estirados em ângulos estranhos. Tony se deixou atrair pela fotografia, tentando se colocar no papel de Faz-tudo. Como se sentiu? Estava orgulhoso? Estava com medo? Estava exultante? Sentiu um espasmo de arrependimento ao abandonar o objeto de seu desejo? Por quanto tempo ele se permitiu absorver essa visão, esse estranho quadro que criara? O som dos passos lhe fez se mover? Ou não se importou com isso?

Tony levantou o olhar. Carol estava olhando para ele. Para sua surpresa, desta vez não se sentiu desconfortável em ter os olhos de uma mulher sobre si. Talvez porque o relacionamento entre eles tivesse uma base profissional muito firme, mas sem competição direta. A tensão nele se relaxou um pouco.

— O lugar onde o corpo foi encontrado. Conte-me a respeito.

— Crompton Gardens. Fica no centro de Temple Fields, onde o bairro gay e o distrito de prostituição se encontram. É mal-iluminado à noite, principalmente porque os postes de iluminação estão sempre sofrendo a ação dos michês que querem um pouco de escuridão para encobrir suas atividades. Muito sexo acontece em Crompton Gardens, nos arbustos e nos bancos da praça, debaixo das árvores, nas entradas dos escritórios, nos porões das casas. Aluguel, prostituição e encontros casuais. Há movimento de pessoas durante toda a noite, mas eles não são do tipo que se apresentariam para falar sobre algo incomum que podem ter visto, mesmo que tenham notado — explicava Carol, enquanto Tony tomava notas.

— O clima — perguntou ele.

— Noite sem chuva, embora o chão estivesse bem úmido.

Tony voltou às fotografias. O corpo havia sido fotografado de vários ângulos. Em seguida, depois da remoção do cadáver, o local de descarte foi fotografado em close-up. Não havia pegadas visíveis, mas algumas tiras de

plástico preto estavam debaixo do corpo. Ele apontou para elas com a ponta da caneta.

— Sabemos o que são esses plásticos?

— Sacos de lixo do Bradfield Metropolitan Council. Padrão para empresas, blocos de apartamentos... Onde quer que latas de lixo com rodas sejam inadequadas. Esse tipo de saco plástico está em uso pelos últimos dois anos. Não há aparentemente nada que indique se eles já estavam lá ou se foram descartados ao mesmo tempo que o corpo — explicou Carol.

Tony ergueu as sobrancelhas.

— Você parece ter assimilado um bocado de detalhes desde ontem à tarde.

Carol sorriu.

— É tentador fingir que sou a Mulher-Maravilha, mas preciso confessar que me esforcei para descobrir o que podia sobre as outras duas investigações. Estava convencida de que havia um vínculo entre os crimes, mesmo que meu chefe não estivesse. E, justiça seja feita aos meus colegas, os inspetores responsáveis pelas outras duas investigações tinham a mente aberta. Eles não se opunham a que eu fizesse uma análise nos assuntos sob responsabilidade deles. Rever todo o material durante a noite apenas refrescou minha memória, só isso.

— Você passou a noite em claro?

— Como você disse, faz parte. Vou estar bem até as quatro da tarde. Aí o sono vai bater em mim como uma marreta — admitiu.

— Mensagem recebida e entendida — respondeu Tony, voltando às fotografias.

Ele passou às séries de fotos da autópsia. O corpo jazia de costas na chapa branca, as feridas horrendas visíveis pela primeira vez. Tony prosseguiu devagar por toda a sequência de imagens, às vezes retornando às fotos

anteriores. Quando fechava os olhos, conseguia visualizar o corpo intacto de Adam Scott, fragmentando-se devagar em feridas e hematomas como flores exóticas. Ele quase podia invocar a visão em câmera lenta das mãos que trouxeram a carne a esse estágio. Depois de alguns momentos, ele abriu os olhos e falou novamente.

— E quanto a esses hematomas no pescoço e no peito, o que foi que o patologista disse?

— Marcas de sucção. Como chupões, mordidas de amor.

Uma paródia bizarra e predatória do amor, que faz cabeças rolarem.

— E estas partes do pescoço e do peito. Três partes onde pedaços de carne foram retirados? — perguntou Tony, distanciado.

— Eles foram removidos depois da morte. Talvez ele goste de comê-los?

— Talvez — ponderou Tony, em dúvida. — Havia algum vestígio de hematomas nos tecidos remanescentes de que você se lembre?

— Acho que havia — disse Carol, com clara surpresa em sua voz.

Tony acenou com a cabeça.

— Vou checar com o laudo do patologista. Ele é um sujeito esperto, nosso Faz-tudo. Meu primeiro palpite é que não são suvenires nem sinais de canibalismo. Acho que podem ser lugares onde houve mordidas. Mas ele sabe o bastante sobre odontologia forense para perceber que marcas de mordida identificáveis seriam suficientes para identificá-lo. Então, depois de passado o frenesi, ele se acalmou e removeu os indícios. Esses cortes nos genitais: antes ou depois da morte?

— Depois. Segundo o patologista, eles pareciam bastante experimentais.

Tony deu um pequeno sorriso de satisfação.

— Ele disse o que causou o trauma nos membros? As fotos na cena do crime parecem de uma boneca de pano.

Carol suspirou.

— Ele não queria ser forçado a uma conclusão oficial. Pernas e braços foram deslocados, e algumas das vértebras estavam fora de alinhamento. Ele disse... — Ela fez uma pausa e imitou a declaração pomposa: “Não conte que lhe disse isso, mas esperaria ver ferimentos como esse depois de alguém ter sido colocado no potro pela Inquisição Espanhola.”

— O potro? Merda, estamos lidando com uma mente doentia de verdade. Tudo bem. Próximo conjunto de fotos. Paul Gibbs. Esse é o seu, não é?

Tony perguntou enquanto substituía as fotografias de Adam Scott e retirava o conteúdo da segunda pasta. Ele repetiu o processo que tinha realizado antes.

— Então, onde está esta cena em relação à primeira? — perguntou Tony.

— Espere um minuto. Vou lhe mostrar.

Carol abriu uma das caixas e pegou o mapa em grande escala que tinha levado. Ela o desdobrou e esticou no chão, enquanto Tony se levantava da escrivaninha e se agachava ao lado dela. Ela notou instantaneamente o cheiro dele, uma mistura de xampu e seu leve odor animal. Nenhum pós-barba masculino, nenhum perfume. Ela observou suas mãos quadradas e brancas no mapa, os dedos, curtos e quase grossos demais, com suas unhas bem-cortadas e uma escassa camada de finos pelos negros na falange. Perplexa, ela sentiu uma onda de desejo. Você é patética como uma adolescente, repreendeu-se brutalmente. Como uma adolescente que fica a fim do primeiro professor que diz algo gentil sobre seu trabalho. Cresça, Jordan!

Com a desculpa de apontar locais no mapa, Carol se afastou.

— Crompton Gardens fica aqui — explicou ela. — Canal Street fica cerca de oitocentos metros de distância, nesse ponto. E o pub Queen of Hearts fica aqui, a meio caminho entre os dois.

— Podemos presumir que ele conhecia bem a área — disse Tony, fazendo seu próprio mapa mental dos locais onde os corpos foram encontrados.

— Acho que sim. Crompton Gardens é um lugar de desova bem óbvio, mas os outros dois implicam um alto nível de familiaridade com Temple Fields.

Carol ajoelhou-se e se sentou sobre seus calcanhares, tentando descobrir se a configuração de locais implicava uma abordagem numa direção específica.

— Preciso dar uma olhada nas cenas dos crimes. Preferivelmente por volta dos horários em que os corpos foram descartados. Sabemos quando isso ocorreu? — perguntou Tony.

— Não sabemos no caso de Adam. O horário estimado de morte é entre onze da noite e uma da manhã, não antes que isso. Com Paul, sabemos que não havia nada na entrada um pouco depois das três da madrugada. A hora da morte de Gareth é estimada entre sete e dez da noite anterior à descoberta do corpo. E com Damien, o pátio estava limpo às onze e meia — recitou Carol, fechando os olhos para lembrar as informações.

Tony flagrou-se olhando fixamente para o rosto dela, feliz pela liberdade que as pálpebras fechadas lhe davam. Mesmo sem a animação de seus olhos azuis, ele conseguia ver que era bonita. Rosto oval, testa larga, pele branca sem marcas, e aqueles cabelos louros volumosos, de corte ligeiramente longo e desgrenhado. Uma boca forte e determinada. Linhas profundas que apareciam em sua testa quando ela se concentrava. E sua apreciação era tão clínica como se ela fosse uma fotografia num arquivo de um de seus casos. Por que algo sempre se fechava nele quando se deparava com uma mulher que qualquer homem normal consideraria atraente? Seria porque ele se recusava a sentir as primeiras sensações que poderiam levá-lo a um lugar onde não estivesse mais no controle, onde a humilhação o espreitasse? Os olhos de Carol se abriram, registrando surpresa quando ela percebeu que ele a observava.

Ele se voltou para o mapa ao sentir as orelhas formigarem e ficarem vermelhas.

— Então ele é um notívago — concluiu Tony de modo abrupto. — Eu gostaria de dar uma olhada na área hoje à noite, se puder. Talvez você possa arranjar outra pessoa para me mostrar os arredores para ver se recupera o sono perdido.

Carol negou com a cabeça.

— Não. Se conseguirmos chegar aqui até as cinco, vou para casa e tiro algumas horinhas de sono. Pego você por volta da meia-noite e podemos ir. Tudo bem? — perguntou ela, com certo atraso.

— Ótimo — concordou Tony, levantando-se e retornando para trás da escrivaninha. — Desde que não se incomode.

Ele pegou as fotografias e se esforçou para enxergar com os olhos do Faz-tudo.

— Ele deixou este aqui em frangalhos, não foi?

— Paul foi o único que foi espancado assim. Gareth tinha cortes no rosto, mas nada extremo. O rosto de Paul foi esmagado até virar uma polpa, nariz quebrado, dentes quebrados, zigomas quebrados, maxilar deslocado. Os ferimentos anais também são horrendos; ele foi parcialmente estripado. O grau de violência é um dos motivos pelos quais o superintendente achou que estávamos lidando com um criminoso diferente. Além disso, nenhum de seus membros foi deslocado, como ocorreu com os outros três.

— Foi este que os jornais disseram que estava coberto de sacos de lixo?

Carol fez que sim.

— Do mesmo tipo que as tiras encontradas sob o corpo de Adam.

Passaram a analisar Gareth Finnegan.

— Vou precisar pensar bastante neste daqui. — alertou ele. — Ele mudou seu padrão em pelo menos duas formas importantes. Primeiro, o local de

descarte mudou de Temple Fields para o Carlton Park. Ainda é uma área de público gay, mas é uma aberração.

Ele se interrompeu e deu uma risada vazia.

— Olha só o que estou dizendo. Como se todo esse comportamento não fosse uma brutal aberração. A segunda coisa é sua carta e vídeo para o *Sentinel Times*. Por que ele decidiu anunciar este corpo e nenhum dos outros?

— Venho pensando nisso — disse Carol. — E me pergunto se teve algo a ver com o fato de que o cadáver poderia ter ficado lá por dias, mesmo semanas, caso não o fizesse.

Tony fez uma anotação em seu bloco e fez um gesto positivo para ela com a outra mão.

— Essas feridas nas mãos e nos pés. Sei que pode soar absurdo, mas por pouco não se parece com uma crucificação.

— O patologista também não estava muito disposto a declarar isso. Mas as feridas na mão, junto com o deslocamento dos dois ombros, torna difícil ignorar uma conclusão como a crucificação, especialmente ao pensarmos que isso provavelmente aconteceu no dia de Natal.

Carol se levantou, limpando os olhos. Ela não conseguiu reprimir um bocejo que forçou seu maxilar a se abrir. Ela ia e vinha pelo pequeno escritório, mexendo os ombros para soltar os músculos endurecidos.

— Canalha doente — murmurava.

— As mutilações dos genitais estão ficando mais severas — observou Tony. — Ele praticamente castrou este aqui. E as feridas fatais, os cortes na garganta, estão ficando mais profundos também.

— E isso nos diz alguma coisa? — perguntou Carol, quase ininteligível no meio de outro bocejo.

— Assim como o seu patologista, estou relutante em especular ainda — disse Tony. Ele passou para o grupo final de fotografias. Pela primeira vez, Carol viu sua máscara profissional cair. O horror tomou o rosto de Tony, arregalando seus olhos, puxando seus lábios para trás em uma inspiração sibilante. Ela não estava surpresa. Quando trouxeram Damien Connolly, um detetive jogador de rúgbi de um metro e oitenta e três tinha despencado no chão, desmaiado. Até o experiente patologista policial tinha desviado o rosto por um momento, lutando visivelmente para não vomitar.

A rigidez cadavérica tinha congelado os membros de Connolly numa paródia dos movimentos humanos. As juntas deslocadas se projetavam em ângulos esquisitos. Mas havia mais, e muito pior. O pênis tinha sido cortado e enfiado em sua boca. O torso estava marcado do peito à virilha numa padronagem bizarra e aleatória de queimaduras, como raios que lembravam a iluminação provocada pela explosão de uma estrela, nenhuma distante mais do que um centímetro.

— Santo Deus — suspirou Tony.

— Ele realmente está pegando o jeito dessa coisa, hein? — lamentou Carol, com amargura. — Tem orgulho do próprio trabalho, não é?

Tony nada disse, forçando-se a estudar as fotografias estarrecedoras com o mesmo nível de detalhe que os conjuntos de fotos anteriores.

— Carol — chamou ele, por fim. — Alguém já apresentou alguma teoria quanto ao que o assassino tem usado para fazer essas marcas de queimadura?

— Nenhuma.

— Elas são estranhas — observou ele. — O padrão varia. Não se trata de um objeto aleatório que ele usa e continua usando. Há pelo menos cinco formas diferentes. Você tem alguém que possa fazer análise estatística para reconhecimento de padrão? Para ver se há alguma mensagem oculta aqui? Deve haver dúzias dessas malditas queimaduras!

Carol esfregou novamente os olhos.

— Não sei. Eu e os computadores somos tão compatíveis quanto o príncipe Charles e a princesa Diana. Vou perguntar quando voltar ao escritório. E se não tivermos ninguém, pedirei ao meu irmão.

— Seu irmão?

— Michael é um gênio dos computadores. Ele trabalha com desenvolvimento de softwares de jogos. Se quer um padrão analisado, manipulado, transformado num jogo de tiro em primeira pessoa, é dele que precisa.

— E ele consegue manter a boca fechada?

— Se não conseguisse, não poderia fazer o trabalho que faz. Milhões de libras dependem de sua empresa avançar antes que as outras. Acredite em mim, ele sabe ficar calado.

Tony sorriu.

— Eu não queria ofender.

— Não ofendeu.

Tony suspirou.

— Quisera Deus que eu tivesse chegado antes nisso. O Faz-tudo não vai parar por aqui. Ele está apaixonado demais pelo próprio trabalho. Veja essas fotos. Esse canalha vai continuar capturando, torturando e matando até que o peguemos. Carol, esse sujeito está fazendo do assassinato uma carreira.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 005**

Subi pelo caminho com confiança e apertei a campainha de Adam. Nos segundos anteriores a ele atender a porta, transformei meu rosto no que acreditava ser um sorriso de desculpas. Eu conseguia ver o contorno indistinto de sua cabeça e ombros enquanto ele andava pelo corredor. Depois a porta se abriu e estávamos frente a frente. Ele deu um meio sorriso confuso, como se nunca tivesse reparado em mim antes na vida.

— Desculpe-me por incomodá-lo — disse eu. — É só que meu carro enguiçou, e não sei onde tem um telefone público, então queria saber se podia usar o seu telefone para ligar para a seguradora. Eu pago a ligação, é claro...
— Deixei minha voz se enfraquecer até sumir.

Seu sorriso se tornou mais amplo e relaxado; seus olhos intensos se enrugaram no canto dos olhos.

— Sem problema. Entre.

Ele deu um passo para trás, e eu entrei enquanto ele fazia um gesto apontando o final do corredor.

— Tem um telefone no escritório. Logo à direita.

Movi-me devagar pelo corredor, com os ouvidos alertas ao som da porta se fechando atrás de mim. Quando a tranca voltou ao seu lugar com um clique, ele acrescentou:

— Não tem nada pior que isso, né?

— Vou só procurar o número — avisei, parando na entrada para vasculhar minha mochila. Adam continuou andando, de modo que, quando puxei o spray de autodefesa, ele estava a apenas alguns passos de distância. Não poderia ter sido mais perfeito. Acertei-o em cheio no rosto.

Ele rugiu de dor e cambaleou para trás contra a parede, com as mãos como garras no rosto. Comecei rapidamente: um pé entre seus calcanhares, mãos nos ombros, um giro rápido e lá se foi ele para baixo, com o rosto pressionado no tapete, tentando respirar. Eu estava sobre ele em segundos, agarrando seu pulso e torcendo seu braço sobre as costas enquanto fechava as algemas nele. Ele lutava contra mim nessa hora, com lágrimas correndo pelo rosto, mas consegui agarrar seu outro braço que estava solto, fechando a outra ponta das algemas.

As pernas dele se debatiam debaixo de mim, mas meu peso foi suficiente para mantê-lo preso ao chão enquanto eu pegava um saco plástico Ziplock na minha mochila. Eu o abri, extraí um chumaço de algodão ensopado em

clorofórmio e preendi sobre seu nariz e boca. O odor nauseante flutuou até minhas narinas, fazendo com que eu sentisse um pouco de tontura e enjoo. Esperava que o clorofórmio não estivesse deteriorado; tinha a garrafa há alguns anos, desde que a roubei do depósito de remédios de um navio soviético onde passara a noite com o imediato.

Adam lutou com ainda mais vigor quando sentiu o algodão frio impedir seu acesso ao ar, mas dentro de minutos suas pernas cessaram todo aquele agito inútil. Esperei um pouco mais, só para garantir, depois me virei e preendi suas pernas uma na outra com esparadrapo. Retornei o algodão com clorofórmio para seu recipiente seguro, depois tampei a boca de Adam com o esparadrapo.

Levantei-me e respirei fundo. Até agora, tudo tinha ido bem. Em seguida, coloquei um par de luvas de látex e reavaliei minha situação. Conheço a teoria do cientista forense Edmond Locard, demonstrada pela primeira vez num julgamento de homicídio em 1912, dando conta de que cada contato deixa um rastro; um criminoso sempre tira algo da cena do crime e deixa algo para trás. Com isso em mente, eu escolherei cuidadosamente meu vestuário para a ocasião. Estava de calças jeans Levi's 501, a mesma marca que vira Adam usar com frequência. Completei o visual com um suéter claro folgado de gola V, a cópia exata daquele que o tinha visto comprar na Marks & Spencer algumas semanas antes. Qualquer fibra solta que eu deixasse para

trás seria inevitavelmente atribuída ao conteúdo do próprio guarda-roupa de Adam.

Dei uma rápida olhada em volta do escritório, pausando ao lado da secretária eletrônica. Era do tipo antigo, com uma única fita cassete. Abri a máquina e fiquei com a fita; seria bom ter uma lembrança da voz dele soando normal. Eu sabia que a trilha sonora no vídeo não teria esse mesmo tom descontraído.

A porta da garagem estava trancada. Tratei de subir as escadas, onde encontrei o paletó de seu terno jogado sobre as costas de uma cadeira na cozinha. O molho de chaves estava no bolso esquerdo. De volta ao piso inferior, abri a porta da garagem e destranquei a mala de seu Ford Escort de dois anos. Depois voltei a Adam. Ele tinha, é claro, recobrado a consciência. Os olhos dele estavam repletos de pânico, e gemidos abafados saíam pela mordação. Sorri para ele enquanto pressionava o algodão com clorofórmio sobre seu nariz novamente. Dessa vez, é claro, ele não conseguiu nem mesmo lutar de modo eficaz.

Puxei-o para colocá-lo sentado, depois trouxe uma cadeira do escritório. Consegui fazer com que sentasse na cadeira, e então fui capaz de escorregá-lo sobre meu ombro e andar aos tropeços até a garagem. Larguei-o no espaço do porta-malas e fechei com força a traseira do carro. Nenhum vestígio de seu corpo estava visível.

Olhei meu relógio. Passava um pouco das seis. Ainda teria de enrolar mais uma hora até que fosse escuro o bastante para ter certeza de que nenhum dos vizinhos de passagem notassem uma pessoa estranha saindo da garagem de Adam. Preenchi o tempo vasculhando sua vida. Pacotes de fotografias revelavam amigos, um jantar de Natal em família. Eu teria me encaixado nessa vida perfeitamente. Poderíamos ter tido tudo, se ele não fosse tão idiota.

Acordei de meu devaneio com o barulho do telefone. Deixei-o tocar e fui até a cozinha. Servi-me de uma garrafa de um limpador abrasivo e, com um pano, cuidadosamente limpei toda a tinta no corredor. Pus o pano usado em minha mochila, depois peguei o aspirador de pó. Percorri o corredor inteiro devagar e com cuidado, apagando todos os traços de luta do resistente tapete Berber. Fiz a trilha com o aspirador por trás de mim, direto até a garagem, onde o deixei num canto, como se sempre tivesse sido lá seu lugar. Depois de ter removido todos os meus vestígios, subi no carro de Adam, acionei o controle remoto em seu chaveiro e dei partida no motor enquanto o portão da garagem se levantava suavemente à minha frente.

Fechei a porta atrás de mim e dirigi para longe. Conseguia ouvir barulhos abafados na traseira do carro. Vasculhei o porta-luvas até que encontrei uma fita cassete da banda Wet, Wet, Wet. Coloquei-a para tocar e aumentei o volume. Eu cantava as músicas enquanto saía da cidade em direção à charneca.

Tive a preocupação de que o carro de Adam pudesse não conseguir subir todo o caminho da trilha, e com razão. A cerca de seiscentos metros de casa, a estrada se tornou perigosa e com mato muito crescido. Com um suspiro, saí e subi caminhando para pegar o carrinho de mão. Quando abri o porta-malas para jogá-lo no carrinho, os olhos dele estavam esbugalhados e me olhavam fixamente. No entanto, seus suplicios abafados foram um desperdício. Arrastei-o sem cerimônia para fora do carro até o carrinho. Foram seiscentos metros de difícil subida pela trilha, já que a luta constante dele dificultava a condução. Por sorte, tia Doris tivera o bom senso de comprar um carrinho de mão de obras adequado, com duas rodas na frente.

Quando chegamos à fazenda, abri o alçapão. O porão embaixo estava escuro e acolhedor. Os olhos de Adam se arregalaram, aterrorizados. Passei a mão por seus cabelos macios e disse:

— Bem-vindo à cúpula do prazer.



Quanto à... multidão de leitores de jornais, eles se satisfazem com qualquer coisa, desde que seja sangrento o suficiente. Mas a mente sensível exige algo mais.

Depois de ter acompanhado Carol até o carro, Tony caminhou pelo campus até uma das lojas e comprou um exemplar do jornal noturno. Se publicidade era o que o Faz-tudo estava ansioso por obter, ele finalmente tinha conseguido. Medo e ódio assombravam as páginas do *Bradfield Evening Sentinel Times* (BEST). Cinco delas, para ser preciso. Páginas 1, 2, 3, 24 e 25, fora o editorial, eram dedicadas ao Matador de Bonecas. A julgar pelo apelido, havia tantos vazamentos na polícia como num conselho de ministros.

— Você não vai gostar de ser chamado de Assassino de Bonecas, vai, Faz-tudo? — disse Tony baixinho para si mesmo enquanto caminhava de volta para sua sala. De volta, detrás de sua escrivaninha, ele estudou o jornal. Penny Burgess tinha tido um dia no campo. A primeira página gritava, assassino de bonecas ataca novamente!, em manchetes garrafais. Em letras menores, os

leitores eram informados de que a polícia admite que serial killer está à espreita na cidade. Abaixo havia um relato chocante da descoberta do corpo de Damien Connolly, e uma fotografia dele no desfile de cadetes. A matéria do final da página 2 até a página 3 era um resumo sensacionalista dos três casos anteriores, mais um mapa esboçado.

— Tirar leite de pedra, com certeza — disse Tony com seus botões enquanto folheava as páginas centrais. Manchetes como gays aterrorizados pelo monstro assassino de bonecas não deixavam dúvida para o leitor quem o *Sentinel Times* decidira que estava em risco. A matéria se concentrava na suposta histeria que tomara a comunidade gay de Bradfield, com fotografias do interior de cafés, bares e boates que tornavam a cena decadente o bastante para satisfazer os preconceitos dos leitores.

— Cara — gemeu Tony. — Você vai mesmo odiar isso, Faz-tudo.

Ele retornou ao editorial.

“Finalmente”, leu ele, “a polícia admitiu o que muitos de nós já acreditávamos havia algum tempo. Há um serial killer à solta em Bradfield e seu alvo são os jovens solteiros que frequentam os sórdidos bares gays da cidade.

“É deplorável que a polícia não tenha até agora alertado os homossexuais da cidade para se protegerem. No mundo decadente dos encontros anônimos e do sexo casual, não é difícil que esse monstro predatório encontre vítimas dispostas. O silêncio da polícia só pode ter facilitado as coisas para o assassino.

“É provável que essa relutância em falar abertamente tenha aumentado a suspeita existente na comunidade gay em relação à polícia, levando-a a temer que as autoridades valorizem menos as vidas dos gays do que as de outros membros da comunidade.

“Da mesma forma que foi preciso haver mortes de mulheres ‘inocentes’ em vez de prostitutas para fazer a polícia prestar total atenção ao Estripador de Yorkshire, é errado que um policial precise ser morto para que a Polícia Metropolitana de Bradfield leve a sério esse Assassino de Bonecas.

“Apesar disso, conclamamos a comunidade gay a cooperar inteiramente com os policiais. E exigimos que esses assassinatos horrendos sejam investigados de forma diligente e com compaixão pelo interesse das causas homossexuais de Bradfield. Quanto mais rápido esse assassino cruel for pego, mais seguros todos nós ficaremos.”

— A mistura de sempre: falso moralismo, indignação e exigências fora da realidade — disse Tony para a jiboia plantada num vaso no parapeito da janela.

Ele recortou os artigos e os espalhou na mesa. Ligou seu microgravador de fita e começou a falar:

— *Bradfield Evening Sentinel Times*, 27 de fevereiro. Finalmente, o Faz-tudo ganhou as manchetes. Pergunto-me o quanto isso é importante para ele. Um dos princípios da criação de perfis psicológicos de criminosos em série é que eles anseiam pelo oxigênio da publicidade. Mas, dessa vez, não tenho certeza se ele se importa muito com isso. Não houve mensagens depois dos dois primeiros assassinatos, nenhum dos dois recebeu muita atenção depois da descoberta inicial dos corpos. E, embora houvesse uma mensagem direcionando a polícia ao terceiro corpo por meio do jornal, essa nota não fazia nenhuma afirmação sobre os assassinatos anteriores. Isso me deixou confuso até que a inspetora Carol Jordan surgiu com a seguinte explicação alternativa para a nota e para o vídeo, que a acompanhava: sem orientação, o corpo poderia ter ficado sumido por algum tempo. Então, embora o Faz-tudo possa não ser obsessivo quanto a criar manchetes e pânico, é claro que ele quer que os corpos sejam encontrados enquanto ainda são reconhecidamente obras de sua autoria.

Ele desligou o gravador com um suspiro. Embora tenha virado as costas ao circo acadêmico havia anos, ele não conseguia escapar de seu treinamento; cada estágio do processo tinha de ser gravado. Era difícil para Tony resistir à

perspectiva de que essa investigação pudesse fornecer material para produção de artigos ou mesmo de um livro.

— Sou um canibal — disse à planta. — Às vezes, tenho nojo de mim mesmo.

Ele juntou os recortes e os enfiou na pasta de recortes. Abriu as caixas e retirou as pilhas de pastas de documentos que elas continham. Carol as havia etiquetado com esmero. Maiúsculas que fluíam, observou Tony. Uma mulher confortável com a palavra escrita.

Cada vítima tinha um laudo do patologista e um laudo forense preliminar. As declarações de testemunhas eram divididas em três grupos: Experiência (vítima), Testemunha (cena do crime) e Diversos. Selecionando os arquivos de Experiência (vítima), ele se movimentou em sua cadeira com rodinhas até a mesa onde ficava seu computador pessoal. Quando chegara a Bradfield, a universidade lhe oferecera um terminal conectado à rede. Ele recusou, não querendo perder tempo aprendendo um novo conjunto de protocolos, quando estava perfeitamente à vontade com seu próprio computador. Agora, ele estava satisfeito por não ter que adicionar segurança de dados à lista de preocupações que o mantinham acordado durante a noite.

Tony acessou o software personalizado que lhe permitiria fazer comparações entre as vítimas e começou o longo trabalho de inserção dos dados.

Cinco minutos na delegacia da Scargill Street eram suficientes para fazer Carol desejar que tivesse ido direto para casa. Para chegar ao local em que tinha sido alocada por quanto tempo durasse a investigação, ela precisava atravessar toda a sala principal do esquadrão. Exemplares do jornal noturno foram espalhados sobre metade das mesas, debochando dela com suas negras

manchetes garrafais. Bob Stansfield estava de pé com alguns detetives no meio da sala e a chamou enquanto passava.

— O bom doutor já deu no pé, não foi?

— Pelo que tenho visto do bom doutor, Bob, ele podia dar a alguns dos nossos chefes umas aulas sobre trabalhar após o expediente — disse Carol, desejando que pudesse pensar em alguma resposta mais áspera. Sem dúvida lhe ocorreria horas depois no chuveiro. Por outro lado, talvez fosse bom não rebater com algo muito atrevido. Melhor não afastar os rapazes mais do que sua tarefa já tinha afastado. Ela parou e sorriu.

— Alguma novidade? — perguntou.

Stansfield se separou de seus subordinados, dizendo:

— Muito bem, rapazes, continuem com isso. — Andou até o lado de Carol e disse: — Nada assim. A equipe HOLMES está trabalhando a toda, batendo tudo o que temos até agora no computador para ver que conclusões eles podem tirar disso. Cross mandou deter todos os tarados de novo. Ele está convencido de que um deles é a nossa melhor aposta.

Carol sacudiu a cabeça.

— Perda de tempo.

— Você quem diz. Esse filho da mãe não tem ficha, eu apostaria nisso. Kevin tem um time que sairá esta noite para tentar algo um pouco diferente, no entanto — acrescentou ele, retirando o último cigarro e acendendo-o. Jogou o maço numa lixeira próxima, com uma expressão de nojo no rosto. — Se não tivermos uma merda de uma folga em breve, vou ter que solicitar oficialmente um aumento para cobrir a porcaria do meu consumo de nicotina.

— Já no meu caso, estou bebendo tanto café que minha agitação é constante — comentou Carol num lamento. — Então, qual é essa ideia do Kevin?

Gentileza funciona. Primeiro gerar afinidade, depois perguntar. Engraçado como obter informações dos colegas seguia as mesmas regras do interrogatório de suspeitos.

— Ele tem uma equipe à paisana frequentando os locais gays, com foco nos clubes e pubs de reputação S&M — bufou Stansfield. — Todos eles estiveram no Departamento de Trânsito esta tarde, pedindo calças de couro aos rapazes de motocicleta.

— Vale a pena tentar — disse Carol.

— Bem, vamos esperar que Kevin não esteja mandando para lá um monte de maricas no armário como Damien Connolly revelou ser — disse Stansfield. — A última coisa que queremos é que um bando de veados do Departamento de Investigações Criminais acabe usando suas próprias algemas.

Carol não se dignou a responder à insinuação e caminhou para sua sala. Ela estava com a mão na porta quando a voz de Cross ressoou no ambiente.

— Inspetora Jordan? Venha até aqui.

Carol fechou os olhos e contou até três.

— Estou indo, senhor — disse ela animadamente, virando-se e caminhando por toda a extensão do local até a sala temporária de Cross. Ele estava ali há apenas um dia, mas já o tinha dominado como um gato marca seu território. A sala cheirava a fumaça de cigarro. Havia guimbas de cigarro flutuando nos copos de plástico com café pela metade dispostos estrategicamente no parapeito da janela e sobre a mesa. Até mesmo um calendário com uma mulher estava pregado na parede, prova de que o sexismo permanecia como uma forte influência para a indústria da propaganda. Será que eles não tinham percebido *ainda* que eram as mulheres que iam ao supermercado, e que eram elas que decidiam qual marca de vodca comprar?

Deixando a porta aberta numa tentativa de conseguir um pouco de ar, Carol entrou no escritório de Cross e disse:

— Senhor?

— O que o Garoto-Prodígio concluiu então?

— É um pouco cedo para conclusões, senhor — respondeu ela, com vivacidade. — Ele precisa ler todos os relatórios que copiei para ele.

Cross resmungou.

— Ah, sim. Esqueci que ele é um professorzinho de merda.

Ele emitiu as palavras com sarcasmo.

— Tudo por escrito, né? Kevin tem mais alguma coisa sobre o negócio do Connolly; você vai ter que se atualizar com ele. Houve mais alguma novidade, inspetora? — perguntou com beligerância, como se fosse ela quem tivesse se imposto a ele.

— Dr. Hill tem uma sugestão, senhor. Sobre as marcas de queimadura no corpo do policial Connolly. Ele perguntou se havia alguém na equipe do sistema HOLMES que pudesse fazer uma análise estatística para reconhecimento de padrão.

— Que diabos é análise estatística para reconhecimento de padrão? — disse Cross, despejando a ponta de seu cigarro num copo de café.

— Acho que significa...

— Deixe para lá, deixe para lá — interrompeu Cross. — Vá ver se alguém sabe de que diabos vocês estão falando.

— Sim, senhor. Ah, senhor? Se não pudermos fazer aqui, meu irmão trabalha com computadores. Tenho certeza de que ele poderia fazer isso para nós.

Cross a fitou, sua expressão era impossível de interpretar dessa vez. Quando falou, estava todo afável.

— Muito bem. Vá em frente. O sr. Brandon lhe deu carta branca, afinal.

Então é assim que se passa a responsabilidade, Carol pensou enquanto se encaminhava para a sala do sistema HOLMES. Uma conversa de cinco minutos com um assediado inspetor Dave Woolcott confirmou o que ela já suspeitara. A equipe não tinha nem o software nem o conhecimento especializado para desempenhar a análise que Tony queria. No meio-tempo em que Carol se dirigia até a cantina à procura de Kevin Matthews, ela esperava que seu irmão Michael pudesse cumprir a tarefa em total confidencialidade. Manter-se de boca fechada sobre desenvolvimentos tecnológicos era muito diferente de resistir ao impulso de fofocar sobre uma investigação de homicídio de grande visibilidade. Se ele a decepcionasse, ela poderia dar adeus a um futuro fora dos Recursos Humanos.

Kevin estava sentado, curvado sobre um copo de café, um prato com as sobras de uma fritura ao seu lado. Carol puxou a cadeira de frente para ele.

— Posso me juntar a você?

— Fique à vontade — disse Kevin. Ele olhou para cima e lhe ofereceu o vestígio de um sorriso, empurrando para trás seus cachos ruivos indisciplinados que lhe caíam na testa. — Como vão as coisas?

— Provavelmente bem mais fáceis do que para você e Bob.

— Como é esse nerd do Ministério do Interior?

Carol refletiu por um momento.

— Ele é cauteloso. Pensa rápido, é esperto, mas não é um sabichão. E não parece querer nos dizer como vamos fazer nosso trabalho. É muito interessante observá-lo trabalhando. Ele vê as coisas de uma perspectiva diferente.

— O que quer dizer? — perguntou Kevin, parecendo genuinamente interessado.

— Quando analisamos um crime, procuramos pistas físicas, indícios, coisas que nos apontarão com quem podemos querer falar ou onde podemos

procurar. Quando *ele* analisa um crime, ele não está interessado em todas essas coisas. Ele quer saber por que as pistas físicas aconteceram daquela determinada maneira para que possa descobrir quem cometeu o crime. É como se nós usássemos a informação para nos mover para a frente e ele a usa para movê-lo para trás. Isso faz sentido?

Kevin franziu a testa.

— Acho que sim. Acha que ele serve para o trabalho?

Carol deu de ombros.

— Ainda são os primeiros dias. Mas, sim, levando em conta a impressão inicial. Diria que ele tem algo a oferecer.

Kevin sorriu.

— Algo a oferecer à investigação ou algo a lhe oferecer?

— Cai fora, Kevin — disse Carol, cansada das indiretas que a perseguiram no trabalho. — Ao contrário de uns e outros, onde ganho o pão não como a carne.

Kevin pareceu momentaneamente sem jeito.

— Só estava brincando, Carol, sério.

— Piada sem graça.

— Tudo bem, tudo bem, desculpe. Como é trabalhar com ele? É ou não um sujeito legal?

Carol falava devagar, medindo suas palavras.

— Considerando que ele passa o expediente inserido na mente de psicopatas, até que parece um cara bem normal. Há algo bastante... fechado nele. Ele mantém a distância. Não revela muita coisa, mas me trata de igual para igual, não como uma policial imbecil. Ele está do nosso lado, Kevin, e isso é o principal. Acho que é um desses maníacos por trabalho que estão mais interessados em cumprir seus afazeres do que qualquer outra coisa. E

falando em cumprir afazeres, Popeye disse que você descobriu algo sobre o Connolly?

Kevin suspirou.

— Não sei se conta para alguma coisa. Uma das vizinhas voltou do trabalho às dez para as seis. Ela lembra o horário porque tinha acabado de ouvir o início da previsão do tempo no rádio do carro. Connolly estava fechando o capô do seu carro e usava um macacão. A vizinha diz que ele deve ter trabalhado no veículo, pois fazia isso o tempo todo. Quando ela saiu do automóvel dela e entrou na garagem, Damien estava entrando de ré no local. A mesma vizinha saiu cerca de uma hora mais tarde para ir a um jogo de squash e percebeu o carro de Connolly estacionado na rua. Ela ficou um pouco surpresa, porque ele nunca deixava o carro muito tempo do lado de fora, principalmente depois que escurecia. E isso é tudo.

— É uma garagem separada? — perguntou Carol.

— Não, é anexa à casa, e tem uma porta da garagem que leva à cozinha.

— Então parece que ele foi capturado dentro de casa?

Kevin deu de ombros.

— Quem sabe? Não havia sinais de luta. Conversei com um dos peritos que reviraram o lugar, e ele disse para não esperar muita coisa.

— Parece com os dois primeiros.

— É o que diz o Bob.

Kevin empurrou sua cadeira de volta para o lugar.

— É melhor eu ir andando. Vamos sair para a cidade esta noite.

— Talvez esbarre com você mais tarde — disse Carol. — Dr. Hill quer um tour pelas cenas de crime mais ou menos na hora em que os corpos foram descartados.

Kevin se levantou.

— Só não deixe que ele converse com nenhum cara estranho.

Tony pegou o recipiente plástico de lasanha no micro-ondas e se sentou em sua cozinha. Ele havia inserido todos os dados que conseguiu encontrar sobre as quatro vítimas, depois transferiu os arquivos para um disquete de modo que pudesse trabalhar com eles em casa enquanto esperava Carol chegar. Assim que havia chegado à estação do bonde, percebeu que estava faminto. Então se lembrou de que não havia comido nada desde o cereal do café da manhã. Vinha trabalhando com tamanha concentração que nem havia notado. Achou a fome curiosamente satisfatória. Ela significava que ele estava envolvido demais no que estava fazendo para ter consciência de si mesmo. Sabia, por sua longa experiência, que seus melhores desempenhos surgiam quando perdia essa consciência, quando podia mergulhar nos padrões de outro ser humano, preso à lógica idiossincrática dessa outra pessoa, sintonizado com um conjunto diferente de emoções.

Ele atacou a comida com prazer, empurrando-a para dentro o mais rápido possível de forma que pudesse ir ao computador e continuar desenvolvendo os perfis das vítimas. Ainda havia algumas garfadas no prato quando o telefone tocou. Sem pausa para pensar, Tony agarrou o aparelho.

— Alô — falou ele, animadamente.

— Anthony — falou a voz. Tony deixou o garfo cair, derramando massa na bancada.

— Angelica — respondeu ele. Ele estava de volta ao seu próprio mundo, preso aos limites da própria mente ao ouvir o som da voz dela.

— Está se sentindo mais sociável hoje? — perguntou a doce voz rouca.

— Não estava me sentindo antissociável ontem. Só tinha coisas a fazer que não podia ignorar. E você me distrai — disse Tony, pensando por que se dava ao trabalho de se justificar para ela.

— Esse é o objetivo, em resumo — continuou ela. — Mas senti sua falta, Anthony. Estava com tanto tesão por você... Quando me dispensou como uma

meia velha, todo o meu prazer diário foi embora.

— Por que faz isso comigo? — perguntou ele. Era uma pergunta que fizera antes, mas ela sempre mudava de assunto.

— Porque você me merece — disse a voz. — Porque quero você mais do que qualquer outra pessoa no mundo. E porque você não tem nenhuma outra pessoa em sua vida para fazê-lo feliz.

Era a mesma velha história. Dar um fim à pergunta com bajulação. Mas, essa noite, Tony queria respostas, não lisonjas.

— O que faz você pensar isso?

A voz deu uma leve risadinha.

— Sei mais sobre você do que sonha, Anthony. Você não precisa mais ficar sozinho.

— E se eu gostar de ficar sozinho? Não é justo presumir que sou solitário porque quero ser?

— Você não me parece um garoto feliz. Em alguns dias, você parece que precisa de um abraço mais do que qualquer outra coisa no mundo. Em outros, parece que não dormiu mais do que algumas poucas horas. Anthony, posso lhe trazer paz. As mulheres já o magoaram antes, nós dois sabemos bem. Mas não vou fazer isso. Posso acabar com a sua mágoa. Posso fazer você dormir como um bebê, sabe disso. Tudo que quero é fazer você feliz.

A voz era tranquilizadora, gentil.

Tony suspirou. Se ao menos...

— Acho isso difícil de acreditar — tergiversou. Desde o início dessas conversas, parte dele queria bater o telefone no meio dessa sofisticada tortura. Mas o lado cientista dele queria ouvir o que ela tinha a dizer. E o homem perturbado em seu interior se conhecia o bastante para saber que precisava se curar, e que esse bem podia ser o caminho. Ele se recordou de sua decisão

anterior de não permitir que ela se tornasse uma obsessão para ele, de modo que, quando chegasse a hora, ele pudesse abandoná-la sem dor.

— Mas permite que eu tente. — A voz tinha tanta determinação. Ela estava confiante de seu poder sobre ele.

— Eu ouço, não é? Participo. Ainda não desliguei o telefone — disse ele, forçando uma simpatia artificial em sua voz.

— Por que não faz isso? Por que não larga o telefone, sobe até seu quarto e pega a extensão lá? A gente ficaria mais confortável.

Uma pontada de medo atingiu Tony no peito. Ele lutou para encarar a pergunta com um tom profissional. Não “como você sabe disso?”, mas “o que leva você a pensar que tenho um telefone no quarto?”.

Houve uma pausa, tão curta que Tony não conseguia ter certeza de que não a imaginara.

— É só um palpite — disse ela. — Já saquei tudo sobre você. É o tipo de homem que tem um telefone ao lado da cama.

— Bom palpite — respondeu Tony. — Tudo bem. Vou pôr o telefone no gancho e pegar a extensão no quarto. — Ao fazer isso, correu para o escritório, onde ativou o modo “gravar” da secretária eletrônica. Depois, pegou o telefone novamente.

— Alô? Voltei.

— Está sentado confortavelmente? Eu começo, então. — Mais uma vez aquela risadinha grave e sexy. — Vamos nos divertir de verdade esta noite. Espere só para ouvir o que tenho preparado para você hoje. Ah, Anthony — disse ela, com a voz baixando quase a um sussurro. — Tenho sonhado com você. Imaginado suas mãos no meu corpo, correndo os dedos pela minha pele.

— O que está vestindo? — perguntou Tony. Ele sabia que a pergunta padrão era essa.

— O que gostaria que eu estivesse vestindo? Tenho um vasto guarda-roupa.

Tony suprimiu a ânsia louca de dizer: “botas de pescador, saia de bailarina e uma capa de chuva.”

Engoliu em seco e disse:

— Seda. Você sabe como gosto do toque da seda.

— É por isso que adora minha pele. Eu me empenho muito para me manter em forma. Mas, só para você, cobri parte da minha pele com seda. Estou usando um conjunto de calcinha e camisola transparentes, de seda preta. Ah, eu adoro a sensação da seda no meu corpo. Ah, Anthony — gemeu ela. — A seda está roçando meus mamilos, suavemente, como os seus dedos fariam. Ah, meus mamilos estão duros como pedra, empinados para cima, inflamados por você.

Sem querer, Tony começou a sentir as ondas de interesse. Ela era boa nisso, sem sombra de dúvida. A maioria das mulheres que ele ouvira fazendo sexo por telefone dava a impressão de estar enfastiada e aborrecida, as respostas delas eram previsíveis e estereotipadas. Nada em sua conversa tinha provocado nele algo além do interesse científico. Mas Angelica era diferente. Em primeiro lugar, ela parecia realmente envolvida.

Ela gemeu levemente.

— Meu Deus, estou molhada — murmurou. — Mas você ainda não pode me tocar, precisa esperar. Deite-se de costas, isso, bom garoto. Ah, eu adoro tirar sua roupa. Minhas mãos estão debaixo da sua camisa, meus dedos correm pelo seu peito, alisando você, tocando em seus mamilos. Meu Deus, você é maravilhoso — suspirou.

— Isso é bom — disse Tony, aproveitando a carícia da voz dela.

— É só o começo. Agora estou montando você, desabotoando sua camisa. Eu me inclino sobre você, meus mamilos dentro da seda encostando no seu

peito. Ah, Anthony! — exclamou com prazer. — Você realmente está feliz de me ver, não está? Você está duro como uma rocha embaixo de mim. Ah, mal posso esperar para você entrar em mim.

As palavras dela congelaram Tony. A ereção que ele sentia se enrijecendo em suas calças morreu como um floco de neve numa poça d'água. Lá estavam eles de novo.

— Acho que vou desapontá-la — disse ele, com a voz falha.

Aquela risadinha sexy de novo.

— De jeito nenhum. Você já é mais do que sonhei. Ah, Anthony, me toque. Diga, o que quer fazer comigo?

Tony não conseguia encontrar palavras.

— Não seja tímido, Anthony. Não há segredos entre nós, nenhum lugar onde não possamos ir. Feche os olhos, deixe os sentimentos fluírem. Toque meus seios, vá em frente, sugue meus mamilos, me chupe. Quero sentir sua língua úmida e quente por todo o meu corpo.

Tony resmungou. Isso quase ultrapassava os seus limites, mesmo em prol da ciência.

A voz de Angelica arfava agora, como se suas palavras a estivessem estimulando tanto quanto deviam estimulá-lo.

— Assim, ah, meu Deus. Anthony, isso é maravilhoso. Ai-ai-ai — disse ela num gemido com a voz trêmula. — Viu? Eu disse que estava molhada. Isso, mergulhe os dedos fundo na minha boceta. Ah, meu Deus, você é o máximo... Quero... Quero... Ah, meu Deus, quero chegar até você.

Tony ouviu o som de um zíper pela linha telefônica.

— Angelica... — começou a dizer. Estava desmoronando de novo, como sempre fazia, uma espiral fora de controle como um pássaro ferido.

— Ah, Anthony, que delícia. Esse é o pau mais lindo que já vi. Ah, deixe eu provar você... — A voz dela terminava com o som de algo sendo sugado.

O sangue correu para o rosto de Tony em uma onda súbita de vergonha e raiva. Ele bateu o telefone e imediatamente o retirou do gancho novamente. Céus, que tipo de homem não conseguia lidar com uma ereção nem mesmo pelo telefone? E que tipo de cientista não conseguia separar suas próprias falhas patéticas de um simples exercício objetivo de coleta de dados?

O pior era que ele reconhecia o próprio comportamento. Quantas vezes ele sentara à mesa em frente a estupradores, incendiários ou serial killers e observara-os atingindo o ponto em sua reconstituição dos eventos em que não conseguiam mais encarar a si mesmos? Da mesma forma, eles também se fechavam. Não podiam desligar um telefone, mas se protegiam do mesmo jeito. Por fim, é claro, com a terapia correta, abriam fissuras nas muralhas e conseguiam confrontar o que os trouxera até ali. Esse era o primeiro passo para a recuperação. Parte de Tony rezava para que Angelica soubesse o suficiente sobre a teoria e a prática da psicologia, de modo que continuasse com ele até que conseguisse também quebrar as barreiras e encarasse o que quer que tivesse gerado esse aleijado sexual e emocional.

Mas outra parte dele esperava que ela nunca ligasse novamente. Não importa o “quem não arrisca não petisca”. Ele só queria não arriscar.

• • •

John Brandon limpou escrupulosamente seu prato com o último pedaço de pão naan e sorriu para a esposa.

— Estava ótimo, Maggie — elogiou ele.

— Humm. — O filho Andy concordou com a boca cheia de cordeiro e curry de berinjela.

Brandon se mexeu intranquilo na cadeira.

— Se estiver tudo bem para você, acho que vou dar uma passada na Scargill Street por uma hora. Só para ver como vão as coisas.

— Pensei que oficiais graduados como você não tivessem que trabalhar à noite — disse Maggie com bom humor. — Achei que tivesse dito que sua equipe não precisa de você respirando no pescoço.

Brandon parecia encabulado.

— Sei, mas só quero ver como estão indo.

Maggie balançou a cabeça de um lado para outro, com um sorriso resignado no rosto.

— Prefiro que vá e tire isso de sua cabeça. Melhor do que ficar a noite inteira inquieto na frente da televisão.

Karen mostrou interesse.

— Pai, se vai voltar para a cidade, pode me deixar na casa da Laura? Temos que fazer um trabalho de história.

Andy bufou.

— Para você paquerar o Craig MacDonald, isso sim.

— Você não sabe de nada — protestou a filha. — Por favor, pai?

Brandon levantou-se da mesa.

— Só se estiver pronta agora. Vou pegá-la no caminho de volta.

— Ah, pai — reclamou Karen. — Você disse que só ia ficar por uma hora. Precisamos de muito mais para fazer o que queremos.

Foi a vez de Maggie Brandon bufar com uma risada.

— Se seu pai estiver de volta antes de nove e meia, vou fazer panquecas para o jantar.

Karen olhou para cada um dos pais, a angústia da escolha estampada em seu rosto de catorze anos.

— Pai? — disse ela. — Você pode me pegar às nove horas?

Brandon sorriu.

— Por que acho que fui enrolado?

Era pouco mais de sete e meia quando Brandon chegou à sala da equipe HOLMES. Mesmo tarde assim, todos os terminais estavam ocupados. O som da digitação nos teclados desaparecia sob as conversas tranquilas que ocorriam em algumas das mesas. O inspetor Dave Woolcott estava sentado ao lado de um dos analistas de antecedentes criminais, que apontava algum detalhe na tela. Ninguém levantou os olhos quando Brandon entrou.

Ele andou por trás de Woolcott e esperou até que tivesse terminado de falar com o policial sentado ao computador. Brandon suprimiu um suspiro. Decididamente, era hora de ele começar a pensar na aposentadoria. Não eram apenas os policiais que pareciam jovens para ele agora; mesmo os inspetores não pareciam velhos o bastante para estar sem as faixas de aspirante no quepe.

— Continue tentando encontrar uma correspondência, Harry. Faça a referência cruzada com os sistemas de registros criminais — ouviu Woolcott dizer. O rapaz no teclado assentiu e olhou fixamente para sua tela.

— Boa-noite, Dave — cumprimentou Brandon.

Woolcott girou em sua cadeira. Registrando quem era o recém-chegado, ele se levantou.

— Boa-noite, senhor.

— Estava a caminho de casa e pensei em dar uma passada aqui para ver como vocês estão — mentiu Brandon, com naturalidade.

— Bem, senhor, ainda são os primeiros dias. Temos equipes trabalhando vinte e quatro horas pelos próximos dias, inserindo todos os detalhes das declarações dos casos anteriores e também do policial Connolly. Estou em conexão com a equipe que controla os telefones do disque-sexo. A maior parte é rancor, vingança e paranoia, mas o sargento Lascelles está fazendo um bom trabalho em priorizar as mensagens.

— Alguma coisa já foi descoberta?

Woolcott esfregou a área calva, um gesto inconsciente que, de acordo com sua segunda esposa, lhe causara o problema.

— Coisas pequenas aqui e ali. Chegamos ao nome de alguns caras que estavam em Temple Fields ou nos arredores em pelo menos duas das noites em questão, e estamos tomando medidas com relação a eles. Também bombardeamos o sistema nacional de computadores da polícia com números de placa que apareceram regularmente por volta dos horários dos homicídios. Felizmente, desde o segundo homicídio, a inspetora Jordan pôs alguém para observar as placas em volta do bairro gay. É um trabalho demorado, senhor, mas vamos chegar lá.

Se ele estiver lá, pensou Brandon. Fora ele quem tinha sido inflexível na defesa de que este era um caso para a equipe HOLMES. Mas esse assassino era diferente de tudo que tivesse visto ou lido a respeito. Ele era cuidadoso.

Brandon não sabia muito sobre computadores. Mas uma máxima tinha ficado registrada: “Lixo que entra, lixo que sai”. Tinha viva esperança que não tivesse dado a seus homens um trabalho que devia ter ido para o Departamento de Limpeza.

Os olhos de Carol se abriram rapidamente, o coração palpitava. Em seu sonho, uma porta pesada de cela tinha batido, deixando-a prisioneira de paredes frias cobertas de condensação. Ainda zozna de sono, foi preciso um momento para que percebesse que o peso familiar do corpo de Nelson não estava deitado em seus pés. Ela ouviu passos, o chacoalhar de chaves sendo jogadas numa mesa. Uma fresta de luz escapou dos poucos centímetros de porta aberta que Nelson precisava para suas idas e vindas. Ela rolou com um gemido e agarrou o relógio. Dez e dez. Prejudicada em vinte minutos de seu precioso sono por causa da chegada barulhenta de Michael.

Cambaleando para fora da cama e vestindo seu pesado roupão de banho, Carol abriu a porta do quarto e caminhou até a sala espaçosa que ocupava a maior parte do apartamento no terceiro andar que ela compartilhava com o irmão. Meia dúzia de luzes direcionadas para cima em suportes no chão, posicionados em diferentes alturas, lançavam um brilho quente e elegante à sala. Nelson apareceu na porta da cozinha, saltando levemente no piso de madeira polida. Depois, abaixou-se e, num salto que parecia desafiar a gravidade, lançou-se no ar, tocando brevemente em um alto-falante grande e fino antes de pousar com delicadeza sobre uma estante de madeira dourada. De cima dela, o gato olhou desdenhosamente para Carol do outro lado da sala, como se dissesse: “aposto que não consegue fazer isso”.

A sala tinha cerca de doze metros por sete. Numa extremidade, um grupo de três sofás de dois lugares com uma cobertura leve e acolchoada circundava uma mesa de café baixa. Do outro lado ficava uma mesa de jantar com seis cadeiras no estilo de Rennie Mackintosh. Perto dos sofás havia uma TV e um vídeo sobre um rack preto. Cerca de metade da parede atrás estava ocupada com estantes abarrotadas de livros, vídeos e CDs.

As paredes tinham sido pintadas com uma cor fria, um tom claro de cinza, exceto a mais distante, que era de tijolos nus, com cinco janelas arqueadas e que davam vista para o centro. Carol andou pela sala até que pôde ver abaixo, com clareza, a extremidade do laço negro no canal Duke of Waterford. As luzes da cidade brilhavam como uma vitrine de joalheria ordinária.

— Michael — chamou ela.

O irmão pôs a cabeça para fora da estreita cozinha, parecendo surpreso.

— Não tinha percebido que você estava em casa — disse ele. — Acordei você?

— Eu ia me levantar cedo de qualquer jeito. Preciso voltar ao trabalho. Estava só dormindo umas horinhas — explicou ela, resignada. — O bule está aceso? — Ela andou pela cozinha e sentou-se no banco alto enquanto Michael fazia chá e continuava preparando um sanduíche com pão ciabatta, tomates grandes, azeitonas pretas, cebolinha e atum.

— Quer comer? — perguntou ele.

— Podia bem dar conta de um desses — admitiu Carol. — Como foi em Londres?

Michael deu de ombros.

— Sabe como é. Eles gostaram do que estamos fazendo, mas queriam saber se podíamos terminar para ontem.

Carol fez uma careta.

— Parece os editoriais do *Sentinel Times* sobre o serial killer. O que exatamente você está fazendo no momento, aliás? É possível explicar sem utilizar um palavreado muito difícil para uma analfabeta em tecnologia?

Michael sorriu.

— A próxima sensação serão os jogos de aventura de computador com a mesma qualidade que os vídeos. Você filma coisas de verdade, digitaliza e manipula para produzir jogos que são tão reais quanto um filme. Estamos buscando o estágio seguinte. Imagine que está num jogo de aventura no computador, mas todos os personagens são pessoas que você conhece. Você é o herói, mas não apenas na sua imaginação.

— Fiquei perdida agora — disse Carol.

— Tudo bem. Quando instala o jogo no computador, você conecta um scanner e digitaliza fotografias de si mesmo e de todos que quer no seu jogo. O computador lê as informações, e as converte em imagens na tela. Então, em vez de Conan, o Bárbaro, liderar a jornada, quem faz isso é Carol Jordan. Você pode importar fotos de seus melhores amigos ou de seus objetos preferidos

para acompanhá-la no jogo. E pode transformar em vilão qualquer pessoa de quem não goste. Assim, é possível ter uma aventura com Mel Gibson, Dennis Quaid e Martin Amis lutando contra inimigos como Saddam Hussein, Margaret Thatcher e Popeye — explicou Michael com entusiasmo enquanto enfiava os ingredientes no pão.

Ele largou os sanduíches nos pratos, e os dois andaram juntos de volta para a sala de estar, sentaram-se e ficaram olhando o canal enquanto comiam.

— Está claro? — perguntou ele.

— O tanto que precisa ser — respondeu Carol. — Então, quando você tiver esse software pronto, supostamente você poderia pôr pessoas em posições comprometedoras? Como filmes pornográficos?

Michael franziu a testa.

— Teoricamente. O nerd médio nem saberia por onde começar. É preciso saber o que se está fazendo, além de um hardware caríssimo para obter instantâneos de qualidade ou vídeos com seu computador.

— Graças a Deus — disse Carol, com emoção. — Estava começando a pensar que você estava criando um monstro Frankenstein para chantagistas e jornalistas de tabloide.

— De jeito nenhum. De qualquer forma, uma análise cuidadosa revelaria a armação. E quanto a você? Como está sua busca?

Carol encolheu os ombros.

— Alguns super-heróis podiam ajudar, para ser franca.

— Como é o analista de perfil criminal? Ele vai alterar o funcionamento das coisas?

— Tony Hill? Ele já alterou. Popeye só anda de cara feia agora. Mas tenho esperanças de que possamos extrair dele algo construtivo. Já tivemos uma reunião, e ele está cheio de ideias. É um cara legal também, não é alguém com quem seja difícil trabalhar.

Michael sorriu.

— Essa deve ser uma mudança animadora.

— Pode crer.

— E ele faz seu tipo?

Carol arrancou um pedaço de casca de seu pão e o atirou em Michael.

— Meu Deus, você é igualzinho aos porcos chauvinistas com quem trabalho. Não tenho um tipo definido. E, mesmo que tivesse, e mesmo que Tony Hill fosse esse tipo, você sabe que não misturo trabalho e prazer.

— Considerando o fato de que você trabalha todas as horas do dia e passa todo o tempo livre dormindo, acho que está se encaminhando para uma vida de celibato — observou Michael, ironicamente. — E aí, ele é bonitão ou não?

— Não notei — respondeu Carol, tensa. — E duvido que ele até mesmo tenha notado que sou mulher. O homem é maníaco por trabalho. Na verdade, ele é o motivo pelo qual estou trabalhando de novo esta noite. Ele quer ver as cenas dos crimes por volta do horário em que os corpos foram descartados para poder sentir a atmosfera do local.

— Pena que você tenha de sair de novo — comentou Michael. — Faz séculos desde que tivemos uma noite para ver televisão e tomar algumas garrafas de vinho. Nos vemos tão pouco agora. Até parece que somos casados.

Carol sorriu, com tristeza.

— O preço do sucesso, hein, mano?

— Acho que sim — disse Michael, levantando-se. — Bem, se você vai trabalhar, posso ficar acordado ainda por algumas horas antes de descansar o esqueleto.

— Antes de você ir... preciso de um favor.

Michael se sentou novamente.

— Contanto que não envolva passar a sua roupa.

— O que você sabe sobre análise estatística para reconhecimento de padrão?

Michael franziu a testa.

— Não muito. Tive um pouco de experiência com isso quando fiz meu doutorado e trabalhei durante meio expediente, mas não sei o que está mais avançado agora. Por quê? Quer que algo seja analisado?

Carol fez que sim.

— É um pouco tético, devo dizer. — Ela descreveu as feridas sádicas de Damien Connolly. — Tony Hill acha que eles podem produzir algum tipo de mensagem.

— Claro, vou dar uma olhada para você. Conheço um sujeito que deve ter o software mais recente nesta área. Não tenho dúvida de que ele me deixaria usar sua máquina por algum tempo para mexer com isso.

— Nem uma palavra com ninguém a respeito disso — ressaltou Carol.

Michael parecia ofendido.

— É claro que não. O que pensa que sou? Escute, prefiro que eu me dê mal com o serial killer, não você. Vou manter minha boca fechada. Só traga o material para mim amanhã, e farei o melhor que puder, tudo bem?

Carol se inclinou e desgrenhou os cabelos louros do irmão.

— Obrigada, fico devendo essa.

Michael a tomou num rápido abraço.

— Este é um território bem esquisito, maninha. Tenha cuidado, está bem? Você sabe que não posso pagar sozinho a hipoteca deste lugar.

— Sempre tomo cuidado — disse Carol, ignorando a pequena voz dentro dela que a alertava a não brincar com o destino. — Sou uma sobrevivente.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 006**

— Quis você desde a primeira vez que o vi — disse eu baixinho —, quero você há tanto tempo.

A cabeça pendente de Adam se endireitou levemente. Pressionei o botão de gravar da câmera de vídeo montada num tripé. Não queria perder nada. As pálpebras de Adam, pesadas por causa de todo o clorofórmio, lutavam para se abrir um pouquinho. Depois, quando lhe veio a lembrança, elas de repente se abriram completamente. Sua cabeça se debateu de um lado para outro enquanto ele tentava ver onde estava e o que o prendia. Quando percebeu sua nudez, identificou os detalhes das algemas de couro macio nos pulsos e no tornozelo. Ao compreender que estava atado no meu potro, um gemido de algo que soava como pânico escapou por trás da fita sobre sua boca.

Saí das sombras por trás dele e me movi para sua linha de visão, meu corpo coberto de óleo e brilhando nas luzes da noite. Eu usava apenas minhas roupas íntimas, cuidadosamente escolhidas para exibir meu corpo soberbo da

maneira mais vantajosa. Quando me viu, seus olhos se arregalaram ainda mais. Ele tentou falar, mas tudo que saiu foi um tenso murmúrio.

— Mas você decidiu que não podia se permitir me querer, não foi? — questionei, com a voz hostil e acusadora. — Você traiu o meu amor. Não teve a coragem de escolher um amor que glorificaria nós dois. Não, você ignorou a si mesmo e foi atrás de uma vadia estúpida, aquela piranha de quinta categoria. Você não percebe? Apenas eu, no mundo inteiro, realmente compreendo o que você precisa. Poderia ter lhe proporcionado êxtase, mas você escolheu a opção segura e patética. Não tinha coragem para uma união sincera de almas e corpos, não é?

Pingos de suor escorriam pelas suas têmporas, apesar do frio do porão. Avancei e alisei seu corpo, correndo minha mão por seu peito pálido e musculoso, roçando meus dedos por sua virilha. Ele se encolheu convulsivamente, implorando com seus olhos azuis intensos.

— Como pôde trair o que sei que está em seu coração? — sussurrei, enterrando minhas unhas na pele macia sob o encaracolado grosso de seus escuros pelos pubianos. Ele se contraiu, protegendo-se de mim. A sensação me causou entusiasmo. Tirei minha mão e admirei as meias-luas escarlate que minhas unhas tinham deixado em sua pele. — Sabe que pertence a mim. Você me disse. Você me queria, nós dois sabemos que sim.

Outro gemido por detrás da mordança. Agora o suor tinha se espalhado pelo seu peito, pingos revestindo como um tapete os pelos grossos e escuros que

diminuíam em seu abdômen tornando-se uma fina linha que apontava para o pau pendente, curvado e inútil como uma lesma entre suas pernas. Muito embora fosse óbvio que ele não me queria, a mera visão de sua nudez vulnerável me excitava. Ele era lindo. Podia sentir o sangue fluindo mais rápido, minha pele se expandindo, pronta para recebê-lo, pronta para explodir. Tinha ódio de mim por causa dessa fraqueza e virei-me para o outro lado antes que ele pudesse ver o efeito que me causava.

— Tudo o que eu queria era amá-lo — continuei, de um jeito tranquilo.
— Não queria que fosse assim.

Minha mão escapou para a manivela do potro e acariciou a madeira lisa. Virei a cabeça e fitei o belo rosto de Adam. De forma lenta, infinitamente lenta, comecei a girar a manivela. O corpo dele, já estendido, contraiu-se contra o puxão das correias. Sua tentativa foi inútil. As engrenagens no mecanismo de enrolamento multiplicavam meu pequeno esforço até que se igualava à força de vários homens. Adam não era páreo para minha máquina. Eu conseguia ver os músculos de seus braços e pernas incharem, seu peito se levantando enquanto ele lutava para respirar.

— Não é tarde demais — sugeri. — Ainda podemos ser amantes. Que tal?

Desesperadamente, ele moveu a cabeça. Não havia dúvida de que era um sinal afirmativo. Sorri.

— Assim é melhor — disse. — Agora, tudo que precisa fazer é me provar que está dizendo a verdade.

Corri uma das mãos por seu peito úmido, depois esfreguei meu rosto contra os pelos finos. Conseguia cheirar seu medo, sentir o gosto dele em seu suor. Enterrei minha cabeça em seu pescoço, sugando e mordendo, mordiscando suas orelhas. Seu corpo permaneceu rígido, mas não senti nenhum sinal de ereção embaixo de mim. Com frustração, retirei-me. Inclinei-me sobre ele e, com um movimento brusco e angustiante, puxei a fita de sua boca.

— Aaaaaah. — Ele deu um berro quando a cola adesiva rasgou sua pele, irritando a barba rala. — Por favor, me deixe ir embora — sussurrou, lambendo os lábios secos.

Fiz que não com a cabeça.

— Não posso fazer isso, Adam. Talvez se fôssemos amantes...

— Não vou contar a ninguém — disse com a voz rouca. — Juro.

— Você me traiu uma vez — falei, com tristeza. — Como posso confiar em você agora?

— Desculpe — disse ele. — Não percebi... Desculpe. — Mas não havia penitência em seus olhos, só desespero e medo. Reproduzi essa cena tantas vezes na cabeça. Parte de mim se empolgava por ter previsto tão bem seu formato que o diálogo era quase idêntico à situação que imaginei. Mas parte de mim sentia uma tristeza inexprimível de que ele fosse exatamente

tão fraco e indigno de confiança quanto eu temia. E uma terceira parte de mim estava entusiasmada de um modo quase incontrolável pelo que me aguardava, fosse amor, morte, ou as duas coisas.

— É tarde demais para palavras — continuei. — É hora de ação. Você disse que queria que fôssemos amantes, mas não é isso que seu corpo está dizendo. Talvez esteja com medo. Mas não há necessidade de ter medo. Sou uma pessoa generosa, uma pessoa amorosa. Você pode descobrir isso por si próprio. Vou lhe dar uma última chance para reparar sua traição. Vou deixá-lo sozinho agora por um tempo. Quando voltar, espero que consiga controlar seu medo e me mostre o que realmente sente por mim.

Eu o deixei e caminhei até a câmera. Retirei a fita que vinha gravando nosso encontro e a substituí por uma nova. No topo das escadas, me virei.

— Caso contrário, serei forçado a prosseguir com o castigo por sua traição.

— Espere — gritou Adam desesperadamente enquanto eu desaparecia de vista. — Volte — suplicou ele, mas eu já havia fechado a porta do alçapão. Imagino que ele tenha continuado a gritar, mas não podia ouvi-lo. Subi ao quarto de tia Doris e tio Henry. Coloquei a fita no videocassete que tinha montado no baú ao pé da cama, liguei a TV e sentei-me entre os frios lençóis de algodão. Mesmo que Adam não me quisesse, eu não conseguia resistir ao meu desejo por ele. Observei-o no potro, minha mão me alisando, tocando-me com toda a técnica e engenhosidade que eu queria dele, imaginando seu belo

pau inchando em minha boca. Toda vez que me aproximava do orgasmo, eu parava, forçando-me a aguardar o que vinha adiante. Depois que assisti a todo o vídeo pela quarta vez, decidi que ele tivera tempo o bastante.

Escorreguei para fora da cama e desci as escadas. Olhei para ele com os braços e as pernas esticados no potro.

— Por favor — disse ele. — Deixe-me ir embora. Farei tudo que quiser, mas me deixe ir. Estou implorando.

Sorri e fiz que não, balançando gentilmente a cabeça.

— Vou levá-lo de volta a Bradfield, Adam. Mas, primeiro, é hora da festa.



As pessoas começam a perceber que algo mais faz parte da realização de um bom assassinato além de dois imbecis, um para matar e outro para ser morto — uma faca — uma bolsa — e uma rua escura. Planejamento, cavalheiros, agrupamento, luz e sombra, poesia, sentimento são agora considerados indispensáveis para tentativas dessa natureza.

O trabalho pode não resolver tudo, mas é uma ótima tática para desviar a atenção. Tony olhava para o monitor, rolando a tela pelas informações tabuladas que tinha colhido dos relatórios policiais. Satisfeito por ter incorporado tudo de útil, ele ligou a impressora. Enquanto ela vibrava e emitia seus ruídos repetitivos rumo à impressão, Tony abriu outro arquivo e começou a esboçar as conclusões que tinha formulado com base nos dados. Qualquer coisa, qualquer coisa para mantê-la a distância.

Ele estava tão absorvido pelo trabalho que mal percebeu o primeiro toque da campainha. Quando ela soou pela segunda vez, ele levantou os olhos, assustado, para o relógio. Onze e cinco. Se fosse Carol, ela teria chegado antes

do que ele previra. Eles já tinham concordado que havia pouco sentido em começar o tour antes da meia-noite. Tony se levantou, inseguro. Como sabia seu telefone, não seria muito difícil para Angelica descobrir também seu endereço. Ele chegou à porta justamente quando a campainha tocava pela terceira vez. Arrependendo-se por não ter instalado um olho mágico, Tony abriu vagarosamente a porta.

Carol sorriu.

— Parece que você estava esperando o Faz-tudo — disse ela. Quando Tony não respondeu nada, ela acrescentou: — Desculpe, estou um pouco adiantada. Tentei ligar, mas seu telefone estava ocupado.

— Desculpe — murmurou Tony. — Eu devo ter deixado fora do gancho acidentalmente mais cedo. Entre, não tem problema.

Ele encontrou um sorriso em algum lugar dentro de si e guiou Carol até seu escritório. Quando chegou à escrivaninha, deslizou o telefone de volta para o gancho.

Carol percebeu que o telefone ocupado não tinha sido nenhum acidente. Dedução: ele não queria ser perturbado, nem mesmo pela secretária eletrônica. Provavelmente, como ela, Tony não podia resistir a um telefone que toca. Ela olhou para as folhas de papel depositadas na bandeja da impressora.

— Está na cara que você está bastante ocupado — disse ela. — E eu que pensei que você tinha demorado para abrir a porta porque tinha ido tirar uma soneca.

— Você dormiu? — perguntou Tony, notando que os olhos dela tinham mais brilho do que antes.

— Quatro horas, ou seja, cerca de dez horas a menos do que precisava. Tenho algumas informações para você, aliás.

Ela o informou de modo sucinto sobre os resultados de sua visita a Scargill Street, deixando de fora a hostilidade de Cross.

Tony ouviu com atenção, fazendo algumas anotações no bloco.

— Interessante — disse ele. — Não acho que haja muito sentido em deter os criminosos sexuais de novo, porém. Caso o Faz-tudo tenha ficha criminal, é mais provável que seja por delitos juvenis, arrombamentos, violência pequena, esse tipo de coisa. Ainda assim, já me enganei antes.

— Não nos enganamos todos um dia? A propósito, verifiquei com a equipe do sistema HOLMES, e não há ninguém lá que saiba alguma coisa sobre análise estatística para reconhecimento de padrão, então pedi ao meu irmão para ver o que pode fazer por nós. Devo dar a ele apenas algumas fotografias ou há outra forma de apresentar os dados?

— Acho que há menos chance de erro se ele trabalhar diretamente com as fotografias. Obrigado por resolver isso para mim.

— De nada — disse Carol. — Secretamente, acho que meu irmão ficou bem satisfeito com o pedido. Ele pensa que não o levo a sério. Sabe como é, ele cria softwares de jogos, e eu pego no batente.

— E ele tem razão?

— Sobre o quê? Se o levo a sério? Pode ter certeza que sim. Respeito qualquer um que compreenda algo tão distante do meu entendimento quanto computadores. Além disso, ele ganha quase o dobro do meu salário. Isso tem de ser sério.

— Não sei quanto a isso. Andrew Lloyd Webber provavelmente ganha mais num dia do que eu num mês, mas ainda assim não consigo levá-lo a sério.

Tony se levantou.

— Carol, se incomoda de esperar uns dez minutos? Preciso tomar um banho rápido para acordar.

— Tudo bem, fique à vontade. Fui eu que cheguei cedo demais.

— Obrigado. Quer um chá enquanto espera?

Carol balançou a cabeça.

— Vou dispensar, obrigada. Está frio lá fora, e não há muitos lugares em que uma mulher possa fazer xixi em Temple Fields de madrugada.

Quase com timidez, Tony pegou uma pilha de impressões e ofereceu a Carol.

— Comecei a trabalhar nas vítimas. Talvez você queira dar uma olhada enquanto me espera.

Ansiosa, Carol pegou os papéis.

— Eu adoraria. Estou fascinada por todo esse processo.

— Isso é apenas preliminar — enfatizou Tony, recuando até a porta. — Quer dizer, não tirei nenhuma conclusão ainda. Estou trabalhando para isso.

— Relaxe, Tony, estou do seu lado — tranquilizou Carol, enquanto ele deixava a sala. Ela o fitou por um momento, perguntando-se o que o perturbara. Achava que, quando se separaram à tarde, eles tinham desenvolvido uma descontraída camaradagem. Mas, agora, ele estava nervoso, distraído. Era porque estava cansado, ou porque se sentia desconfortável em tê-la sentada em sua casa? — Meu Deus, que importa? — resmungou consigo mesma. — Foco, Jordan. Aproveite o cérebro do homem.

Ela se concentrou na primeira folha e estudou os dados.

	Adam S.	Paul G.	Gareth F.	Damien C.
Nº. da vítima	1	2	3	4
Data do crime	6-7/9/93	1-2/11/93	25-26/12/93	20-21/2/94
Morador de Bradfield?	Sim	Sim	Sim	Sim
Sexo	M	M	M	M
Origem étnica	Caucasiano	Caucasiano	Caucasiano	Caucasiano
Nacionalidade	Britânico	Britânico	Britânico	Britânico

Idade	28	31	30	27
Signo	Gêmeos	Câncer	Escorpião	Capricórnio
Altura	1m78	1m80	1m80	1m83
Peso	66,7 kg	61,7 kg	68,5 kg	72,6 kg
Porte	Médio	Magro	Médio	Médio
Musculatura	Boa	Média	Média	Excelente
Comprimento do cabelo	Acima do ombro	Até o ombro	Acima do ombro	Acima do ombro
Cor do cabelo	Castanho	Castanho-escuro	Castanho	Castanho-avermelhado
Tipo de cabelo	Ondulado	Liso	Liso	Encaracolado
Tatuagens	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Roupas	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Profissão	Funcionário público	Professor universitário	Advogado	Policial
Local de trabalho	Centro da cidade	Zona sul	Centro da cidade	Subúrbios da zona sul
Carro	Ford Escort	Citroën AX	Ford Escort	Classic Austin Healey
Passatempos	Malhação, pesca esportiva	Caminhadas	Malhação, teatro, cinema	Restauração de automóveis
Residência	Casa moderna com terraço e garagem	Casa com terraço no estilo eduardiano; sem garagem	Casa não geminada num dos lados. Dos anos 30; sem garagem	Casa não geminada com terreno; garagem anexa
Estado civil	Divorciado Morava sozinho NPA PR	Solteiro Morava sozinho NPA NPR	Solteiro Morava sozinho PA NPR	Solteiro Morava sozinho NPA NPR
Itens pessoais desaparecidos	Aliança, relógio	Relógio	Anel com selo, relógio	Relógio
Itens desaparecidos de casa	Fita da secretária eletrônica	Fita da secretária eletrônica	Nenhum conhecido	Nenhum conhecido

Histórico sexual conhecido	Hétero	Hétero	Hétero	Desconhecido
Visto pela última vez por conhecido	Bonde na volta do trabalho, 18h aprox.	Deixando o trabalho, 17h30 aprox.	Em casa, 19h15	Em casa, 18h
Ficha criminal	Não	Não	Não	Não
Conexão com a cena do crime	Nenhuma conhecida	Nenhuma conhecida	Nenhuma conhecida	Nenhuma conhecida
Status do local onde o corpo foi recuperado	Urbano	Urbano	Suburbano/rural	Urbano
Local do primeiro contato com o assassino	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido
Local da morte	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido
Disposição do corpo	Semioculto para causar pequeno atraso antes da descoberta	Semioculto para causar pequeno atraso antes da descoberta	Oculto; necessária nota para polícia via jornal	Exposto abertamente, mas em área sem transeuntes até horário específico
Corpo posado?	Não	Não	Não	Não
* O corpo foi lavado?	Sim	Sim	Sim	Sim
Causa da morte	Corte na garganta	Corte na garganta	Corte na garganta	Corte na garganta
** Amarras?	Pulsos Tornozelos Mordaça adesiva	Pulsos Tornozelos Mordaça adesiva	Pulsos Tornozelos Mordaça adesiva	Pulsos Tornozelos Mordaça adesiva
Marcas de mordida?	Não	Não	Não	Não
Possíveis marcas de mordida (ou seja, com carne removida)	Sim	Sim	Sim	Sim

Local das marcas	Pescoço (2) Peito (1)	Pescoço (2)	Pescoço (3) Abdômen (4)	Pescoço (3) Peito (2) Virilha (4)
Sinais de tortura ou ataque incomum	Sim (ver A)	Sim (ver B)	Sim (ver C)	Sim (ver D)

* LAVAGEM DO CORPO: Nenhum material com fragrância parece ter sido usado, sugerindo que o criminoso não está utilizando o processo de lavagem como uma forma de negação; em vez disso, alinhado com o restante do seu comportamento cauteloso, sugiro que essa lavagem pretende eliminar pistas forenses, já que o assassino parece ter tomado cuidado especial com as unhas. Raspagens em todas as quatro vítimas não mostraram nada além de traços de sabão sem perfume.

** AMARRAS: Nenhuma foi encontrada nos corpos, mas as autópsias revelaram hematomas congruentes com algemas nos pulsos, leves traços de adesivo, pelos ausentes e feridas em torno dos tornozelos condizentes com fita adesiva e com ataduras separadas, além de vestígios de adesivo no rosto perto da boca. Nenhum indício de vendas.

A: **Adam Scott**. Deslocamento de tornozelos, joelhos, quadris, ombros, cotovelos e várias vértebras. Condizente com o estiramento num potro. Leves cortes posteriores à morte no pênis e nos testículos.

B: **Paul Gibbs**. Várias lacerações no reto, esfíncter anal praticamente destruído e estripação parcial. Indícios de objeto pontudo inserido repetidamente no ânus. Também um pouco de tecido queimado internamente, sugerindo a possibilidade de aplicação de calor ou choque

elétrico. Rosto espancado gravemente antes da morte; hematomas; ossos faciais e dentes quebrados. Cortes posteriores à morte nos genitais, mais pronunciados que em A.

C: *Gareth Finnegan*. Feridas irregulares de perfuração nas mãos e nos pés, com um centímetro de diâmetro aproximadamente. Lacerações na bochecha esquerda e no nariz, indícios de quebra de copo ou garrafa no rosto por agressor destro. Ombros deslocados. Possível crucificação? Feridas posteriores à morte nos genitais, praticamente castrado.

D: *Damien Connolly*. Deslocamentos similares a A, mas nenhum trauma espinhal significativo, excluindo a possibilidade de um potro. Grande número de pequenas queimaduras no formato de estrela no torso. Pênis cortado após a morte e inserido na boca da vítima.

Questão: As algemas de Damien Connolly ainda estão em sua casa ou no armário da polícia?

Questões: Por que os corpos sempre são descartados nas noites de segunda/manhãs de terça? O que acontece na segunda que permite que ele fique livre? Ele trabalha de noite e tem a segunda de folga? Talvez seja um homem casado que tem a segunda livre porque a esposa tem atividades com amigos, por exemplo, saídas com as amigas? Ou será que isso se deve à segunda-feira não ser uma noite tradicional para saídas noturnas e ele poder ter mais certeza de encontrar suas vítimas em casa?

Carol percebera que Tony tinha voltado, mas continuava lendo, somente levantando uma das mãos e acenando com os dedos para indicar que sabia que ele estava ali. Quando chegou ao fim do relatório, ela respirou fundo e disse:

— Bem, dr. Hill, você *realmente* esteve bastante ocupado.

Tony sorriu e se afastou do umbral da porta onde estava recostado.

— Não acredito que haja nada aí que você já não tenha registrado mentalmente.

— Não, mas ver as coisas dispostas assim de alguma forma torna tudo mais claro.

Tony concordou.

— Ele tem um tipo muito específico.

— Você quer conversar sobre isso agora?

Tony olhou para o chão.

— Prefiro deixar de lado a maior parte disso por enquanto. Preciso deixar a poeira baixar e analisar todo o resto das declarações de testemunhas antes de pensar num perfil.

Carol não pôde deixar de ficar decepcionada.

— Entendo — limitou-se a dizer.

Tony sorriu.

— Estava esperando mais?

— Na verdade, não.

Seu sorriso se ampliou.

— Nem mesmo um pouquinho?

O sorriso era contagiante. Carol sorriu de volta.

— Tinha esperança, talvez. Expectativa, não. A propósito, houve uma coisa que não entendi. NPA? PA? NPR? Quer dizer, não estamos falando em “Normas e Procedimentos de Auditoria” nem em “Pressão Atmosférica” aqui, estamos?

— Nenhum parceiro atual. Parceiro atual. Nenhum parceiro recente. Abreviatite. É uma doença que aflige todos nós nas ciências humanas, como

psicologia ou sociologia. Precisamos confundir os não iniciados. Desculpe por isso. Vou tentar manter as coisas o máximo possível livres de jargão.

— Para não confundir policiais tontos como nós, né? — implicou Carol.

— É mais uma questão de autopreservação. A última coisa que quero é dar aos céticos mais lenha para pôr na fogueira. É difícil o bastante fazer com que aceitem que meus relatórios valem a pena serem lidos sem desinteressá-los com todo o palavreado pseudocientífico desnecessário.

— Acredito em você — disse Carol, ironicamente. — Vamos?

— Claro. Há uma coisa que eu gostaria de lhe dizer agora para ver o que acha — avisou Tony. De repente, estava sério de novo. — As vítimas. Todos estão presumindo que esse assassino tem como alvo gays de Bradfield. Temos o maior público gay do país fora de Londres. No entanto, cada uma dessas vítimas não tem histórico conhecido de homossexualidade. O que isso lhe diz?

— Ele está no armário e só vai atrás de homens que estão no armário também? — arriscou Carol.

— Talvez. Mas, se todos eles estão ocupados se passando por héteros, como ele os encontra?

Carol ajeitou as bordas dos papéis para ganhar um instante.

— Anúncios em classificados pessoais? Linhas de bate-papo com vários usuários? Internet?

— Tudo bem, tudo isso são possibilidades. Mas não há evidência de nenhum desses interesses, de acordo com os relatórios dos policiais que pesquisaram suas casas. Nem mesmo um único caso.

— O que você está tentando dizer?

— Acho que o Faz-tudo não se excita com homens gays. Acho que ele gosta que sejam héteros.

• • •

O sargento Don Merrick concluiu que nunca se sentira mais aborrecido. Como se não fosse ruim o suficiente que ele tivesse Popeye atrás dele por causa da nova atribuição do chefe, agora era um servo para três mestres. Ele devia se certificar de que as ordens da inspetora Jordan eram desempenhadas enquanto ela não estava por perto, e devia também trabalhar com Kevin Matthews no caso de Damien Connolly, além de estabelecer uma parceria com Bob Stansfield no trabalho que ele e a inspetora Jordan já tinham concluído no caso de Paul Gibbs. Para completar, ainda estava passando a noite no Hell Hole.

Nunca, na sua opinião, um local recebera um nome mais adequado: era mesmo a profundidade do inferno. O Hell Hole se anunciava na imprensa gay como: “O clube que domina Bradfield. Uma visita e você se transformará num escravo. Você é **obrigado** a se divertir mais do que nunca no Hell Hole!” Tudo isso era um modo acanhado de dizer que o clube era o lugar para quem estivesse em busca de prazer com parceiros de sadomasoquismo e bondage.

Merrick se sentiu como a Branca de Neve numa orgia. Ele não fazia ideia de como devia se comportar. Nem mesmo tinha certeza se possuía a aparência correta. Optou por velhas calças Levis rasgadas que normalmente só viam a luz do dia quando ele estava fazendo reparos ocasionais na casa, uma camiseta branca lisa e a surrada jaqueta de couro que costumava usar em sua motocicleta antes de as crianças nascerem. No bolso de trás estavam suas algemas oficiais, na esperança de dar alguma verossimilhança à sua pose. Olhando em volta do bar mal-iluminado, Merrick identificou tanto brim e couro envelhecidos que esperava ver uma bandeira de SOS se erguendo sobre a pista de dança. Superficialmente, pelo menos, ele achava que podia representar bem o papel que desempenhava. O que em si era preocupante. À

medida que seus olhos ficaram mais acostumados à pouca luz, o sargento reconheceu alguns de seus colegas. Em grande parte, pareciam tão desconfortáveis quanto ele se sentia.

Um pouco depois das nove, quando chegou, a boate estava praticamente vazia. Sentindo que dava incrivelmente na vista, Merrick pediu um passe de saída e voltou para as ruas. Vagou por Temple Fields por cerca de uma hora, parando num café para tomar um cappuccino. Pensava por que parte da clientela gay vinha lhe dirigindo olhares estranhos até que percebeu que era o único cliente que usava couro e brim. Claramente, ele transgrediu algum código de vestimenta não escrito. Desconfortável, Merrick engoliu o café escaldante o mais rápido que conseguiu e voltou para as ruas.

Sozinho nas calçadas e passagens de pedestres de Temple Fields, ele se sentiu vulnerável de verdade. Todos os homens que passavam por ele, estivessem desacompanhados, em casal ou em grupo, todos o olhavam de cima a baixo especulativamente, a maior parte dos olhares pausando em sua virilha. Por dentro, Merrick ficou envergonhado, arrependendo-se por ter escolhido um jeans que apertava tanto suas partes. Quando um casal de jovens negros passou, de braços dados, ele ouviu um dizer para o outro em voz alta: “Para um branco, até que tem uma bunda boa, hein?” Merrick sentiu o sangue subir até suas bochechas, indeciso se isso era raiva ou embaraço. Num momento de incrível clareza, percebeu o que as mulheres queriam dizer quando reclamavam de serem tratadas como objeto pelos homens.

Retornou ao Hell Hole, aliviado que o lugar estivesse cheio agora. A música disco vibrava em alto volume, com a batida tão forte que ele parecia senti-la dentro do peito. Na pista de dança, os homens vestindo couro adornado com correntes, zíperes e quepes de policial se moviam com energia, exibindo seus músculos enrijecidos como náutilos, estendendo para

a frente a virilha no ar em paródias bizarras do sexo. Suprimindo um suspiro, o sargento forçou o caminho pela multidão até o bar. Ele pediu uma garrafa de cerveja americana, que tinha um gosto incrivelmente insípido para um paladar treinado a esperar a doçura característica das nozes do Newcastle Brown.

Virando-se de frente para a pista de dança mais uma vez, Merrick inclinou-se no balcão e analisou o ambiente, tentando desesperadamente evitar o contato visual com qualquer pessoa em particular. Já estava assim havia cerca de dez minutos quando percebeu que o homem de pé ao seu lado não estava verdadeiramente tentando que lhe servissem. Merrick olhou em volta para descobrir os olhos do homem fixos nele. Tinham quase a mesma altura, mas o outro exibia uma constituição mais larga e musculosa. Ele vestia calças de couro preto apertadas e uma camiseta branca. Seus cabelos louros eram curtos nas laterais, mais longos em cima, e seu corpo era tão bronzeado e liso quanto mobília do estilo Chippendale. Seu admirador ergueu as sobrancelhas e disse:

— Oi, meu nome é Ian.

Merrick ofereceu um sorriso minguado.

— Don — respondeu, aumentando a voz para se opor à música.

— Nunca vi você aqui antes, Don — disse Ian, aproximando-se de modo que seu braço nu pressionasse o couro gasto da manga de Merrick.

— É minha primeira vez.

— Então é novo na cidade? Você não parece daqui.

— Sou do nordeste — respondeu Merrick com cuidado.

— Isso explica. Um belo rapaz de Tinesyde — elogiou Ian, com uma má imitação do sotaque de Merrick.

Merrick sentiu seu sorriso se abater e morrer.

— Você costuma vir aqui, então? — perguntou ele.

— Nunca deixo de vir. Melhor bar na cidade para o tipo de cara que gosto. — Ian deu uma piscadinha. — Posso lhe pagar um drinque, Don?

O suor que escorria pelas costas de Merrick não tinha nada a ver com o calor do bar.

— Vou tomar mais um desses — disse ele.

Ian assentiu com a cabeça e se voltou para o bar, usando a multidão em volta de si como uma desculpa para se encostar em Merrick. O sargento olhou em volta do local, com o maxilar rígido. Ele notou um dos outros detetives da divisão de homicídios o observando. Seu colega deu uma piscadela grotesca e fez um gesto com o dedo bombeando o punho fechado da outra mão. Merrick desviou o olhar, ficando face a face com Ian, que tinha sido servido.

— Aí está, belo rapaz — disse Ian. — Então está à procura de um pouco de diversão esta noite?

— Só estou dando uma olhada na atividade gay local — disse Merrick.

— Como é lá em Newcastle, então? — perguntou Ian. — Animada? Tem para todo gosto, não é?

Merrick deu de ombros.

— Não sei. Não sou de Newcastle. Venho de uma cidadezinha na costa. Não é o tipo de lugar onde se consiga ser você mesmo.

— Entendo. — disse Ian, colocando uma das mãos sobre o braço de Merrick. — Bem, Don, se quiser ser você mesmo, veio ao lugar certo. E encontrou o cara certo.

Merrick rezou para que não parecesse tão aterrorizado quanto ficou.

— É com certeza agitado o bastante — arriscou.

— Podíamos ir a algum lugar mais tranquilo, se quiser. Há outro ambiente nos fundos daqui, onde a música não é tão alta.

— Não, estou bem aqui — recusou Merrick com rapidez. — Gosto da música, para ser franco.

Ian se moveu para a frente de modo que seu torso se inclinou contra o de Merrick.

— O que você curte, Don? Ativo ou passivo?

Merrick engasgou com a cerveja.

— Como é? — disse, arfando.

Ian riu e alisou os cabelos de Merrick. Seus olhos azul-claros brilharam travessos, prendendo o olhar fixo de Merrick.

— Você é mesmo um turista inocente, não é? O que estou querendo saber é: do que gosta mais? Meter ou levar? — Suas mãos se moviam para baixo até as calças de Merrick. Justamente quando o detetive pensava que seria alisado de uma forma que ninguém, exceto sua esposa, já fizera, a mão de Ian escorregou para o lado e fez o contorno para apalpar a bunda de Merrick.

— Isso depende — arriscou, com a voz rouca.

— Depende de quê? — perguntou Ian sugestivamente, aproximando-se tanto que Merrick podia sentir a ereção do outro homem contra sua perna.

— De quanto confio na pessoa com quem estou — respondeu Merrick, tentando não mostrar sua repulsa na voz ou na expressão facial.

— Ah, eu sou muito confiável. E você parece do tipo confiável também.

— E você não fica um pouco preocupado, por exemplo, com estranhos? Com esse serial killer à solta? — perguntou Merrick, usando a oportunidade para colocar sua garrafa vazia de volta no balcão e se afastar ligeiramente do corpo insistente de Ian.

O sorriso dele era arrogante.

— Por que deveria? Esses caras que estão sendo despachados não saem para lugares como este. É lógico que este não é o lugar onde esse canalha maluco os está apanhando.

— Como você sabe disso?

— Vi fotos nos jornais, e nunca vi nenhum deles no meio. E, acredite em mim, eu conheço bem o mundo gay. Foi como fiquei sabendo que você era o novo garoto na cidade.

Ian se aproximou outra vez e enfiou uma das mãos no bolso de trás de Merrick. Ele correu os dedos sobre o contorno rígido das algemas.

— Ei, isso parece interessante. Estou começando a imaginar como podia ser entre a gente.

Merrick forçou uma risada.

— Pelo que você sabe, eu podia ser o assassino.

— E daí se for? — disse Ian, com toda a segurança. — Não sou o tipo que a porra desse aloprado procura. Ele gosta de bichas no armário, não de homens machos. Se me pegasse, ele ia querer trepar, não cometer assassinato. Além disso, um sujeito bonitão como você não precisa matar ninguém para conseguir uma foda.

— É, bem, talvez tenha razão, mas como sei que você não é o assassino?

— Vou dizer uma coisa, só para provar que não sou, vou deixar você por cima esta noite. Você vai estar no comando e eu que vou usar as algemas.

Continue assim e não vai estar errado, Merrick pensou com seus botões. Ele esticou o braço e agarrou o pulso de Ian com força, removendo a mão dele do seu bolso.

— Acho que não — disse. — Não esta noite. Como falou, sou o novo garoto na cidade. Não vou para casa com ninguém até ficar um pouco mais íntimo. — Soltou o pulso de Ian e deu um passo para trás. — Bom conversar com você, Ian. Obrigado pelo drinque.

O rosto de Ian se alterou num instante. Seus olhos se estreitaram e o sorriso se desfez numa careta, com os dentes à mostra.

— Espere um minuto, rapaz do nordeste. Não sei com que tipo de boate mixuruca para criancinhas você está acostumado, mas, nesta cidade, não se entra num corpo a corpo com alguém e faz essa pessoa lhe pagar drinques se não estiver preparado para ir até o fim.

Merrick tentou fugir, mas a pressão dos corpos em torno do bar tornava qualquer movimento difícil.

— Lamento se houve um mal-entendido — disse ele.

O braço de Ian moveu-se rapidamente e segurou Merrick com firmeza logo abaixo do bíceps. A dor era excruciante. O sargento encontrou um momento para se perguntar que tipo de pessoa buscava ativamente dor como essa como parte de seu prazer sexual. Ian projetou o rosto tão próximo que Merrick conseguia sentir o mau hálito que aprendera estar associado ao abuso de anfetaminas.

— Não é um mal-entendido — retorquiu Ian. — Você veio aqui pelo sexo. Não há nenhum outro motivo para estar aqui. Então, sexo é o que vamos fazer.

Merrick, com um meio giro de corpo, golpeou o cotovelo com força abaixo do tórax de Ian. Ele expeliu o ar num rápido sopro e se curvou, largando o braço de Merrick no reflexo de segurar seu plexo solar.

— Não vamos, não — disse Merrick, gentilmente, distanciando-se no espaço que se abriu em torno dele como que por magia.

Em seu caminho pelo local, um dos outros policiais disfarçados o acompanhou.

— Boa, sargento — sussurrou ele, com o canto da boca. — O senhor fez o que todos estamos querendo desde que chegamos aqui.

Merrick parou e sorriu para o policial.

— Você devia estar agindo em sigilo. Dance comigo, porra, ou dê o fora e deixe um desses veados cantar você.

Deixando o policial de boca aberta, Merrick caminhou até o outro lado da pista de dança e recostou-se na parede. A comoção que ele causara no bar tinha se aquietado. Ian forçou o caminho pela multidão, ainda segurando a barriga, e deixou a boate, dirigindo olhares virulentos para Merrick.

Sem demora, o sargento estava acompanhado novamente. Dessa vez, ele reconheceu sua companhia como um detetive de uma das outras divisões que havia se juntado à de homicídios naquele dia. Ele estava suando sob o peso da jaqueta e da calça, ambas de couro, que pareciam suspeitamente item padrão para motocicletas da polícia. O outro se inclinou para se aproximar de Merrick, de modo que não fosse ouvido pelo grupo em volta da pista de dança, e disse com urgência:

— Chefe, acho que tem um sujeito em que devemos dar uma olhada.

— Por quê?

— Eu o ouvi dizer para alguns caras que conhecia os que morreram. Estava se gabando disso, já que não havia muitos que podiam dizer isso. Dizia que o assassino deve ser um fisiculturista como ele, porque carregava corpos por aí. Ele estava falando que aposta que havia pessoas aqui esta noite que não sabem que conheciam um assassino. Se gabando assim, o tempo inteiro.

— Por que não o atrai você mesmo? — perguntou Merrick, com o interesse animado pelo que ouviu, mas relutante em tirar do policial o crédito de pegar um suspeito.

— Tentei começar uma conversa com ele, mas ele me deu um fora. — O policial deu um sorriso irônico. — Talvez eu não seja o tipo do cara, chefe.

— E o que lhe faz pensar que eu sou? — perguntou Merrick, sem ter certeza se estava sendo insultado sutilmente.

— Ele está usando o mesmo tipo de roupa que o senhor.

Merrick suspirou.

— É melhor você apontá-lo para mim.

— Não olhe agora, senhor, mas ele está de pé perto dos alto-falantes. Branco, tipo do norte europeu, quase um metro e setenta de altura, cabelos curtos escuros, olhos azuis, barba feita, sotaque escocês carregado. Vestido como o senhor. Bebendo um quartilho de cerveja Lager.

Merrick se recostou de novo na parede e lentamente analisou o ambiente. Ele encontrou o suspeito na primeira passagem de olhos.

— Encontrei, acho — disse. — Tudo bem, filho, obrigado. Finja estar puto quando eu sair.

Ele se afastou da parede e deixou o policial praticando sua aparência deprimida. Devagar, Merrick se moveu pelo local até ficar próximo ao homem que lhe tinha sido apontado. Ele tinha um corpo volumoso de levantador de peso e o rosto de um boxeador. Sua roupa era quase idêntica à de Merrick, exceto pela jaqueta, que tinha mais correntes e zíperes.

— Cheio aqui hoje — comentou Merrick.

— É. Muitos rostos novos. Metade deles provavelmente policiais — disse o homem. — Vê aquele babaca com quem você estava falando? Podia muito bem ter vindo na viatura panda da polícia. Já viu alguém mais obviamente intrometido na vida?

— Foi por isso que o mandei cair fora logo — respondeu Merrick.

— Sou Stevie, aliás — apresentou-se o homem. — Noite agitada essa que está tendo, com propostas indesejadas. Vi você dar um jeito naquele bundão mais cedo. Bom trabalho, cara.

— Obrigado, meu nome é Don.

— Prazer em conhecê-lo, Don. Você é novo por aqui, então? Com um sotaque desses, está na cara que não é daqui.

— Todo mundo se conhece por aqui? — perguntou Merrick, com um sorriso irônico.

— Praticamente. É uma verdadeira comunidade. Temple Fields. Principalmente o meio S&M. Vamos encarar a realidade, se você vai deixar alguém te amarrar, vai querer saber onde está se metendo.

— Pode crer, Stevie — disse Merrick, com sinceridade. — Ainda mais quando há um assassino à solta.

— Justamente o que quis dizer. Digo, não acho que esses caras que acabaram sendo mortos pensavam que iam receber nada além do que um trato mais bruto. Eu os conhecia, sabe. Adam Scott, Paul Gibbs, Gareth Finnegan e Damien Connolly. Cada um deles. Eu nunca teria imaginado que se envolvessem com isso. Isso mostra como são as coisas, não é? Nunca dá para saber o que se passa na cabeça das pessoas.

— E como você os conhecia, então? Achei que o jornal tinha dito que eles não eram conhecidos no meio gay — perguntou Merrick.

— Sou gerente de uma academia — disse Stevie, com orgulho. — Adam e Gareth eram sócios. Costumávamos sair para tomar um drinque de vez em quando. Esse Paul Gibbs eu conheci por meio de um amigo meu, que costumava tomar uma cerveja com ele. E o policial, Connolly, ele apareceu na academia depois que tivemos um arrombamento.

— Aposto que não há muitas pessoas por aqui que possam dizer que conheciam todos os pobres coitados — disse Merrick.

— Você tem razão, cara. Veja bem, eu não acho que o assassino tinha nada mais em mente que um pouco de diversão.

As sobrancelhas de Merrick se ergueram.

— Você acha divertido matar pessoas?

Stevie balançou a cabeça.

— Não, você não está me entendendo. Olha, não acho que ele planeje matar esses caras. Não. É meio um acidente, se você me entende. Eles estão brincando com seus jogos, e esse sujeito só se deixa levar pela emoção, e

tudo sai do controle. Ele é obviamente forte, carrega esses corpos por aí e os descarta no meio da cidade, pelo amor de Deus. Não vai ser nenhum fracote, né? Se ele for um verdadeiro fisiculturista como eu, talvez não conheça sua própria força. Pode acontecer com qualquer um — acrescentou ele, após um momento de pausa.

— Quatro vezes? — indagou Merrick, incrédulo.

Stevie deu de ombros.

— Talvez eles tenham pedido por isso. Sabe o que quero dizer? O idiota provoca, e depois? Promete o que não consegue cumprir na hora do vamos ver? Já aconteceu comigo, Don, e vou lhe contar, houve vezes em que eu queria estrangular os cretinos.

O detetive que existia dentro de Merrick estava doido para agir. Carol Jordan não era a única policial de Bradfield que tinha lido muito sobre a psicologia do serial killer. Merrick lera casos onde os criminosos ficavam excitados com esse tipo de justificativa, vangloriando-se na frente de um terceiro. O Estripador de Yorkshire, ele sabia, tinha se gabado com seus comparsas que “comia” prostitutas. Ele queria Stevie numa sala de interrogatório. O único problema era como levá-lo até lá.

Merrick limpou a garganta.

— Imagino que a única maneira de evitar isso é conhecer antes as pessoas com quem a gente vai para a cama.

— É exatamente isso o que quero dizer. Você quer sair daqui? Talvez tomar uma xícara de café no restaurante? Para nos conhecermos um pouquinho melhor?

Merrick fez que sim.

— Claro — concordou ele, largando o resto de sua cerveja numa mesa próxima. — Vamos.

Assim que saíram, ele pôde mudar o rádio para o modo “apenas transmissão” e uma das equipes de apoio captaria o sinal. Depois, poderiam testar a bravata de Stevie na Scargill Street.

Embora já passasse da meia-noite, a rua do Hell Hole estava longe de deserta.

— Por aqui — indicou Stevie, apontando para sua esquerda. Merrick deslizou a mão para a jaqueta e ajustou a chave do rádio.

— Aonde estamos indo? — perguntou ele.

— Tem um restaurante que fica aberto a noite toda em Compton Gardens.

— Ótimo. Eu poderia devorar um sanduíche de bacon.

— Aquela gordura toda é péssima para sua saúde — disse Stevie, a sério.

Enquanto davam a volta na esquina para o caminho que levava à praça, Merrick sentiu alguém saindo de uma porta escura atrás dele. Ele começou a se virar para o som das pegadas.

Igualzinho a uma explosão de fogos de artifício, foi seu último pensamento consciente quando uma explosão de luz irrompeu por trás de seus olhos.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 007**

Não durou tanto quanto eu esperava. De modo surpreendente, Adam se mostrou mais frágil que o pastor-alemão. Após perder a consciência por causa do deslocamento de seus membros, foi impossível acordá-lo. Esperei por horas, mas nada parecia fazê-lo recobrar a consciência; nem dor, nem água fria, nem calor. Preciso admitir que foi uma decepção. Sua dor havia sido uma mera sombra da minha; sua punição, insuficiente para a traição que a provocara.

Terminei o que tinha de fazer, com organização e rapidez, logo após a meia-noite. Depois o retirei do potro e dobrei-o num resistente saco de lixo de jardim. Coloquei-o dentro de um saco de lixo preto do Bradfield Metropolitan Council. Levantar o peso morto pelas escadas do porão até o carrinho de mão foi difícil, mas minhas horas puxando ferro foram recompensadas.

Mal podia esperar para voltar ao meu computador e transformar a noite em algo transcendental. No entanto, ainda tinha trabalho a fazer antes que pudesse relaxar e me satisfazer. Dirigi até o centro da cidade um pouco acima do limite de velocidade permitido — nem tão rápido que me parassem por correr, nem tão devagar que despertasse a suspeita de estar dirigindo cuidadosamente por ter bebido. Cheguei à área gay atrás da universidade. Temple Fields costumava ser um local de estudantes, cheio de pequenos cafés, restaurantes, lojas e bares com preços e padrões baixos. Então, há cerca de dez anos, alguns bares se tornaram gays. Nossa Câmara Municipal de esquerda respondeu à pressão e fundou um centro gay e lésbico, que se mudou para o porão de um restaurante indiano. Isso pareceu acionar um efeito dominó e, em um ou dois anos, Temple Fields se tornara o circuito gay, e os estudantes héteros tinham se mudado para Greenholm na outra extremidade do campus. Agora, Temple Fields abrigava bares e boates homossexuais, bistrôs afetados, lojas que vendem artigos de couro e bondage e preços extorsivos de estadia noturna ao longo do canal.

À uma e meia da madrugada de terça-feira, ainda havia um número considerável de homens nas ruas. Dei algumas voltas de carro, concentrando-me na área em torno de Crompton Gardens. A praça estava escura; a maior parte dos postes de iluminação pública tinha sido vandalizada por motivos de privacidade sexual, e as finanças da Câmara Municipal iam muito mal das pernas para consertá-los. Além disso, nenhum dos estabelecimentos locais

estava reclamando; quanto mais escura a praça, mais desejável a área e maiores os lucros.

Olhei em volta com cautela. Nenhuma movimentação. Puxei com dificuldade o saco até a ponta da mala, e depois segui, rolando-o e carregando-o, até o muro baixo. Deixei-o cair da beira com um baque e fechei o porta-malas da forma mais silenciosa que pude. Peguei um canivete do bolso, inclinei-me sobre o muro e abri uma fenda nos sacos. Puxei-os para soltá-los do corpo e os embolei.

Logo depois das duas horas, estacionei o carro de Adam a algumas ruas de distância da casa e caminhei de volta até meu 4x4 descartando os sacos numa lata de lixo no caminho. Às três horas, eu estava na cama. Apesar do desejo intenso de continuar meu trabalho, o cansaço me sobrecarregava. O que não é nenhuma surpresa, considerando a energia que despendi. Adormeci assim que desliguei a luz.

Quando acordei, rolei na cama e olhei para o relógio na parede. Em seguida, verifiquei meu relógio de pulso. Eu precisava aceitar aquela confirmação: eu dormira por treze horas e meia. Acho que nunca dormi por tanto tempo, nem mesmo depois de anestesia geral. A fúria e a ansiedade tomaram conta de mim. Queria sentar-me em frente ao computador para reviver e reconstruir meu encontro com Adam até que ele se assemelhasse com mais precisão às minhas mais recônditas fantasias, mas agora eu mal tinha tempo suficiente para tomar um banho e comer.

A caminho do trabalho, peguei uma edição final do Bradfield Evening Sentinel Times. Eu figurava na página dois do jornal:

CORPO NU ENCONTRADO

O corpo mutilado de um homem nu foi encontrado no bairro gay de Bradfield hoje cedo.

O funcionário da Câmara Municipal Robbie Greaves fez a terrível descoberta quando fazia a coleta de lixo rotineira na área de Crompton Gardens, em Temple Fields.

Agora a comunidade gay da cidade teme que esse possa ser o primeiro ato de um serial killer de gays, como o homem que recentemente aterrorizou os homossexuais de Londres.

O corpo foi encontrado entre arbustos atrás de um muro do parque, um mal-afamado local de encontro noturno de gays à procura de sexo casual.

O homem, que segundo relatos possuía quase trinta anos, ainda não foi identificado. A polícia o descreve como branco, com aproximadamente um metro e oitenta de altura, corpo musculoso, com curtos cabelos pretos ondulados e olhos azuis. Ele não tem sinais ou tatuagens características.

Um porta-voz da polícia afirmou: “A garganta da vítima foi cortada e seu corpo, mutilado. Quem quer que tenha cometido esse crime frio é uma pessoa violenta e perigosa. A natureza dos ferimentos indica que o assassino deve ter ficado coberto de sangue.

“Acreditamos que o homem foi morto em outro lugar e o corpo depositado no parque em algum momento durante a noite.

“Conclamamos qualquer cidadão que tenha estado em Crompton Gardens, área de Temple Fields, na noite passada, para se apresentar com o intuito de ser eliminado como suspeito. Todas as informações serão tratadas com o máximo sigilo.”

Robbie Greaves, vinte e oito anos, funcionário da Câmara Municipal que encontrou o corpo, declarou: “Tinha acabado de começar a trabalhar. Passava pouco das oito e meia.

Estava usando meu espeto para coletar o lixo. Quando toquei no corpo, pensei primeiro que era um gato ou cachorro morto. Então, levantei os arbustos e vi o cadáver.

“Era pavoroso. Vomitei, depois corri para o telefone público mais próximo. Nunca tinha visto nada assim na vida e espero nunca mais ver.”

Bem, pelo menos uma coisa eles acertaram. O homem foi morto em algum outro lugar e descartado em Crompton Gardens. Quanto ao restante... Se isso fosse alguma indicação das habilidades da polícia, acho que não tenho muito com que me preocupar. Por mim, estava tudo bem. A última coisa que queria era ir para a prisão, uma vez que já tinha escolhido o sucessor de Adam. Paul, eu sabia, seria diferente. Dessa vez, não teria de terminar em morte.



Todos os seus conhecidos depois descreveram sua dissimulação como tão pronta e tão perfeita que, se ao andar pelas ruas... ele tivesse acidentalmente esbarrado em qualquer pessoa, ele teria... parado para oferecer as mais cavalheirescas desculpas: com seu coração demoníaco remoendo o mais infernal dos propósitos, ainda assim ele pausaria para expressar a esperança afável de que o enorme malho, abotoado em seu elegante sobretudo, com vistas ao pequeno assunto que o aguardava cerca de noventa minutos depois, não tivesse infligido nenhuma dor ao estranho com quem colidira.

Carol virou pela rua principal e cortou caminho pelas vias secundárias para chegar a Crompton Gardens.

— Adam Scott foi encontrado bem aqui — disse ela, apontando para um local a meio caminho por um dos lados da moita de arbustos.

Tony assentiu com a cabeça.

— Você pode dirigir devagar pela praça, depois estacionar junto ao muro onde o corpo foi encontrado, por favor?

Carol fez conforme ele pediu. Enquanto eles rondavam a praça, Tony olhava pela janela concentrado, girando no assento algumas vezes para obter uma segunda espiada. Quando o carro parou, ele saiu. Sem esperar por Carol, ele foi até a calçada e circundou a praça. Ela saiu do carro e foi ao seu encaixo, tentando ver o que Tony observava.

Nem os assassinatos nem as condições climáticas congelantes tinham mudado os hábitos dos que frequentavam Temple Fields. Portais e porões ainda abrigavam casais gemendo, tanto heterossexuais quanto homossexuais. Alguns ficavam paralisados momentaneamente pelo som dos saltos de Carol na calçada, mas a maioria ignorava. Um ótimo lugar para ir se você gosta de voyeurismo, pensou Carol sarcasticamente.

Tony chegou ao fim das casas e atravessou a rua até a loja e o bar em frente. Lá, não havia casais copulando. O índice de crime da cidade ditava venezianas pesadas e grades nas janelas e portas. Ignorando-as, Tony olhou para os jardins no centro da praça, identificando o que vira nas fotografias. Não havia arbustos deste lado, somente o muro baixo. Ele mal notou dois homens passando por ele, embolados um no outro como competidores naquelas corridas em que as duplas correm juntas com as pernas atadas. Ele não estava interessado em mais ninguém a não ser no Faz-tudo.

— Você esteve aqui — disse ele para si mesmo. — Este não é um lugar em que chegou por acidente, é? Você caminhou por essa calçada, observou essas encenações de amor e afeição pelas quais as pessoas pagam. Mas não era atrás disso que você estava, não é? Você queria algo diferente, algo um pouco mais íntimo, algo pelo qual não precisasse pagar.

Como teriam sido essas aventuras de voyeurismo do Faz-tudo? Tony se concentrava.

— Você nunca teve um relacionamento normal com outra pessoa. As prostitutas não incomodam você, no entanto. Nem os michês. Você não os

está matando. Não está interessado no que pode fazer com eles. São os casais que despertam seu interesse, não é? Eu compreendo, sei disso por mim mesmo. Será que estou projetando? Acho que não. Acho que você está procurando um par, o relacionamento perfeito, aquele com quem poderá ser você mesmo, alguém que o valorizará tanto quanto pensa que deve ser valorizado. E, então, tudo ficará bem. O passado não importará. Mas importa, sim. O passado é o que importa mais que tudo.

Ele notou subitamente Carol ao seu lado, olhando para ele com curiosidade. Provavelmente seus lábios estavam se mexendo. Era melhor ele ter cuidado, ou ela ia colocá-lo na gaveta com o rótulo “maluco” também. Ele não podia se dar a esse luxo, não se quisesse mantê-la ao seu lado por tempo suficiente para chegar ao resultado que precisava.

O último prédio naquele lado era uma lanchonete aberta a noite toda, com janelas opacas com a condensação. Na luz brilhante do lado de dentro, as formas se moviam como criaturas marinhas. Tony avançou e abriu a porta com um empurrão. Vários clientes o olharam antes de voltar às suas fritadas e cantadas. Tony voltou à rua e deixou a porta se fechar atrás de si com o sopro de ar que era como um suspiro.

— Não acho que você foi aí dentro. Não acho que queira ser visto como alguém sozinho num lugar destinado à companhia — concluiu.

O terceiro lado da praça consistia em alguns edifícios comerciais modernos. Em suas entradas, um grupo de adolescentes sem-teto dormia, enrolado em roupas, jornais e caixas de papelão. A essa altura, Carol o havia alcançado.

— Eles foram entrevistados? — perguntou Tony.

Carol fez uma careta.

— Tentamos. Meu pai costumava cantar um pouco de música folclórica. Quando eu era menina, ele cantava para mim o refrão: “Ah, mas seria o

mesmo que tentar agarrar o vento.” Agora, eu sei o que significa.

— Bom assim, é?

Eles atravessaram até as casas no quarto lado da praça, passando por um par de prostitutas na esquina.

— Ei, bonitão! — gritou uma delas. — Podia fazer você se divertir mais comigo do que com essa zinha cheia de frescura.

Carol bufou com uma risada.

— Isso sim é uma vitória da esperança sobre a experiência — disse ela ironicamente.

Tony nada disse. As palavras mal tinham penetrado seu devaneio. Ele continuou lentamente pela calçada pausando a cada poucos passos para absorver a atmosfera. Músicas conflitantes escapavam quase imperceptíveis na noite, vindas dos apartamentos e conjugados. O cheiro de curry flutuava na brisa que farfalhava os detritos e fazia bandejas de plástico de fast-food rolarem pelas calhas. A praça nunca estava inteiramente vazia, ele observou.

— Você despreza as vidas complicadas deles, não é? — disse para si mesmo. — Você gosta das coisas limpas, organizadas e em ordem. Em parte, é por isso que lava os corpos. Isso é pelo menos tão importante quanto apagar os vestígios forenses.

Ele virou na última esquina e andou até a traseira do carro de Carol, sentindo a primeira onda de confiança de que era capaz de mapear aquela mente complexa e gravemente distorcida.

— Ele provavelmente teve de se sentar aqui por alguns minutos para ter certeza de que não estava sendo observado — continuou Tony. — Dependendo do tipo de veículo que estivesse usando, podia ter levado apenas um minuto para retirar o corpo e jogá-lo por sobre o muro. Mas ele queria ter certeza de que ninguém estava observando.

— Colhemos depoimentos por toda a rua, de porta em porta, mas ninguém admitiu ter visto nada fora do comum — respondeu Carol.

— Vamos encarar a realidade, Carol. Quando se observa o que é comum por aqui, há muita margem para um serial killer. Tudo bem. Já vi o bastante. Podemos ir?

Cross entrou na sala de reuniões da delegacia com passos surpreendentemente leves, do jeito que as pessoas gordas andam muitas vezes, como se de alguma forma os movimentos suaves contradissem o volume de seu corpo.

— Tudo bem, então, onde está o desgraçado? — berrou ele. Em seguida, percebeu uma figura magra, encostada contra a parede, que conversava com Kevin Matthews até ser interrompida por sua entrada.

— Senhor? — disse Cross, sobressaltado. — Não estava esperando o senhor aqui. — Lançou um olhar de puro veneno para Kevin Matthews.

Brandon se endireitou.

— Não, superintendente, eu não achava que estivesse. — Ele deu alguns passos até Cross. — Deixei instruções com a sala de comando que se alguma prisão fosse feita em relação aos assassinatos eu devia ser informado imediatamente. Este vai ser um caso de muita visibilidade quando chegar ao tribunal, Tom. Quero que nossa conduta seja considerada exemplar.

— Sim, senhor — respondeu Cross, com insubordinação. Por mais que Brandon dourasse a pílula, o que estava dizendo era que não acreditava que Cross fosse o homem para garantir que detetives zelosos em demasia fossem longe demais. Com Brandon passeando pelos corredores, nenhum suspeito de ser um serial killer sofreria acidentes lastimáveis enquanto estivesse preso. Cross voltou-se para Kevin Matthews.

— O que aconteceu exatamente?

Kevin, tão pálido de cansaço e estresse que as sardas sobressaíam em sua pele leitosa como se fossem alguma doença infecciosa grave, disse:

— Pelo que podemos concluir, Don Merrick saiu do Hell Hole com algum sujeito. Uma das equipes de apoio os viu. Don ligou seu rádio para iniciar a transmissão, então presumimos que ele queria selecionar esse sujeito para interrogatório. Eles estavam se dirigindo para uma lanchonete que fica aberta a noite inteira em Crompton Gardens, de acordo com os rapazes de apoio. Há um beco que é um atalho até os jardins, e eles seguiram por lá. A próxima coisa que a equipe ouviu foram os sons de uma luta. Eles correram até o local e encontraram Don no chão e dois sujeitos envolvidos numa briga. Prenderam os dois, que agora estão tomando um chá de cadeira nas celas.

— E quanto a Merrick? — indagou Cross. Apesar de todas as suas falhas, Cross era um policial leal aos colegas. Seus homens eram quase tão importantes para ele quanto sua própria carreira.

— Ele está na enfermaria levando pontos na cabeça. Veio numa ambulância. Tenho um dos rapazes lá com ele tomando um depoimento. — Kevin olhou para o relógio. — Ele deve chegar a qualquer minuto.

— Então, o que temos aqui? — interrogou o superintendente. — É um suspeito ou não?

Brandon limpou a garganta.

— Creio que podemos presumir que Merrick achou que valia a pena conversar com o homem que estava com ele. Quanto ao sujeito que os atacou, suponho que precisaremos esperar pelo depoimento de Merrick. Sugiro que o inspetor Matthews e um policial de sua equipe falem com o agressor, enquanto você e eu temos uma conversa preliminar com o suspeito de Merrick. Tudo bem para você, Tom?

Cross concordou, insatisfeito.

— Sim, senhor. E assim que seu rapaz voltar da enfermaria, Kevin, quero vê-lo. — Ele avançou até a porta, olhando sobre o ombro com expectativa para Brandon.

— Antes que possamos ir, Tom, acho que precisamos da inspetora Jordan e do dr. Hill aqui — disse o chefe de polícia assistente.

— Com todo o respeito, senhor, mas estamos no meio da noite. Precisamos mesmo estragar o sono do homem?

— Não quero começar a interrogar ninguém sobre os homicídios até que tenha a oportunidade de obter o aconselhamento do dr. Hill sobre como a entrevista deve ser conduzida. Além disso, os dois provavelmente ainda estão acordados trabalhando. A inspetora Jordan pretendia mostrar ao dr. Hill as cenas do crime esta noite. Você pode providenciar isso, inspetor?

Kevin olhou para Cross, que fez um leve sinal positivo com a cabeça.

— Sem problemas, senhor, vou avisar a inspetora Jordan agora mesmo. Tenho certeza de que ela ficará satisfeita em nos dar uma ajuda.

Brandon sorriu e passou por Cross no corredor.

— Isso mostra o que acontece com sua coragem quando você vai para trás de uma mesa — murmurou Cross, sacudindo a cabeça numa simulação de pesar. — Acaba precisando de uma porcaria de um psicólogo para lhe dizer como interrogar um cretino das ruas.

A Canal Street ainda estava agitada. As pessoas entravam e saíam de boates, táxis deixavam e pegavam passageiros, casais dividiam seus kebabs e batatas fritas nas esquinas, michês e prostitutas observavam o tráfego lento, atacando ao menor sinal de oportunidade.

— Interessante, não é, como as áreas se tornam definidas? — disse Tony para Carol enquanto andavam rapidamente pela rua.

— Você está querendo dizer que essa é a zona de encontros públicos enquanto Crompton Gardens é o lado sombrio?

— E nunca um e o outro devem se encontrar — completou Tony. — É bastante animado para essa hora da noite, não é? As noites de segunda costumam ser mais tranquilas?

— Um pouco — disse Carol. — Algumas das boates fecham às segundas. E uma delas reserva uma noite só para mulheres.

— Então, provavelmente, não há tanto trânsito — refletiu Tony. Enquanto dirigiam pelas ruas, especulando sobre a rota de chegada do Faz-tudo, Tony ficou surpreso com o quanto a área que ele escolheu para suas duas primeiras vítimas era visível. Quase como se estivesse estabelecendo desafios para si. Agora, na esquina da viela que levava à porta lateral da Shadowlands, ele olhava ao longo da rua e refletia.

— Ele está ansioso para ser o melhor — disse baixinho.

— O quê?

— O Faz-tudo. Ele não escolhe as opções fáceis. Suas vítimas estão todas na categoria de alto risco. Seus locais de descarte de cadáveres não são lugares escondidos, obscuros e desertos. Limpa com cuidado os corpos sabendo o que seriam pistas para a perícia forense. Ele é mais esperto que nós, segundo pensa, e tem que continuar provando isso para si mesmo. Arriscaria um palpite de que a próxima vítima vai ser descartada em algum lugar muito, muito visível.

Carol sentiu um arrepio, que nada tinha a ver com o frio, percorrendo seu corpo.

— Não fale sobre o próximo corpo como se não fôssemos encontrá-lo antes disso — pediu ela. — É muito deprimente pensar assim.

Carol se adiantou no escuro beco sem saída.

— Pois bem, o segundo corpo, Paul Gibbs, foi encontrado neste lugar. Tudo que existe aqui é a saída de incêndio da boate Shadowlands.

— É escuro o bastante — reclamou Tony, tropeçando na borda de uma caixa de papelão.

— Nós sugerimos para o gerente que uma luz de segurança seria uma boa ideia, nem que fosse só para evitar um assalto quando estivesse fechando à noite, mas você está vendo como ele levou a ideia a sério — respondeu Carol, vasculhando sua bolsa de mão em busca de uma minilanterna. Ela a acendeu e o feixe de luz estreito revelou a silhueta de Tony numa prostituta de vestido vermelho de látex, que fazia um boquete num executivo de olhos turvos na saída de incêndio.

— Ei — gritou o homem, indignado. — Dê o fora, tarada intrometida!

Carol suspirou.

— Polícia. Feche a braguilha ou vai para o xadrez. — Antes mesmo de ela terminar a frase, a prostituta se levantou e se encaminhou para a entrada do beco o mais rápido que seus saltos altos permitiam. Percebendo que não valia a pena discutir agora que a prostituta tinha ido embora, o homem rapidamente fechou as calças e passou por Tony com um empurrão. Enquanto virava a esquina, gritou para ela:

— Frígida filha da puta.

— Tudo bem com você? — perguntou Tony, sua genuína preocupação era visível.

Carol encolheu os ombros.

— Quando comecei nesse trabalho, realmente me assustava quando esses caras me maltratavam assim. Depois percebi que o problema era com eles, e não comigo.

— A teoria é sensata. Como funciona na prática?

Carol fez uma careta.

— Às vezes vou para casa à noite e fico no chuveiro vinte minutos, mas nem assim consigo me sentir limpa.

— Sei exatamente o que quer dizer. Algumas das mentes perturbadas com que tive de lidar me deixam a impressão de que nunca mais terei um relacionamento normal com outro ser humano. — Tony desviou o olhar, sem querer que seu rosto o traísse. — Então, foi aqui que vocês encontraram Paul?

Carol avançou para ficar ao lado dele. Ela direcionou a lanterna para a entrada.

— Ele estava deitado aqui com alguns sacos de lixo em volta, de modo que não era imediatamente perceptível. A julgar pelas camisinhas jogadas ao redor, as profissionais do sexo tinham transado a noite inteira bem do lado de um cadáver.

— Suponho que já tenha conversado com elas?

— Sim, trouxemos todas aqui. Aquela que saiu correndo que nem uma barata tonta usa este ponto na maior parte das noites. Ela diz que teve um cliente em algum momento por volta das quatro da manhã. Sabe que foi a essa hora, porque o sujeito é um freguês assíduo que sai do seu turno na gráfica do jornal nesse horário. De qualquer forma, ela estava trazendo o tal cliente para cá, mas tinha um carro no caminho — disse Carol, com um suspiro. — Achávamos que tínhamos encontrado a resposta, porque ela se lembrava da marca, do modelo e da placa porque era o mesmo número da casa dela. Dois-quatro-nove.

— Não me diga. Deixe-me adivinhar. Era o carro de Paul Gibbs.

— Na mosca.

O bipe insistente do pager de Carol cortou a conversa, teimoso como um choro de bebê.

— Preciso encontrar um telefone.

— O que foi?

— Uma coisa sempre se pode garantir — disse Carol, correndo para fora do beco. — Nunca é boa notícia.

— Olhe, eu já contei a vocês tudo que sabia. Só encontrei esse sujeito Don no Hole, estávamos indo tomar uma xícara de chá e, de repente, houve um barulho de passos, e Don acertou o chão como se tivesse sido agarrado por Vinny Jones, e eu me virei e lá estava esse cara com um tijolo. Então, eu o prendi em flagrante, como a lei permite aos cidadãos, com um golpe de esquerda. E foi então que seu pessoal chegou numa muvuca, e aqui estou eu. — Stevie McConnell estendendo as mãos em frente de si. — Vocês deviam era me dar uma medalha, não me fazer um interrogatório.

— E você espera que acreditemos nisso? — Cross consultou suas anotações. — O tal de Ian atacou esse Don só porque tinha sido dispensado mais cedo na noite?

— Foi mais ou menos isso. Olha, esse Ian é conhecido na cidade. É totalmente pirado. Ele sai do sério muito rápido e pensa que é o todopoderoso. Esse Don o fez passar vergonha direitinho, sabe, fez com que ele parecesse um maricas em vez de machão, então o seu suspeito queria se vingar. Escute, você vai me deixar ir embora ou não?

Cross foi dispensado de responder por uma batida na porta. Brandon se afastou da parede onde estava encostado e abriu-a. Ele trocou algumas palavras murmuradas com o policial do lado de fora, depois retornou.

— Interrogatório suspenso à uma e quarenta e sete da manhã — disse, inclinando-se por sobre Cross para desligar o gravador.

— Voltaremos em breve, sr. McConnell — prometeu Brandon.

Fora da sala de interrogatório, Brandon disse:

— A inspetora Jordan e o dr. Hill estão lá em cima. E o sargento Merrick voltou da enfermaria. Ao que tudo indica, ele está bem o bastante para

analisar os acontecimentos da noite sozinho.

— Certo. Bem, é melhor ouvirmos o que ele tem a dizer, e depois podemos atacar o atleta.

Cross subiu as escadas com passos cadenciados até a sala de reuniões da delegacia, onde Carol, preocupada, observava Merrick. Tony sentou-se a alguns metros de distância, com os pés apoiados na borda de uma lixeira.

— Que diabos, Merrick! — berrou Cross vendo o curativo que cobria como um turbante a cabeça de Merrick, chamando bastante atenção. — Você não virou um daqueles malditos sikhs, virou? Céus, eu sabia que era um risco enviar uma equipe disfarçada para a boiolândia, mas não estava esperando fanatismo religioso.

Merrick sorriu, sem energia.

— Imaginei que assim o senhor não me mandaria vestir o uniforme de volta por ter vacilado.

Cross retribuiu com um sorriso desanimado.

— Vamos ver o que você tem a dizer, então. Por que tenho um otário escocês cheio de rebeldia no meu posto policial?

Brandon, alguns metros atrás de Cross, interrompeu:

— Antes que o sargento Merrick explore os eventos da noite, só quero explicar ao dr. Hill por que o arrastamos para cá em plena madrugada.

Tony se endireitou na cadeira e puxou uma folha de papel.

— Quando estava fazendo sua palestra outro dia — continuou Brandon, passando por Cross e sentando-se na beirada de uma mesa —, você mencionou que os psicólogos podem muitas vezes oferecer sugestões para os detetives sobre os métodos de interrogatório. Queria saber se você poderia aplicá-las a esta situação.

— Farei o melhor que puder — respondeu Tony, tirando a tampa de sua caneta.

— O que quis dizer com métodos de interrogatório? — perguntou Cross, desconfiado.

Tony sorriu.

— Um exemplo recente de minha própria experiência. Uma força a qual eu servia como consultor prendeu um suspeito em dois casos de estupro. Ele era do tipo machão, cheio de músculos. Propus que mandássemos uma policial do Departamento de Investigações Criminais para interrogá-lo, preferivelmente uma mulher pequena e muito feminina. Isso o enfureceu logo de início, porque tinha desprezo pelas mulheres e pensava que não estava sendo tratado com o devido respeito. Eu a instruí previamente para sugerir em sua linha de interrogatório que ele não poderia, de jeito nenhum, ser o estuprador, já que, para falar com franqueza, ela não achava que ele tivesse coragem. O resultado foi que ele explodiu de raiva e confessou os dois estupros para os quais tinha sido enquadrado e outros três crimes sobre os quais eles nem sabiam.

Cross não disse nada.

— Sargento Merrick? — perguntou Brandon.

Merrick relatou as experiências no bar, com pausas frequentes para pensar. No final de sua narração, Brandon e Carol olharam com expectativa para Tony.

— O que acha, Tony? Algum deles é uma possibilidade? — perguntou Brandon.

— Não acho que valha a pena considerar Ian Thomson como suspeito. Esse assassino é muito cuidadoso para se envolver em algo tão ridiculamente ostensivo quanto uma briga de rua. Ainda que Don não fosse um policial, provavelmente Thomson terminaria encrencado por ir atrás de alguém com um pedaço de tijolo. Mesmo numa cidade em que os ataques contra gays não

são notórios por sua alta prioridade, em termos de policiamento — acrescentou ironicamente.

Cross fechou a cara.

— Os gays são tratados do mesmo jeito que todo mundo pelos policiais — explodiu.

Tony se arrependeu de não ter mantido a boca fechada. A última coisa que ele queria era entrar num conflito com Tom Cross sobre a política “gays e negros não contam” da polícia de Bradfield. Ele decidiu ignorar o comentário e prosseguir.

— Além disso, não há nada sobre o comportamento do assassino que sugira que ele é um gay sadomasoquista assumido. Claramente não é no meio gay que ele está selecionando as vítimas. Porém, segundo o seu ponto de vista, McConnell parece mais interessante. Sabemos o que ele faz da vida?

— Ele é gerente de uma academia no centro da cidade. A mesma academia que Gareth Finnegan frequentava — disse Cross.

— Ele não foi interrogado antes? — perguntou Brandon.

Cross deu de ombros.

— Alguém da equipe do inspetor Matthews falou com ele — interveio Carol. — Vi o relatório quando estava preparando o material para o dr. Hill — acrescentou ela às pressas, quando percebeu o início de uma carranca no rosto de Cross. Imagina se ele pensasse que ela estava tentando sabotá-lo. — Meu lixo de memória — continuou ela, tentando transformar o caso numa piada. — O tanto que me lembro era simplesmente um inquérito de rotina, uma verificação sobre se Gareth tinha tido algum colega ou contato específico na academia.

— Sabemos a situação doméstica de McConnell? — perguntou Tony.

— Ele divide uma casa com uns dois levantadores de camisa — disse Cross. — Ele alega que ambos estão no fisiculturismo também. Então, ele é

um suspeito ou não?

Tony desenhava na margem de suas anotações.

— É possível — disse ele. — Quais são as chances de conseguir um mandado de busca?

— Com o que temos no momento? Não são boas. E não temos fundamento para a busca sem um. Nem sonhando poderíamos alegar que uma agressão de rua dá margem para fazer uma varredura na casa de McConnell atrás de indícios relacionados a assassinatos em série — disse Brandon. — O que procuraríamos especificamente?

— Uma câmera de vídeo. Qualquer indicação de que ele tem acesso a algum lugar isolado e deserto como um velho armazém, fábrica, casa abandonada, garagem com tranca.

Tony correu uma das mãos pelo cabelo.

— Fotografias Polaroid. Pornografia sadomasoquista. Suvenires de suas vítimas. As joias que desapareceram dos corpos.

Ele ergueu os olhos e se deparou com o sorriso de escárnio de Tom Cross.

— E vocês deviam verificar o freezer só pela possibilidade remota de que ele guarde os pedaços de carne que removeu dos corpos.

Ele sentiu um momento de satisfação quando a expressão de Cross se transformou em repugnância.

— Ótimo. Mas primeiro precisamos de algo mais para continuar. Alguma sugestão? — perguntou Brandon.

— Mande o sargento Merrick e a inspetora Jordan interrogá-lo. A conclusão de que o homem que ele tentou pegar é um policial vai desconcertá-lo, levá-lo a pensar que não pode confiar em seus instintos. Há uma chance também que ele tenha problemas com mulheres...

— É claro que ele tem problemas com mulheres — interveio Cross. — É um veado, porra.

— Nem todos os gays detestam mulheres — explicou Tony, com calma. — Mas muitos deles não gostam, e McConnell pode ser um deles. No mínimo, Carol o fará se sentir ameaçado. Situações só com homens lhe oferecem a oportunidade da camaradagem, então o privamos disso.

— Vamos tentar, então — disse Brandon. — Se o sargento Merrick estiver pronto.

— Estou dentro, senhor — concordou Merrick.

Cross dava a impressão de que não conseguia decidir se batia em Brandon ou em Tony.

— Sendo assim, posso muito bem me mandar para casa — explodiu.

— Boa ideia, Tom. Você já teve a sua cota de noites em claro ultimamente. Vou ficar por aqui, vendo no que dá o interrogatório de McConnell.

Cross saiu com passos pesados da sala de reuniões da delegacia, passando por Kevin Matthews no caminho. A atmosfera ficou indiscutivelmente mais leve com a ausência do superintendente.

— Senhor — anunciou Kevin —, parece que Ian Thomson não é um possível suspeito dos assassinatos.

Brandon franziu a testa.

— Achei que tivesse lhe dito para não mencionar os assassinatos. Nesse ponto, tudo que queremos é confrontar Thomson com a agressão.

— Não mencionei os assassinatos, senhor — disse Kevin, na defensiva. — Mas durante o interrogatório surgiu a informação de que ele trabalha três noites por semana como DJ em Hot Rocks. É uma boate gay em Liverpool. Ele trabalha segundas, terças e quintas-feiras. Seria fácil verificar se estava trabalhando na noite dos assassinatos.

— Tudo bem, mande alguém cuidar disso — ordenou Brandon.

— Sobrou o McConnell — lembrou Carol, pensativa.

— Vamos fazer o que combinamos — disse Brandon.

— Alguma dica? — perguntou Carol a Tony.

— Não tenha medo de ser condescendente com ele. Seja doce e leve, mas deixe claro que você é a policial de hierarquia superior. E, sargento Merrick, você pode fingir um pouco de gratidão.

— Obrigada — disse Carol. — Tudo bem, Don?

Eles deixaram Brandon e Tony juntos.

— Como está indo? — perguntou Brandon, levantando-se e espreguiçando-se.

Tony encolheu os ombros.

— Estou começando a ter uma noção dos assassinados. Há um padrão claro aqui. Ele é alguém que persegue as vítimas, tenho certeza disso. Devo ter o esboço de um perfil em um ou dois dias. Só foi a hora errada de atrair um suspeito.

— O que quer dizer com hora errada?

— Entendo por que quer minha opinião. Mas não gosto de saber sobre suspeitos antes de desenhar meu perfil. O risco é que eu distorça o perfil inconscientemente para que se adapte melhor ao suspeito.

Brandon suspirou. Ele sempre achou difícil ser otimista durante a madrugada.

— Vamos pensar nisso quando chegar o momento. Amanhã, a esta hora, nosso suspeito pode ser apenas uma lembrança remota.

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO AMOR. 008

Conhecer Paul foi, de algum modo, mais excitante do que tinha sido com Adam. Em parte, porque eu sabia que agora podia lidar com as coisas se elas não saíssem do jeito que eu queria. Mesmo que Paul não fosse perspicaz para ver o que eu poderia lhe dar a mais do que qualquer outra pessoa, mesmo que rejeitasse o meu amor, mesmo que tivesse ido tão longe quanto Adam e, de fato, traísse a inevitabilidade de nossa parceria, eu sabia da existência de uma situação alternativa que poderia me proporcionar quase tanta satisfação quanto a realização daquilo que eu merecia.

Mas, dessa vez, eu tinha certeza de que conseguiria o que queria. Adam, agora percebi, havia sido imaturo e fraco. Paul não era uma coisa nem outra, notei isso imediatamente. Para começar, ele não optara por morar na parte yuppie da cidade como Adam. Paul morava na zona sul em Aston Hey, um subúrbio revestido de folhas, adorado por professores universitários e terapeutas alternativos. Sua casa ficava numa das ruas mais baratas. Como a minha,

dispunha de terraço, embora os dois quartos em cima e os dois embaixo fossem obviamente muito maiores. Ao contrário da minha casa, ele tinha um pequeno jardim na frente, e o quintal nos fundos possuía o dobro do tamanho, com vasos de terracota espalhados e banheiras cheias de flores e arbustos pequenos. Era o lugar perfeito para se sentar junto com alguém e tomar um drinque depois do trabalho, antes do jantar, em noites de verão.

Agora, com Paul, eu teria a oportunidade de morar em Aston Hey, aproveitar aquelas ruas tranquilas, andar no parque juntos, ser como os outros casais. Ele tinha um emprego interessante também — professor no Instituto de Ciência e Tecnologia de Bradfield, especializando-se em programas de CAD. Já tínhamos tanta coisa em comum. Era uma pena que nunca poderia lhe mostrar o que tinha alcançado com Adam.

Uma das maiores vantagens de não ter hipoteca é que eu tenho praticamente todo o meu salário para gastar livremente. A receita que tenho disponível é considerável para alguém da minha idade e que não possui dependentes. Isso significa que posso pagar por um sistema de computadores de última geração, com atualizações regulares para me manter bem na vanguarda tecnológica. Considerando que apenas um programa me custou quase três mil libras, ainda bem que não tenho nenhum parasita. Com meu novo sistema de CD-ROM, digitalizador de vídeo e software de efeitos especiais, foi preciso menos de um dia para importar os vídeos para o meu computador. Depois que estavam digitalizadas e instaladas, eu podia

manipular e transformar as imagens para contar qualquer história que eu quisesse ver. Graças a outros vídeos pornôns previamente guardados no meu sistema, era possível até dar a Adam a ereção que ele não conseguira em vida. Finalmente, eu poderia fodê-lo, chupá-lo, enfiar nele os dedos e observá-lo fazer o mesmo comigo. Mas saber dessa possibilidade ainda não era o suficiente para salvá-lo. Nem mesmo meu computador e minha imaginação seriam capazes de me dar a alegria e a satisfação que ele poderia, caso tivesse sido franco sobre seu desejo por mim. E assim, todos os dias, ele precisava morrer de novo. A maior das fantasias, constantemente sendo mudada, moldada para se adequar a todos os meus estados de espírito e caprichos. Finalmente, Adam estava realizando tudo que ele podia ter fantasiado um dia. Era uma pena que não pudesse compartilhar o meu prazer.

Não era perfeito, mas pelo menos eu estava me divertindo mais do que a polícia. Pelo que lia, estava claro que eles não estavam chegando a lugar algum. A morte de Adam mal mereceu uma menção na mídia nacional, e mesmo o Bradfield Evening Sentinel Times desistiu após cinco dias. O corpo dele foi identificado depois de quatro dias, quando colegas preocupados não conseguiram receber nenhuma resposta do seu telefone ou sua campainha e relataram o desaparecimento. Eu tinha interesse nas qualidades que lhe atribuíam (popular, trabalhador, querido etc.) e senti um arrependimento passageiro pela estupidez de Adam, que me privou de uma amizade com eles. A repórter criminal do Sentinel Times tinha conseguido até achar sua ex-

esposa, um erro que ele cometera aos vinte e um anos e do qual se livrou antes de fazer vinte e cinco. Os comentários dela me fizeram gargalhar.

A ex-esposa de Adam Scott, Lisa Arnold, de vinte e sete anos, lutava contra as lágrimas enquanto dizia: “Não acredito que isso possa ter acontecido.

“Ele era um homem simpático, muito sociável. Mas não era um beberrão. Não posso imaginar como essa pessoa doente conseguiu pegá-lo.”

Lisa, uma professora primária que, desde então, casou-se novamente, prosseguiu: “Não faço ideia do que Adam estava fazendo em Crompton Gardens. Ele nunca mostrou nenhuma tendência homossexual quando estávamos casados. Nossa vida sexual era bem normal. Se havia algo marcante nela era o fato de ser um pouco chata.

“A gente se casou muito jovem. A mãe de Adam o tinha criado para esperar uma esposa que lhe servisse como uma empregada, e essa não era eu.

“Então conheci outra pessoa e disse a ele que queria o divórcio. Ele ficou muito aborrecido, mas acho que era mais orgulho ferido.

“Não o vi mais desde que nos separamos, mas fiquei sabendo que estava morando sozinho. Sei que ele teve alguns casos nos últimos três anos, mas nada sério que eu saiba.

“Não consigo me acostumar com a ideia de que ele morreu. Sei que magoamos um ao outro, mas ainda assim estou arrasada por ele ter sido assassinado dessa maneira.”

Não acho que seja provável que o segundo casamento de Lisa dure a vida toda, já que a compreensão que tinha do funcionamento da mente masculina era tão escasso. Chato? Lisa era o único motivo pelo qual o sexo com Adam podia ser chato.

E quanto a me chamar de doente! Foi ela que virou as costas para um homem bonito e charmoso, que a amava tanto que ainda falava sobre ela

para pessoas completamente estranhas três anos depois que ela o rejeitou. Eu sabia tudo sobre isso; eu o ouvi contar. Se alguém era doente, era Lisa.



Nenhum artista sem prática poderia ter concebido uma ideia tão ousada quanto a de um assassinato ao meio-dia no coração de uma grande cidade. Tenham certeza. Não foi nenhum padeiro obscuro, cavalheiros, ou limpador de chaminés anônimo que executou esse trabalho. Eu sei quem foi.

Stevie McConnell correu as duas mãos pelos cabelos num gesto de desespero.

— Olhe, quantas vezes tenho que lhe dizer? Era tudo garganta. Estava tentando me fazer de machão. Queria transar. Estava tentando parecer interessante. Nunca conheci Paul Gibbs nem Damien Connolly. Nunca vi nenhum dos dois na vida.

— Podemos provar que você conhecia Gareth Finnegan — disse Carol, com frieza.

— Tudo bem, admito que conhecia Gareth. Ele frequentava a academia, não posso fingir que nunca o encontrei. Mas, pelo amor de Deus, moça, o homem era advogado. Ele deve ter conhecido milhares de pessoas na cidade — arriscou McConnell, batendo na mesa com o punho firme.

Carol nem se mexeu.

— E Adam Scott? — continuou ela implacavelmente.

— Sim, sim — respondeu ele, com cansaço. — Adam Scott malhou na academia por um mês há uns dois anos, como teste. Ele nunca se associou. Esbarrei com ele algumas vezes num pub, tomamos um copo de cerveja juntos, mas isso foi tudo. Tomo drinques com muitas pessoas, sabe, não sou um eremita, droga. Céus, se eu matasse todo mundo com quem já estive num bar, vocês ficariam ocupados até o próximo século.

— Vamos provar que você conhecia Paul Gibbs e Damien Connolly. Você sabe disso, não sabe? — interrompeu Merrick.

McConnell suspirou. Suas mãos se fecharam, evidenciando os músculos dos fortes antebraços.

— Se fizerem isso, vão ter que inventar, porque não podem provar o que não é verdade. Não vou cair em nenhuma cilada para acabar condenado injustamente. Veja bem, se eu fosse mesmo esse maluco filho da mãe, acha que teria ficado para ajudar você? Ao primeiro sinal de perigo, eu teria dado no pé. Questão de lógica.

Parecendo entediada, Carol disse:

— Mas, quando aconteceu, você não sabia que o sargento Merrick era policial, sabia? Você possui algum álibi para a noite de segunda?

McConnell se recostou na cadeira e olhou fixo para o teto.

— Segunda-feira é meu dia de folga — informou. — Como disse, os caras com quem divido minha casa estão de férias, então era só eu, mais ninguém. Acordei tarde, fui ao supermercado para fazer minhas compras, depois fui nadar. Por volta de seis horas, dirigi até o cinema na rodovia, e fui ver o novo filme do Clint Eastwood.

Abruptamente, ele se sacudiu para a frente na cadeira.

— Eles vão poder confirmar. Paguei com cartão de crédito, e o sistema deles é todo computadorizado. Eles podem provar que estive no cinema — disse ele, triunfante.

— Eles podem provar que você comprou um ingresso — corrigiu Carol, laconicamente. Do cinema até a casa de Damien Connolly não demoraria mais que trinta minutos pela rodovia, mesmo levando em conta o trânsito na hora do rush.

— Pelo amor de Deus, posso lhe contar a porra do filme inteiro — disse McConnell com raiva.

— Você poderia ter assistido ao filme a qualquer hora, Stevie — pressionou Merrick gentilmente. — O que fez depois do cinema?

— Fui para casa. Cozinhei um bife e alguns legumes para mim. — McConnell pausou e olhou para a mesa. — Depois saí para a cidade por mais uma hora. Só para tomar um drinque rápido com alguns amigos.

Carol se inclinou para a frente, sentindo a relutância do interrogado.

— Em qual lugar da cidade? — indagou ela.

McConnell nada disse.

Carol se inclinou ainda mais, a ponta do nariz dois centímetros do dele. A voz dela era baixa, mas muito fria.

— Se eu tiver de pôr a sua cara na capa do *Sentinel Times* e enviar uma equipe para cada pub na cidade, vou fazer isso, sr. McConnell. Em qual lugar da cidade?

McConnell respirava pesadamente pelo nariz.

— The Queen of Hearts — respondeu, irritado.

Carol se recostou, satisfeita. Ela se levantou.

— Interrogatório terminado às três e dezessete da manhã — disse ela, inclinando-se para desligar o gravador. Ela olhou para McConnell.

— Nós voltaremos, sr. McConnell.

— Espere um pouco — protestou ele quando Merrick se levantou e os dois se encaminhavam para a porta. — Quando vou sair daqui? Você não tem nenhum direito de me manter aqui!

Carol se virou na entrada, sorriu com doçura, e disse:

— Ah, eu tenho todo o direito, sr. McConnell. Você foi preso por agressão, não vamos nos esquecer disso. Eu tenho vinte e quatro horas para infernizar sua vida antes mesmo que tenha de pensar em acusá-lo.

Merrick deu um sorriso de desculpas enquanto saía da sala no encalço de Carol.

— Desculpe, Stevie. A moça não está errada.

Ele alcançou Carol quando ela estava pedindo a um oficial para devolver McConnell à cela.

— O que acha, senhora? — perguntou Merrick enquanto saíam juntos.

Carol parou e observou-o com olhos críticos. A pele dele estava pálida e viscosa, os olhos tinham um brilho febril.

— Acho que você precisa ir para casa e dormir um pouco, Don. Você está um caco.

— Não se incomode comigo. Quanto ao McConnell, senhora?

— Veremos o que o sr. Brandon tem a dizer.

Carol se dirigiu às escadas, e Merrick a seguiu.

— Mas o que a *senhora* acha?

— À primeira vista, ele podia ser o criminoso. Não tem nada próximo de um álibi para a noite de segunda-feira, administra a academia onde Gareth Finnegan malhava, conhecia Adam Scott e ele mesmo admitiu que esteve no Queen of Hearts na noite de segunda-feira por uma hora. Com certeza é forte o bastante para ter carregado os cadáveres para dentro e para fora do carro. Tem ficha criminal, mesmo que sejam só algumas perturbações do sossego público e uma lesão corporal dolosa. E ainda gosta de sadomasoquismo. Mas

tudo isso é circunstancial. Por enquanto, acho que não temos fundamentos para um mandado de busca — enumerou Carol. — E quanto a você, Don? Tem alguma intuição quanto a ele?

Eles viraram no corredor que levava à sala de reuniões da delegacia de homicídios.

— Tenho simpatia por ele — disse Merrick, com relutância. — Não podia imaginar que teria por um filho da mãe que vem cometendo assassinatos como esses. Mas, por outro lado, suponho que seja uma reação bem estúpida. Quer dizer, ele não é um homem de duas cabeças, né? Ele tem de ter algo em si mesmo que permita que as vítimas cheguem perto o bastante para que faça o serviço. Então, talvez seja *mesmo* Stevie McConnell.

Carol abriu a porta da sala de reuniões, esperando encontrar Brandon e Tony ainda sentados lá, abastecidos de café e sanduíches da cantina, mas a sala estava vazia.

— Para onde o chefe de polícia assistente foi agora? — perguntou Carol, o cansaço dando à sua voz um tom de exasperação.

— Talvez ele tenha deixado uma mensagem na recepção — sugeriu Merrick.

— E talvez ele tenha feito a coisa sensata e se mandado para casa. Bem, somos só nós esta noite, Don. McConnell pode esquentar um pouco a cabeça sozinho. Vamos ver o que os chefes têm a dizer pela manhã. Talvez a gente possa tentar conseguir um mandado de busca com a descoberta de que McConnell estava no Queens of Hearts. Agora, saia da minha frente e vá para casa dormir antes que sua Jean me acuse de levar você para o mau caminho. Durma um pouco. Não quero vê-lo antes do meio-dia, e, se sua cabeça estiver doendo, fique na cama. Isso é uma ordem, sargento.

Merrick sorriu.

— Sim, senhora. Até logo.

Carol observou Merrick voltar pelo corredor, preocupada com a lenta deliberação de seus movimentos.

— Don — chamou ela. Merrick se virou com um olhar inquisidor. — Pegue um táxi. Eu autorizo. Não quero você retorcido num poste de luz na minha consciência. E isso também é uma ordem.

Merrick sorriu, fez que sim e desapareceu de vista descendo as escadas.

Com um suspiro, Carol desceu da sala de reuniões para seu escritório temporário. Não havia mensagem em sua mesa. Maldito Brandon, pensou ela. E maldito Tony Hill. Brandon pelo menos devia ter aguardado até que ela terminasse seu interrogatório de McConnell. E Tony podia ter deixado algum aviso de quando esperava que eles se encontrassem para discutir o perfil. Resmungando, Carol seguiu Merrick até o lado de fora do prédio. Quando ela chegou ao hall de entrada, o oficial, atento à recepção, chamou:

— Inspetora Jordan?

Carol se virou para trás.

— Sou o que restou dela.

— O chefe de polícia assistente deixou um recado para a senhora.

Carol se aproximou do balcão e pegou o envelope que o policial lhe entregou. Ela o abriu e puxou uma única folha de papel. “Carol”, leu. “Levei Tony para uma pequena missão. Vou deixá-lo em casa depois. Por favor, esteja em meu escritório às dez da manhã. Obrigado por seu árduo trabalho. John Brandon.”

— Ótimo — disse Carol, com amargura. Ela ofereceu ao policial um sorriso cansado. — Por acaso sabe para onde o sr. Brandon e o dr. Hill foram?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Desculpe, senhora. Eles não disseram.

— Maravilha — resmungou sarcasticamente.

Dê as costas um minuto e lá estão eles com seus jogos de meninos. Pequena missão mesmo. Que se dane, pensou Carol, enquanto voltava com passos decididos para o carro.

— Nesse jogo três podem jogar — disse ela, enquanto girava a chave na ignição.

Tony folheou a última das revistas e a devolveu à caixa do arquivo na mesa de cabeceira.

— Sadomasoquismo sempre me dá um leve nervosismo — comentou. — E esta coleção é particularmente desagradável.

Brandon concordou. A compilação de McConnell de pornografia consistia principalmente em revistas cheias de fotos coloridas e brilhantes de jovens bem musculosos, torturando uns aos outros e se masturbando. Algumas eram ainda mais perturbadoras, com imagens explícitas de casais masculinos satisfazendo-se no sexo com uma série de apetrechos sadomasoquistas. Brandon não conseguia se lembrar de ter visto exemplos mais desagradáveis, mesmo quando se envolvera por seis meses com a Delegacia de Costumes.

Eles estavam sentados na cama do quarto de Stevie McConnell. Assim que Carol e Merrick foram embora para o interrogatório, Brandon dissera:

— Seria útil para você ver onde McConnell mora?

Tony pegou sua caneta novamente e começou a desenhar na folha de papel.

— Podia me dar alguma ideia de como o homem é. E, se ele for o assassino, pode haver indícios que o liguem às mortes. Não digo armas do crime ou coisas assim. Estou pensando mais em suvenires. Fotografias, recortes de jornal e também as coisas sobre as quais falava antes. Mas é só uma hipótese, não é? Você disse que não havia chance de conseguir um mandado de busca.

O rosto melancólico de Brandon se iluminou com um sorriso estranho, quase malicioso.

— Quando a gente prende um suspeito, há coisas que podem ser feitas para contornar as regras. Está disposto?

Tony sorriu.

— Estou fascinado.

Ele seguiu Brandon descendo as escadas até as celas. O sargento de guarda largou às pressas o romance de Stephen King que vinha lendo e se levantou num salto.

— Está tudo bem, sargento — disse Brandon. — Se eu tivesse apenas uns poucos presos com que me preocupar, estaria aproveitando uma boa leitura também. Gostaria de dar uma olhada nos pertences de McConnell.

O sargento destrancou o armário e entregou uma sacola plástica transparente para Brandon. Dentro da sacola havia uma carteira, um lenço e um molho de chaves. Brandon a abriu e removeu as chaves.

— Você não me viu, não é, sargento? E não vai me ver quando eu voltar em algumas horas, vai?

O sargento sorriu.

— Não tem como o senhor ter vindo aqui. Eu certamente teria percebido.

Vinte minutos mais tarde, Brandon estava estacionando o Range Rover fora da casa com terraço de McConnell.

— Por acaso, McConnell mencionou que os dois sujeitos com quem divide a casa saíram de férias. Sorte a nossa.

Ele tirou uma caixa de papelão do porta-luvas e deu a Tony um par de luvas de borracha.

— Você vai precisar disso — avisou ele, deslizando duas delas pelas próprias mãos. — Se conseguirmos mesmo um mandado de busca, seria um

pouco constrangedor quando a equipe de datiloscopistas entregasse a nós dois como principais suspeitos.

— Tem uma coisa sobre a qual estou curioso — disse Tony quando Brandon inseriu a chave na fechadura.

— E que coisa é essa?

— Isso é uma busca ilegal, certo?

— Certo — assentiu Brandon, abrindo a porta e entrando no hall. Ele apalpou a parede para achar o interruptor, mas não o acionou ao encontrá-lo.

Tony o seguiu, fechando a porta atrás de si. Somente então Brandon acendeu a luz, revelando o hall acarpetado e as escadas. Havia alguns pôsteres de fisiculturistas em quadros nas paredes.

— Então, se acharmos alguma prova, suponho que seja inadmissível no processo?

— Também está certo — disse Brandon. — Mas há expedientes para contornar isso. Por exemplo, se encontrarmos uma navalha suja de sangue debaixo da cama de McConnell, ela misteriosamente vai parar na mesa da cozinha. Então vamos ao juiz leigo, que tem a prerrogativa de emitir mandados, explicamos que fomos à casa de McConnell para verificar se ele falava a verdade quando disse que os amigos com quem dividia a casa estavam de férias, e por acaso olhamos pela janela e identificamos o que suspeitamos ser a arma usada para matar Adam Scott, Paul Gibbs, Gareth Finnegan e Damien Connolly.

Tony balançou a cabeça, com satisfação.

— Tendenciosos? Nós? Nunca, meritíssimo!

— Existem tendenciosos e tendenciosos — disse Brandon com severidade. — Às vezes, é preciso dar uma mexida nas coisas para a direção correta.

Tony e Brandon se moveram pela casa, cômodo por cômodo. Brandon ficou intrigado pelo método de Tony. Ele andava por um recinto, parava no meio do ambiente lentamente e analisava as paredes, a mobília, o revestimento do piso, as prateleiras. Só faltava farejar o ar. Depois, meticulosamente, abria os armários e as gavetas, levantava almofadas, examinava revistas, verificava títulos de livros, CDs, fitas cassetes e vídeos, manipulando tudo que tocava com o cuidado e a precisão de um arqueólogo. Em segundos, sua mente estava ocupada, analisando tudo que via e tocava, criando de forma vagarosa uma imagem mental dos homens que moravam ali, comparando-a constantemente com a imagem embrionária do Faz-tudo que estava se desenvolvendo em sua mente, como uma fotografia num fluido de revelação.

Você já esteve aqui?, perguntava-se ele. Isso parece com você, cheira a você? Você assistiria a esses vídeos? Esses CDs são seus? Judy Garland e Liza Minnelli? The Pet Shop Boys? Acho que não. Você não é afeminado. Pelo menos isso eu sei. E não há nada afetado ou afeminado na casa. Este lugar é tão agressivamente masculino. Uma sala de estar mobiliada em cromo e preto dos anos 1980. Mas essa não é uma casa de homens héteros, é? Nenhuma revista masculina, nem mesmo revistas de carros. Apenas jornais de fisiculturismo empilhados sobre a mesa do café. Olhe as paredes. Corpos masculinos, cobertos de óleo e brilhando, músculos parecendo madeira esculpida. Os homens que moram aqui sabem quem são e sabem do que gostam. Não acho que seja você. Você é controlado, Faz-tudo, mas não controlado assim. Uma coisa é manter-se reservado; ser forte o bastante para projetar uma imagem de forma tão coerente é outra completamente diferente. Sei como é, sou especialista nisso. Se sua identidade estivesse firmemente definida, como a dos caras que moram aqui, você não teria de fazer o que faz, teria?

Olhe os livros. Stephen King. Dean R. Koontz, Stephen Gallagher, Iain Banks. A biografia de Arnold Schwarzenegger. Alguns livros em brochura sobre a Máfia. Nada leve, nada gentil, mas nada bizarro também. Você leria esses livros? Talvez. Acho que gostaria de ler sobre serial killers, porém, e não há nada disso aqui.

Tony se virou lentamente para a porta. Foi um pequeno choque ver Brandon parado lá. Ele ficou tão absorvido por sua análise minuciosa que se esqueceu completamente de que estava na companhia de alguém. Tenha cuidado, Tony advertiu-se. Fique na sua cabeça.

Em silêncio, eles caminharam como uma tropa para a cozinha. Era espartana, mas bem-equipada. Na pia, havia uma tigela suja de sopa e uma caneca cheia até a metade de chá frio. Uma pequena prateleira de livros de culinária atestava a obsessão dos ocupantes por comida saudável.

— Peidolândia — observou Tony ironicamente, abrindo um armário cheio de potes de sementes.

Ele vasculhou as gavetas, prestando atenção às facas de cozinha. Havia uma pequena faca de legumes com a lâmina gasta de tanto ser afiada, uma faca de pão cuja lâmina tinha pequenas marcas causadas pelo tempo e uma faca de trinchar, dessas ordinárias, com o cabo manchado pela máquina de lavar louças.

— Essas não são suas ferramentas — disse Tony para si mesmo. — Você gosta de facas que trabalhem adequadamente.

Sem consultar Brandon, ele saiu da cozinha e subiu as escadas. Brandon o observou enfiar a cabeça no primeiro quarto e rejeitá-lo. Enquanto passava, viu que era obviamente o quarto do casal. Ele seguiu Tony até a porta em frente ao patamar da escada. No quarto de McConnell, Tony deu a impressão de ser transportado para um mundo só seu. O ambiente estava mobiliado com simplicidade e dispunha de uma cama de pinho moderna, uma cômoda

e um armário. Uma série de troféus de levantamento de peso estava disposta no largo parapeito da janela, além de uma estante alta abarrotada com livros de ficção científica em brochura e muitos romances gays. Numa pequena mesa, havia um videogame e um monitor de televisão. Mais alto numa prateleira estava uma coleção de jogos. Tony examinou Mortal Kombat, Streetfighter II, Terminator 2, Doom e uma dúzia de outros jogos cuja tônica era ação violenta.

— Isso, sim, já é mais adequado — murmurou.

Ele ficou parado ao lado da cômoda, com a mão pousada para abrir uma gaveta. Talvez seja você, no final das contas, pensou ele. Talvez você deixe a sala de estar para os outros dois. E se esse for o seu único território? O que eu esperaria encontrar aqui? Queria os seus suvenires, Faz-tudo. Você precisa guardar algo consigo, caso contrário a lembrança se desfaz rápido demais. Todos precisamos de algo tangível. O spray de perfume descartado que conserva a fragrância dela e a invoca perante meus olhos como um holograma; a programação do teatro na primeira noite em que fizemos amor e tudo estava bem. Guardar as boas lembranças, jogar fora as ruins. O que você tem para me dar?

As primeiras três gavetas eram tão inócuas que chegava a ser decepcionante: roupas íntimas, camisetas, meias, roupas de ginástica e shorts. Quando Tony abriu a gaveta de baixo, ele suspirou com satisfação. A gaveta guardava os apetrechos de sadomasoquismo de McConnell — algemas, correias de couro, anéis penianos, chicotes e uma variedade de itens que, para Brandon, pareciam pertencer a algum tipo de laboratório ou clínica psiquiátrica. Quando Tony calmamente os retirou e os examinou, Brandon teve um arrepio.

Tony se sentou na cama e olhou em volta. Devagar, com cautela, ele tentou construir uma imagem do homem que morava naquele quarto. Você

gosta de exercitar o poder pela violência, pensou ele. Gosta do fluxo da dor na sua experiência sexual. Mas não há sutileza aqui. Nenhum sinal de que você é um homem que planeja as coisas com cuidado e detalhe. Você cultua o próprio corpo. É um templo para você. Conquistou coisas, tem orgulho disso. Não é inadequado para a vida social. Consegue dividir uma casa com dois outros homens, e não é obsessivo com sua privacidade, já que não há tranca na porta. Não tem problema com sua sexualidade, e está confortável com a ideia de escolher um parceiro numa boate, desde que tenha a oportunidade de conhecê-lo um pouco primeiro.

Sua projeção de imagem foi interrompida por Brandon.

— Veja isso, Tony — disse ele com animação. O chefe de polícia assistente tinha vasculhado cuidadosamente uma caixa de sapatos cheia de papéis, a maioria recibos, garantias de eletrodomésticos, extratos de banco e cartão de crédito. A caixa estava quase vazia, mas agora ele segurava um fino pedaço de papel.

Tony o pegou. Era algum tipo de formulário policial. Ele franziu a testa.

— O que é isso?

— É o formulário que os motoristas recebem quando são parados por um policial e não têm os documentos em mãos. É preciso levá-lo a um posto policial dentro de um período determinado, para que possam verificar se tudo está em ordem. Veja o nome do policial — insistiu Brandon.

Tony olhou de novo. O nome, que a princípio parecera um garrancho confuso, de repente se tornou legível como “Connolly”.

— Reconheci o número dele — disse Brandon. — Mal dá para identificar o nome.

— Merda — sussurrou Tony.

— Damien Connolly deve tê-lo parado por algum delito de trânsito pouco importante, ou apenas para uma blitz, e pedido a ele que apresentasse

seus documentos — supôs Brandon.

Tony franziu a testa.

— Achei que Connolly fosse responsável pela inteligência local. O que ele estava fazendo distribuindo multas de trânsito?

Brandon olhou por sobre o ombro de Tony para o pedaço de papel.

— Faz quase dois anos. Connolly obviamente não era um analista de antecedentes criminais na época. Ou estava passando um tempo como policial de trânsito, ou estava a serviço na área quando viu McConnell fazendo algo que não devia.

— Você pode verificar isso discretamente?

— Sem problema — respondeu Brandon.

— Você encontrou, então, não foi?

Brandon parecia assustado.

— Você quer dizer... que acha que isso encerra o caso? McConnell é o criminoso?

— Não, não — disse Tony, apressadamente. — De jeito nenhum. Tudo que quero dizer é que, se você puder rastrear a emissão da multa, deve conseguir fazer um juiz leigo lhe conceder um mandado de busca oficial baseado no fato de que McConnell conhecia três das quatro vítimas, o que extrapola a mera coincidência.

— Certo — disse Brandon, suspirando. — Então você ainda não está convencido de que McConnell é o assassino?

Tony se levantou e andou de um lado para outro no tapete, seu padrão geométrico denteado nas cores cinza, vermelho, preto e branco o lembravam da primeira e única enxaqueca que tivera.

— Antes de você encontrar isso, eu já tinha concluído que McConnell era o homem errado — explicou ele, depois de alguns momentos. — Sei que não tive tempo de sentar e escrever um perfil completo ainda, mas tinha a

impressão de que estava começando a ter uma ideia de como era esse assassino. E há muitas coisas aqui que não se encaixam nessa imagem. Mas essa é uma enorme coincidência. Esta cidade é grande. Concluimos que Stevie McConnell conhecia ou pelo menos havia encontrado três das quatro vítimas. Quantas pessoas estarão nas mesmas condições?

— Não muitas — respondeu Brandon, com gravidade.

— McConnell ainda não me convence como o assassino, mas é possível que o homicida seja alguém que ele conheça, alguém que tenha conhecido Adam Scott e Gareth Finnegan por meio dele — continuou Tony. — Talvez até alguém que estivesse com ele quando recebeu essa multa de trânsito, ou alguém a quem ele apontou Damien. Você conhece esse tipo de coisa: “Aquele ali é o filho da mãe que me pegou por excesso de velocidade.”

— Não acha mesmo que seja ele, né? — perguntou Brandon, sem energia, a voz decepcionada. — Acho que é pouco provável. Afinal, não há prova que ligue a casa aos assassinatos — disse ele, com cautela. — Mas, você mesmo disse, é mais provável que esteja fazendo sua matança em outro lugar. Pode ser que ele guarde seus suvenires lá.

— Não é só a ausência de suvenires — disse Tony. — Normalmente, John, serial killers matam para transformar em realidade suas fantasias. Tipicamente, eles têm fantasias desenvolvidas até o ponto onde elas são mais reais para eles do que o mundo em volta. Não há nada aqui que sugira que McConnell seja esse tipo de personalidade. Tudo bem, ele tem uma pilha de revistas pornográficas. Mas a maioria dos homens da idade dele também tem, independentemente da orientação sexual. Ele tem jogos de computador violentos, mas milhares de adolescentes e homens adultos também têm. Existem, sim, muitos indícios que sugerem que Stevie McConnell não é um sociopata. Olhe ao redor, John. Essa casa inteira cheira a normalidade. O calendário da cozinha tem datas para pessoas que vem jantar. Olhe para

aquela pilha de cartões de Natal na estante. Deve haver cinquenta deles lá. Veja as fotos de férias. Ele estava obviamente com o mesmo parceiro por quatro ou cinco anos, a julgar pelos locais e as mudanças de penteado. Stevie McConnell não parece ter problema em estabelecer relacionamentos com as pessoas. Tudo bem, também parece não haver nada relacionado à sua família, mas muitos gays, quando se assumem, perdem esse contato. Isso não significa que sua família seja desestruturada da forma que, geralmente, ocasiona a formação de um serial killer. Lamento, John. Não tinha certeza a princípio, mas quanto mais vejo, menos esse sujeito parece ser o criminoso.

Brandon levantou-se e recolocou cuidadosamente a folha de papel exatamente onde a encontrara.

— Lamento dizer isso, mas acho que tem razão. Quando o interroguei mais cedo, achei que ele era calmo demais para ser quem estamos procurando.

Tony balançou a cabeça.

— Não se engane quanto a isso. É possível que o cara certo seja calmo também. Não se esqueça, isso é algo que ele planejou com cuidado. Apesar de se achar o máximo, ele vai ter planos de contingência. Espera ser trazido para interrogatório mais cedo ou mais tarde. Vai estar pronto para vocês. Ele será razoável, agradável. Não vai parecer um trapaceiro. Será insípido, prestativo e não vai gerar nenhuma desconfiança aos seus detetives. O álibi dele vai ser nenhum álibi. Ele provavelmente dirá que esteve com uma vadia, ou fora numa partida de futebol sozinho. Vai acabar sendo eliminado de suas investigações porque outros suspeitos serão aparentemente mais interessantes.

Brandon conseguiu parecer ainda mais deprimido que o normal.

— Obrigado, Tony. Você realmente me animou agora. Então, o que sugere? Tony deu de ombros.

— Como disse, é possível que McConnell conheça o assassino. Pode até ter suas próprias suspeitas. Eu o seguraria um pouco mais, o interrogaria duramente para saber o que sabe e quem ele conhece. Mas não dispensaria a equipe. Consiga um mandado. Faça uma busca completa, debaixo das tábuas do assoalho, no sótão. Nunca se sabe o que pode aparecer. Não se esqueça, posso estar completamente errado.

Brandon olhou seu relógio.

— Certo. É melhor eu devolver essas chaves antes do fim do turno do sargento de guarda. Deixo você no caminho.

Com uma última olhada para verificar se não tinham esquecido nada fora de lugar, Brandon e Tony deixaram a casa de McConnell. Quando se aproximavam do Range Rover, uma voz vinda da sombra disse:

— Bom dia, cavalheiros. Vocês estão presos.

Carol deu um passo à frente na luz do poste de iluminação.

— Dr. Anthony Hill e o chefe de polícia assistente John Brandon, estou prendendo os dois por suspeita de invasão. Não precisam dizer nada... — Nesse momento, foi vencida pelo riso.

Ao ouvir as primeiras palavras dela, o coração de Brandon foi à boca.

— Caramba, Carol — protestou ele. — Estou velho demais para brincadeiras como essa.

— Mas não para brincadeiras como essa aí, pelo visto — disse Carol, com ironia, fazendo um gesto com o polegar para a casa de McConnell. — Busca sem mandado, e na casa de um civil? Sorte a sua que não estou de serviço, senhor.

Brandon deu um sorriso cansado.

— Então por que você está rondando a casa do suspeito?

— Sou uma detetive, senhor. Achei que podia encontrar o senhor e o dr. Hill aqui. Algum resultado?

— Dr. Hill acha que não. E quanto ao seu interrogatório? — perguntou Brandon.

— Suas sugestões funcionaram muito bem, Tony. McConnell não tinha nenhum álibi a declarar para o assassinato de Damien Connolly, exceto por uma hora mais tarde na noite em que Damien podia já estar morto. O importante é onde ele estava naquela hora. Senhor, ele estava bebendo no pub onde o corpo foi deixado.

As sobrancelhas de Tony se ergueram, e ele inspirou forte. Brandon se voltou para ele.

— E então?

— É exatamente o tipo de coisa insolente que o Faz-tudo poderia aprontar. Talvez seja aconselhável conseguir alguém para verificar se ele é um freguês assíduo do estabelecimento. Se não for, isso torna o fato importante — explicou Tony devagar. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, foi dominado por um enorme bocejo.

— Desculpe — disse, bocejando novamente. — Não sou um notívago.

— Vou lhe dar uma carona para casa — disse Carol. — Acho que o chefe de polícia assistente tem alguma coisa para deixar na delegacia.

Brandon olhou para o relógio.

— Ótimo. Chegue às onze e não às dez, Carol.

— Obrigada, senhor — disse Carol, com sinceridade, enquanto abria seu carro para Tony. Ele despencou no banco do carona, incapaz de interromper a onda de bocejos que o tomava.

— Desculpe mesmo — conseguiu dizer, com uma bocarra. — Não consigo parar de bocejar.

— Você encontrou alguma coisa válida? — perguntou Carol, seu tom mais compreensivo que suas palavras.

— Damien Connolly o notificou alguns anos atrás por um delito de trânsito — respondeu Tony, sem animação.

Carol soltou um assobio.

— Na mosca! Pegamos o cara numa mentira dupla, Tony. McConnell disse a Don Merrick, a princípio, que tinha conhecido Connolly após um arrombamento na academia. Depois, na entrevista, ele negou jamais tê-lo visto. Disse que vinha mentindo para se fazer de interessante. Mas agora vem à tona que ele realmente o conheceu! Que sorte!

— Apenas se você acreditar que ele é o assassino — disse Tony. — Sinto muito em decepcioná-la, Carol, mas não acho que seja ele. Estou cansado demais para explicar tudo agora, mas, depois que elaborar meu perfil e o analisarmos, verá por que não consigo me animar com Stevie McConnell. — Ele bocejou de novo e recostou a cabeça numa das mãos.

— Quando podemos fazer isso? — perguntou Carol, lutando contra o impulso de arrancar os pensamentos dele aos solavancos.

— Ouça, me dê o resto do dia, e amanhã de manhã terei o esboço de um perfil para você. Que tal?

— Ótimo. Alguma outra coisa de que precise enquanto isso?

Tony não disse nada. Carol lhe dirigiu um rápido olhar de soslaio e percebeu que ele tinha cochilado. Isso é só para quem pode, pensou ela. Forçando-se a se concentrar, ela dirigiu pela cidade até a casa geminada de Tony, uma construção de tijolos da virada do século, numa rua tranquila distante alguns pontos de bonde da universidade. Carol estacionou. A lenta e suave diminuição do veículo até a parada total não perturbou Tony, cuja respiração se tornara audível.

Carol desprendeu o cinto de segurança e se inclinou para sacudi-lo de leve. A cabeça de Tony se ergueu num gesto assustado, os olhos ficaram esbugalhados e inquietos. Ele fitava Carol sem compreender.

— Tudo bem — disse ela. — Você está em casa. Caiu no sono.

Tony esfregou os olhos com os punhos, murmurando algo ininteligível. Com os olhos embaçados, voltou-se para Carol e deu um sorriso torto e sonolento.

— Obrigado por me trazer para casa.

— Sem problemas — disse Carol, ainda virada em seu assento, percebendo de modo intenso a proximidade dele. — Vou ligar para você à tarde, podemos marcar um horário para nos encontrarmos amanhã.

Tony, já acordado, se sentiu claustrofóbico.

— Obrigado de novo — agradeceu ele, retirando-se às pressas, abrindo a porta do carro e quase tropeçando na calçada, graças à combinação de pressa e sonolência.

— Não acredito que queria que ele me beijasse — disse Carol para si mesma enquanto observava Tony abrir a porta e subir o curto caminho. — Santo Deus, o que está acontecendo comigo? Primeiro, trato Don como uma mãe superprotetora, depois começo a me interessar pelos peritos.

Ela viu a porta da frente aberta, enfiou uma fita cassete no som e foi embora.

— Preciso é de férias — disse ela a Elvis Costello.

— *You tease, and you flirt, and you shine all the buttons on your green shirt** — cantou ele de volta.

— Na noite passada, estávamos praticamente colocando o champanhe para gelar. Agora você está me dizendo que quer deixar McConnell ir embora?

Cross balançou a cabeça num gesto de exasperação tão antigo que provavelmente aparecia num vaso grego.

— O que aconteceu para mudar tudo? Ele apareceu com um álibi para rebater qualquer suspeita, foi isso? Estava se divertindo com o príncipe

Edward e seus guarda-costas?

— Não estou dizendo para deixá-lo ir embora de imediato. Precisamos interrogá-lo mais detidamente sobre seus colegas, verificar se ele apresentou Gareth Finnegan e Adam Scott a alguém. E, depois disso, teremos que deixá-lo ir. Não há nenhuma prova real, Tom — disse Brandon, com cansaço. A falta de sono tinha transformado seu rosto numa máscara cinza que não teria parecido fora de lugar num filme de terror produzido pela *Hammer Horror*. Cross, por outro lado, tinha a aparência e a voz tão renovadas quanto uma criancinha que tivesse acabado de tirar uma soneca.

— Ele estava no Queen of Hearts naquela noite. Pelo que sabemos, estava com o cadáver de Connolly na mala do carro, aguardando apenas o fechamento do bar. Deve ser suficiente para fazer buscas no cafofo dele.

— Assim que tivermos indícios suficientes para conseguir um mandado de busca, nós o faremos — retorquiu Brandon, relutante em admitir que já tinha tomado aquela medida não ortodoxa. Mais cedo, ele pedira à sargento Claire Bonner que verificasse todas as prisões e multas de trânsito de Damien Connolly, supostamente pela chance remota de uma ligação com McConnell, mas, até agora, ela não havia descoberto a informação crucial que ele sabia que existia.

— Suponho que tudo seja culpa do Menino-Prodígio — disse Cross, com amargura. — Imagino que aquele psicólogo tenha dito que a infância de McConnell não foi infeliz o bastante.

Carol mordeu a língua. Era ruim o suficiente testemunhar essa luta de titãs sem lembrar a nenhum dos chefes que ela estava assistindo ao conflito.

Brandon franziu a testa.

— Já consultei a opinião do dr. Hill e, sim, ele acredita que, com base no que temos até agora, McConnell não é quem procuramos. Mas isso não é a

principal razão pela qual acho que devemos soltá-lo. A falta de provas é muito mais importante para mim.

— E para mim. É por isso que precisamos coletá-los um pouco mais. Precisamos interrogar aqueles baitolas com quem ele estava bebendo na noite de segunda, para saber qual era o estado dele. E precisamos ver o que McConnell tem debaixo do colchão — disse Cross, com vigor. — Ficamos com ele preso por menos de doze horas, senhor. Temos o direito de ficar com ele até passar a meia-noite. Depois, podemos acusá-lo de agressão e solicitar aos juízes leigos um período de descanso para o interrogatório policial, o que nos dá mais três dias. Isso é tudo que estou pedindo. A essa altura, eu já o terei prendido. O senhor não pode dizer não para isso. Todos protestariam com veemência.

Errado, pensou Carol. Você estava indo bem até agora, mas a chantagem emocional acabou com as suas chances.

As orelhas de Brandon ficaram vermelho vivo.

— Espero que ninguém pense que o trabalho parou por causa do interrogatório — disse ele, com um componente de perigo em sua voz.

— O pessoal é dedicado, senhor, mas todos estão trabalhando no caso por muito tempo sem uma folga.

Brandon virou para o outro lado, olhando pela janela a cidade abaixo. Seus instintos lhe diziam para deixar McConnell ir depois que tivessem feito uma última tentativa de arrancar os contatos dele, mas ele sabia, sem precisar dos comentários inábeis de Cross, que ter um suspeito dera à divisão de homicídios um novo sopro de energia. Antes que ele pudesse tomar uma decisão, houve uma batida na porta.

— Entre — gritou Brandon, virando e deixando-se cair pesadamente na cadeira.

Os cachinhos cor de cenoura de Kevin Matthews apareceram na porta. Ele parecia um garoto a quem havia sido prometida uma viagem à Disneylândia.

— Senhor, desculpe interromper, senhor, mas acabamos de receber um laudo da perícia forense sobre o assassinato de Damien Connolly.

— Entre e nos informe, então — convidou Cross cordialmente.

Kevin deu um sorriso que era como um pedido de desculpas e deslizou seu corpo magro pela porta.

— Um dos peritos encontrou um pedaço de couro rasgado preso num prego do portão — informou ele. — É uma área protegida, o público não pode entrar simplesmente, por isso pensamos que pode ser importante. Obviamente, tivemos de desconsiderar as pessoas que trabalham no pub, e os carregadores que fazem entrega ali. De qualquer forma, descobrimos que o quintal foi caiado, e os portões foram pintados há apenas um mês, por isso não tivemos de procurar muito. O resultado é que ninguém admitiu possuir nada feito desse tipo de couro, então o mandamos para a perícia e pedimos que analisassem com urgência. O laudo acabou de chegar.

Ele estendeu o laudo para Brandon, ansioso como um escoteiro.

A passagem relevante tinha sido assinalada em amarelo. Ela saltou aos olhos de Brandon.

“O fragmento de couro marrom-escuro é extremamente incomum. A princípio, parece ser algum tipo de camurça. De modo mais significativo, as análises indicam que foi curado em água do mar em vez de um meio de curagem química especializada. Conheço apenas uma origem de couro assim: a antiga União Soviética. Como os fornecimentos regulares dos produtos químicos corretos eram difíceis de encontrar, muitos coureiros de lá ainda usam o velho método de curar com água marinha. Apostaria que o fragmento veio de uma jaqueta de couro originária da Rússia. Tecido desse tipo não está disponível comercialmente em nenhum outro lugar, pois não atende aos

critérios de qualidade exigidos pelo comércio de varejo dos países desenvolvidos do Ocidente.”

Após a leitura, Brandon atirou o laudo para o outro lado da mesa na direção de Cross.

— Droga! — exclamou o superintendente. — Quer dizer que estamos procurando um russo?

Nota:

* “Você provoca, e flerta, e faz brilhar todos os botões da sua camisa verde.” (N.T.)

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 009**

Li em algum lugar que os inquéritos de homicídios custam um milhão de libras por mês. Quando Paul demonstrou que era tão estúpido e traiçoeiro quanto Adam, comecei a perceber que as medidas que tive de tomar podiam ter um impacto importante nos impostos locais. Não que eu me importasse com alguns trocados a mais por ano no meu carnê de imposto; era um pequeno preço a pagar pela satisfação que tinha em lidar com a perfídia deles.

Fiquei muito triste com a deserção de Paul. Logo quando eu havia decidido o local para a celebração triunfante de nosso amor, ele me virou as costas e escolheu outra pessoa. Na noite em que fez sua primeira abordagem, não sei como cheguei em casa. Não consigo me lembrar de um único detalhe da viagem. Sentei-me no 4x4 no lado de fora da fazenda, gritando furiosamente contra sua superficialidade, sua incapacidade de reconhecer que era a mim que ele amava verdadeiramente. Minha raiva era tão intensa que

perdi toda a coordenação motora. Praticamente caí do assento do motorista e cambaleei como uma pessoa embriagada para o refúgio de minha masmorra.

Subi no banco de pedra e abracei meus joelhos no peito enquanto lágrimas inéditas rolavam pela minha bochecha e batiam na pedra crua, manchando-a com uma cor tão escura quanto o sangue de Adam. O que havia de errado com eles? Por que não podiam se permitir ter o que sabiam que queriam?

Limpei os olhos. Eu devia a nós dois a transformação da experiência em algo tão rico e perfeito quanto possível. Era hora de novos brinquedos. Adam tinha sido o ensaio final. Paul seria a noite de estreia.

A desculpa do carro que não queria dar partida tinha me servido bem com Adam, então a usei com Paul. Funcionou perfeitamente. Assim que entrei em seu hall, ele chegou a me convidar para tomar um drinque enquanto eu esperava o homem da seguradora. Mas não caí em sua bajulação; ele tivera sua chance, e era tarde demais agora para que eu abortasse os planos que fizera para nossa união de acordo com minhas condições.

Quando recobrou a consciência, ele estava atado num berço de Judas. Levei alguns dias para construí-lo, já que precisei começar do zero. O berço de Judas foi uma das minhas descobertas em San Gimignano. Tinha visto apenas algumas referências a ele em meus livros, nenhuma delas esclarecendo como era construído exatamente. No entanto, em exibição, eles tinham o próprio

modelo em condições de funcionamento. Tirei algumas fotografias para ampliar a do catálogo do museu e, com elas, elaborei um projeto exequível no meu computador.

Não é uma máquina que os inquisidores tenham usado muito, embora eu não saiba dizer exatamente o porquê. O museu de San Gimignano apresenta uma teoria que, francamente, me parece absurda. Junto com alguns dos outros textos explicativos, essa tola hipótese me dá a convicção de que os cartões foram escritos por alguma feminista tacanha e obcecada. A teoria é a seguinte: era aceitável usar instrumentos de tortura em mulheres, como peras vaginais, que dilaceravam o cérvix e a vagina; os chamados cintos de “castidade”, que rasgavam os lábios vaginais até formar uma polpa sangrenta; instrumentos que cortavam mamilos de modo tão eficiente quanto um cortador de charuto, porque as mulheres eram uma espécie distinta da dos inquisidores e, de fato, muitas vezes consideradas criaturas do demônio. Por outro lado, como defende essa teoria maluca, os instrumentos de tortura usados em homens tendiam a não ser direcionados aos órgãos genitais, apesar da maciez dessas regiões, porque — espere só para ver isso — os torturadores se sentiam inconscientemente ligados às suas vítimas e, portanto, qualquer mutilação infligida sobre seus paus e bolas era inimaginável. É óbvio que a redatora da legenda de San Gimignano está longe de ser alguém versado nos requintes do Terceiro Reich.

Meu berço de Judas, modéstia à parte, é uma obra-prima. Ele consiste numa estrutura quadrada com uma perna em cada canto, suportes para os antebraços e uma grossa tábua nas costas. Muito semelhante a uma cadeira de carpintaria primitiva, exceto que não há assento. Em vez disso, abaixo do espaço onde o assento devia estar, há um espeto cônico de farpas afiadas, preso às pernas do berço por escoras transversais de madeira resistente. Para o espeto, usei um dos cones grandes no qual o fio de algodão costumava ser enrolado em teares industriais. É possível comprá-los em lojas de souvenir de qualquer posto avançado do patrimônio da indústria. Cobri-o com uma folha fina e flexível de cobre e preendi a fita farpada em espiral no lado de fora. Adicionei meu próprio toque de requinte ao exemplo no museu de tortura: meu espeto era ligado por um fio de energia através de um reostato, permitindo-me aplicar choques elétricos de intensidade variada. A coisa toda estava aparafusada ao piso para evitar acidentes.

Enquanto estava inconsciente, Paul tinha sido mantido acima do espeto com uma tira de couro forte sob suas axilas, presa às costas da cadeira. Também preendi com tiras os dois tornozelos a uma das pernas da frente do berço. Assim que eu desatasse a tira, ele seria deixado à própria sorte, contando com os músculos da panturrilha e os ombros para afastá-lo do ferrão brutal, posicionado cuidadosamente logo abaixo de seu ânus. Como o berço era tão alto que apenas seus dedões do pé podiam chegar ao chão, eu não esperava que ele aguentasse por muito tempo.

Seus olhos registraram o mesmo pânico que eu vira em Adam, mas aquilo era inteiramente culpa dele. Eu lhe disse isso antes de retirar a fita de sua boca.

— Eu não fazia ideia, não fazia ideia — balbuciou ele. — Desculpe, desculpe. Você precisa permitir que eu me redima com você. Só me tire dessa coisa, e prometo que podemos ter um novo começo.

Balancei a cabeça.

— Robert Maxwell estava certo numa coisa. Ele disse que confiança é como virgindade: só se perde uma vez. Você tem uma alma traiçoeira, Paul. Como posso acreditar em você?

Ele passou a bater os dentes, embora não fosse, penso eu, devido ao frio.

— Cometi um erro — forçou-se a dizer. — Sei disso. Todo mundo erra. Por favor, tudo que peço é uma chance de consertar as coisas. Posso consertar, juro.

— Mostre-me, então — disse eu. — Mostre-me que está dizendo a verdade. Mostre-me que me quer. — Olhei fixamente para o pau murcho dele, pendente com seus testículos no espaço onde o assento deveria estar. Havia ansiado pela beleza, mas ele me decepcionara também nesse ponto.

— Nã-não aqui, não assim. Não consigo! — A voz dele subiu num patético lamento.

— É isso ou nada. Aqui ou em lugar nenhum — disse a ele. — A propósito, caso esteja se perguntando, você está preso a um berço de Judas.

Expliquei cuidadosamente como o berço funcionava. Queria que ele fizesse uma escolha baseada no conhecimento dos fatos. Enquanto falava, sua pele foi ficando cinza e viscosa com o medo. Quando mencionei a eletricidade, ele perdeu completamente o controle, deixando pingar mijo do pau, respingando no chão embaixo dele. O fedor de urina fresca subiu e me asfixiou.

Estapeei-o com tanta força que sua cabeça bateu com estrondo na tábua do berço de Judas. Ele gritou de dor e as lágrimas brotaram em seus olhos.

— Bebê sujo, bebê imundo — gritava para ele. — Você não merece meu amor. Olhe para você, se mijando e chorando como uma menininha. Não é um homem.

Ouvir as palavras de minha mãe saindo de minha boca destruiu meu autocontrole como nada mais poderia ter feito. Eu continuava batendo em Paul, deleitando-me com a destruição da cartilagem enquanto o nariz dele se desintegrava sob meus punhos. A raiva estava me deixando fora de mim. Ele me enganara para que eu pensasse que ele podia ser algo diferente do que era. Pensava que Paul fosse forte e corajoso, inteligente e sensível. Mas ele era apenas um pulha estúpido, covarde e promíscuo, um exemplo patético de homem. Como pude um dia imaginar que ele poderia ser um parceiro digno? Ele não estava nem resistindo, apenas ficava sentado miando como um gatinho, deixando que eu batesse nele.

Sem fôlego pelo esforço e pela raiva, finalmente parei. Dei um passo atrás e o fitei com desdém, observando suas lágrimas formarem linhas ao

atravessarem o sangue em seu rosto.

— Você provocou isso a si mesmo — sussurrei. Todos os meus planos cuidadosos tinham ido por água abaixo.

Mas agora não queria lhe dar a segunda chance que tinha dado a Adam. Não queria o amor de Paul. Não, sob nenhuma circunstância. Ele não me merecia. Dei a volta no berço e peguei a ponta da tira.

— Não — choramingou ele. — Por favor, não.

— Você teve sua chance — falei furiosamente. — Você teve sua chance e a desperdiçou. Não tem ninguém a quem culpar a não ser a si mesmo, vindo aqui e mijando no chão como um bebê que não sabe se controlar.

Puxei a tira, apertando-a o bastante para que pudesse desprendê-la da correia. Depois, soltei-a.

Os músculos de Paul instantaneamente se retesaram, mantendo-o rigidamente no lugar, a um mero centímetro do espeto. Eu me movi para sua linha de visão e lentamente me despi, acariciando meu corpo, imaginando como seria sentir as mãos dele. Seus olhos se esbugalharam com o esforço enquanto ele tentava se manter no lugar. Sentei-me e, devagar, deliciosamente, comecei a me esfregar, a excitação aumentando enquanto observava sua luta para permanecer afastado do espeto angustiante.

— Você podia estar fazendo isso — disse com desdém, vibrando de tesão com o estremecimento de suas coxas e panturrilhas. — Podia estar fazendo amor em vez de estar lutando para manter seu rabo a salvo.

Se ele tivesse malhado como Adam, o prazer teria durado mais. Do modo como eram as coisas, seus gritos de agonia se misturavam aos meus gemidos de prazer. Gozei como um espetáculo pirotécnico, os fogos estourando dentro de mim e explodindo num orgasmo que me deixou de joelhos.

Ele tentou se soltar, mas as farpas só cortavam mais profundamente sua pele macia. Recostei-me na cadeira, saboreando as ondas de prazer que fluíam por mim depois do meu orgasmo. Os gemidos e os gritos de Paul eram um contraponto extravagante para minha satisfação sexual.

À medida que o tempo passava, ele mergulhava mais fundo no espeto, e seus gritos se moderavam tornando-se choramingos. Para minha surpresa, senti o desejo sexual surgir em mim mais uma vez. Depois do prazer intenso do meu primeiro orgasmo, queria que minha excitação fosse igual novamente.

Procurei a caixa com o interruptor elétrico do espeto, e pressionei o botão que fechava o circuito. Mesmo com uma corrente relativamente baixa, o corpo de Paul se contorcia num arco que quase o retirava do espeto, e um fino borrifo de sangue atingia o chão por cerca de meio metro em volta.

Igualiei o ritmo de nossos corpos, a velocidade e a intensidade de nossa excitação mútua mantendo um compasso perfeito. Senti meus músculos tremerem como os dele enquanto eu me esfregava com minha mão. Quando gozei, meu corpo se curvou em sincronia com o de Paul, meus suspiros ecoando seus últimos gritos de agonia antes de perder a consciência.

Preciso confessar que me surpreendi com o quanto gostei da punição de Paul. Talvez porque ele tenha merecido muito mais que Adam, talvez porque eu tivera expectativas maiores quanto a ele a princípio, ou talvez simplesmente porque eu estava ficando melhor naquilo. Qualquer que fosse a razão, minha segunda incursão no assassinato me fez perceber que, finalmente, eu tinha encontrado minha verdadeira vocação.



Secamos nossas lágrimas e... descobrimos que uma interação que, considerada sob o aspecto moral, era execrável, e sem nenhuma base para defesa, quando submetida aos princípios do bom gosto, revela-se uma performance muito louvável.

— Tudo bem, Faz-tudo, é hora do show — disse Tony para a tela em branco de seu computador. Depois que Carol o tinha deixado em casa, ele cambaleou para o andar de cima, retirando os sapatos aos chutes e deixando sua jaqueta de beisebol acolchoada repousar onde caísse. Parando somente para esvaziar a bexiga, ele se afundou no edredom e caiu no sono mais profundo que tivera em meses. Quando acordou, já passava do meio-dia. Contudo, daquela vez, não teve a sensação de culpa pelo trabalho que deveria estar fazendo. Ele se sentiu revigorado, empolgado, até eufórico. A busca na casa de Stevie McConnell lhe dera uma nova certeza de que realmente entendia aquilo. Sabia, com absoluta clareza, que o Faz-tudo não vivia daquela maneira. E, embora não fosse algo que pudesse admitir para ninguém fora do círculo de colegas analistas de perfis criminais, perceber que provavelmente poderia se

encontrar dentro da mente do Faz-tudo e mapear um caminho pelo labirinto tortuoso de sua lógica singular, gerava em Tony uma onda de prazer. Tudo que ele precisava agora era encontrar a chave da porta.

No escritório, Tony movia-se com velocidade pelas pilhas restantes de documentos, tomando notas enquanto prosseguia. Depois, fechou as venezianas e disse à sua secretária que não transferisse nenhuma ligação. Contornou a escrivaninha com sua cadeira de modo que ela ficasse de frente para a cadeira do visitante. Num lado do móvel, colocou seu gravador, ainda desligado. Andou até a porta e ficou de costas para ela, contemplando a sala. Um poema que lera certa vez ecoou em sua mente. Algo sobre uma estrada que se bifurcava numa floresta, e a importância de escolher o caminho menos trilhado. Pelo que podia lembrar, seus fascínios o tinham levado pela estrada menos trilhada. Era a estrada em que seus pacientes andavam, o percurso sombrio que levava para o mato crescido, fora da colorida luz solar do caminho aberto.

— Preciso compreender por que escolheu essa estrada, Faz-tudo — murmurou Tony. — É isso que faço melhor. Entende? Eu sei o que me atrai para essa estrada. Mas não sou como você. Posso voltar quando quiser. Posso escolher o caminho ensolarado. Não preciso ficar aqui. Tudo que estou fazendo é estudar suas pegadas. Ou, pelo menos, é isso que digo ao mundo. Mas sabemos a verdade, não é? Não pode se esconder de mim, Faz-tudo — continuou ele baixinho. — Sou igualzinho a você, sabe. Sou sua imagem no espelho. A caça que virou caçador. Caçá-lo é a única coisa que me impede de sermos iguais. Estou aqui, esperando por você. Fim da jornada. — Permaneceu ali por mais um instante, saboreando o que havia admitido para si mesmo.

Por fim, sentou-se na cadeira e se inclinou para a frente, com os cotovelos nos joelhos, as mãos entrelaçadas frouxamente.

— Tudo bem, Faz-tudo — disse ele. — Somos só você e eu. Vamos pular os preâmbulos: toda aquela parte em que fazemos a queda de braço verbal e você finalmente decide conversar comigo. Vamos direto ao ponto. Primeiro, quero dizer como estou impressionado. Nunca vi um trabalho mais limpo. Não digo apenas os corpos, quero dizer a coisa toda. Uma beleza o que fez. Nunca nenhuma testemunha. Deixe-me reformular. Nunca ninguém percebeu nada de significativo no que viu ou ouviu, porque deve ter havido pessoas que viram ou ouviram algo, mas não estabeleceram a relação entre as coisas. Como você conseguiu ser tão invisível?

Ele pressionou o botão vermelho do gravador da fita cassete, depois se levantou e andou até a outra cadeira.

Tony inspirou fundo e relaxou lentamente o corpo, usando técnicas de relaxamento para se colocar num leve estado de transe. Instruiu a mente consciente a se deixar levar e permitir que sua concentração acessasse diretamente tudo que sabia sobre o Faz-tudo e que respondesse por ele. Quando falou, até sua voz era diferente. O timbre era mais áspero, os tons mais graves.

— Eu me misturei. Tomei cuidado. Observei e aprendi.

Tony trocou de cadeiras novamente.

— Você obviamente fez um bom trabalho — elogiou ele. — Como você os escolheu?

De volta à cadeira do Faz-tudo.

— Gostava deles. Sabia que isso seria especial para eles. Queria ser como eles. Todos eles têm bons empregos, uma vida legal. Sou bom em aprender coisas. Poderia ter aprendido a ser como eles. Poderia ter me encaixado em suas vidas.

— Então por que matá-los?

— As pessoas são estúpidas. Elas não me compreendem. Sempre fui aquele de quem elas riam e de quem tinham medo depois. Não gosto que riam de mim e estou cansado de pessoas que me temem como se eu fosse algum animal prestes a atacá-las. Dei-lhes uma chance, mas eles não me deram nenhuma. Tive que matá-los.

Tony afundou de volta em sua própria cadeira.

— E depois que fez isso uma vez, percebeu que era a melhor coisa do mundo.

— Eu me senti bem. No controle. Sabia o que ia acontecer. Eu planejava tudo, e tinha funcionado!

Tony se surpreendeu com o grau de entusiasmo que exprimiu. Aguardou, mas nada mais pareceu emergir.

Retornou à sua própria cadeira.

— Não durou muito, não é? O prazer? A sensação de poder?

Na cadeira do Faz-tudo, ele se sentiu perdido pela primeira vez. Geralmente, ele descobria que a encenação soltava suas ideias, permitia que seus pensamentos fluíssem livremente. Mas algo estava atravancando as coisas. Esse entrave era claramente o centro da questão. Tony voltou para sua própria cadeira e pensou a respeito.

— Os serial killers vivem suas fantasias em seus crimes. O próprio crime nunca está à altura da fantasia, por isso ele tem força limitada. Seus detalhes são incorporados nas fantasias, que então são concretizadas num segundo assassinato, muitas vezes mais ritualístico. E assim por diante. Mas, à medida que o tempo passa, as fantasias têm cada vez menos poder de permanecer na lembrança. Os assassinatos precisam ficar cada vez mais próximos uns dos outros para manter o abastecimento da imaginação. Mas os seus assassinatos não se tornam mais próximos, Faz-tudo. Por quê?

Ele se moveu para o outro lado, sem esperança. Permitiu que sua mente se esvaziasse, deixando o lado consciente vagar, esperando que fosse chegar a uma resposta que satisfizesse sua ideia do Faz-tudo. Depois de alguns momentos, Tony sentiu-se saindo de sua mente consciente. De uma só vez, de um lugar que pareceu muito distante, uma risada grave ressoou por ele.

— Isso cabe a mim saber e a você descobrir — caçoou dele sua própria voz.

Tony sacudiu a cabeça como um mergulhador que chega à superfície. Confuso, levantou-se e abriu as venezianas. Era esse o resultado das técnicas alternativas. O interessante, porém, era o ponto no qual seu cérebro tinha encontrado um obstáculo. Esse foi um dos fatores no Faz-tudo que eram singulares. Os intervalos entre os assassinatos permaneciam constantes. Mesmo considerando que ele os filmasse, era notável.

A linha de raciocínio restaurou a vitalidade anterior de Tony, e ele decidiu fazer um desvio na seção de estudos de mídia da biblioteca da universidade onde analisou as edições passadas do *Bradfield Evening Sentinel Times* nas datas apropriadas. Uma análise cuidadosa das páginas de entretenimento revelou pouco em comum entre as quatro noites em questão, a menos que ele estivesse preparado para considerar que o cinema de arte local sempre mostrava comédias clássicas britânicas em preto e branco às segundas-feiras. Por alguma razão, ele não conseguia imaginar *Um país de anedota* estimulando fantasias sexuais homicidas. Finalmente, um pouco depois das sete, estava pronto para começar o perfil.

Ele começou com a advertência de costume.

O perfil de criminoso a seguir destina-se apenas à orientação e não deve ser considerado um retrato fiel. O criminoso provavelmente não corresponde ao perfil nos mínimos detalhes, embora eu espere que haja um alto grau de congruência

entre as características aqui descritas e a realidade. Todas as declarações no perfil expressam probabilidades e possibilidades, não fatos sólidos.

Um serial killer produz sinais e indicadores ao cometer seus crimes. Tudo que faz, conscientemente ou não, tem o objetivo de integrar um padrão. Descobrir esse padrão subjacente revela o raciocínio do assassino. Pode não fazer sentido para nós, mas, para ele, é crucial. Como sua lógica é muito idiossincrática, as armadilhas óbvias não vão capturá-lo. Sendo ele singular, igualmente singulares devem ser os meios para pegá-lo, interrogá-lo e reconstituir seus atos.

Tony continuou o perfil com uma análise detalhada das quatro vítimas incluindo tudo o que tinha colhido dos relatórios policiais sobre as circunstâncias domésticas, o histórico de empregos, reputação entre amigos e colegas, hábitos, condição física, personalidade, relacionamentos familiares, passatempos e comportamento social. Em seguida, transcreveu um curto resumo do laudo do patologista sobre cada homem, a natureza de seus ferimentos e uma descrição das cenas de crime. Depois, iniciou o processo crucial de organizar suas informações em padrões significativos, de modo que pudesse começar a tirar suas conclusões.

Nenhuma das quatro vítimas tem histórico de relacionamentos homossexuais, até onde se pode saber (não podemos eliminar uma orientação homossexual/bissexual secreta, mas não há indícios, em nenhum dos quatro casos, que sugiram isso). No entanto, cada corpo foi descartado numa área conhecida principalmente pela presença da comunidade gay. Os corpos foram deixados sobretudo em lugares que são notórios para a consumação de encontros sexuais casuais. O que isso diz sobre o assassino?

1. Ele é um homem desconfortável com sua própria sexualidade e escolhe deliberadamente homens que não são identificados abertamente como gays. Pode também ser que ele tenha feito uma abordagem sexual em suas vítimas no passado e tenha sido rejeitado. O assassino quase certamente não é um gay assumido; ele provavelmente reprime sua própria sexualidade com algum custo pessoal. Pode-se supor que tenha crescido num ambiente onde a masculinidade era muito valorizada

e elogiada; e a homossexualidade, condenada, possivelmente por motivos religiosos. Se estiver numa relação sexual/doméstica, será com uma mulher. E quase certamente tem problemas sexuais dentro do relacionamento, provavelmente relacionados à potência.

Tony fitou a tela, abatido. Às vezes, ele odiava a forma como o trabalho constantemente o forçava a confrontar seus problemas pessoais. Será que seus próprios fracassos sexuais significavam que ele estava mesmo preso na estrada menos trilhada? Haveria uma noite em que alguma mulher teria ido longe demais, fazendo-o sair do controle, ao tentar traduzir o problema dele em algum comentário sob o ponto de vista feminino? Para Tony, era uma hipótese muito clara. Por isso Angelica estava segura. Quando ela o levava a se distrair, ele podia bater o telefone, em vez de lhe estapear o rosto ou algo pior. Melhor ficar fora de risco, pensou. Nem considere Carol Jordan. Você viu nos olhos dela que há um interesse não apenas na sua mente. Nem pense nisso, seu doente. Volte ao trabalho.

2. Ele despreza quem expressa sua homossexualidade abertamente. Pelo menos parte de sua motivação em usar esses locais de descarte é mostrar seu desdém por eles, bem como assustá-los. Ele também está demonstrando sua superioridade. “Olhe para mim, posso ir e vir entre vocês e ninguém me conhece. Posso profanar o seu lugar, e vocês não podem me impedir.”

3. Ele está, contudo, familiarizado com as áreas onde os gays socializam e selecionam parceiros sexuais. Pode ser que seu trabalho o leve à área de Temple Fields de vez em quando, talvez para fazer entregas ou para fornecer algum serviço para as empresas. Ele é fascinado pela cultura gay, a ponto de obter informações sobre o local específico do Carlton Park onde fica a cena gay.

4. Ele tem um grau elevado de autocontrole. Está dirigindo numa área populosa e descartando cadáveres sem se comportar de uma forma que chame atenção para si.

— Nem me fale — disse Tony com amargura. Ele se levantou e caminhou da janela até a porta. — Eu podia ter escrito o manual disso. — Desde que os valentões começaram a implicar com ele, o menor garoto da rua e da escola, ele aprendera as duras lições do autocontrole. “Nunca mostre que está magoado, isso só os encoraja. Nunca mostre que eles atingiram o alvo, isso só revela seus pontos fracos. Aprenda a pertencer ao grupo. Aprenda o vocabulário e a linguagem corporal; adquira o comportamento. Misture tudo junto e o que você tem? Um homem que não faz a mais remota ideia de quem é. Você tem um ator consumado, um falso ser humano que pode assumir determinada cor como um camaleão.” O milagre era que havia enganado tantas pessoas. Brandon claramente pensou que ele era um bom sujeito. Carol Jordan obviamente gostou dele. Claire, sua secretária, pensava que ele era o melhor chefe que ela já teve. Seu disfarce como ser humano estava funcionando, sem problemas. A única a quem não conseguia enganar era sua mãe, que ainda o tratava com o desdém maldisfarçado e que era tudo que ele conhecera dela. Por causa dele, seu pai os deixara, e não era de admirar, segundo ela. Não fosse a necessidade de manter boas relações com os pais, que seguravam as pontas nas questões financeiras, ela o teria largado em algum orfanato. Naquelas circunstâncias, teria mergulhado de cabeça em alguma carreira assim que conseguisse convencer a mãe a tomar conta do pequeno Tony. Ele fizera o máximo para ser bonzinho, como a vovó o havia instruído, mas nem sempre era fácil. Ela não era ruim, era apenas forçada pela sua própria criação à crença de que as crianças devem ser vistas e não ouvidas. A resposta de seu avô para a tirania doméstica foi correr para a loja de apostas, para o boliche e para a associação dos militares reservistas. Tony havia aprendido rapidamente o autocontrole da maneira difícil. Fora isso que acontecera ao Faz-tudo também? Esfregando a mão contra os olhos

surpreendentemente úmidos, Tony se atirou de volta na cadeira e começou a digitar de forma frenética.

5. Sua situação doméstica e de trabalho lhe permite folgas nas noites de segunda-feira; ele não espera ser identificado em Temple Fields por ninguém que o conheça. Isso revela várias possibilidades: talvez tenha escolhido as noites de segunda-feira especificamente porque é seu dia de folga ou porque sua esposa/namorada não está em casa nessas noites; pode ter decidido matar às segundas porque foi o dia da primeira morte, o que deu certo, e agora isso tem um poder de superstição; ou pode ter decidido continuar matando nas segundas-feiras na expectativa de que isso fosse desviar as investigações. Ele é obviamente esperto, e não se deve presumir que um planejamento cuidadoso como esse esteja além de suas possibilidades.

Tony pausou para refletir, folheando as páginas de anotações que fizera. Ele ainda não pensava como o Faz-tudo, mas a mente desconcertante estava ficando cada vez mais próxima. Ele se perguntou novamente se esse envolvimento na lógica distorcida de assassinos era uma vivência indireta; a única coisa que o impedia de se juntar a eles. Deus sabe que houve momentos em que o impulso inevitável que surgia na mente deles parecia atraente. E houve vezes suficientes em que ele sentiu uma fúria assassina, embora ela geralmente se voltasse contra ele mesmo, em vez da pessoa com quem estava na cama.

— Já chega — disse Tony em voz alta, e voltou para a tela brilhante.

O criminoso é um serial killer organizado, que está tentando manter um intervalo constante de oito semanas entre os assassinatos. Essa uniformidade é, por si só, incomum, já que o padrão normal é que o espaço entre assassinatos diminua à medida que eles perdem seu poder de satisfazer as fantasias do assassino. Um motivo para prosseguir com essa regularidade pode ser a necessidade de passar muito tempo perseguindo sua vítima antes de matá-la. Assim, o prazer da

expectativa, junto com o sabor das mortes anteriores, age como um freio. Também creio que o assassino esteja usando uma câmera para filmar suas atividades e que os filmes também estejam alimentando suas fantasias entre os assassinatos.

Tony parou para considerar o que havia escrito. O obstáculo. Sua análise provavelmente parecia boa o bastante para convencer os leigos, mas ele estava longe de ficar satisfeito com ela. Por mais que revirasse as ideias ou os dados, não conseguia chegar a uma explicação melhor. Com um suspiro, continuou.

Qual é a principal intenção dos assassinatos? Podemos descartar a matança no decorrer de atividade criminosa, como roubo armado ou arrombamento, assim como a hipótese de homicídio passional, egoísta ou com causa específica, como autodefesa, compaixão, motivos políticos ou disputas domésticas. Isso coloca os assassinatos na categoria de homicídios sexuais.

Todas as vítimas escolhidas estão na categoria de baixo risco. Em outras palavras, todas têm empregos e estilos de vida que não as tornam alvos vulneráveis. O outro lado disso é que o assassino não precisa assumir altos riscos para capturá-las e matá-las. O que isso nos diz sobre ele?

1. Ele está operando com níveis de estresse altíssimos.

2. Seus assassinatos são planejados muito cuidadosamente. Não pode se dar ao luxo de cometer erros, porque se o fizer seus alvos escaparão e o colocarão em risco, tanto físico como criminal. Ele é quase certamente alguém que persegue suas vítimas. Ele as escolhe cuidadosamente e estuda suas vidas em detalhes. De modo curioso, até agora ele não foi contrariado em sua escolha noturna. Isso é o resultado de planejamento cuidadoso, premeditação ou apenas sorte? Sabemos que a terceira vítima, Gareth Finnegan, disse à namorada que ia sair com os amigos, mas nenhum dos seus amigos homens ou colegas parece saber nada a respeito, e não está claro se ele foi sequestrado em casa ou se o contato ocorreu num lugar predeterminado. Pode ser que o assassino tenha marcado antecipadamente encontros com cada uma de suas vítimas, seja na casa delas ou em outro lugar. Ele pode até estar se fazendo passar por um vendedor de seguros ou algo similar, embora eu ache que seja improvável que tenha as habilidades interpessoais para desempenhar um trabalho desses com êxito profissional.

3. Ele gosta da excitação extra que andar na corda bamba lhe proporciona. Precisa dessa agitação.

4. Ele deve ter algumas regiões de maturidade emocional em seu disfarce que lhe permitem se manter no controle nessas situações altamente estressantes. Isso também pode permitir que resista ao padrão de histórico de trabalho medíocre tão comum entre criminosos em série. (Ver a seguir.)

A maior parte dos criminosos em série demonstra um grau de escalada, indicando a necessidade do assassino de alcançar mais emoções e melhor execução de suas fantasias. Como uma montanha-russa, cada estágio precisa ser maior para compensar a inevitável queda que o precedeu.

Tony ergueu os olhos, assustado. O que era aquele barulho? Parecia a porta para o escritório externo sem divisórias, mas a essa hora da noite não devia haver ninguém nesse andar. Nervoso, ele se afastou da mesa do computador, guiando sua cadeira pelo carpete sobre rodinhas silenciosas, até que ficou atrás da mesa e fora da concentração de luz emitida pela lâmpada ao lado do computador. Prendeu a respiração e ficou ouvindo. Silêncio. A tensão começou a se dissipar gradualmente. Depois, de repente, um feixe de luz apareceu sob a porta de sua sala.

O gosto metálico do medo dominou Tony. A coisa mais próxima de uma arma de ataque em sua mesa era um pedaço de ágata que ele usava como peso de papel. Ele o agarrou e levantou furtivamente da cadeira.

Quando Carol abriu a porta, ela ficou surpresa ao encontrar Tony no meio da sala, suspendendo uma pedra na mão.

— Sou eu — soltou um grito com a voz esganiçada.

Os braços de Tony desceram para junto ao corpo.

— Ai, merda — disse ele.

Carol sorriu.

— Quem você estava esperando? Assaltantes? Jornalistas? O bicho-papão?

Tony relaxou.

— Desculpe — disse ele. — A gente passa o dia inteiro tentando entrar na cabeça de um sujeito pirado e acaba ficando tão paranoico quanto ele.

— Pirado — disse Carol, pensativa. — Esse é um daqueles termos técnicos que vocês psicólogos usam?

— Só entre quatro paredes — respondeu Tony, retornando à mesa e pondo a ágata de volta no lugar.

— A que devo o prazer da visita?

— Como a operadora parece não conseguir estabelecer um contato entre nós, pensei que era melhor eu vir pessoalmente — respondeu Carol, puxando uma cadeira. — Deixei uma mensagem na sua secretária hoje de manhã. Presumi que já tinha saído para trabalhar, mas você também não estava lá. Tentei novamente por volta das quatro, mas o seu ramal não atendia. Pelo menos foi o que presumi quando me disseram “vou transferir agora”, e acabei num buraco negro. E, é claro, agora os operadores já foram para casa e nem pensei em pedir o número de sua linha direta.

— E olha que você é detetive — implicou Tony.

— Essa é minha desculpa, pelo menos. Na verdade, não conseguia aguentar nem mais um minuto na Scargill Street.

— Quer conversar sobre isso?

— Só se eu puder falar com a boca cheia — disse Carol. — Estou morrendo de fome. Você pode sair para comer alguma coisa rapidinho?

Tony olhou para a tela do computador, depois de volta para o rosto marcado e os olhos cansados de Carol. Ele gostava dela, muito embora não quisesse se aproximar, e precisasse dela do seu lado.

— Deixe-me só salvar este arquivo, e vou embora daqui. Posso voltar mais tarde e terminar isso.

Vinte minutos mais tarde eles estavam atacando bhajis de cebola e pakoras de frango numa lanchonete asiática em Greenholm. Os outros clientes eram

estudantes e aqueles de inveterada opinião que não haviam ainda se adaptado ao fato de que não estavam mais estudando nada exceto correção política.

— Não é exatamente algo que vá constar no Guia da Comida Saudável, mas é barato e alegre, e o serviço é rápido — desculpou-se Tony.

— Por mim, tudo bem. Sou mais ovo com torrada do que um Egon Ronay. Meu irmão ficou com os genes gourmet da nossa família — disse Carol. Ela olhou rapidamente em torno de si. A mesa para duas pessoas estava a menos de trinta centímetros da seguinte.

— Você me trouxe aqui de propósito para que não pudéssemos falar de trabalho? Um plano de psicólogo para refrescar minha cabeça?

Os olhos de Tony se arregalaram.

— Nem pensei nisso. Você tem razão, é claro, não podemos falar sobre isso aqui.

O sorriso de Carol iluminou seus olhos.

— Não tem ideia de quanto prazer isso me dá.

Eles comeram sem falar nada por alguns minutos. Tony quebrou o silêncio. Dessa forma, ele ficava no controle do assunto da conversa.

— O que a levou a escolher virar policial?

Carol ergueu as sobrancelhas.

— Porque gosto de oprimir os menos favorecidos e perturbar as minorias raciais? — arriscou ela.

Tony sorriu.

— Acho que não.

Ela empurrou o prato para um lado e suspirou.

— Idealismo de juventude — justificou. — Eu tinha essa ideia maluca de que a polícia deveria estar presente para servir e proteger a sociedade da ausência da lei e da anarquia.

— Não é uma ideia tão maluca. Acredite em mim, se tivesse lidado com as pessoas com quem eu costumava lidar, você se sentiria aliviada por elas não estarem nas ruas.

— Ah, na teoria tudo bem. É a prática que é uma baita decepção. Tudo começou quando estudei sociologia em Manchester. Especializei-me na sociologia das organizações e todos os meus contemporâneos desprezavam a força policial como uma organização corrupta, racista, sexista, cujo único papel era preservar o conforto ilusório da classe média. Até certo ponto, concordava com eles. A diferença era que eles queriam atacar as instituições pelo lado de fora, enquanto eu sempre acreditei que, se você quer mudanças fundamentais, elas têm que vir de dentro.

Tony sorriu.

— Sua subversivazinha!

— É, bem, acho que não percebia onde estava me enfiando. Davi derrubar Golias era fichinha comparado à mudança da polícia.

— Nem me fale — disse Tony, com entusiasmo. — Essa força-tarefa nacional podia revolucionar a taxa de elucidação de crimes graves, mas, da forma como alguns policiais veteranos a encaram, parece que estou montando um esquema para permitir que pedófilos sejam treinados como cuidadores de menores.

Carol deu uma risadinha.

— Você quer dizer que prefere voltar à ala trancafiada do hospital com os seus pirados?

— Carol, às vezes, sinto como se não tivesse saído de lá. Você não faz ideia de como é uma mudança revigorante trabalhar com pessoas como você e John Brandon.

Antes que Carol pudesse responder, o garçom chegou com seus pratos principais. Enquanto ele se servia de cordeiro e espinafre, frango karahi e

arroz pilaf, Carol disse:

— Seu trabalho cria os mesmos problemas para ter uma vida pessoal que o trabalho policial?

Instantaneamente na defensiva, Tony respondeu com uma pergunta.

— O que quer dizer?

— Como disse antes, você fica obcecado com o trabalho. Passa seu tempo lidando com desmiolados e animais...

— E esses são só os colegas de trabalho — acrescentou Tony.

— É, isso. E você volta para casa à noite, depois de lidar com corpos desmembrados e vidas desfeitas, e esperam que você se sente, assista às novelas e aja como as pessoas normais.

— E a gente não consegue porque ainda está com a cabeça ligada nos horrores do dia — concluiu Tony. — E, com o seu trabalho, há as complicações extras da rotina em turnos.

— Exatamente. Então você tem os mesmos problemas?

Ela estava perguntando por mera curiosidade ou era uma forma indireta de descobrir sobre sua vida particular? Às vezes, Tony desejava poder desligar a parte de sua cabeça que tinha de analisar cada declaração, cada gesto, cada parte intrincada da linguagem corporal e só se deleitar com o prazer de jantar com alguém que parecia gostar de sua companhia. Percebendo de repente que deixara uma pausa longa demais entre a pergunta e a resposta, Tony disse:

— Provavelmente, sou ainda pior em me desligar do que você. Os homens geralmente parecem ficar muito mais obcecados que as mulheres. Digo, quantas mulheres que observam trens, colecionam selos ou são fanáticas por futebol você conhece?

— E isso interfere em seus relacionamentos pessoais — insistiu Carol.

— Bem, nenhum deles jamais durou o suficiente — respondeu Tony, lutando para manter a leveza na voz. — Não sei se posso atribuir isso ao trabalho ou a mim mesmo. Em grande parte, a última coisa que elas gritaram comigo enquanto saíam pela porta não foi “você e seus malditos pirados”, então acho que devo ser eu. E quanto a você? Como você lida com os problemas do emprego?

O garfo de Carol continuou seu trajeto até a boca, e ela mastigou e engoliu o bocado de curry antes de responder.

— Descobri que os homens não são muito compreensivos quanto a turnos, a menos que eles trabalhem em turnos também. Sabe como é, você nunca está lá com o chá na mesa quando eles têm de correr para aquela partida crucial de squash. Inclua aí também a dificuldade de fazê-los entender por que o trabalho fica na sua cabeça, e qual o resultado disso? Médicos residentes, outros policiais, bombeiros, motoristas de ambulância. E, na minha experiência, não há muitos deles que queiram um relacionamento com alguém igual. Acho que o trabalho exige demais da gente para que sobre alguma coisa. O último cara com quem me envolvi era médico, e tudo que ele queria fazer quando não estava trabalhando era dormir, transar e ir às festas.

— E você queria mais?

— Queria conversar de vez em quando, talvez até assistir a um filme ou ir ao teatro. Mas eu aturava a situação porque o amava.

— Então o que fez você terminar o relacionamento?

Carol olhou para o prato.

— Obrigada pelo elogio, mas não terminei. Quando me mudei para cá, ele decidiu que dirigir pela rodovia era muita perda de tempo, e que ele poderia estar trepando, então me trocou por uma enfermeira. Agora sou só eu e o gato. Ele parece não se importar com os horários irregulares.

— Ah — disse Tony. Ele tinha percebido a dor real implícita, mas dessa vez todas as suas habilidades profissionais não pareceram adequadas para a resposta.

— E você? Está envolvido com alguém? — perguntou Carol.

Tony balançou a cabeça e continuou comendo.

— Pensei que um cara legal como você, já teria sido fisgado há muito tempo — elogiou Carol, a provocação em seu tom encobria algo que Tony desejava estar imaginando.

— Ah, mas você só viu o lado charmoso. Quando é lua cheia, pelos saem das palmas das minhas mãos e eu fico ganindo para a lua.

Tony olhou de lado, de modo melodramático para Carol.

— Não sou o que pareço, mocinha — resmungou ele.

— Ah, vovó, que dentes grandes você tem — provocou Carol, em falsete.

— É para comer melhor o meu curry — Tony riu. Ele sabia que esse era o momento em que podia dar um passo à frente no relacionamento, mas ele tinha passado tempo demais criando defesas contra esses momentos de fraqueza para abandoná-las com tanta facilidade. Além disso, ele disse a si mesmo que não precisava de um relacionamento com ela. Tinha Angelica, e a amarga experiência lhe ensinara que era tudo com que podia lidar sem nenhuma disfunção.

— Então, quando você entrou nessa carreira esmagadora de almas? — perguntou Carol.

— Descobri enquanto trabalhava no meu doutorado em psicologia que eu odiava bancar o assertivo e falar em público, o que meio que eliminava o trabalho acadêmico. Então fui para a prática clínica — explicou Tony, passando facilmente para uma torrente de casos relacionados ao seu trabalho. Ele se sentiu relaxar, como um homem sobre um lago congelado que percebe que está de volta à terra seca.

Eles passaram o resto da refeição no terreno mais seguro representado por suas carreiras, e, quando o garçom veio limpar a mesa, Carol pediu a conta.

— Vou pagar, tudo bem? Nada a ver com feminismo; você é uma legítima despesa de trabalho — disse Carol.

Enquanto eles andavam de volta para o escritório de Tony, ele recomeçou:

— Então de volta ao trabalho. Conte-me sobre o seu dia.

A mudança brusca da conversa pessoal para a profissional confirmou para Carol a necessidade de manter certa distância de Tony. Ela nunca tinha visto ninguém se retrair tão rapidamente diante de um leve flerte. Era confuso, ainda mais considerando que ela tinha a sensação de que ele gostava dela. E ela não tinha dúvida sobre sua capacidade de atrair os homens. Pelo menos, perseguir o Faz-tudo lhe dava espaço e tempo para construir uma ponte entre eles.

— Tivemos um golpe de sorte nesta manhã. Pelo menos, é isso que todos nós estamos esperando.

Tony parou subitamente e se virou para encarar Carol.

— Como assim, sorte? — indagou ele.

— Não se preocupe, você não está sendo ignorado — disse Carol. — É algo que seria um detalhe insignificante na maioria das investigações, mas, como temos muito pouco com que prosseguir aqui, deixou todo mundo empolgado. Havia um fragmento de couro num prego perto do portão do quintal do Queen of Hearts. A perícia fez um trabalho de urgência com ele, e revelou-se que era bastante incomum. É pele de veado, e vem da Rússia.

— Ai, meu Deus — gemeu Tony baixinho. Ele se virou e andou alguns passos. — Não me diga, deixe-me adivinhar. Não dá para conseguir neste país, e provavelmente você precisa mandar alguém à Rússia para descobrir onde pode ser obtido, porque é muito desconhecido. Estou certo?

— Como diabos sabia disso? — perguntou Carol, alcançando-o e agarrando-o pela manga.

— Eu vinha esperando algo assim — explicou ele, simplesmente.

— Assim como?

— Uma escandalosa cortina de fumaça que faria a força policial inteira correr em círculos como cachorros atrás do próprio rabo.

— Você acha que é uma cortina de fumaça? — Carol quase gritou. — Por quê?

Tony esfregou as mãos no rosto e as passou pelos cabelos.

— Carol, esse cara foi tão cuidadoso. Ele tem agido com frieza quase perfeita na sua obsessão em não deixar pistas. Serial killers geralmente requerem um alto QI, e o Faz-tudo é, com toda certeza, um dos mais espertos que já encontramos, seja pessoalmente ou na literatura. No entanto, assim de repente, do nada, conseguimos não apenas uma pista qualquer, mas uma pista com algo tão incomum que só poderia ter sido deixada por um minúsculo segmento da população. E você me diz que acha que é de verdade? É exatamente o que ele está tentando conseguir. Aposto que todos vocês estão correndo feito barata tonta o dia inteiro tentando descobrir de onde vem esse pedaço obscuro de couro russo, não é? Ah, não me diga, deixe que eu adivinhe, aposto que agora uma divisão inteira da polícia está rastreando a vida de Stevie McConnell tentando descobrir onde ele conseguiu isso.

Carol olhou fixamente para ele. Parecia absolutamente óbvio quando ele explicava assim. No entanto, nenhum dos oficiais questionara a validade do pedaço de couro.

— Estou certo? — perguntou Tony, de modo mais gentil dessa vez.

Carol fez uma careta.

— Não uma divisão inteira. Só eu, Don Merrick e alguns detetives. Passei a maior parte do dia no telefone falando com presidentes de associações de

levantamento de peso e fisiculturismo, tentando descobrir se McConnell já tinha feito parte de uma equipe nacional ou regional que tivesse competido na Rússia ou contra os russos. E Don e os rapazes ficaram investigando agências de viagem, tentando verificar se ele já esteve lá de férias.

— Ai, Jesus — gemeu Tony. — E?

— Cinco anos atrás, ele fazia parte da equipe de levantadores de peso do Noroeste e que competiu num lugar que na época se chamava Leningrado.

Tony respirou fundo.

— Filho da mãe azarado — disse ele. — Não esperava que a ideia de que isso tenha sido plantado de propósito tivesse ocorrido a alguns de vocês — acrescentou. — Não digo isso com condescendência. Percebo o quanto vocês estão mais próximos disso tudo e com que desespero querem pegar o filho da mãe. Só queria que alguém tivesse me contado mais cedo, antes que isso tomasse essa proporção enorme.

— Eu bem que *tentei* ligar para você está manhã — disse Carol. — Você ainda não disse onde esteve.

Tony admitiu o erro.

— Desculpe. Estou exagerando. Estava na cama, dormindo, com os telefones desligados. Fiquei exausto depois da noite passada, e sabia que não podia me concentrar em escrever o perfil a menos que dormisse um pouco. Devia ter verificado minha secretária eletrônica quando acordei. Desculpe, não devia ficar procurando falhas.

Carol sorriu.

— Vou deixar passar dessa vez. Só guarde o discurso assustador para quando pegarmos o Faz-tudo, está bem?

Tony fez uma careta.

— Não devia ser “se”?

Ele dava a impressão de ser tão vulnerável e falível, com os ombros caídos, a cabeça baixa, que o ímpeto de Carol superou a decisão que tomara havia apenas alguns minutos de manter certa distância. Ela avançou e puxou Tony num abraço apertado.

— Se alguém pode fazer isso, é você — sussurrou, esfregando o lado da face no queixo dele como um gato que marca seu território.

Brandon fitou Tom Cross, seu rosto era uma máscara de horror.

— Você fez o *quê*? — perguntou ele.

— Fiz uma busca na casa de McConnell — respondeu Cross, com beligerância.

— Achei que tinha dito categoricamente que não tínhamos o direito de fazer isso. Nenhum juiz do país vai aceitar que uma prisão de rua comum por agressão ofereça fundamento suficiente para suspeita de assassinato.

Cross sorriu. Era um sorriso fixo que teria eriçado os pelos de um rottweiler.

— Com o devido respeito, senhor, isso foi antes. Depois que a inspetora Jordan comprovou que McConnell esteve na Rússia, o quadro mudou. Não são muitas as pessoas que têm acesso a jaquetas de couro russo de origem obscura, afinal. Isso o enquadra. E há mais de um juiz leigo por aí que me deve uma.

— Você devia ter obtido minha aprovação — disse Brandon. — A última ordem que lhe dei sobre o assunto foi: nada de buscas.

— Tentei, mas o senhor estava numa reunião com o chefe — alegou Cross, com doçura. — Achei que era melhor malhar o ferro enquanto estava quente, já que não o tínhamos engaiolado indefinidamente.

— Então você desperdiçou mais tempo fazendo uma busca na casa de McConnell — constatou Brandon, com amargura. — Não acha que você e

seus homens poderiam ter se ocupado com coisa melhor?

— Ainda não contei ao senhor o que achamos — disse Cross.

Brandon sentiu um aperto no peito. Ele não era um homem dado a premonições, mas o pressentimento que o tomava agora era tão palpável quanto qualquer fato concreto que tivesse examinado algum dia.

— Pense com muito cuidado no que vai dizer em seguida, superintendente — avisou ele, com cautela.

Uma careta momentânea de confusão passou pela fisionomia de Cross, mas ele estava muito tomado pela mensagem que trazia para se preocupar com as palavras do chefe de polícia assistente.

— Nós o pegamos, senhor — disse. — Com as calças na mão. Encontramos um dos cartões de Natal da empresa de Gareth Finnegan no quarto de McConnell, e um suéter que é idêntico ao que a namoradinha de Adam Scott disse que estava desaparecido em casa. Além disso, uma multa de trânsito com o número do distintivo de Damien Connolly. Acrescente a isso a conexão russa, e acho que é hora de acusar criminalmente a bichinha.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 010**

É claro, a descoberta de que temos uma inclinação natural para algo não significa necessariamente que devemos perseguir cegamente essa coisa. Enquanto descartava o corpo de Paul, dessa vez numa entrada escura num beco em Temple Fields, eu já decidira quem seria meu próximo alvo. Porém, mesmo depois de uma experiência tão magnífica quanto a que compartilhei com Paul, não tinha intenção de repeti-la com Gareth.

Seria a sorte da terceira vez. Gareth, eu já sabia, era um homem de imaginação sexual rica e fértil. Mesmo enquanto eu digitalizava o desempenho patético de Paul no computador, já lamentava o fato de que, graças a Gareth, nunca teria a oportunidade de aperfeiçoar o talento extraordinário que tinha descoberto em mim. Com os recursos à mão, venho fazendo filmes como nunca vi. Os maiores filmes de todos os tempos. Se pudesse vendê-los, teria feito uma fortuna. Sei que existe um mercado. Muitas pessoas pagariam um bocado de dinheiro para observar Paul foder comigo em

seus espasmos de morte no berço de Judas. E quanto ao que fiz com Adam... Vamos dizer apenas que ninguém jamais viu um 69 como aquele.

Como um mimo pessoal, fui ao cemitério em que Adam fora enterrado algumas semanas antes. O enterro tinha sido matéria no jornal da televisão local, que eu gravei em videocassete e estudei de modo que pudesse ter bastante segurança de onde ficava a sepultura. Depois de escurecer, percorri os túmulos e encontrei o de Adam em vinte minutos. Destampeei o spray de tinta vermelha que trouxera comigo e pichei “PUNHETEIRO” num lado do granito cinza e “VEADINHO” no outro. Isso devia dar à polícia algo com que ocupar a mente.

Na noite seguinte, enquanto estava esperando que Gareth surgisse da firma de advogados da qual era sócio, resolvi passar o tempo lendo as hipérboles do Bradfield Evening Sentinel Times. Dessa vez, eu tinha ganhado a primeira página.

ASSASSINO DE GAYS ATACA NOVAMENTE?

O corpo mutilado de um homem nu foi encontrado nesta manhã no bairro gay de Bradfield.

A vítima foi deixada na porta da saída de incêndio da boate gay Shadowlands, num beco perto da Canal Street, no mal-afamado bairro de Temple Fields.

Esta é a segunda vez em dois meses que o corpo de um homem nu foi encontrado em locais de público gay.

Agora os residentes temem que um serial killer pervertido esteja perseguindo a numerosa comunidade homossexual da cidade.

A descoberta pavorosa de hoje foi feita pelo proprietário da boate, Danny Surtees, de trinta e sete anos, quando chegava para uma reunião com seu contador.

Ele declarou: “Sempre vou à boate pela escada de incêndio lateral. Estaciono meu carro no beco. Nesta manhã, a porta estava bloqueada por algo coberto com alguns sacos de lixo pretos.

“Quando segurei os sacos para tentar afastá-los da porta, eles se soltaram das minhas mãos, e vi que havia um corpo embaixo deles.

“Ele estava horrivelmente ferido. Não havia jeito de ainda estar vivo. Vou ter pesadelos com isso pelo resto da vida.”

O sr. Surtees disse que a entrada estava livre quando ele fechou a boate, um pouco depois das três horas da manhã.

A vítima, presumivelmente de pouco mais de trinta anos, ainda não foi identificada. A polícia o descreveu como branco, um metro e oitenta de altura, de constituição física média, com cabelos castanho-escuros na altura do pescoço e olhos castanho-claros. Apresenta uma cicatriz antiga de uma apendicectomia.

Um porta-voz da polícia declarou: “Acreditamos que o homem foi morto em outro lugar e que o corpo foi descartado no beco entre as três e as oito da manhã.

“Convocamos qualquer um que tenha estado na área de Temple Fields na noite passada para se apresentar a fim de ser eliminado como suspeito. Todas as informações serão tratadas com máximo sigilo.

“Neste estágio de nossa investigação, não há indícios que liguem esse assassinato ao homicídio de Adam Scott, há dois meses.”

Carl Fellowes, funcionário em tempo integral no Centro de Gays e Lésbicas de Bradfield, afirmou hoje que “a polícia diz que acha que não há uma ligação entre esses dois assassinatos.

“Em nome da comunidade gay da cidade, não sei o que me deixa mais preocupado — a ideia de que há um sujeito pirado por aí matando gays ou a ideia de que há dois deles.”

Não sabia se ria ou chorava. Uma coisa estava clara, no entanto. Os idiotas estavam longe de ter alguma ideia do que estava acontecendo. Eu, obviamente, fizera um bom trabalho ao esconder meus rastros.

Dobrei meu jornal, terminei meu cappuccino e fiz um aceno pedindo a conta. A qualquer minuto, Gareth surgiria de seu escritório e andaria pelas ruas da hora do rush até o bonde. Queria estar a postos para ele. Tinha algo muito especial planejado para esta noite, e queria ter certeza de que ele estava em casa sozinho para desfrutar.



De forma geral, cavalheiros, o mundo é muito sanguinário; e tudo que almejam num assassinato é um derramamento copioso de sangue. Quanto a isso, a exibição espalhafatosa lhes é suficiente. O conhecedor esclarecido, porém, é mais refinado em seu gosto.

Penny Burgess encheu até a borda sua taça de Chardonnay californiano da garrafa que tirou do congelador e voltou até a sala de estar a tempo de ouvir as manchetes do noticiário local da BBC. Nada novo com que se preocupar, a repórter pensou com alívio. Um assalto armado sobre o qual ela podia se atualizar logo que acordasse pela manhã. A polícia ainda estava interrogando um homem em relação aos assassinatos em série de gays, mas nenhuma acusação havia sido feita ainda. Penny bebericou seu vinho e acendeu um cigarro.

Eles teriam que se mexer logo, pensou ela. Pela manhã, precisariam fazer alguma acusação criminal ou deixá-lo ir embora. Até agora, ninguém tinha uma pista da identidade do suspeito, o que era bem impressionante. Todos os

jornalistas estavam contando de maneira decisiva com seus respectivos contatos pessoais na polícia, mas dessa vez o reservatório de informações se recusara de forma resoluta a permitir qualquer vazamento. Penny concluiu que era melhor dar uma olhada nas listas de audiência dos juízes leigos pela manhã. Havia uma chance remota de que os policiais tivessem algo bem inócuo para acusar seu suspeito, de modo que pudessem continuar com ele, enquanto vasculhavam em busca das pistas de que precisavam para fazer uma acusação convincente de múltiplos assassinatos.

Quando houve um corte nas notícias para a previsão do tempo, o telefone tocou. Penny se esticou sobre a mesa auxiliar ao lado do sofá e agarrou o aparelho.

— Alô.

— Penny? É o Kevin.

Aleluia, pensou Penny, enquanto se sentava e esmagava o cigarro. Tudo que ela disse, porém, foi:

— Kevin, meu amigo. Como vão as coisas?

Ela vasculhou a bolsa em busca de um lápis e seu caderno.

— Surgiu uma coisa que pode atrair seu interesse — disse o inspetor de polícia com cautela.

— Não seria a primeira vez — respondeu Penny de modo sugestivo. Seus encontros sexuais ocasionais com o muito bem-casado Kevin Matthews lhe oferecem mais que uma posição vantajosa na Polícia Metropolitana de Bradfield. Ele se revelou um dos melhores amantes que ela tivera. Só desejava que o investigador pudesse superar com mais frequência a sua culpa católica.

— Isso é sério — protestou Kevin.

— Também estava falando sério, garanhão.

— Escuta, você quer ou não essa informação?

— Com certeza. Principalmente se for o nome do cara que vocês prenderam como o Assassino de Bonecas.

Ela ouviu a respiração abrupta.

— Você sabe que não posso lhe contar isso. Há limites.

Penny suspirou. Era a história do relacionamento deles.

— Tudo bem, então o que pode me contar?

— Popeye foi suspenso.

— Ele está fora do caso? — perguntou Penny, com a cabeça a mil. Tom Cross? Suspenso?

— Ele está fora do *emprego*, Pen. Ele foi dispensado enquanto aguarda ação disciplinar.

— Quem fez isso? — Céus, isso era uma história e tanto. O que Popeye Cross tinha aprontado dessa vez? Ela sentiu um pânico momentâneo. E se ele foi pego dando o nome do suspeito para um dos seus concorrentes? Ela quase não ouviu a resposta de Kevin.

— John Brandon.

— Por que diabos ele fez isso?

— Ninguém comentou isso — disse Kevin. — Mas a última coisa que, ele fez, antes de ver Brandon, foi realizar uma busca na casa de nosso suspeito.

— Uma busca legal? — sondou Penny.

— Pelo que sei, ele tinha razões suficientes de acordo com a legislação sobre indícios criminais — contou Kevin com cautela.

— Então o que está acontecendo, Kevin? Popeye plantou provas ou o quê?

— Não sei, Pen — disse Kevin, melancolicamente. — Olhe, eu preciso ir. Se eu ouvir mais alguma coisa, ligo para você, tá?

— Tudo bem. Obrigada, Kev. Você é um amor.

— Bem, falo com você em breve.

A linha ficou muda. Penny largou o telefone de volta na base e se levantou num salto. Andou apressadamente pelo quarto, tirando seu roupão no caminho. Cinco minutos depois, estava correndo os dois andares de escada do seu apartamento para a garagem no subsolo. No carro, verificou o endereço em sua agenda, depois partiu, ensaiando mentalmente o que diria quando chegasse em frente à porta.

Foi Tony quem saiu do abraço primeiro. Seu corpo se retirou num gesto que transformou dez centímetros em um metro.

Tentando manter a leveza das coisas, para encobrir o constrangimento que tinha surgido entre eles, Carol se justificou:

— Desculpe, você parecia precisar de um abraço.

— Não há nada de errado nisso — disse Tony, tenso. — Usamos isso o tempo todo na terapia de grupo.

Ficaram parados por um momento, os olhos sem se encontrar completamente. Depois, Carol se moveu para o lado de Tony, passou uma das mãos pelo braço firme dele e o guiou pelo pátio da universidade.

— Então, quando posso ver esse perfil?

A conversa voltava a um terreno seguro, mas Carol ainda estava próxima demais para ser confortável. Tony podia sentir a tensão dentro de si, como uma fria mão que comprimisse seu peito. Ele se forçou a falar num tom de voz normal e calmo.

— Quero trabalhar mais algumas horinhas agora, e amanhã de manhã cedo me envolvo nisso de novo. Devo ter um esboço pronto para você no início da tarde. Que tal três horas?

— Ótimo. Olhe, você se importa que eu fique por aqui enquanto trabalha? Pode ser bom reler algumas daquelas declarações, e não vou ter paz se voltar para Scargill Street.

Tony dava a impressão de estar em dúvida.

— Acho que sim.

— Prometo não lhe perturbar, dr. Hill — implicou Carol.

— Droga. — Tony estalou os dedos, fingindo decepção. Olhe para você, pensou sarcasticamente. Passando por um ser humano, seguro de todos os movimentos. — Na verdade, não é isso. Só hesitei porque não estou acostumado a trabalhar com outra pessoa na sala.

— Não vai nem perceber que estou aqui.

— Duvido muito — disse Tony. Ela podia interpretar isso como um elogio, mas ele sabia a verdade.

Penny apertou a campainha da casa não geminada, uma imitação do estilo Tudor, numa das ruas mais seletas da zona sul de Bradfield. Mesmo com o salário de superintendente, a casa deveria estar além das posses de Tom Cross. Entretanto, a reputação de sortudo de Popeye tinha aumentado há alguns anos quando ganhou um montante de cinco dígitos na loteria esportiva. A festa que se seguiu ficou na história da polícia. Agora, parecia que ele tinha perdido seu amuleto da sorte em algum lugar pelo caminho.

Uma luz se acendeu no corredor e alguém cambaleava para a porta, transformada numa massa amorfa pelo vitral.

— Mistura de *Sexta-feira 13* e *Halloween* — murmurou Penny, e ouviu a maçaneta girar.

Com um estalo, a porta se abriu, apenas alguns centímetros cheios de suspeita. Penny inclinou a cabeça e sorriu para a forma atrás da porta.

— Superintendente Cross — cumprimentou ela, a nuvem branca de seu hálito encontrando a espiral de fumaça vinda da porta. — Penny Burgess, do *Sentinel Times*.

— Eu sei quem você é — rosnou Cross, com a pronúncia embaralhada pela bebida evidente nessas poucas palavras. — Que diabos você quer aqui a essa hora da noite?

— Fiquei sabendo que teve um probleminha no trabalho — arriscou Penny.

— Você ouviu errado então, senhora. Agora dê o fora.

— Olhe, vai estar em toda a mídia amanhã. O senhor estará cercado. O *Sentinel Times* sempre o apoiou, senhor Cross. Estivemos de seu lado durante toda a investigação. Não sou nenhum figurão de Londres vindo aqui chutar cachorro morto. Se o senhor foi afastado, nossos leitores têm o direito de ouvir o seu lado da história.

A porta ainda estava aberta. Se ela havia conseguido dizer isso tudo sem que ele lhe batesse a porta na cara, havia chance de que fosse conseguir extrair algo útil dele.

— O que lhe faz pensar que estou fora do caso? — perguntou Cross, em tom desafiador.

— Fiquei sabendo que foi suspenso. Não sei por qual motivo, mas é por isso que gostaria de ouvir o seu lado da história, antes de recebermos o boletim oficial.

Cross lhe dirigiu um olhar zangado, seus olhos cor de groselha pareciam se injetar ainda mais para fora.

— Não tenho nada a declarar — resmungou ele, sílaba por sílaba.

— Nem mesmo em off? O senhor está disposto a não fazer nada e deixar que eles manchem a sua reputação depois de tudo que fez pela força?

Cross abriu mais a porta e percorreu com o olhar o acesso de veículos até a rua.

— Você está sozinha? — perguntou ele.

— Nem na minha redação sabem que estou aqui. Acabo de ficar sabendo.

— É melhor você entrar por um minuto.

Penny entrou num hall que parecia um catálogo da estamperia Laura Ashley. Na extremidade oposta do corredor, uma porta estava semiaberta; as vozes da televisão, identificáveis mesmo naquela distância. Cross a guiou na direção oposta até uma sala de estar comprida. Quando ele ligou as luzes, os olhos de Penny foram bombardeados por mais objetos decorativos do que seriam encontrados num armarinho. A única coisa que as cortinas, carpetes, tapetes, papéis de parede, tecidos de lã e almofadas espalhadas tinham em comum eram os tons de verde e creme.

— Que bela sala — gaguejou Penny.

— Você acha? Na minha opinião, é uma porcaria. A patroa diz que é o melhor que o dinheiro pode comprar, que é o único argumento que já ouvi para ficar sem um tostão.

Cross resmungou, dirigindo-se ao armário de bebidas. Ele se serviu de um drinque generoso de um decantador. Em seguida, como algo que lhe tivesse ocorrido depois, disse:

— Você não vai querer, tendo que dirigir depois.

— Exatamente — disse Penny, forçando simpatia em sua voz. — Não dá para arriscar com os seus rapazes nas estradas.

— Você quer saber por que aqueles canalhas frouxos me suspenderam? — indagou ele, de modo agressivo, esticando a cabeça para a frente como um jabuti faminto.

Penny fez que sim, sem ousar pegar seu caderno.

— Porque eles preferem seguir o que a porcaria de um doutor afrescalhado diz a ouvir um policial de verdade, é por isso.

Se Penny fosse um cachorro, suas orelhas estariam de pé com atenção. Como não era, ela se contentou em erguer educadamente as sobrancelhas.

— Um doutor? — incentivou.

— Eles trouxeram esse psicólogo bundão para fazer nosso trabalho. E ele diz que o veadinho que prendemos é inocente, então que se danem os indícios. Mas eu sou policial há vinte e tantos anos, e confio nos meus instintos. Pegamos o filho da mãe, posso sentir isso. Tudo que fiz foi tentar me certificar de que ele ficaria atrás das grades até que tivéssemos resolvido todas as malditas questões pendentes.

Cross bateu o copo vazio no armário.

— E eles tiveram a porra da cara de pau de me suspender!

Fabricando provas, então. Embora Penny estivesse desesperada para saber mais sobre o misterioso doutor, ela sentiu que o melhor a fazer era deixar que Cross expressasse seus ressentimentos antes.

— De que eles o acusam? — perguntou ela.

— Não fiz nada de errado — respondeu ele, servindo-se de outro drinque no decantador.

— O problema com o maldito Brandon é que ele vem carimbando papel há tanto tempo que se esqueceu do verdadeiro sentido do trabalho. Instinto. É disso que se trata. Instinto e trabalho pesado. Não um médico de maluco com a cabeça cheia de ideias estapafúrdias como se fosse a merda de um assistente social.

— Quem é esse cara, então? — arriscou Penny.

— Dr. Tony Hill. Um merdinha do Ministério do Interior. Senta em sua torre de marfim e nos diz como pegar bandidos. Ele não entende mais do trabalho da polícia do que eu de física nuclear. Mas o bom doutor diz: “deixe o veadinho ir”, então Brandon responde: “tudo que o mestre mandar faremos todos”. E só porque não concordo, sou expulso aos pontapés.

Cross engoliu mais uísque, com o rosto corado tanto de raiva quanto pela bebida.

— Todo mundo acha que estamos lidando com o mestre do crime, não com uma bicha burrinha que teve um pouco de sorte até agora. Não precisamos desses espertalhões com uma droga de “doutor” antes do nome para capturarmos essa escória. Tudo que se consegue com isso é fazer o veadinho homicida ficar cheio de si.

— É correto dizer, então, que o senhor discorda da linha de investigação?
— perguntou Penny.

Cross bufou.

— Pode-se dizer que sim. Guarde minhas palavras: se eles deixarem esse bosta voltar às ruas, vamos estar diante de mais um cadáver.

Para a surpresa de Tony, Carol provou ser fiel à sua palavra. Ela se sentou à mesa dele, tratando de dar conta da pilha de declarações enquanto ele continuava trabalhando em seu computador. Longe de distraí-lo, ele achou a presença dela curiosamente tranquilizadora. Não teve dificuldade em continuar com o perfil de onde havia parado mais cedo.

Como uma montanha-russa, cada estágio precisa ser maior para compensar a inevitável queda que o precedeu. Nesse caso, há três sinais principais de escalada de violência. As feridas na garganta se tornaram cada vez mais profundas e precisas. A mutilação sexual evoluiu de alguns cortes hesitantes na região genital à amputação completa. E as marcas de mordidas que inflige, e depois corta, aumentaram em número e profundidade. Apesar disso, ele conseguiu permanecer suficientemente no controle da situação a ponto de encobrir seus rastros.

É difícil avaliar se o nível de tormento causado por ele está aumentando ou não, já que ele parece estar usando diferentes métodos de tortura em cada caso. O fato de que precisa do estímulo desses métodos diferentes é, contudo, por si só, uma forma de aumento progressivo.

A julgar pelo laudo do legista, a sequência de eventos parece ter sido:

1. Captura, usando algemas e amarras em volta dos tornozelos.

2. Tortura, incluindo atos motivados sexualmente como morder e chupar.
3. Golpe fatal na garganta.
4. Mutilação genital posterior à morte.

O que isso nos diz sobre o assassino?

1. Ele tem fantasias sofisticadas e altamente desenvolvidas, que está explorando por meio de seus métodos de tortura.

2. Ele tem um lugar de matança. As quantidades de sangue e outros fluidos corporais gerados por sua atividade não poderiam ser limpos prontamente num ambiente doméstico normal: seria arriscar muito além do que os seus demais comportamentos cautelosos indicam. Quase certamente ele dispõe de um local para apagar seus vestígios dos assassinatos. Esse local deve possuir também energia elétrica, de modo que possa acender luzes e usar uma câmera de vídeo. Devemos procurar algo como uma garagem trancada, um prédio que fornece segurança, e que provavelmente tem água corrente e eletricidade. Pode ser também uma área isolada, evitando assim a possibilidade de os gritos de suas vítimas serem ouvidos. (Ele quase com certeza remove as mordanças enquanto as tortura; quer ouvi-las gritar e implorar por misericórdia.)

3. Ele é obcecado pela tortura e obviamente tem habilidades manuais suficientes para construir seus próprios aparatos de suplício. Ele não parece ter recursos médicos ou de açougueiro, a julgar pela natureza desajeitada e hesitante dos primeiros cortes na garganta e das mutilações genitais.

Tony tirou os olhos da tela e olhou para Carol. Ela estava totalmente absorvida na leitura, com a familiar ruga entre os olhos. Será que ele estaria maluco em recusar o que ela parecia estar oferecendo? Mais do que ninguém com quem ele tivesse se envolvido, ela entenderia as pressões do seu trabalho, os altos e baixos que penetravam a mente de um psicopata. Era inteligente e sensível, e se ela se comprometesse de forma tão dedicada a um relacionamento quanto à carreira, talvez fosse forte o bastante para lidar com os problemas ao seu lado, em vez de usá-los contra ele.

Notando de repente o olhar de Tony sobre ela, Carol ergueu os olhos e lhe dirigiu um sorriso cansado. Naquele instante, ele se decidiu. De jeito

nenhum. Já tinha problemas suficientes para lidar com todas as bobagens que povoavam sua cabeça sem permitir que outra pessoa o fizesse refém da sorte. Carol era simplesmente esperta demais para se permitir aproximar.

— Indo bem? — perguntou ela.

— Estou começando a ter uma noção de como é o assassino — admitiu Tony.

— Isso não pode ser muito prazeroso — disse Carol.

— Não, mas é para isso que sou pago.

Carol fez que sim.

— E aposto que é gratificante. E excitante?

Tony sorriu ironicamente.

— Pode-se dizer que sim. Às vezes me pergunto se isso não me torna tão desequilibrado quanto eles.

Carol riu.

— Não só você. Dizem que os melhores policiais na captura de ladrões são os que conseguem entrar na cabeça dos criminosos. Então, se eu quiser ser a melhor no que faço, tenho de pensar como uma criminosa. Isso não significa, porém, que eu queira fazer o que fazem.

Estranhamente confortado pelas palavras de Carol, Tony voltou para sua tela.

O tempo que o assassino passa com suas vítimas pode também fornecer indicadores. Em três dos quatro casos, o assassino parece ter feito contato no início da noite e ter descartado os corpos nas primeiras horas da manhã seguinte. Curiosamente, no terceiro caso, ele passou mais tempo com a vítima, ao que parece mantendo-a viva por quase dois dias. Esse foi o assassinato que ocorreu no Natal.

Pode ser que normalmente ele não consiga passar muito tempo com a vítima devido a outras exigências em sua vida, exigências que foram alteradas no período do Natal. Essas são mais provavelmente relacionadas ao trabalho do que domésticas, embora seja possível que ele esteja num relacionamento com alguém que tenha

voltado sozinho para ver a família no Natal, dando-lhe, assim, tempo para permanecer com sua vítima. Outra possibilidade é que o tempo prolongado que passou com Gareth Finnegan tenha sido um presente de Natal bizarro para si mesmo, uma recompensa pelo bom desempenho de seu “trabalho” anterior.

O curto espaço de tempo que se passou entre os assassinatos e o descarte dos corpos sugere que ele não usa bebida nem drogas em nenhum grau significativo durante a tortura e os assassinatos. Ele não arriscaria ser parado pela polícia por dirigir de modo errático enquanto carregava um corpo no porta-malas, seja vivo ou morto. Além disso, embora pareça ter usado os carros das vítimas ocasionalmente, é claro que ele também possui um carro próprio. O mais provável é que esse seja um veículo razoavelmente novo e em boas condições, já que ele não pode se dar ao luxo de arriscar ser parado numa blitz pela polícia.

Tony clicou em “salvar” em seu computador e relaxou com um sorriso satisfeito. Não era o momento perfeito, mas também não haveria melhor hora para parar. No dia seguinte pela manhã, ele concluiria a detalhada lista de verificações de características que esperaria encontrar no Faz-tudo, e traçaria propostas de possíveis medidas a serem tomadas pelos policiais no caso.

— Terminou? — perguntou Carol.

Ele se virou e a viu recostando-se na cadeira, com a pilha de pastas fechadas.

— Não percebi que você tinha terminado — comentou ele.

— Faz dez minutos, eu não queria atrapalhar seus dedos, que estavam voando na digitação.

Tony odiava que outras pessoas o estudassem como ele as estudava. A ideia de ser um paciente, alvo do exame que ele mesmo fazia, era um desses pesadelos que lhe faziam acordar banhado em suor.

— Tive o suficiente por esta noite — disse ele, fazendo uma cópia do arquivo num disquete que logo colocou no bolso.

— Vou lhe dar uma carona para casa.

— Obrigado — agradeceu Tony, levantando-se. — Nunca consigo fazer o esforço de trazer o carro para a cidade. Para dizer a verdade, não gosto muito de dirigir.

— Não o culpo. O trânsito da cidade é infernal.

Quando Carol estacionou do lado de fora da casa de Tony, ela disse:

— Alguma chance de entrar para uma xícara de chá? Sem falar em fazer xixi?

Enquanto Tony preparava a chaleira, Carol escapava para o banheiro no andar de cima. Desceu as escadas com o som de sua própria voz na secretária eletrônica. Parou na base da escada, espiando enquanto ele se inclinava na mesa, de papel e caneta na mão, ouvindo suas mensagens. Ela aproveitou sua sensação de crescente familiaridade com o rosto e as linhas do corpo dele. A voz dela terminou e a máquina emitiu um bipe. “Oi, Tony, é o Pete”, anunciou a voz seguinte. “Tenho de estar em Bradfield na próxima quinta-feira. Tem jeito de eu dormir aí e tomarmos uma cerveja na quarta à noite? Parabéns por entrar na equipe de investigação do Assassino de Bonecas, aliás. Espero que pegue o filho da mãe.” Bipe. “Anthony, meu querido. Onde você pode estar? Estou deitada aqui, ansiosa por você. Temos um assunto inacabado, gostoso.”

Ao ouvir o som da voz, Tony se levantou e passou a olhar fixamente a máquina. A voz era rouca, sexy, íntima. “Não acho que pode...” Tony estendeu a mão e interrompeu a voz abruptamente.

Isso é que é não estar envolvido com ninguém, pensou Carol amargamente. Ela apareceu no vão da porta.

— Vamos deixar o chá para lá. Vejo você amanhã — disse ela, a voz fria e instável como gelo numa poça de inverno.

Tony se virou, com pânico nos olhos.

— Não é o que parece — deixou escapar sem pensar. — Nunca nem mesmo vi a mulher!

Carol saiu porta afora e percorreu o corredor. Enquanto mexia na fechadura, Tony falou friamente.

— Estou dizendo a verdade, Carol. Embora não seja da sua conta.

Ela se virou de lado. Encontrou um sorriso em algum lugar e disse:

— Você está certo. Não é mesmo da minha conta. Até amanhã, Tony.

O som da porta se fechando reverberou pela cabeça de Tony como uma britadeira.

— Ainda bem que você é psicólogo — disse para si mesmo amargamente, enquanto se deixava cair contra a parede. — Um leigo poderia ter arruinado tudo. Você realmente acredita em tornar o trabalho uma moleza, não é, Hill?

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 011**

Quando Gareth me deu um meio sorriso no bonde, tive certeza de que meus sonhos estavam a ponto de se realizarem. Por causa de um incidente inesperado no trabalho, e todas as horas extras que ele fazia, não conseguia segui-lo havia mais de uma semana.

A imagem dele tinha me embalado no sono quando chegava em casa do trabalho em horários fora do normal, e sua voz vibrava ansiosa em meus ouvidos, mas precisava vê-lo em carne e osso. Programei meu despertador para ter tempo suficiente e estar do lado de fora de sua casa antes que ele saísse para o trabalho, mas meu cansaço era tamanho que não acordei quando o aparelho tocou. Na hora que comecei a acordar, percebi que minha única chance era alcançar o bonde de Gareth algumas paradas depois.

O bonde estava entrando na estação quando corri para a plataforma. Vasculhei ansiosamente o primeiro vagão, mas não consegui vê-lo. A ansiedade subia em minha garganta como bile. Depois, vi sua cabeça

brilhante; ele estava sentado bem ao lado da porta do segundo vagão. Forcei a passagem pela multidão e consegui ficar bem ao seu lado, meus joelhos se esfregando nos dele. Com o contato físico, ele levantou o olhar. Os cantos de seus olhos se crispavam, e um sorriso passou por sua boca. Sorri de volta e disse:

— Desculpe.

— Sem problema — respondeu ele. — Esse bonde fica mais cheio a cada dia.

Eu queria continuar a conversa, mas dessa vez não pude pensar em nada para dizer. Ele voltou ao *The Guardian* e tive de me contentar em observá-lo do canto de minha visão periférica enquanto fingia olhar a paisagem do lado de fora da cidade que passava. Não era muito, eu sei, mas era um início. Ele reconheceu minha presença; sabia que eu existia. Agora, podia ser apenas uma questão de tempo.

Shakespeare acertou quando disse: “A primeira coisa a fazer: vamos matar todos os advogados.” Dessa forma, pelo menos, haveria menos mentirosos de um modo geral. Até as palavras rimavam: jurídico, inverídico. Eu não devia ter esperado nada diferente de um homem que, um dia, fala a favor do reclamante e, no outro, a favor do réu.

Estacionei bem na esquina da casa de Gareth, onde podia observá-lo vir para casa sem que me visse, graças à película nas janelas do meu 4x4. A casa

dele não tinha sebe, de maneira que eu podia acompanhá-lo do lado de dentro de sua sala de visitas a partir do meu ponto de vista privilegiado.

Eu conhecia seus hábitos a essa altura. Ele chegava em casa logo depois das seis, ia para a cozinha para pegar uma lata de Grolsch, e retornava para a sala, onde bebia sua cerveja e assistia à TV. Depois de cerca de vinte minutos, pegava alguma coisa para comer na cozinha — pizza, comida congelada, batatas assadas. Cozinhar obviamente não era o seu forte. Quando estivéssemos juntos, eu teria de assumir a responsabilidade por essa parte de nossa vida.

Depois das notícias, ele saía da sala, provavelmente para trabalhar em outro cômodo. Eu imaginava livros de direito enfileirados em prateleiras de pinho. Depois, ou ele voltava para a TV mais tarde ou andava até o pub na esquina para tomar algumas cervejas Lager.

Gareth precisava de alguém com quem pudesse dividir sua vida, eu pensava enquanto aguardava que ele voltasse para casa. Eu era a pessoa certa para isso. Gareth seria meu presente de Natal.

Às cinco e quinze, um Volkswagen Golf branco entrou suavemente na vaga, logo depois da casa de Gareth, e uma mulher saiu. Ela se inclinou para dentro do carro e pegou uma pasta abarrotada de arquivos e uma bolsa a tiracolo. Achei sua fisionomia vagamente familiar enquanto andava pela calçada. Pequena, com cabelos castanho-claros puxados para trás num rabo

de cavalo bem preso, óculos grandes de tartaruga, vestido preto, blusa branca com um babado de renda no pescoço.

Quando ela virou no portão de Gareth, eu mal pude acreditar. Pelos poucos segundos que levou para chegar à porta, eu tentei me convencer de que ela era sua corretora imobiliária, sua vendedora de seguros, uma colega passando para deixar alguns papéis. Qualquer coisa. Qualquer coisa.

Então, ela abriu a aba da bolsa e tirou uma chave. Minha mente gritou: “não!” enquanto ela inseria a chave na fechadura e entrava. A porta da sala de estar se abriu e ela deixou a pasta ao lado do canapé. Depois, sumiu novamente. Dez minutos mais tarde, estava de volta, enrolada no roupão felpudo branco de Gareth.

Para falar a verdade, estou com Shakespeare e não abro.

Era a época do ano para ser alegre, então me forcei a não deixar minha decepção influenciar meu estado de espírito. Em vez disso, me concentrei em pesquisar algo adequado para a época, algo bárbaro, próprio do bom e velho simbolismo cristão. Não há mesmo muito que se possa fazer com uma manjedoura e cueiros, então me permiti alguma licença artística e parti para a outra extremidade da vida.

A crucificação como forma de punição foi provavelmente emprestada pelos romanos dos cartagineses. (Interessante como se referiam a todos os demais como bárbaros...) Eles a adotaram por volta da época das Guerras Púnicas e

aquela era, inicialmente, uma punição reservada apenas a escravos. O que parece apropriado o bastante, já que esse era o único papel para o qual esperava que Gareth servisse agora. Mais tarde, nos tempos do império, a punição tornou-se mais geral, aplicada a qualquer local que cometesse a temeridade de se comportar mal depois que os romanos tinham vindo gentilmente conquistar — desculpe, civilizar — seu povo.

Tradicionalmente, o criminoso era açoitado e forçado a carregar uma cruz pelas ruas até o lugar onde uma estaca alta tinha sido enterrada. Depois, era pregado na cruz e puxado para cima por um sistema de polias. Seus pés eram às vezes pregados, às vezes amarrados na estaca. Ocasionalmente, a morte por exaustão recebia uma mãozinha dos soldados, que quebravam as pernas da vítima, o que devia lhe conceder uma passagem misericordiosa para o estado inconsciente. Para os meus objetivos, porém, decidi optar pela cruz de santo André, mais decorativa. Por um lado, ela aplicaria tensões mais interessantes nos músculos de Gareth. Por outro, caso ele se mostrasse à altura da ocasião, facilitaria muito o acesso.

Curiosamente, a crucificação nunca foi usada como punição para soldados, exceto pelo crime de deserção. Talvez os romanos tivessem a concepção correta no final das contas.



Mas quem, nesse ínterim, era a vítima, a cuja morada ele corria? Porque certamente ele não poderia jamais ser tão indiscreto a ponto de navegar num cruzeiro itinerante em busca de alguma pessoa que encontrasse casualmente para assassinar? Ah, não: ele tinha encontrado uma vítima que o satisfazia algum tempo antes, isto é, um antigo e muito íntimo amigo.

Brandon olhava sombriamente para a folha de papel na máquina de escrever. Tom Cross podia estar bem longe da ideia de policial perfeito do chefe de polícia assistente, mas ele sempre pareceu ser bom em capturar bandidos. Comportamentos absurdos como o daquela noite serviam apenas para pôr em dúvida toda a sua carreira. Para quantas outras pessoas Cross havia armado ao longo dos anos, sem que ninguém percebesse? Se Brandon não tivesse, ele mesmo, flexibilizado as regras e levado Tony em sua busca ilícita, ninguém teria duvidado da “prova” que Tom Cross tinha apresentado. Ninguém, a não ser Stevie McConnell, teria sabido que duas das três “descobertas” do superintendente tinham sido plantadas por ele. Só de

pensar nas consequências disso, Brandon já ficava com uma sensação de suor frio nas costas.

Cross tinha deixado Brandon sem nenhuma opção a não ser suspendê-lo. A audiência disciplinar que inevitavelmente se seguiria seria dolorosa para todos os envolvidos, mas essa era a menor das preocupações de Brandon. Ele estava muito mais preocupado com o efeito no moral da divisão de homicídios. A única forma de combater isso era assumir pessoalmente a responsabilidade direta pela investigação. Agora, tudo que precisava fazer era convencer o chefe de polícia de que ele estava certo. Com um suspiro, Brandon puxou a última folha de papel da máquina e inseriu outra.

Seu memorando para o chefe superior era breve e direto. Com isso só restava uma tarefa pendente antes que pudesse ir para cama. Suspirando, Brandon olhou para o relógio. Trinta minutos para a meia-noite. Ele empurrou a máquina para longe e começou a escrever numa folha de seu formulário de memorando pessoal. “Para o detetive-inspetor Kevin Matthews. De John Brandon, chefe de polícia assistente (Criminal). Assunto: Steven McConnell. Em seguida à suspensão do superintendente Cross, assumo o comando direto da divisão de homicídios. Não há fundamento para acusar McConnell de nada a não ser agressão. McConnell deve ser posto em liberdade mediante fiança, aguardando a decisão da data de julgamento pela acusação de agressão, e deve comparecer à Scargill Street em uma semana de modo que possamos fazer mais interrogatórios caso surjam indícios adicionais. Tendo em vista sua recusa em fornecer qualquer informação sobre seus contatos, ou qualquer nome de pessoas que possa ter apresentado a Gareth Finnegan e Adam Scott, devemos acompanhar qualquer contato que faça. Um mandado para grampear seu telefone deve também ser obtido, com base em sua conexão com Scott e Finnegan, e o contato que agora sabemos que tinha com Damien Connolly em sua atividade profissional. Nossas

investigações dos quatro assassinatos relacionados devem continuar numa frente ampla, embora sugiro que, após sua soltura, mantenhamos McConnell sob vigilância. Haverá uma reunião de policiais graduados sobre o caso amanhã ao meio-dia.” Brandon assinou o memorando e o selou num envelope. Bela maneira de fazer amigos e influenciar as pessoas, ele pensou enquanto descia as escadas até o sargento de plantão. Brandon rezava que Tony Hill tivesse razão sobre Stevie McConnell. Se Tom Cross estivesse certo em seguir seu instinto, não seria apenas o moral do Departamento de Investigações Criminais que estaria em risco.

Carol despencou sobre a mesa de jantar, o queixo descansando em seus braços dobrados, uma das mãos fazendo cócegas na barriga de Nelson.

— O que você acha, rapaz? Ele é ou não é mais um cafajeste mentiroso?

— Purr — respondeu o gato com uma entonação ascendente, os olhos quase fechados.

— Achei que fosse dizer isso. Concordo, sei como os escolher — suspirou Carol. — Você tem razão, eu devia ter mantido distância. É o que acontece quando a gente precisa tomar a iniciativa. Você leva o fora. Eles geralmente não veem de um jeito tão estranho, no entanto. Pelo menos agora eu sei por que ele ficava se retraindo. Melhor sem ele, gato. A vida já é dura o suficiente sem eu ser a outra.

— Mrrr — concordou Nelson.

— Ele deve achar que sou uma perfeita idiota, esperando que eu acredite que alguém completamente desconhecido deixa mensagens daquele tipo em sua secretária eletrônica.

— Raurr — reclamou Nelson, rolando sobre as costas, batendo nos dedos de Carol com as patas.

— Muito bem, então você também acha isso ridículo. Mas o homem é psicólogo. Se ele fosse inventar alguma coisa para explicar o fato de que mentiu para mim, tornaria a alegação muito mais plausível do que chamadas telefônicas esquisitas. Tudo que ele tinha de dizer era que se tratava de alguém com quem ele tinha terminado, mas que se recusava a entender o recado.

Carol esfregou os olhos, espantando o sono. Bocejou e levantou-se num movimento lânguido.

A porta do quarto de empregada que Michael usava como escritório se abriu e ele ficou parado na entrada.

— Achei que tinha ouvido vozes. Você podia conversar comigo, sabe. Pelo menos, *eu* respondo.

Carol deu um sorriso cansado.

— Nelson também. Não é culpa dele que a gente não fale a língua dos gatos. Não queria incomodar você; percebi que estava trabalhando.

Michael andou até o armário de bebidas e serviu-se de uma pequena dose de uísque.

— Estava só testando o jogo, tentando identificar os bugs no que desenvolvemos até agora. Nada de mais. Como foi o seu dia?

— Nem me pergunte. Eles nos mudaram para a Scargill Street. O lugar é um buraco. Imagine voltar a fazer seus cálculos num ábaco, e você poderá imaginar o meu ambiente de trabalho atual. A atmosfera é uma merda, e Tony Hill é comprometido. Fora isso, tudo está maravilhoso.

Carol seguiu o exemplo de Michael e se serviu de um drinque.

— Quer conversar a respeito? — perguntou ele, sentando-se no braço de um dos sofás.

— Obrigada, mas não.

Carol engoliu seu drinque de uma vez, tremeu com o efeito da bebida e disse:

— Trouxe uma leva de fotos, aliás. Quando você pode dar uma olhada nelas?

— Arrumei algum tempo no computador que tem o software amanhã à noite. Está bom para você?

Carol pôs os braços em volta de Michael e lhe deu um abraço.

— Obrigada, maninho.

— O prazer é meu. — Ele devolveu o abraço. — Você sabe como gosto de um desafio.

— Estou indo dormir — avisou ela. — Foi um dia longo.

Assim que Carol desligou a luz, sentiu o baque familiar de Nelson pousando ao pé da cama. Era reconfortante sentir seu calor em suas pernas, embora não fosse substituto para o corpo que ela esperara mais cedo, naquela mesma noite. É claro, logo que sua cabeça bateu no travesseiro, seu sono desapareceu. A exaustão ainda estava presente, mas a cabeça raciocinava a mil. Quisera Deus que, até a tarde de amanhã, o constrangimento entre ela e Tony já tivesse evaporado. A pontada de humilhação ainda estaria lá, mas ela era adulta e profissional. Agora que sabia que ele estava fora de alcance, ela não o colocaria numa posição difícil novamente; e agora que ele sabia que ela sabia, talvez pudessem relaxar. Seja como for, o perfil devia fornecer terreno neutro mais que suficiente entre eles. Ela mal podia esperar para ver o que ele apresentaria.

No outro lado da cidade que dormia, Tony também estava deitado em sua cama, olhando para o teto, traçando mapas rodoviários imaginários nas fissuras em volta da roseta de gesso. Ele sabia que não havia sentido em desligar a luz de sua luminária ao lado da cama. O sono lhe fugiria e, na escuridão, ele começaria a sentir o lento estrangulamento da claustrofobia se

aproximando. Contar carneiros nunca lhe interessou; nas lentas vigílias da noite era a hora em que Tony se tornava o próprio terapeuta.

— Por que você teve de ligar esta noite? Eu **gosto** de Carol Jordan. Sei que não a quero em minha vida, mas não queria magoá-la tampouco. Ouvir sua adulação na secretária eletrônica deve ter doído como um tapa na cara, depois que eu disse que não havia ninguém em minha vida — murmurou ele. — Uma pessoa de fora diria que mal nos conhecemos, que tudo que aconteceu esta noite foi um exagero. Mas as pessoas de fora não entendem a conexão, a intimidade que surge do nada quando vocês estão trabalhando em contato direto na busca de um criminoso, quando o tique-taque do relógio leva embora a vida da próxima vítima.

Ele suspirou. Pelo menos, ele não tinha deixado escapar a única coisa que poderia ter convencido Carol de que ele não estava mentindo, a verdade que ele mantinha tão cuidadosamente trancada dentro de si. Era isso que ele dizia a seus pacientes? “Desabafe. Não importa o que seja, falar será o primeiro passo para eliminar a dor.”

— Que monte de conversa fiada — disse ele amargamente. — É só mais um dos truques na cartola mágica, criados para legitimar minha curiosidade lasciva, adaptados para libertar as mentes perturbadas dos desajustados que são levados a realizar suas fantasias de uma forma à qual a sociedade não pode se adaptar. Se eu contasse a Carol a verdade, dissesse a palavra com “i”, isso não teria levado a minha dor. Teria feito apenas com que eu me sentisse um merda ainda maior. Tudo bem para velhos serem impotentes, mas homens da minha idade que não conseguem uma ereção são uma piada.

O telefone tocou, assustando-o. Ele se virou, procurando o aparelho.

— Alô — atendeu, com a voz hesitante.

— Anthony, finalmente. Ah, como senti sua falta!

Sua onda de raiva da voz lânguida e rouca morreu tão rápido quanto tinha se espalhado. Qual era o sentido de ficar irado com ela? Angelica não era o problema. O problema era ele.

— Recebi sua mensagem — disse ele, resignado. Ela não tinha causado o constrangimento com Carol; não haveria motivo para embaraço algum se ele não fosse um exemplo patético de homem. Não fazia sentido sequer pensar em relacionamentos com mulheres simpáticas e normais. Ele teria estragado tudo com Carol, do mesmo jeito que sempre tinha estragado com outras mulheres, assim que elas se aproximavam. O melhor que podia esperar era sexo por telefone. Pelo menos aquilo gerava uma espécie de igualdade; permitia que os homens fingissem não só orgasmo mas também a ereção.

Angelica deu uma risadinha.

— Achei que ficaria contente em receber meu recado quando voltasse para casa. Espero que não esteja cansado demais para um pouco de diversão.

— Nunca estou cansado demais para esse tipo de diversão — incentivou Tony, engolindo a própria repugnância que ameaçava tomá-lo. Pense nisso como terapia, disse a si mesmo. E ao relaxar, permitiu que a voz fluísse por ele, com a mão passeando do seu peito até a virilha.

Os faxineiros estavam fofocando no elevador quando Penny Burgess surgiu no terceiro andar do escritório do *Bradfield Evening Sentinel Times*. Ela andou até a sala da redação, acendendo as luzes ao passar, cantarolando com os lábios fechados uma melodia desafinada. Jogou a bolsa na mesa ao lado do computador e se conectou. Executou os comandos que a levaram ao banco de dados da biblioteca e pressionou a tecla de “pesquisa”. Eram oferecidas cinco opções: 1. Assunto; 2. Nome; 3. Por linha; 4. Data; e 5. Fotos. Penny clicou em 2. No prompt do “sobrenome”, ela digitou “Hill”. No prompt do “nome”, ela teclou “Tony”; e como “título”, ela inseriu “Dr.”. Depois se

recostou na cadeira e esperou enquanto o computador buscava entre os gigabytes de informações armazenadas em sua imensa memória. Penny abriu o maço de cigarros e puxou o primeiro do dia. Tinha dado apenas algumas tragadas quando a tela piscou “Encontrados (6)”.

A repórter acessou os seis itens e os exibiu na tela. Eles apareceram por data, em ordem reversa. O primeiro era um recorte de dois meses atrás do *Sentinel Times*, escrito por um colega jornalista. Embora o tivesse lido na época, ela havia esquecido completamente dele. Enquanto lia, Penny assobiava baixinho.

DENTRO DA MENTE DE UM ASSASSINO

O homem que o Ministério do Interior escolheu para liderar a caçada de serial killers falou hoje sobre o último assassinato que aterrorizou a comunidade gay da cidade.

O psicólogo forense Tony Hill faz, há um ano, um grande estudo, com financiamento do governo, que levará à criação de uma Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais similar à unidade do FBI que figurou no filme *O silêncio dos inocentes*.

Dr. Hill, de trinta e quatro anos, foi psicólogo clínico-chefe no Blamires Hospital, o sanatório de segurança máxima que abriga os criminosos mais insanos e perigosos do Reino Unido, incluindo o assassino em massa David Harney e o serial killer Keith Pond, o Maníaco da Autoestrada.

Dando seu veredicto, dr. Hill esquivou-se: “Não fui convocado pela polícia para oferecer consultoria em nenhum desses casos, então não sei mais do que seus leitores sobre eles.”

Ou o dr. Hill vinha mentindo para o colega de Penny, ou seu envolvimento formal com o caso surgiu depois da entrevista. Se esse fosse o caso, Penny conseguia ver como explorá-lo de uma forma que interessaria

seu editor. Ela conseguia visualizar a manchete agora. “POLÍCIA SEGUE A PISTA DO *BEST* NA CAÇADA DO ASSASSINATO.” Ela passou os olhos rapidamente pelo resto do artigo. Não lhe disse nada que ela já não soubesse, embora estivesse interessada que o dr. Hill tivesse especulado sobre as discrepâncias no terceiro assassinato poderem significar a existência de dois assassinos nas ruas. Essa era uma ideia que parecia ter desaparecido sem deixar rastros. Uma boa pergunta para Kevin da próxima vez que ela conseguisse estabelecer uma conversa por telefone com ele.

O recorte seguinte era do *The Guardian*, e anunciava a criação do programa do Ministério do Interior para desenvolver uma força-tarefa nacional para lidar com criminosos em série. O projeto teria sede na Bradfield University. O artigo lhe fornecia mais informações sobre o histórico do dr. Hill, e ela anotou apressadamente os detalhes de sua carreira no caderno. Não é burro, esse cara. Penny teria de ter cuidado ao lidar com ele. Ela bateu nos dentes com a caneta e se perguntava por que o *Sentinel Times* não tinha feito uma matéria especial sobre o estudo, com um perfil do dr. Hill. Talvez eles tivessem tentado e recebido um não. Ela teria de verificar com seus colegas da seção Especiais.

Os dois próximos recortes eram de um tabloide de circulação nacional, uma série em duas partes sobre serial killers que foi programada para coincidir com o lançamento de *O silêncio dos inocentes*. O dr. Hill foi citado nos dois artigos, falando em termos gerais sobre o trabalho dos criadores de perfis criminais psicológicos.

Os dois últimos textos tratavam de um de seus mais importantes pacientes, Keith Pond, o chamado Maníaco da Autoestrada. Pond tinha sequestrado cinco mulheres das áreas de serviço da rodovia, depois as estuprado de modo selvagem e as assassinado. No momento do julgamento,

apenas dois dos corpos haviam sido encontrados. Mas, após a terapia prolongada com o dr. Hill, Pond revelara o paradeiro dos outros três corpos. O dr. Hill foi saudado como um operador de milagres pela família enlutada de uma das vítimas. Um dos dois artigos havia tentado um perfil do psicólogo Hill, mas eles tinham informações escassas para prosseguir. Como de hábito, o jornalista não deixou que isso fosse um empecilho para uma boa história.

Tony Hill, que nunca se casou, dedica-se ao seu trabalho. Um ex-colega disse: “Tony é um viciado em trabalho, casou-se com o emprego.

“Ele é totalmente motivado pelo desejo de compreender o que interessa aos seus pacientes. Provavelmente não há outro psicólogo no país que tenha a mesma habilidade para entrar na mente perturbada de criminosos e descobrir o que os faz agir como agem.

“Às vezes, eu achava que ele se identifica mais com os assassinos em massa do que com as vítimas.”

O recluso dr. Hill mora sozinho e tem fama de não socializar com os colegas. Fora estudar as mentes dos serial killers, ao que parece, o único passatempo a que se permite é caminhar nas montanhas. Nos fins de semana de folga, ele regularmente vai até o Parque Nacional Lake District ou o Yorkshire Dales e caminha pelas colinas.

— Parece bem divertido — disse Penny em voz alta, escrevendo apressadamente em seu bloco. Ela retornou ao menu principal, onde havia selecionado a quinta opção. Novamente, digitou o nome de Tony para uma pesquisa de imagem. Os bancos de dados revelaram que havia uma foto no arquivo. Penny a acessou e olhou fixamente o rosto que aparecia na tela. — Achei! — exclamou ela. Ela só o tinha visto uma vez antes, mas agora sabia quem era o novo escudeiro de Carol Jordan.

Penny se reclinou no assento, saboreando seu terceiro cigarro, e percebeu que a redação estava começando a encher. Uma rápida ligação, depois ela

podia se reservar um tempo para ter o prazer de um prato de fritura na cantina. Estendendo a mão e pegando o telefone, discou o número residencial de Kevin Matthews. Ele atendeu no segundo toque.

— Detetive Matthews — murmurou sonolentemente.

— Oi, Kev, é Penny — disse ela, saboreando o silêncio espantado que saudou seu anúncio. — Desculpe incomodá-lo em casa, mas pensei que você preferiria responder às minhas perguntas aí em vez de no escritório.

— Q-Quê? — gaguejou ele. Depois, abafando o fone. — Sim, é trabalho. Volte a dormir, amor.

— Há quanto tempo o dr. Tony Hill está na equipe?

— Como você ficou sabendo disso? Merda, isso era para ser altamente sigiloso — explodiu ele, com o nervosismo se transformando em raiva.

— Tsc, tsc, Kev. Ela nunca vai voltar a dormir se você gritar assim. Não importa como sei, só fique agradecido de poder negar com a mão no coração que veio de você. Há quanto tempo, Kev?

Ele limpou a garganta.

— Só alguns dias.

— Foi ideia de Brandon?

— Tudo bem. Olhe só, realmente não posso falar disso. Deve ser mantido em segredo.

— Ele está fazendo um perfil, não é?

— O que *VOCÊ* acha?

— Trabalhando com Carol Jordan? É a queridinha de Brandon, não é?

— Ela é a intermediária. Olhe, eu preciso ir. Falo com você sobre isso depois, está bem?

Kevin tentou parecer ameaçador, mas não conseguiu.

Penny sorriu e expirou devagar toda a fumaça que tinha na boca.

— Obrigada, Kev. Devo a você um favor muito especial.

Ela colocou o fone de volta no gancho, limpou a tela e abriu um arquivo de artigo.

“Exclusivo. De Penny Burgess”, digitou ela, deixando para lá o café da manhã. Ela tinha coisa muito mais importante para fazer.

Tony estava de volta em frente à sua tela às oito e meia. Em vez da culpa que esperava sentir por seu encontro erótico, ele se sentiu revigorado. Permitir-se ter satisfação com Angelica tinha, de alguma forma, o liberado e relaxado. Por mais surpreendente que achasse que isso era naquelas circunstâncias, ele realmente se excitara enquanto as palavras dela o guiavam num encontro sexual imaginativo e escabroso. Ele não tinha, na verdade, conseguido sustentar sua ereção a ponto de chegar ao orgasmo, mas como não havia ninguém presente para compartilhar seu fracasso, não parecia importar. Talvez mais algumas ligações de Angelica fossem tudo o que ele precisava para contemplar a realidade com algo mais brando do que o pânico irremediável.

Mas não no trabalho. O que ele precisava agora era completa paz. Ele já tinha instruído sua secretária para não transferir nenhuma ligação, e desligou a campainha de sua linha direta. Nada nem ninguém ia interromper o fluxo de seus pensamentos. Sua sensação de satisfação continuava enquanto lia o trabalho que fizera no dia anterior. Ele estava pronto agora para pôr sua carreira em risco e declarar por escrito suas conclusões sobre o Faz-tudo. Tony se serviu de uma xícara de café da garrafa térmica e respirou fundo.

Estamos lidando com um serial killer que certamente matará novamente, a menos que seja pego. O próximo homicídio acontecerá na oitava segunda-feira após a morte de Damien Connolly, a não ser que algum gatilho acelere isso. O que talvez pudesse levá-lo ao descontrole e provocar uma escalada extrema seria algum evento catastrófico que causasse a perda do que estiver usando para manter a fantasia viva. Como, por exemplo, se ele estiver usando vídeos, o dano a suas fitas poderia ocasionar a perda do controle. Outra situação possível é que uma pessoa inocente

seja acusada dos assassinatos. Isso seria uma afronta tão grande à ideia que tem de si mesmo que ele poderia cometer seu próximo assassinato antes do cronograma.

Acredito que é provável que ele já tenha selecionado sua próxima vítima e esteja se familiarizando com os movimentos e o estilo de vida dela. Provavelmente, o escolhido é um homem desconhecido da comunidade gay. Ele será, para todos os efeitos, um homem hétero vivendo um estilo de vida heterossexual.

O fato de que sua última vítima era um policial é perturbador. É muito provável que essa tenha sido uma decisão deliberada, e não um acidente ou coincidência. O assassino está mandando uma mensagem para a investigação. Ele está exigindo que o notemos, que o levemos a sério. Ele está também nos dizendo que ele é o melhor; ele pode nos pegar, mas nós não podemos pegá-lo. Há uma teoria de que um comportamento desses é uma espécie de convite à captura, mas não acredito que seja isso que esteja acontecendo nesse caso.

É possível que seu próximo alvo seja também um policial, talvez mesmo alguém que esteja trabalhando na investigação. Isoladamente, isso não será motivo suficiente para que o assassino o escolha, ele deve também se encaixar no critério de vítima que delineou em sua cabeça a fim de que o assassinato assumo seu significado completo para ele. Eu recomendaria enfaticamente que qualquer policial que se enquadre no perfil da vítima aplicasse vigilância extra em todos os momentos, observando qualquer veículo suspeito estacionado próximo à sua casa e verificando se está sendo seguido na ida e na volta do trabalho e dos eventos sociais.

A perseguição e a preparação servem dois objetivos principais para o assassino: reduzem os possíveis fatores de surpresa quando ele vier a realizar o assassinato, e abastecem sua fantasia, que é um aspecto crucial na vida dele.

Nosso assassino é provavelmente um homem branco, com idade entre vinte e cinco e trinta e cinco anos. É esperado que ele tenha pelo menos um metro e setenta e oito de altura, seja bem musculoso, com considerável força na parte superior do corpo. Apesar disso, provavelmente tem uma imagem ruim do próprio corpo. Ele pode fazer exercícios numa academia, mas, se puder pagar, ele preferirá usar seu próprio equipamento na privacidade de seu lar. Ele é destro.

Ele não parece um marginal. Sua aparência é absolutamente comum. Tem um comportamento que não levanta suspeitas. É o tipo de sujeito que não chamaria atenção, e certamente não se suspeitaria que fosse um assassino de várias vítimas.

Ele pode ter tatuagens e/ ou cicatrizes autoinfligidas, mas essas provavelmente são bem discretas.

O assassino também é bastante familiarizado com Bradfield, e seu conhecimento de Temple Fields é claramente atual. Isso implica alguém que vive e, provavelmente, trabalha na cidade. Não acho que seja um visitante casual, nem um ex-morador que simplesmente volta aqui para matar. Não há padrão geográfico óbvio nas casas ou lugares de trabalho de suas vítimas, exceto que todas vivem em razoável proximidade de uma linha de bonde. A casa da primeira vítima é, muito provavelmente, mais próxima em termos geográficos do lugar em que o assassino mora ou trabalha. Analisando o histórico geral e o estilo das vítimas, e observando o princípio de que ele está mantendo esse tipo de ambiente que conhece e compreende, eu suspeitaria que o assassino mora numa propriedade própria em vez de alugada, uma casa e não um apartamento, uma área do subúrbio de propriedades similares às das vítimas. É provável que as casas das vítimas valham mais do que a do assassino; esses são homens que, de certa forma, são uma aspiração para ele.

É presumível que tenha inteligência acima da média, embora não esperaria que tivesse um diploma universitário. Seu histórico escolar é provavelmente irregular, com pouca frequência e notas muito variadas. Ele nunca cumpriu seu potencial ou as expectativas que outras pessoas têm dele. A maioria dos serial killers tem um histórico profissional ruim, pulando de emprego em emprego, sendo despedido com mais frequência do que pedindo demissão. Mas esse homem exibe um nível de controle extraordinário na realização de seus assassinatos, de modo que esperaria que ele fosse capaz de manter uma ocupação fixa, possivelmente até uma função com algum grau de responsabilidade e planejamento. Contudo, não acho que esse trabalho envolva muito contato com outros seres humanos, já que seus relacionamentos com outras pessoas são caracterizados por sua natureza deficiente. Suas vítimas são todos funcionários administrativos, com a exceção pouco importante de Damien Connolly, que indica em minha opinião que ele provavelmente opera em um ambiente de trabalho similar. Eu não ficaria surpreso se o encontrasse numa função relacionada à tecnologia, possivelmente informática. Essa é uma área de emprego onde as pessoas podem manter bons empregos sem ter habilidades interpessoais significativas. Os empregados que não se adaptam são aceitos no mundo estranho dos engenheiros de software; na verdade, eles

costumam ser muito valorizados uma vez que é difícil substituí-los. Duvido que nosso assassino seja uma pessoa de vanguarda criativa no mundo do software, mas não me surpreenderia que ele fosse gerente de sistemas ou desenvolvedor de programas. Ele provavelmente não se dá bem com seus chefes, sendo inclinado a ser insubordinado e argumentador.

Está na classe média em relação ao seu trabalho, suas aspirações, suas roupas e sua casa, embora possa pertencer à classe trabalhadora de origem. Ele é bom com as mãos, mas estou inclinado a pensar que não está numa ocupação manual, nem que seja por causa do alto grau de planejamento envolvido nesses assassinatos.

Socialmente, ele se sente isolado. Pode não ser necessariamente um ermitão, mas não se conecta às pessoas. Ele se sente alguém de fora. É provável que tenha desenvolvido habilidades sociais superficiais, mas, de alguma forma, seu comportamento sempre é inadequado. Ele é o que ri alto demais, o que pensa que está fazendo piadas quando está na verdade sendo profundamente ofensivo, o que às vezes parece ter viajado num devaneio particular. É aquele que não tem, na verdade, nenhum amigo; que se integra ao grupo, mas nunca desenvolve certo grau de intimidade. Ele tem pouca percepção de suas deficiências sociais. Prefere ficar sozinho com suas fantasias, porque, quando os outros estão envolvidos socialmente, não pode controlar completamente o que ocorre em torno de si.

É perfeitamente possível que não viva sozinho. Se ele morar com alguém, deve ser com uma mulher e não com um homem. Como os homens o atraem sexualmente, e ele não pode aceitar isso, não estará sob nenhuma condição vivendo com um homem, nem mesmo em uma relação platônica. Seus relacionamentos com as mulheres podem muito bem ser sexuais, mas ele não será um amante entusiasmado ou bem-sucedido. Seu desempenho será apenas adequado, e ele pode vivenciar problemas em conseguir e/ou manter uma ereção. Contudo, não fica impotente durante a execução de seu crime, e quase com certeza consegue realizar um ato sexual completo de algum tipo com suas vítimas.

Tony interrompeu o trabalho e olhou pela janela. Às vezes parece o ovo e a galinha. Ele tinha empatia por seus pacientes porque também conhecia as frustrações e a raiva da impotência, ou seus problemas sexuais aumentaram justamente para que pudesse desempenhar melhor seu trabalho?

— Isso importa? — disse ele com impaciência. Correu uma das mãos pelo cabelo e concentrou-se novamente na tela.

Se ele estiver morando com uma companheira, ela quase com certeza não terá nenhuma suspeita de que seu namorado é o assassino. É, portanto, bem provável que seu primeiro instinto seja o de lhe fornecer um álibi, já que, em seu coração, ela sabe que não poderia ser ele de modo algum. Qualquer suspeito cujo álibi tenha sido fornecido unicamente por namoradas ou esposas não deve, portanto, ser eliminado com base apenas nisso.

Ele transita em carro próprio, que está em boas condições (ver anteriormente). E nas noites de segunda-feira, fica livre para circular sem impedimento ou obrigação de estar em algum lugar.

Sua personalidade é altamente estruturada, um maníaco por controle. Do tipo que tem um chique porque sua namorada esqueceu de comprar seu cereal favorito. Ele acredita que tem boas razões para fazer o que faz; acha que, com seus crimes, na verdade, tudo que está realizando são as ações que todas as outras pessoas querem, mas para as quais lhes falta coragem. Ele é muito melindroso e sente que o mundo conspira contra ele; como é possível, uma vez que é tão brilhante e talentoso, que não esteja administrando a empresa, em vez de fazer esse trabalho reles? Como é possível, já que é tão charmoso, que não esteja saindo com algum supermodelo? A resposta é: o mundo está decidido a trapacear contra ele. Ele possui a visão egocêntrica da criança mimada e não tem percepção do impacto de seu comportamento nos outros. Tudo que vê é a forma como os eventos o afetam.

Ele vive em constante fantasia e devaneio. Suas fantasias são construídas de modo elaborado e parecem mais significativas para ele do que a realidade. Seu mundo de fantasia é onde ele se refugia para tomar decisões e também sempre que encara qualquer tipo de contratempo ou obstáculo em sua vida cotidiana. Suas fantasias provavelmente envolvem violência e sexo, podendo também ser fetichistas. Essas fantasias não permanecem estáticas; elas perdem seu poder e precisam continuar sendo desenvolvidas.

Ele tem certeza de que pode realizar suas fantasias sem que ninguém seja capaz de impedi-lo. Tem suprema confiança de que é mais esperto do que a polícia; não está planejando para o dia em que for pego. Ele acha que é esperto demais para isso. Ele foi muito cuidadoso em apagar os vestígios forenses, que é o motivo pelo qual,

como já descrevi à inspetora Jordan, estou convencido de que o fragmento de pele de veado russo deixado na cena do quarto assassinato é uma cortina de fumaça do tipo mais flagrante. Ele está quase certamente mantendo um olhar atento à investigação, e sem dúvida vai morrer de rir enquanto tentamos descobrir a origem do couro. Mesmo que a polícia o rastreie, suspeito que quando encontrarmos o assassino não haverá nada entre suas posses que vá ligá-lo remotamente ao couro.

Se ele tiver algum tipo de ficha criminal, é provável que seja juvenil. Os possíveis crimes são: vandalismo, pequenos incêndios, roubo, crueldade com crianças mais jovens ou animais, agressão contra professores. Contudo, em algum momento determinado, nosso assassino aprendeu um enorme autocontrole, e supostamente não tem registro criminal como adulto.

Ele se mantém atualizado da investigação o máximo possível e prospera com a publicidade, contanto que ela pareça lhe conceder o glamour e o respeito a que almeja. É interessante que a sepultura de Adam Scott tenha sido profanada logo após o segundo assassinato. Isso pode ter sido uma tentativa de alavancar o perfil de seus crimes. Ele é possivelmente alguém que tem contatos com policiais e, caso tenha, se esforça para usar isso como forma de obter informações sobre o andamento da investigação. Qualquer policial que sentir que está sendo estimulado a fornecer informações dessa maneira deve ser encorajado a relatar isso aos oficiais superiores na divisão de homicídios.

Tony salvou seu arquivo e leu o texto inteiro novamente. Alguns dos psicólogos com que tinha trabalhado incorporavam grandes blocos de histórico sobre os prováveis antecedentes da infância do assassino, bem como uma lista de verificação de comportamentos que o assassino poderia ter exibido enquanto estava crescendo. Tony não. Não havia tempo suficiente para esse tipo de informação, uma vez que um suspeito estava pronto para o interrogatório. Tony nunca se esquecia de que os policiais com quem ele lidava estavam nas ruas na linha de frente. Homens como Tom Cross, que não dava a mínima ao tipo de infância terrível que o suspeito tivesse suportado.

Pensar no superintendente aguçou o olhar crítico de Tony. Convencê-lo do valor do perfil seria um pesadelo.

A primeira edição do *Bradfield Evening Sentinel Times* chegou às ruas pouco antes do meio-dia. Os que procuravam ansiosamente apartamentos, empregos e promoções pegaram os primeiros exemplares com os vendedores de rua sem sequer olhar o que estava na capa. Iam direto à seção de classificados, esperando que atendessem suas necessidades e mantendo a primeira e a última páginas visíveis para o proveito dos passantes. Qualquer um, curioso o bastante para olhar as manchetes garrafais, teria lido “CHEFE DA CAÇADA AO ASSASSINO DISPENSADO. Exclusivo, de nossa correspondente criminal, Penny Burgess.” Mais abaixo na página, a coluna inferior da direita era tomada por uma fotografia de Tony com os dizeres “POLICIAIS DE HOMICÍDIOS SEGUEM A PISTA DO BEST. Exclusivo, de Penny Burgess.” Se eles tivessem ficado intrigados o bastante para comprar seu próprio exemplar, teriam lido um subtítulo que dizia: “Psicólogo famoso integra a caçada ao Assassino de Bonecas, veja a matéria na p. 3.”

Num escritório bem acima da confusão das ruas de Bradfield, alguém olhava fixamente o jornal, com a excitação revolvendo dentro de si. As coisas estavam indo muito bem. Era como se a polícia estivesse concretizando suas próprias fantasias, provando que desejos realmente podem se tornar realidade.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 012**

O mundo todo estava nas ruas da cidade, comprando presentes de Natal que ainda estariam pagando durante a Páscoa. Idiotas. Eu estava na minha masmorra, garantindo que teria um Natal inesquecível. Muito embora fosse ser o último de Gareth neste mundo, eu tinha certeza de que todos os detalhes estariam tão claramente gravados em sua memória quanto em minha fita de vídeo.

Planejei nosso encontro com todo o cuidado e precisão que pude. A chegada da piranha significava que eu não poderia arriscar capturá-lo em casa como havia feito com Adam e Paul. Teria de criar planos alternativos.

Enviei-lhe um convite. Imaginei que a véspera de Natal já estaria comprometida, fosse com a família ou com a piranha, então escolhi 23 de dezembro. Eu o elaborei de uma forma que sabia que ele não poderia resistir e que nunca ousaria mostrar à vaca. A última frase dizia “Entrada apenas com

convite”. Era um toque de inteligência. Significava que ele teria de trazer consigo a única prova de contato entre nós.

As indicações no verso levavam, se ele tivesse se importado em verificar previamente, a uma casa de verão isolada no alto das charnecas entre Bradfield e Yorkshire Dales; o lado oposto da cidade até Start Hill Farm e minha masmorra. Eu esperava que a casa de campo estivesse alugada para o Natal, mas não tinha nenhuma intenção de permitir que Gareth chegasse tão longe.

Era um tipo de noite clichê de Natal: uma lua crescente branquíssima, estrelas piscando como pedaços de diamante num relógio de luxo, grama e sebes pesadas de geada. Estacionei na beira da estrada de faixa única da charneca que levava até a casa de campo de férias e a algumas fazendas. A distância, conseguia ver a estrada de pista dupla que ficava no caminho até Bradfield, como uma trilha de luzes encantadas estendida sobre a cordilheira de Pennines.

Acendi minha luz de emergência, saí do 4x4 e abri o capô. Pus o que precisava ao alcance da mão, depois me reclinei na lateral dianteira e aguardei. Estava muito frio, mas não me importei. Tinha calculado bem. Estava esperando há apenas cinco minutos quando ouvi o som de um motor lutando para subir a inclinação íngreme. As luzes oscilavam contornando a

curva abaixo de mim. Saí do carro, acenando furiosamente, com uma aparência congelada e preocupada.

O velho Escort de Gareth parou abruptamente na frente do 4x4. Dei alguns passos hesitantes na direção dele, enquanto ele abria a porta e saía.

— Algum problema? — perguntou. — Infelizmente não sei quase nada sobre carros, mas se eu puder lhe dar uma carona...

Sorri.

— Agradeço por parar — disse eu. Não havia sinal em seu rosto de que me reconheceria quando me aproximei. Odiei-o por isso. Voltei até o 4x4, gesticulando sob o capô. — Não é nada sério. Só que preciso de três mãos. Se você puder segurar essa parte no lugar enquanto eu uso a chave inglesa nesta porca...

Apontei para o motor. Gareth se inclinou sob o capô. Peguei a chave inglesa e acertei-lhe em cheio com ela.

Dentro de cinco minutos, ele estava no porta-malas de seu próprio carro, mais amarrado que um peru de Natal. Eu estava com suas chaves do carro, a carteira e o convite que lhe enviara. Dirigi de volta pela cidade até a fazenda, onde despejei o corpo inconsciente sem nenhuma cerimônia pelas escadas do porão. Não tinha tempo para fazer mais nada, não se eu quisesse voltar ao 4x4.

Conduzi o carro de Gareth até o centro de Bradfield, deixando-o em Temple Fields num beco perto de Crompton Gardens. Ninguém me viu;

estavam todos muito ocupados festejando. Foi apenas uma caminhada de dez minutos pela cidade até a estação ferroviária.

Uma viagem de trem de vinte minutos e mais quinze caminhando rapidamente me trouxeram de volta ao 4x4. Com cautela, me aproximei. Não havia sinal de vida, nenhuma indicação de que alguém estivesse se intrometendo. Dirigi de volta para Start Hill Farm assobiando uma canção de Natal.

Quando acendi as luzes do porão, os olhos castanho-escuros de Gareth se iluminaram com um ódio furioso contra mim. Gostei disso. Depois do terror patético de Adam e Paul, era revigorante ver um homem que tinha alguma coragem. O som abafado que saía de trás da fita em sua boca era mais um grunhido furioso que um apelo.

Inclinei-me sobre ele e alisei para trás seus cabelos que caíam na testa. A princípio, ele fez movimentos bruscos afastando-se de mim, depois se tornou calmo e quieto, seus olhos mostrando reflexão.

— Assim é melhor. Não é preciso lutar, não é preciso resistir.

Ele assentiu com a cabeça, depois grunhiu, fazendo um sinal com os olhos para sua mordaca. Ajoelhei-me diante dele e peguei uma ponta do esparadrapo. Depois que a segurei com firmeza, retirei-a num único movimento rápido. É mais gentil do que fazer isso gradualmente.

Gareth ajeitou o maxilar, lambendo os lábios secos. Ele me fuzilou com os olhos.

— Uma porra de uma festa — rosnou ele, com a voz um pouco trêmula.

— É exatamente o que você merece.

— Como diabos você chegou a essa conclusão? — interpelou ele.

— Você foi feito para mim. Mas se envolveu com aquela vagabunda. E tentou fazer disso um segredo.

Surgiu uma luz em seus olhos.

— Você é... — começou ele.

— Isso mesmo — interrompi. — Então agora você sabe por que está aqui.

Minha voz era tão fria quanto o piso de pedra. Levantei-me de repente e andei até o banco onde havia disposto o meu equipamento.

Gareth estava falando novamente, mas ignorei o som de sua voz. Sei como os advogados podem ser persuasivos e, por mais que ele me bajulasse, não permitiria que causasse nenhum desvio no meu caminho. Abri a sacola Ziplock e tirei o algodão com clorofórmio. Voltei-me para Gareth e ajoelhei-me diante dele. Com uma das mãos, agarrei seus cabelos e, com a outra, apliquei o algodão em sua boca e nariz. Ele lutou de modo tão convulsivo que acabei com um tufo de cabelo em minha mão antes que ele perdesse a consciência. Ainda bem que estava usando minhas luvas de látex, caso

contrário seus cabelos teriam me cortado. A última coisa de que precisava era meu sangue se misturando ao dele.

Quando ele apagou, cortei fora suas roupas. Tirei a correia do berço de Judas e a fechei em seu peito, sob as axilas. Eu havia prendido uma roldana rudimentar e um guincho a uma das vigas no teto, e amarrei o gancho na correia. Ergui o corpo de Gareth com o guincho até que ele balançou como visco ao vento. Quando já estava lá em cima no ar, foi questão de segundos até abrir as algemas e prendê-lo à minha árvore de Natal.

Parafusei duas tábuas na parede no formato da cruz de santo André e cobri-as com ramos espinhosos de abeto norueguês. Para cada braço da cruz eu preendi correias de couro que amarrei em volta dos pulsos e tornozelos dele. Abri os punhos fechados de Gareth e preendi com fita suas mãos espalmadas na cruz. Por fim, removi o gancho e deixei que as correias no pulso recebessem a pressão. O corpo dele desabou de modo alarmante, e por um momento eu me preocupei que não tivesse instalado correias fortes o bastante. Houve um breve ranger do couro na madeira, depois o silêncio. Ele pendia como um apóstolo martirizado na parede da masmorra.

Peguei minha marreta e os ponteiros afiados que tinha escolhido para o trabalho. Ficaríamos juntos agora até a noite de Natal. Eu pretendia saborear cada minuto de nossas quarenta e oito horas.



Pouquíssimos homens cometem assassinato por princípios filantrópicos ou patrióticos... Quanto à maioria dos assassinos, eles são donos de personalidades muito falhas.

Os quatro detetives-inspetores estavam sentados com o rosto sem expressão, no que antes era o escritório de Tom Cross, quando John Brandon lhes deu a versão oficial da suspensão do superintendente. Às vezes, Brandon desejava ser ainda um dos oficiais, capaz de explicar seus motivos sem parecer sabotar o próprio cargo ao agir dessa forma.

— O que temos de fazer é deixar isso para trás e avançar com a investigação — disse ele bruscamente. — Pois bem, qual é a situação de McConnell?

Kevin se inclinou para a frente em seu assento.

— Fiz como instruiu, senhor. Ele deixou nossa prisão um pouco antes da meia-noite, e tenho uma equipe o monitorando desde então. Andou direitinho na linha até agora. Foi direto para casa, pareceu ir para a cama, a

julgar pelas luzes. Estava de pé às oito horas da manhã, e foi trabalhar. Tenho um dos rapazes na academia, fazendo-se passar por associado, e outro fora na rua.

— Continue assim, Kevin. Mais alguma coisa? Dave, algo interessante no sistema?

— Estamos acompanhando muitas placas de carro e indivíduos envolvidos em qualquer crime gay, tanto no ataque a homossexuais quanto em atentados ao pudor. Estamos também prestes a cruzar os dados dessas listas com os que Don Merrick vem obtendo com as agências de viagem a respeito de pessoas que reservaram férias na Rússia. Depois que tivermos o perfil, talvez tenhamos alguns suspeitos, mas é uma pedreira no momento, senhor.

Carol interveio:

— Algumas das associações de levantamento de peso disseram que nos forneceriam listas de seus membros que estiveram na Rússia ou competiram contra equipes russas.

— Eba, mais porcarias de listas — comentou Dave, fazendo uma careta.

— Tenho um contato na indústria de couro — disse Stansfield. — O maior importador no Reino Unido. Perguntei-lhe sobre a tira de couro, e ele disse que, como era pele de veado, provavelmente não é de uma jaqueta comum ou de um jardineiro. Mais provável que fosse alguém com um pouco de influência pessoal, mas nenhum poder de verdade. Sabe como é. Alguém como um detetive-inspetor.

Sorriu.

— Ou um funcionário da prefeitura de baixo escalão. Um subchefe da estação ferroviária. O imediato de um navio. Esse tipo de coisa.

Dave sorriu.

— Vou dizer à equipe HOLMES para vigiar ex-funcionários da KGB.

Brandon começou a dizer algo, mas foi cortado pelo toque do telefone.

— Brandon falando... — Seu rosto perdeu toda a expressão, tornando-se rígido como a madeira dos caixões que ele parecia estar carregando. — Sim, senhor. Vou para aí imediatamente.

Ele pôs o telefone no gancho suavemente e se levantou.

— O chefe de polícia está interessado em saber como essa edição noturna do jornal saiu desse jeito — disse ele, atravessando a sala e parando ao lado da porta com uma das mãos na maçaneta.

— Tenho certeza de que quem lavou nossa roupa suja na pia da senhora Burgess vai esperar que eu consiga convencer o chefe de polícia a não fazer dele um exemplo.

Ele dirigiu a Carol um sorriso frio.

— Ou dela, na verdade.

Tony trancou a porta de seu escritório atrás de si e ofereceu à secretária do projeto um aceno alegre e um sorriso.

— Estou saindo para almoçar, Claire. Provavelmente vou ao Café Genet em Temple Fields. A inspetora Jordan deve chegar às três, mas vou estar de volta antes disso. Tudo bem?

— Tem certeza de que não quer retornar algumas dessas ligações dos jornalistas? — interpelou Claire.

Tony se virou, continuando a andar para trás pelo escritório.

— Que jornalistas? — perguntou ele.

— Primeiro, aquela Penny Burgess do *Sentinel Times*. Ela vem tentando de meia em meia hora desde que cheguei. Depois, na última hora, as ligações têm vindo de todos os jornais nacionais, e da Rádio Bradfield.

Tony franziu a testa, intrigado.

— Por quê? Eles disseram o que queriam?

Claire ergueu o exemplar do *Sentinel Times* que tinha saído rápido para comprar na banca do campus.

— Não sou psicóloga, Tony, mas acho que pode ter algo a ver com isso.

Tony ficou paralisado. Mesmo do outro lado do escritório ele conseguia ler as manchetes e identificar sua própria fotografia em exibição com destaque na primeira página do jornal. Como uma partícula de ferro atraída por um ímã, Tony se aproximou do jornal até que conseguiu ler o nome de Penny Burgess nos dois artigos.

— Posso ver? — perguntou ele com a voz rouca, estendendo a mão para pegar o jornal.

Claire o entregou e observou a reação dele. Ela gostava de seu chefe, mas era humana o bastante para apreciar o desconforto dele em ser exposto na edição noturna do jornal. Tony virou às pressas a primeira página, procurando o artigo completo sobre si mesmo. Com uma sensação de crescente horror, ele leu:

Dr. Hill tem boas qualificações para entrar na mente distorcida do Assassino de Bonecas. Além de seus dois títulos universitários e uma grande experiência em lidar diretamente com os perversos criminosos que aterrorizam a sociedade, tem a reputação de ser muito determinado.

Um colega disse: “Ele se casou com o emprego. Ele vive para o trabalho. Se alguém pode pegar o Assassino de Bonecas, é Tony Hill.

“É apenas uma questão de tempo agora, estou convencido. Tony é incansável. Ele não vai desistir até que esse filho da mãe esteja bem trancafiado.

“Vamos encarar a verdade, Tony tem um cérebro privilegiado. Esses serial killers podem ter QIs altos, mas eles nunca são muito espertos quando se trata de ficar fora da prisão.”

— Santo Deus — resmungou Tony. Fora o fato de que nenhum colega que se prezasse jamais faria declarações como essa, o artigo era equivalente a uma

incitação ao Faz-tudo. Parecia um desafio. Ele tinha certeza de que o assassino encontraria um jeito de responder a isso. Tony jogou o jornal na mesa, olhando-o furiosamente.

— Ultrapassa um pouco os limites — disse sua secretária com empatia.

— É uma baita irresponsabilidade, sem falar nos limites — respondeu Tony, aborrecido. — Ah, que se dane isso. Vou almoçar. Se o chefe de polícia ligar, diga que não volto mais hoje.

Ele andou de novo até a porta.

— E quanto à inspetora Jordan? E se ela ligar?

— Pode dizer a ela que saí do país. — Com a porta aberta, ele parou. — Não, é só brincadeira. Diga a ela que estarei aqui para nossa reunião.

Enquanto esperava pelo elevador, Tony se deu conta de que nada em sua experiência tinha lhe preparado para o desafio do confronto direto com um assassino. Era algo com que ele teria de lidar usando seus instintos.

• • •

Kevin Matthews bebeu todo o quartilho de cerveja e acenou para a garçonete do bar.

— Mesmo que seja uma cortina de fumaça, ainda assim ele precisa ter tido acesso a essa porcaria de pedaço de couro desconhecido, não é? — perguntou teimosamente a Carol e Merrick. — Mais uma?

Merrick fez que sim.

— Vou tomar um café desta vez, Kevin — disse Carol. — E nos passe um cardápio, por favor. Tenho a sensação de que vou ficar aqui para uma longa sessão com o doutor, e ele tem um hábito desagradável de esquecer a comida.

Kevin pediu as bebidas, depois se virou para Carol. Com a persistência que tinha lhe garantido a promoção, ele disse:

— Mas estou certo, não estou? Para plantar o couro assim, não só ele teve acesso ao tecido como também sabe o quanto é incomum.

— Concordo — disse Carol.

— Então não é perda de tempo tentar levantar a origem, é?

— Nunca disse que era — alegou Carol, com paciência. — Pois bem, você vai me informar sobre o que aconteceu com Tom Cross ou vou ter que imitar nosso assassino e trazer os aparelhos de tortura?

Enquanto Kevin explicava o que tinha acontecido, a atenção de Merrick se desviou. Ele já tinha ouvido a história mais vezes do que precisava. Reclinou no bar e observou a clientela. O Sackville Arms não era o pub mais próximo da delegacia na Scargill Street, mas ele vendia chope Teteleys, de Yorkshire, e Boddingtons, de Manchester, que inevitavelmente chegavam à polícia local. O pub ficava nos limites de Temple Fields, o que lhe dava um atrativo extra para os policiais locais quando a delegacia da Scargill Street ainda estava aberta. Como consequência, prostitutas e pequenos criminosos que queriam repassar recados para seus contatos pessoais da força podiam conseguir isso sem dificuldade. Contudo, nos poucos meses que o posto policial de Scargill Street ficou em desuso, o pub tinha mudado sutilmente. Os fregueses tinham se acostumado a ter o lugar para si mesmos, e havia uma distância claramente perceptível entre os policiais e o resto dos clientes. Os oficiais que vinham usando o pub numa tentativa de recrutar novas fontes da parte vulnerável da comunidade foram recebidos com frieza. Mesmo com um serial killer à solta, ninguém queria voltar ao hábito de informar agora que tinham se livrado dele.

Com os olhos de policial, Merrick percorreu a sala, classificando os bebedores. Prostituta, traficante, michê, cafetão, homem rico, homem pobre, mendigo, fracote. A voz de Carol o perturbou, fazendo-o interromper seu exame.

— O que acha, Don? — Foi o que consegui ouvir.

— Desculpe, estava viajando. O que acho do quê?

— Que já é hora de gerarmos alguns de nossos próprios cacoetes entre as “primas”, em vez de contarmos com as garotas da Delegacia de Costumes. Elas estiveram tantas vezes em volta das casas, que eu sairia para verificar se me dissessem que estava chovendo.

— Deixe as prostitutas para lá — disse Merrick. — Precisamos saber um bocado mais sobre como a comunidade gay funciona. Não quero dizer os caras que saíram do armário e frequentam o Hell Hole. Quero dizer os enrustidos. Os que não dão pinta. São esses que podem ter encontrado esse pervertido antes. Quero dizer, de tudo que já li sobre serial killers, às vezes eles não chegam a matar na primeira vez, apenas fazem uma tentativa. Como o Estripador de Yorkshire. Então talvez haja algum cara amedrontado no armário e que tenha sofrido com algum gesto de violência. Esse pode ser o caminho para uma descoberta.

— E Deus sabe que precisamos de uma — disse Kevin. — Mas se não sabemos como as relações são estabelecidas, como nos conectamos?

Carol, pensativa, disse:

— Quando em dúvida, pergunte a um policial.

— Fazer o quê? — perguntou Kevin.

— Há policiais gays na ativa. Mais do que a maioria, eles devem saber como manter a discrição. Eles poderiam nos contar.

— Isso não responde à pergunta — protestou Kevin, com insistência. — Se eles estão tão ocupados mantendo-se discretos, como saberemos quem são eles?

— A Polícia Metropolitana tem uma associação de policiais gays e lésbicas. Por que não entramos em contato, em sigilo, e pedimos a ajuda deles? Alguém deve ter alguns contatos em Bradfield.

Merrick olhou Carol com admiração, Kevin fez o mesmo com frustração, e os dois se perguntaram em silêncio como que a inspetora Jordan sempre tinha uma resposta.

Tom Cross olhou a primeira página do *Sentinel Times* com um sorriso de satisfação movendo seu cigarro para cima e para baixo. A senhora Burgess pode ter achado que estava no controle de seu encontrozinho na noite anterior, mas Tom Cross sabia que era diferente. Ele armou a teia e ela caiu como uma mosca, fazendo exatamente o que ele esperava dela. Não, verdade seja dita. O que ela tinha feito era melhor do que ele tinha esperado. Aquela frase sobre a polícia indo aos trancos e barrancos atrás do *Sentinel Times* quando se tratava de procurar o maldito dr. Hill era muito boa.

Haveria muitos homens furiosos na polícia de Bradfield hoje. Esse foi o elemento de vingança do jogo de Tom Cross com Penny Burgess. Mas outra pessoa ficaria zangada também. Quando lesse a edição desta noite, o assassino ficaria mais do que simplesmente irritado.

Tom Cross apagou o cigarro e bebeu ruidosamente de sua caneca de chá. Dobrou seu jornal, colocou-o na mesa em frente e olhou para fora da janela. Acendeu outro cigarro. Ele começaria a instigar o Assassino de Bonecas. Provocado, ele passaria a ficar descuidado, a cometer enganos. E quando Stevie McConnell fizesse isso, Tom Cross estaria pronto à sua espera. Ele ia mostrar àqueles canalhas miseráveis como é que se pegava um assassino.

Tony estava de volta ao escritório às dez para as três. Mesmo assim, não chegou cedo o bastante para superar Carol.

— A inspetora Jordan chegou — avisou Claire assim que ele abriu a porta da antessala. Ela gesticulou com a cabeça para o escritório dele.

— Ela está lá esperando. Disse a ela que você voltaria.

O sorriso em resposta de Tony foi tenso. Enquanto agarrava a maçaneta da porta, ele fechou os olhos bem apertados e respirou fundo. Expondo o que esperava ser um sorriso de boas-vindas no rosto, Tony abriu a porta e entrou em seu escritório. Ao ouvir o som da porta, Carol se virou da janela em que estivera olhando para fora e lhe deu um olhar frio e considerado. Tony fechou a porta atrás de si, reclinando-se.

— Você parece que acabou de pisar numa poça mais funda que seu sapato — comentou Carol.

— É uma melhora, então — respondeu Tony, com mais do que um toque de ironia. — Geralmente me sinto como se tivesse pisado numa poça mais funda que a minha cabeça.

Carol deu um passo em direção a ele. Ela ensaiara o que diria.

— Não há necessidade de se sentir assim comigo. Na noite passada... Bem, você não foi muito franco e interpretei erradamente os sinais. Então podemos esquecer tudo isso e nos concentrar no que é realmente importante entre nós?

— E o que seria? — Tony soou impessoal como um terapeuta, sua pergunta mais um convite à conversa do que um desafio.

— Trabalharmos juntos para pegar esse assassino.

Tony se afastou da porta e foi até a segurança de seu assento, com cuidado para manter a mesa entre eles o tempo inteiro.

— Tudo bem para mim.

Ele deu um sorriso torto.

— acredite em mim, sou muito melhor em relacionamentos profissionais do que do outro tipo. Pense que foi salva pelo gongo.

Carol circundou o lado oposto da mesa e puxou uma cadeira. Cruzou as pernas vestidas em calças compridas e juntou as mãos sobre o colo.

— Então vamos dar uma olhada nesse perfil.

— Não precisamos nos comportar como se fôssemos estranhos — disse Tony baixinho. — Respeito você e admiro o modo como é tão aberta ao aprendizado de novos aspectos do trabalho. Olhe, antes... antes do que aconteceu na noite passada, parecíamos nos encaminhar para uma amizade que ia além do trabalho. Era uma coisa tão ruim assim? Não podemos nos contentar com isso?

Carol deu de ombros.

— Não é fácil fazer amizades depois de expor suas fraquezas.

— Não acho que demonstrar que alguém atrai você é necessariamente uma fraqueza.

— Estou me sentindo boba — disse Carol, sem ter certeza por que estava se abrindo desse jeito. — Eu não tinha direito de esperar nada de você. Agora, estou com raiva de mim.

— E de mim também, imagino — concluiu Tony. Isso estava se mostrando menos traumático do que ele tinha imaginado. Suas técnicas de aconselhamento não tinham enferrujado pela falta de uso, pensou ele com alívio.

— Em grande parte comigo mesma. Mas posso lidar com isso. O importante para mim é que façamos o trabalho.

— Para mim também. É bem raro encontrar um policial que parece compreender o que estou tentando fazer.

Ele pegou os papéis na mesa.

— Carol... Não é nada com você, sabe. Sou eu. Tenho meus próprios problemas com os quais preciso lidar.

Carol o fitou longamente. Ele sentiu um rápido tremor de pânico quando percebeu que não conseguia ler seus olhos. Ele não fazia ideia do que ela estava sentindo.

— Entendo o que diz — respondeu ela, com a voz fria. — Falando em problemas, nós não temos trabalho a fazer?

• • •

Carol sentou-se sozinha no escritório de Tony com o perfil do serial killer. Ele tinha deixado que ela o lesse enquanto trabalhava na sala ao lado com sua secretária, atualizando-se com relação à correspondência empilhada desde que Brandon o tinha sequestrado há apenas alguns dias. Ela não conseguia se lembrar de já ter estado tão fascinada com um relatório em sua carreira. Se esse era o futuro da polícia, ela queria muito fazer parte dele. Finalmente, chegou ao fim do texto principal e passou para uma folha separada.

Pontos a considerar:

1. Alguma das vítimas já tinha mencionado a um amigo/parente que tinha sido alvo de uma abordagem homossexual indesejada? Caso sim, quando, onde e por quem?

2. O assassino é um perseguidor. Seu primeiro encontro com suas vítimas provavelmente ocorre muito tempo antes de ele matar — semanas, e não dias. Onde ele os está encontrando? Pode ser algo tão banal como onde lavam roupa, onde colocam sola nos sapatos, onde compram sanduíches, onde instalam pneus ou escapamento em seus carros. Considerando que todos moravam próximos à rede de bonde, acho que devemos verificar se as vítimas usavam os bondes regularmente para ir e vir do trabalho ou para sair à noite. Sugiro que verificações completas de antecedentes sejam realizadas, abrangendo contas bancárias, extratos de cartão de crédito, e indícios casuais de colegas, namoradas e familiares. Isso pode ajudar a revelar suspeitos.

3. Há alguma indicação de que as vítimas estavam reservando a noite em questão para algum objetivo específico? Gareth Finnegan mentiu a respeito para a namorada — algum dos outros também?

4. Onde ele está executando seus assassinatos? É improvável que seja em sua casa, já que teria calculado a possibilidade de ser preso, e teria se esforçado para

evitar deixar vestígios forenses lá. Ela também precisa ser grande o suficiente para que construa e use os mecanismos de tortura que estamos presumindo nesses casos. Pode ser uma garagem trancada e isolada, ou uma unidade em uma propriedade industrial que fica deserta à noite. Não nos esqueçamos de que ele quase certamente mora em Bradfield. É possível que exista uma propriedade rural isolada à qual ele tenha acesso sem ser perturbado.

5. Ele deve ter aprendido sobre instrumentos de tortura em algum lugar de modo que pudesse construir os próprios. Pode valer a pena verificar com livrarias e bibliotecas se algum de seus clientes fez perguntas ou encomendou livros sobre o assunto.

Carol voltou algumas páginas, relendo parágrafos que tinham chamado sua atenção na primeira leitura. Ela achava difícil crer na velocidade com que Tony tinha assimilado as pilhas de arquivos que ela lhe entregara. Não apenas isso, mas ele extraiu deles os elementos centrais que criaram, pela primeira vez na mente de Carol, uma imagem, ainda que vaga, do homem que ela estava caçando.

Mas o perfil também levantava dúvidas, e uma dessas não havia ocorrido a Tony. Ela se perguntava se ele não se referira a elas por tê-las descartado de imediato. Qualquer que fosse a razão, ela precisava saber. E precisava encontrar uma maneira de perguntar que não parecesse um ataque.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 013**

Eu detestava deixar Gareth em suspenso, mas tinha que sair para realizar uma pequena tarefa. No carro dele, encontrei alguns dos cartões de Natal que sua empresa enviava para os clientes preferenciais, já assinados por todos os sócios. Dentro de um deles, como uma caneta-tinteiro, um molde de estêncil e o sangue de Gareth, escrevi em maiúsculas: UM FELIZ NATAL PARA TODOS OS SEUS LEITORES; SEU PRESENTE DE NATAL EXCLUSIVO ESTÁ ESPERANDO NOS ARBUSTOS DO CARLTON PARK ATRÁS DO CORETO. CUMPRIMENTOS DE FIM DE ANO DO PAPAÍ NOEL. Não era fácil escrever com sangue, ele ficava coagulando na ponta, e eu precisava limpar muitas vezes. Por sorte, sangue não faltava.

Enderecei um envelope com plástico bolha ao editor do Bradfield Evening Sentinel Times e pus o cartão dentro dele, junto com um vídeo que tinha feito algumas semanas antes, quando comecei a planejar o que fazer com Gareth. Já tinha decidido alterar meu modus operandi ligeiramente. Temple Fields era

certamente perigosa agora. Mesmo que as bichas estivessem muito bêbadas e drogadas para serem vigilantes, a polícia estaria atenta para algo além de banheiros públicos utilizados ocasionalmente para sexo. Mas a trilha natural nos arbustos de Carlton Park é quase tão difamada quanto uma área de encontros casuais.

Cedo em uma manhã chuvosa de domingo, quando não havia ninguém, dirigi até Carlton Park com minha filmadora. Comecei pelo coreto de ferro forjado. Andei em volta dele, filmando-o de todos os ângulos. Não demoraria muito até que alguém no escritório do BEST reconhecesse o ponto de referência. Afinal, Carlton Park é o maior parque dentro dos limites da cidade, e há um concerto de uma orquestra de instrumentos de metal lá todos os domingos, de abril a setembro. Eu mantinha deliberadamente a câmera ao nível do peito, em vez de no ombro. Lera sobre ocasiões em que estimativas de altura corretas tinham sido feitas simplesmente do ângulo que as fotografias tinham sido tiradas. Se algum cientista forense ia retirar alguma conclusão desse vídeo, queria ter certeza de que seria errada.

Deixando para trás o coreto, desci a trilha natural até os arbustos. Movi a câmera pela vizinhança onde achava que deixaria o corpo, depois parei de filmar. Não passei por ninguém no meu caminho de volta ao 4x4. Foi provavelmente por sorte, já que estava sorrindo de orelha a orelha com o pensamento do editor de notícias intrigado com minha mensagem de Natal.

O vídeo também serviria a duas outras funções. Primeiro, minimizaria o tempo de identificação do corpo de Gareth, o que significava que a mídia teria bastante para repercutir num período que sempre era estagnado em notícias. E, em segundo lugar, despistaria a polícia numa procura inútil sobre quem poderia ter tido acesso aos cartões de Natal.

Poderiam até concluir que alguém ligado ao trabalho tinha decidido silenciá-lo e fazer com que parecesse um assassinato por imitação, jogando o corpo numa área de público gay. Justamente o tipo de coisa que um cliente enlouquecido e desiludido faria. Se eu tivesse muita sorte, eles poderiam até fazer a piranha passar por algum problema também.

Dirigi até o centro da cidade para postar o pacote na agência principal dos correios. Havia bastante presenteadores em pânico para que eu parecesse incomum. Parei numa loja de bebidas no caminho de volta para comprar uma garrafa de champanhe. Normalmente não bebo quando estou trabalhando, mas essa era uma ocasião especial.

Quando voltei, Gareth estava semiconsciente, resmungando de modo incompreensível.

— Papai Noel chegou — anunciei alegremente enquanto descia as escadas.

Retirei a rolha do champanhe e servi duas taças. Peguei uma delas para Gareth e, na ponta dos pés, gentilmente ergui sua cabeça pendente. Segurei a taça em seus lábios e virei.

— Você vai gostar disso — disse eu. — É Dom Perignon de boa safra.

Seus olhos se esbugalharam. Por um momento, ele pareceu perplexo; depois, se lembrou e me fitou com um olhar de puro ódio. Mas ele estava sedento e não pôde resistir ao champanhe. E engoliu-o com avidez, sem saborear nada. Em seguida, cuspiu no meu rosto, com um olhar de estranha satisfação.

— Você usufruir disso é um desperdício — esbravejei. — Como todas as coisas boas da vida. — Recuei e lancei a taça contra seu rosto. Ela se despedaçou no nariz dele, cortando sua bochecha em tiras. Estava feliz porque tia Doris não ia voltar. Ela recebera aquele conjunto de seis taças de cristal frágeis como um presente de bodas de prata, e nunca as tinha usado, aterrorizada que alguém pudesse quebrá-las. Tinha razão em se preocupar.

Gareth sacudiu a cabeça.

— Você é o mal — balbuciou. — Puro mal.

— Não, não sou — respondi baixinho. — Sou a justiça. Lembra da justiça? É o que você devia representar.

— Isso é doentio, sua aberração — respondeu ele.

Não conseguia acreditar que ele ainda tinha energia para bravatas. Era hora de mostrar a ele quem é que mandava. Eu já tinha fixado suas mãos na cruz com alguns ponteiros. O sangue tinha coagulado em volta deles, preto e duro. Agora era a vez dos pés.

Quando me viu pegar as ferramentas na bancada, ele finalmente se rendeu.

— Não há necessidade disso — disse ele desesperadamente. — Por favor. Você ainda pode me deixar ir. Eles nunca encontrariam você. Não faço ideia de onde estamos. Não sei quem você é, onde mora, no que trabalha. Você podia se mudar de Bradfield, e eles nunca lhe encontrariam.

Aproximei-me. As lágrimas se empoçavam em seus olhos e transbordavam, correndo pelo sangue em sua bochecha. Elas deviam ter doído, mas ele não se encolheu.

— Por favor — suspirou ele. — Não é tarde demais. Mesmo que você tenha matado aqueles outros homens. Foi você quem os matou?

Ele era esperto, eu tinha de admitir. Tão esperto que se prejudicava. Ele acabara de conseguir um pouco mais de sofrimento. Virei-me e deixei a marreta e o ponteiro na bancada. Deixe que pense que estou em dúvida. Deixe que passe a noite convencido de que eu teria misericórdia. Isso tornaria o dia de Natal ainda mais prazeroso.

Fechei a porta do porão atrás de mim e subi até a cama, junto com meus vídeos e uma boa garrafa de champanhe ainda cheia. Estava tendo o melhor Natal que já tivera. Lembrei-me de todos aqueles anos de esperança angustiada, rezando que aquele fosse o ano em que minha mãe compraria presentes como os que as outras crianças ganhavam. Mas tudo que ela fez foi me decepcionar. Agora eu tinha entendido que só eu poderia me dar aquilo

que ansiava; sabia que, pela primeira vez na vida, eu poderia esperar pelo tipo de Natal que as outras pessoas tinham, cheio de surpresas, satisfação e sexo.



Interpretando seus atos à luz desses vestígios silenciosos que deixou para trás, a polícia percebeu que ultimamente ele devia ter ficado ocioso. E o motivo que o guiava é notável; porque registra imediatamente — que sua busca pelo assassinato não ocorria simplesmente como um meio de atingir um fim, mas como um fim para si mesmo.

O Wunch of Bankers era um dos poucos estabelecimentos do centro da cidade onde Kevin Matthews se sentia seguro de encontrar Penny Burgess. Um pub divertido com um rap alto e estridente e uma decoração modelada de acordo com novelas de TV — como o Rover's Return Snug, a Woolpack Eaterie, o Queen Vic Lounge e o Cheers Beer Bar — era o último lugar em que ele provavelmente encontraria outro policial, ou Penny, outro jornalista.

Kevin fez uma careta quando suas papilas gustativas se contraíram com o café forte e amargo que se escondia sob uma espiral de espuma e que mais parecia resíduo industrial do que um cappuccino. Onde diabos estava ela? Ele olhou seu relógio pela vigésima vez. Penny havia prometido que estaria lá o

mais tardar às quatro horas, e agora já tinham se passado dez minutos. Empurrou a xícara pela metade para longe e pegou, na banquetta ao seu lado, a capa impermeável da última moda. Ele estava prestes a se levantar quando a porta giratória do pub emitiu um silvo e Penny apareceu. Ela acenou e se encaminhou direto para a mesa dele.

— Você disse quatro horas — saudou-a Kevin.

— Meu Deus, Kevin, você está ficando mesmo turrão com a velhice — reclamou Penny, dando-lhe um beijinho na bochecha enquanto sentava no assento ao lado dele. — Faça um favor, me dê uma daquelas águas minerais com um toque de frutas silvestres — disse ela, com a voz zombando das pretensões de seu drinque escolhido.

Quando Kevin retornou com um copo já suado por fora, Penny imediatamente pôs uma das mãos de um modo possessivo na parte interna da coxa dele.

— Hum, obrigado — agradeceu, bebericando seu drinque. — Então o que há de novo? Por que o encontro urgente?

— O jornal de hoje — explicou ele, com a voz inexpressiva. — Jogou mesmo merda no ventilador.

— Ah, bom. Talvez assim a gente consiga alguma providência concreta. Como encontrar um suspeito contra o qual tenham algum indício.

— Você não está entendendo. Eles estão procurando o informante. O chefe de polícia chamou Brandon para ser repreendido esta manhã, e a conclusão foi que o Ministério do Interior abriu um inquérito para investigar o vazamento. Penny, você precisa tirar o meu da reta — disse Kevin desesperadamente.

Penny acendeu um cigarro sem pressa.

— Você está me ouvindo?

— É claro que estou, querido — disse Penny, automaticamente com voz suave, sua mente já planejando o artigo do dia seguinte. — Só não entendo por que você está ficando tão agitado. Você sabe que um bom jornalista nunca revela suas fontes. Qual é o problema? Você acha que não sou boa o bastante como jornalista?

Penny se esforçava para ouvir a resposta de Kevin em vez da voz em sua cabeça que recitava manchetes.

— Não é que não confie em você — falou impacientemente. — Estou preocupado com o pessoal do trabalho. Todo mundo vai estar desesperado para que as suspeitas não recaiam sobre si, então qualquer um que saiba sobre nós vai ficar bem ansioso para contar para o Ministério do Interior. E, quando souberem que nós, bem, você sabe. Vai ser o fim. Vou estar acabado.

— Mas ninguém sabe sobre nós. Garanto que, por mim, ninguém sabe — respondeu Penny calmamente.

— Achei que ninguém soubesse também, mas Carol Jordan disse uma coisa que me fez achar que ela sabe.

— E você acha que Carol vai dedurar você para o Ministério do Interior? — interrogou Penny, não conseguindo esconder a incredulidade que sentia. Ela não tivera muitas interações com a policial mais glamorosa do Departamento de Investigações Criminais, mas o que sabia da inspetora não a inclinava a imaginá-la no papel de alcaguete.

— Você não a conhece. Ela é absolutamente implacável. Ela quer ir até o fim, essa moça, e ela me entregaria assim que pensasse que isso a faria subir mais um degrau na carreira.

Penny balançou a cabeça, exasperada.

— Você está exagerando. Mesmo que Carol Jordan tenha misteriosamente descoberto que estamos saindo, tenho certeza de que está ocupada demais se cobrindo de glória por sua ligação com o dr. Hill para se preocupar em

entregar você. Além disso, se a gente pensar racionalmente, ela não tem nada a ganhar ficando com a reputação de dedo-duro entre os colegas.

Kevin meneou a cabeça, em dúvida.

— Eu não sei, Penny, você não faz ideia de como é neste trabalho. Estamos todos trabalhando dezoito horas por dia, e não estamos chegando a lugar algum.

Penny alisou a parte interna da coxa dele.

— Querido, você está sob muita pressão. Veja bem, vou lhe propor uma coisa. Se tudo isso vier à tona e alguém dedurar você, o Ministério do Interior certamente vai vir até nós cobrando explicações. Eles vão procurar que corroborem. Se isso acontecer, vou fazer parecer que Carol Jordan é minha fonte, tudo bem? Isso deve embaralhar as coisas.

O sorriso de Kevin valia a conversa fiada, concluiu ela. Isso e uma ou duas outras coisas nele. Tranquilizado, ele se levantou de um salto.

— Obrigado, Pen. Ouça, preciso ir a um lugar. Ligo para você em breve para que a gente possa se encontrar, tudo bem?

Ele se inclinou e lhe presenteou com um beijo intenso.

— Mantenha-me informado, gostosão — falou Penny baixinho a Kevin, que já se retirava de costas para ela. Antes mesmo que ele chegasse à porta, o artigo dela já começava a se formar. Ah, sim, ela conseguia vê-lo agora.

A polícia de Bradfield está dedicando novos contingentes à caçada do serial killer que fez quatro vítimas e pôs os homens em risco como nunca antes.

No entanto, os policiais extras não irão integrar a busca pelo monstruoso Assassino de Bonecas. Seu trabalho será policiar a própria polícia.

O comando da força está tão alarmado pela precisão das matérias do *Sentinel Times* sobre os assassinatos que montou uma caçada em grande escala ao informante para descobrir a fonte de nossas matérias. Em vez de pegar o assassino, o objetivo é rastrear os colegas policiais que concordam com a visão de que o público aterrorizado tem direito de saber o que está acontecendo.

Carol abriu a porta que dava para a antessala e disse:

— Terminei. Podemos conversar?

Tony ergueu os olhos de sua posição na tela do computador de modo distraído, levantou um dedo e disse:

— Sim, claro, um minuto apenas. — E terminou o que estava fazendo.

Carol se retirou e respirou fundo. Por mais profissional que tentasse ser, ela não conseguia evitar a onda de atração que sentia por aquele homem. Ignorá-la era uma tarefa mais na teoria do que na prática. Momentos depois, Tony se juntou a ela. Ele se sentou na borda da mesa, com os cabelos em pé como o Pestinha do desenho *Pestinha & Feroz*, porque ficava passando os dedos por eles enquanto se concentrava.

— Então, qual é o veredicto?

— Estou impressionada — disse ela. — Realmente reúne todos os dados. Há uma ou duas questões, no entanto.

— Só uma ou duas? — perguntou Tony, com a voz próxima a uma risada.

— Você fala muito sobre como ele deve ser forte para superar suas vítimas e movê-las por aí. Além disso, especula sobre como chega até elas numa posição vulnerável a princípio. Estava me perguntando se talvez pudessem ser dois.

— Continue — incentivou Tony, nenhum sinal de frieza em sua voz.

— Não quis dizer dois homens. Digo um homem e outra pessoa que pareça vulnerável. Talvez um adolescente ou, mais provavelmente, uma mulher. Não sei, talvez mesmo uma pessoa numa cadeira de rodas. Enfim, um parceiro no crime.

Carol mexia nos papéis, pondo-os de volta em ordem. Tony não disse nada. Depois de alguns momentos observando seu rosto sem expressão, ela acrescentou:

— Sei que você provavelmente já pensou nisso, só estava imaginando se era uma possibilidade que deveríamos ainda ter em mente.

— Desculpe, não quis parecer que estava ignorando você — respondeu Tony, às pressas. — Estava analisando a ideia, pesando-a com o que sabemos e o perfil. Uma das primeiras coisas que considerei foi se era ou não alguém sozinho. Tendo em conta as vastas probabilidades, concluí que era. Casos como o dos Assassinos da Charneca, onde há duas pessoas agindo em conjunto para realizar atrocidades são incrivelmente raros, para início de conversa. Além disso, eu esperaria encontrar mais variações na metodologia e na patologia se houvesse duas pessoas envolvidas; é difícil acreditar que suas fantasias coincidiriam tão exatamente. Mas é interessante que você tenha levantado isso. Está certa quanto a um aspecto. Se ele estiver trabalhando com uma mulher, isso explica como se aproxima de suas vítimas sem que elas ofereçam resistência.

Tony se sentou olhando fixamente para a frente, as sobrancelhas abaixadas enquanto pensava.

Carol ficou imóvel em seu assento. Por fim, Tony se virou para olhá-la e disse:

— Vou continuar com a teoria do criminoso que trabalha sozinho. Sua ideia é interessante, mas não consigo ver indícios que me convençam de que eu deva alterar a situação mais provável.

— Certo, entendido — disse Carol calmamente. — Prosseguindo desse ponto, você já considerou a possibilidade de um travesti? Como você disse, uma mulher podia chegar perto sem que eles oferecessem resistência. E se a mulher fosse um homem travestido? Isso não teria o mesmo efeito?

Tony pareceu assustado por um momento.

— Talvez você devesse pensar em se candidatar à força-tarefa quando ela estiver montada — tergiversou ele.

Carol sorriu.

— Me bajular não vai levar você a lugar algum.

— Falo sério. Acho que você tem o que é preciso para esse tipo de trabalho. Viu, não sou infalível. Eu não tinha considerado realmente um travesti. Pois bem, por que ignorei essa possibilidade? — refletiu ele, pensando em voz alta. — Deve haver alguma razão inconsciente para eu rejeitar a ideia antes mesmo que ela chegue à parte consciente da mente... — Carol abriu a boca para falar, mas ele disse: — Não, espere, por favor, deixe-me descobrir isso.

As mãos dele correram por seus cabelos de novo, ajeitando os fios escuros espetados.

Ela se rendeu, dizendo a si mesma que ele era tão arrogante quanto o resto, incapaz de aceitar que podia ter apenas deixado escapar algo. Pare de se enganar que ele é diferente, disse enfática para si mesma.

— Certo — disse Tony, sua voz cheia de satisfação. — Estamos lidando com um sadista sexual, concorda?

— Sim.

— Sadomasoquismo é a ilusão de poder dos fetiches sexuais. Mas travestismo é o completo oposto disso. Travestis querem assumir o papel supostamente mais fraco que as mulheres têm na sociedade. A base do travestismo é a crença de que as mulheres têm um poder sutil, o poder de seu gênero. Ele não poderia ser mais distante da transação bruta de dor e poder que os sadomasoquistas almejam. Isso não faz parte de modo algum das fantasias dos travestis. Para convencer as vítimas de que elas estavam lidando com uma mulher e não com um homem vestido de mulher, o assassino teria que ser um transformista talentoso. No entanto, ele também teria de ser um sádico sexual, o que seria algo único na minha experiência de psicologia clínica. Os dois simplesmente não ocorrem juntos — explicou Tony com um

ar definitivo. — O mesmo se aplica a um transexual. Provavelmente ainda mais, na verdade, por causa da orientação psicológica pela qual eles têm de passar antes de serem aceitos para tratamento.

— Então, você está desconsiderando — concluiu Carol, sentindo-se arrasada de um modo irracional.

— Nunca desconsidero nada. Isso é pedir para fazer papel de bobo neste jogo. O que acho é que é tão improvável que não estaria disposto a incluir num perfil, porque a mera inclusão poderia levar as pessoas a seguirem a direção errada. Mas, com certeza, mantenha isso em mente. Você está pensando do modo certo. — Ele sorriu inesperadamente, eliminando a pontada de condescendência de suas palavras. — Como eu disse no início, Carol, juntos podemos decifrar isso.

— E você está absolutamente convencido de que não é uma mulher? — perguntou ela.

— O lado psicológico está todo errado. Levando em conta o ponto mais óbvio, o assassino é um obsessivo, e isso tende a ser um traço masculino. Quantas mulheres você conhece que andam em plataformas de estações na chuva em anoraques escrevendo números de trem?

— Mas e quanto àquela síndrome, como se chama, em que as pessoas ficam obcecadas por outras a ponto de transformar suas vidas numa agonia? Achava que eram principalmente mulheres que sofriam disso.

— Síndrome de Clérambault — disse Tony. — E, sim, são principalmente as mulheres que sofrem dela. Mas elas apenas se concentram numa pessoa, e a única pessoa que é capaz de morrer como resultado é o doente, que às vezes comete suicídio. A questão é que as obsessões e compulsões das mulheres são diferentes das dos homens. As obsessões dos homens dizem respeito ao controle; eles colecionam selos e os catalogam, eles colecionam calcinhas de todas as mulheres com quem dormiram. Eles precisam de

troféus. As obsessões das mulheres dizem respeito à submissão; nos transtornos alimentares, é a obsessão que as domina e controla, e não o contrário. Uma mulher que sofra da Síndrome de Clérambault e tenha se casado com o objeto de seu desejo seria provavelmente o ideal machista da esposa perfeita. Esse padrão não se encaixa no nosso assassino.

— Entendo o que quer dizer. — Carol estava relutante em desistir da única ideia nova com que tinha contribuído para o processo de criação de perfil.

— Acrescente a isso a pura força física envolvida aqui — continuou Tony, notando sua relutância. — Você está em forma. É provavelmente bem forte para sua altura. Sou só alguns centímetros mais alto. Mas por qual distância acha que conseguiria me carregar? Quanto tempo você levaria para pegar meu corpo do porta-malas do carro e jogá-lo por sobre um muro? Você conseguiria me colocar sobre seu ombro e me carregar pela Carlton Park até a moita? Agora se lembre que todas as vítimas eram mais altas e mais pesadas que eu.

Carol deu um sorriso triste.

— Tudo bem, você venceu. Estou convencida. Houve outra coisa que me ocorreu.

— Diga.

— Lendo o seu perfil, minha impressão é de que a razão que você propõe para a manutenção dos intervalos entre os homicídios simplesmente não é forte o bastante — começou ela, hesitante.

— Você notou isso também — disse ele ironicamente. — Também não me convenceu. Mas não consegui pensar em nenhuma outra coisa que explicasse. Nunca encontrei nada parecido, nem na literatura. Todos os criminosos em série que conheço passam por um aumento progressivo.

— Tenho uma teoria que pode dar conta do problema — disse Carol.

Tony se inclinou para a frente, com uma expressão de profundo interesse.

— Diga, Carol — disse ele.

Sentindo-se como um dourado num aquário, Carol respirou fundo. Ela queria a atenção dele, mas não estava bem certa de que gostava agora que a tinha.

— Lembro do que você me disse há alguns dias sobre os intervalos. — Ela fechou os olhos e recitou: — “Com a maioria dos serial killers, o intervalo entre os assassinatos tende a diminuir bem drasticamente. É a fantasia deles que dispara os assassinatos para começar, e a realidade nunca se compara exatamente com a fantasia, não importa o quanto eles refinem seus procedimentos de assassinato. Mas quanto mais ao extremo eles chegam, mais embotadas ficam suas sensibilidades e mais estímulos eles precisam para conseguir a exaltação sexual que o assassinato fornece. Por isso, os assassinatos precisam se tornar mais frequentes. Shakespeare já dizia: ‘Como se o aumento do apetite tivesse sido causado por aquilo que o alimentara.’” Estou certa?

— Impressionante — suspirou Tony. — Você consegue fazer isso com itens visuais também ou só os auditivos?

Exasperada, Carol ergueu os olhos.

— Auditivos apenas, lamento. De qualquer forma, quando li a parte no perfil onde você sugere que ele pode trabalhar com computadores, tive um estalo. A pergunta que você não colocou, mas que está obviamente perturbando você, é: por que ele não está ficando dessensibilizado para os vídeos mais rapidamente à medida que o tempo passa?

Tony fez que sim. O ponto que ela levantava era poderoso e precisamente o que o perturbava. Ele pesquisou para encontrar uma resposta que satisfizesse a ambos. Buscando a solução enquanto prosseguia, ele disse:

— Suponha, para considerar todas as hipóteses, que o primeiro vídeo tenha o potencial para mantê-lo estável por doze semanas. Mas ele já tem organizado o processo de capturar sua segunda vítima, e o momento oportuno surge antes que ele esteja realmente compelido a matar de novo. Ele simplesmente não resiste à oportunidade quando ela se apresenta de modo tão perfeito. Depois disso, ele percebe que deixou oito semanas entre os assassinatos e decide que oito semanas será o seu padrão. Até o momento, os vídeos o permitiram manter isso. Talvez isso vá mudar agora.

Carol balançou a cabeça.

— É plausível, mas não estou convencida.

Tony sorriu.

— Graças a Deus. Também não estou. Tem de haver uma explicação melhor, mas não sei qual é.

— O quanto sabe sobre computadores? — perguntou ela.

— Sei onde fica o botão de ligar e desligar e como usar o software que preciso para trabalhar. Fora isso, sou um idiota.

— Bem, então somos dois. Meu irmão, porém, é um jovem gênio dos computadores. Ele é sócio numa empresa de software de jogos. A coisa com que ele trabalha é de última geração. Agora mesmo, ele e o sócio estão desenvolvendo um sistema de baixo custo que permitirá que os usuários ponham imagens de si mesmos nos jogos que estão usando. Em outras palavras, em vez de ser um Arnold Schwarzenegger metendo porrada nos vilões na tela em *O exterminador do futuro 2*, poderia ser Tony Hill. Ou Carol Jordan. A questão é: já existem hardwares e softwares que permitem a digitalização de fitas de vídeo e a importação de imagens para o computador. Acho que chamam isso de imagens digitalizadas. De qualquer forma, depois que tiver isso no computador, você poderá manipulá-lo exatamente como deseja. Pode incorporar instantâneos ou trechos de outros vídeos. Pode

sobrepôr as coisas. Quando eles compraram o hardware original há seis meses, Michael me mostrou uma sequência que tinha feito de si mesmo. Ele gravou em fita parte da conferência do Partido Conservador e também importou um guia de sexo em vídeo. Depois, selecionou todos esses rostos de ministros do governo enquanto faziam seus discursos e os sobrepôs no vídeo de sexo. — Com a lembrança, Carol bufou numa risada. — Era um pouco tremido, mas, acredite em mim, você nunca deve ter visto John Major e Margaret Thatcher se dando tão bem! Redefiniu todo o sentido da palavra “burocratês”!

Tony fitou Carol num silêncio aturdido.

— Você está de brincadeira comigo — disse ele.

— É a explicação perfeita de por que os vídeos conseguem mantê-lo sob controle.

— Isso não significaria que ele teria de ser um verdadeiro nerd, como o seu irmão?

— Acho que não — respondeu Carol. — Pelo que entendi, as técnicas reais envolvidas são muito simples. Mas o software e os periféricos necessários para fazer isso são incrivelmente caros. Podíamos estar falando em duas ou três mil libras só por um dos produtos. Então, ou ele trabalha para uma empresa onde tem esse tipo de equipamento disponível para uso e possui privacidade para realizar esses trabalhos, ou então ele é um viciado em computadores com muito dinheiro disponível.

— Ou um ladrão — acrescentou Tony, meio de brincadeira.

— Ou um ladrão — concordou Carol.

— Não sei — disse Tony em dúvida. — Responde ao problema, mas é totalmente bizarro.

— E o Faz-tudo não é? — contestou Carol de modo agressivo.

— Ah, ele é bizarro, é verdade, mas não tenho certeza de que é tão equilibrado assim.

— Ele constrói máquinas de tortura. Isso seria muito mais fácil com um programa de computador de design, Tony. Algo o está mantendo estável em seu ciclo de oito semanas. Por que não isso?

— É uma *possibilidade*, Carol, não mais que isso nesse estágio. Olhe, por que você não faz algumas investigações preliminares para ver o quanto isso seria plausível na prática?

— Você não quer incluir isso no perfil? — perguntou Carol, amargamente decepcionada.

— Não quero prejudicar as coisas que sinto que são muito prováveis incluindo algo que é realmente apenas uma proposta experimental por enquanto. Você mesma admitiu que essa ideia foi fruto de uma das poucas partes do perfil que não passam de especulação. Não me entenda mal, não estou querendo arranjar defeitos. Acho que sua teoria é brilhante. Mas teremos de trabalhar muito duro para que ela supere a resistência de certos grupos ao perfil como um todo. Mesmo pessoas que estão apoiando abertamente o desenvolvimento desse perfil não concordarão necessariamente com partes dele. Então não vamos lhes dar nenhum alvo fácil. Vamos fundamentar o perfil, apresentá-lo embalado para presente, de modo que os críticos não possam arruinar tudo de cara. Certo?

— Certo — concordou ela, sabendo em seu coração que ele tinha razão. Carol pegou uma folha de papel e uma caneta. — Verificar fabricantes de software e consultorias na área de Bradfield — murmurou para si mesma enquanto escrevia. — Checar com Michael os fabricantes do hardware/software necessário, depois apurar os registros de venda. Verificar roubos recentes.

— Grupos de usuários — acrescentou Tony.

— Sim, obrigada — disse Carol, adicionando o item à sua lista. — E fóruns de discussão. Ah, eu vou ser muito popular com a equipe do HOLMES.

Ela se levantou.

— Vai ser um longo trabalho. É melhor eu pôr a mão na massa. Vou levar isso para Scargill Street agora e entregá-lo ao sr. Brandon. Vamos precisar que você venha e explique tudo.

— Sem problema — disse Tony.

— Estou feliz que algo não seja.

Tony olhou para fora da janela do bonde, observando as luzes da cidade passarem numa névoa chuvosa. Havia certa aparência de casulo no interior branco brilhante do bonde. Sem pichação, aquecido, limpo; parecia um lugar seguro para estar. Quando o condutor se aproximou do semáforo, ele emitiu o toque soprado. Soava como um ruído da infância, o tipo de apito que um trem de desenho animado produziria, concluiu.

Ele se virou da janela e estudou secretamente a meia dúzia de outros passageiros no bonde. Qualquer coisa que tirasse sua mente do estranho vazio que sentia agora que tinha entregado seu perfil. Não significava que esse era o fim do envolvimento com o caso. Brandon contara a Carol que ele teria uma reunião diária com ela.

Tony se arrependia de não ter sido mais encorajador quanto à teoria sobre os computadores, mas anos de treinamento e prática haviam deixado arraigado o hábito da cautela. A ideia em si era brilhante. Depois que ela tivesse feito alguma pesquisa sobre o lado prático do que estava sugerindo, ele ficaria muito satisfeito em endossá-la com seus colegas. Mas, para garantir a credibilidade do perfil, ele precisava manter à distância ideias que um policial mediano descartaria como ficção científica.

Ele se perguntava como a polícia estava se saindo naquela noite. Carol tinha ligado para ele para dizer que as equipes estavam nas ruas em Temple Fields, procurando entre os frequentadores habituais da área, tentando ver se as sugestões de perfil geravam alguma identificação de suspeito. Com sorte, talvez obtivessem alguns nomes com os quais fariam referência cruzada nos dados disponíveis no HOLMES, seja por antecedentes criminais ou placas de automóveis cujos proprietários registrados foram inseridos no sistema.

— Próxima parada estação Bank Vale, estação Bank Vale próxima parada — anunciava a voz eletrônica nos alto-falantes. Com um sobressalto, Tony percebeu que tinha deixado o centro da cidade muito para trás e estava chegando ao outro lado do Carlton Park, menos de um quilômetro e meio de sua casa. A estação Bank Vale chegou e foi embora, e Tony se virou em seu banco, pronto para se dirigir à saída quando a próxima parada fosse anunciada.

Ele caminhou rapidamente pelas ruas organizadas do subúrbio, passou pelos campos esportivos da escola, circundando o pequeno bosque denso que era tudo que restava da fazenda que tinha dado nome à região de Woodside. Tony olhou para as árvores enquanto passava apressadamente por elas, pensando ironicamente que o caminho que cortava em diagonal pelo bosque quase com certeza estaria completamente deserto. Primeiro foram as mulheres que voltavam para casa sozinhas que o abandonaram. Depois, foram as crianças, que os pais preocupados mantinham distantes do lugar. Agora, em Bradfield, eram os homens que estavam aprendendo as lições amargas da vida em risco.

Tony entrou em sua rua, desfrutando a quietude do beco sem-saída. Ele atravessaria aquela noite de alguma forma. Talvez fosse ao supermercado comprar os ingredientes para um biryani de frango. Talvez alugasse um filme ou atualizasse sua leitura.

Enquanto virava a chave na fechadura, o telefone começou a tocar. Deixando cair sua pasta, Tony correu para o telefone, chutando a porta atrás de si. Ele pegou o aparelho, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a voz dela pingou em seu ouvido como azeite de oliva quente que alivia uma dor de ouvido.

— Anthony, querido, você parece ofegante por mim.

Ele conseguiu evitar pensar nisso por todo o caminho para casa, mas sabia que vinha esperando por aquilo.

Brandon tinha desligado a luminária ao lado da cama a menos de um minuto quando o telefone tocou.

— Você bem devia saber — murmurou Maggie, enquanto ele se arrastava do calor solícito dela e se esticava para pegar o aparelho.

— Brandon — rosnou ele, identificando-se.

— Senhor, aqui é o inspetor Matthews — disse a voz cansada. — Acabamos de pegar Stevie McConnell. Os rapazes o prenderam no porto de balsas em Seaford. Ele estava prestes a embarcar para Roterdã.

Brandon levantou o corpo e se sentou sobre o edredom embaralhado, ignorando os protestos de Maggie.

— O que eles fizeram?

— Bem, senhor, eles não acharam que havia muito que pudessem fazer, uma vez que ele está solto sob fiança e não há condições que possa violar.

— Ele está detido? — Brandon estava fora da cama e abria a gaveta de roupa íntima.

— Sim, senhor. Eles estão com ele na sala da alfândega.

— Sob que alegação?

— Agredir um policial.

A voz de Kevin de alguma forma convocava a imagem de um sorriso tão incorpóreo quanto o do gato de *Alice no país das maravilhas*.

— Eles me ligaram para perguntar o que deviam fazer em seguida, e, uma vez que o senhor tomou um grande interesse pessoal no caso, achei que devia perguntar ao senhor primeiro.

Não force a barra, pensou Brandon furioso. Tudo que disse, porém, foi:

— Eu teria achado que era bem óbvio. Prenda-o por atrapalhar uma investigação criminal e traga-o de volta para Bradfield.

Ele lutou para entrar numa cueca samba-canção e se inclinou para pegar as calças nas costas de uma cadeira.

— Pedimos então aos juízes leigos para recusarem a liberdade em fiança dessa vez? — A voz de Kevin era tão doce que estava prestes a lhe custar os dentes, e não por nenhuma cárie.

— Isso é o que normalmente faríamos se tivéssemos fundamentos para isso, inspetor. Obrigado por me manter informado.

— Mais uma coisa, senhor — disse Kevin, de modo servil.

— O quê? — rosnou Brandon.

— Os oficiais também precisaram fazer outra prisão.

— Outra prisão? Quem diabos mais eles tiveram de prender?

— O superintendente Cross, senhor. Ao que parece, ele estava tentando impedir à força que McConnell embarcasse.

Brandon fechou os olhos e contou até dez.

— McConnell foi ferido?

— Aparentemente não, senhor. Ele só ficou um pouco agitado. O superintendente ficou com um olho roxo, no entanto.

— Ótimo. Diga para deixarem Cross ir para casa. E peça a ele que me ligue amanhã, tudo bem, inspetor?

Brandon recolocou o telefone no gancho e se inclinou para beijar a esposa, que recuperara o edredom e estava bem enrolada como um arganaz hibernando.

— Hum — murmurou Maggie. — Tem certeza de que precisa ir?

— Não é minha definição de diversão, acredite em mim, mas quero estar presente quando eles trouxerem esse preso. Ele é o tipo de cara que pode cair da escada.

— Um problema com o equilíbrio dele?

Brandon sacudiu a cabeça com gravidade.

— Não o *dele*. Outras pessoas às vezes ficam um pouco desequilibradas, amor. Já tivemos um rebelde à espreita esta noite. Não vou arriscar mais. Vejo você quando puder.

Quinze minutos mais tarde, Brandon entrava na sala da delegacia de homicídios. Kevin Matthews estava debruçado sobre uma escrivaninha do outro lado da sala, segurando a cabeça nas mãos. Ao se aproximar, Brandon ouviu o ronco baixo da respiração de Kevin. Ele se perguntou quando alguém da delegacia teria tido sua última noite inteira de sono. Os erros graves eram resultado do cansaço e da tensão dos policiais. Brandon queria evitar desesperadamente que seu nome ficasse na berlinda dali a dez anos como o daquele homem que arquitetou um formidável erro judicial, e ele faria qualquer coisa para evitar isso. Havia apenas um problema nisso, reconheceu ironicamente para si mesmo enquanto se sentava de frente para Kevin. A fim de ter as rédeas da investigação, ele precisava trabalhar pelo mesmo número ridículo de horas que levava aos próprios erros de julgamento que queria evitar. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Ele havia lido um livro com um dilema assim, fazia alguns anos, quando Maggie decidiu fazer aulas noturnas e fazer os exames de nível médio que não tinha concluído. Ela dissera que *Ardil 22* era um livro maravilhoso, engraçado, brutal, de

profunda sátira. Ele o achara quase excessivamente penoso. O livro lhe lembrava demais o trabalho. Especialmente em noites como a de hoje em que homens antes equilibrados se tornavam bandoleiros.

O telefone tocou. Kevin se mexeu, mas não acordou. Com uma expressão compreensiva, Brandon se esticou e apanhou o aparelho.

— Departamento de Investigações Criminais. Brandon falando.

Houve um confuso silêncio momentâneo. Em seguida, uma voz tensa disse:

— Senhor? Sargento Merrick na linha. Senhor, encontramos mais um corpo.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 014**

Levar Gareth para o Carlton Park foi mais difícil do que eu previra. Eu havia feito o reconhecimento do lugar com cuidado e pensara que poderia dirigir até a estrada de acesso usada pelos jardineiros. O que eu não tinha levado em conta era a longa folga do Natal. A estrada estava bloqueada por duas colunas de metal encaixadas no asfalto e presas no lugar com cadeados pesados. Provavelmente eu conseguiria passar pela beirada da pista já que o 4x4 não teria problema em aplinar os pequenos arbustos que ladeavam a estrada. Mas eu deixaria inevitavelmente rastros de pneu e provavelmente minúsculos vestígios de tinta. Não tinha intenção de permitir que Gareth me privasse de minha liberdade, então essa não era uma opção para mim.

Estacionei o 4x4 atrás do galpão de depósito onde os funcionários do parque deixavam seus equipamentos. Pelo menos lá eu estava fora da vista tanto da estrada quanto do parque. Não haveria muitas pessoas por ali às

duas horas na madrugada do dia seguinte ao Natal, mas o sucesso depende de esforço.

Saí do 4x4 e sondei em volta. O galpão estava fora de questão; ele tinha um alarme contra invasores. Mas os deuses estavam sorrindo para mim. Em volta da lateral do galpão, havia um pequeno carrinho de madeira do tipo que os carregadores de bagagem costumavam usar para percorrer as plataformas das estações na época em que os ferroviários não pensavam que mover bagagem fosse algo abaixo deles. Os jardineiros provavelmente o usavam para transportar plantas pelo parque. Empurrei-o de volta até o 4x4 e joguei o corpo nu de Gareth nele. Enfiei alguns sacos plásticos pretos de lixo em volta do cadáver, aplicando nos eixos um rápido borrifo de óleo lubrificante para consertar um rangido desagradável, e depois me encaminhei furtivamente para a moita.

Novamente, tive sorte. Não vi ninguém. Guiava o carrinho em volta até os fundos do coreto, próximo aos arbustos que encobriam a inclinação acentuada que havia atrás. No fim do caminho, empurrei-o na borda da grama e para dentro dos arbustos. Depois, com a preocupação de não deixar pegadas no chão mole, trepei no carrinho e rolei o corpo de Gareth para fora, entrando nos arbustos. Recuei e puxei o carrinho atrás de mim. Os arbustos pareciam um pouco maltratados, mas não havia sinal de Gareth. Com sorte, ele permaneceria sem ser descoberto até que o carteiro entregasse minha mensagem de Natal para o jornal.

Dez minutos mais tarde, o carrinho estava de volta no lugar e eu estava investigando furtivamente a saída do parque em uma alameda tranquila em frente ao adro. Muito embora as chances de que me identificassem fossem pequenas, aguardei até que a estrada principal estivesse visível antes de acender meus faróis. Ao contrário de Temple Fields, essa era exatamente o tipo de área onde algum insone intrometido notaria um veículo estranho na madrugada.

Dirigi para casa e dormi durante doze horas, acordando em tempo para algumas horinhas interessantes no meu computador antes de sair para trabalhar. Por sorte, foi uma noite agitada, por isso tive muitos problemas para tirar minha mente da ansiedade com o Sentinel Times do dia seguinte.

Eles me fizeram sentir orgulho, apesar do curto tempo que tiveram para lidar com minha mensagem. Obviamente, entraram em contato com a polícia de imediato e conseguiram convencê-la a levá-los a sério. Deram-me a primeira página completa com uma fotografia da minha mensagem, embora sem nada que identificasse a origem do cartão.

ASSASSINO ALERTA BEST!

A vítima nua e mutilada de um assassino doentio foi encontrada num parque da cidade após uma mensagem bizarra enviada ao Sentinel Times.

O assassino, que assina como “Papai Noel”, revela num terrível cartão de Natal que havia descartado o cadáver no Carlton Park.

O comunicado mórbido parecia ter sido escrito com sangue e estava rabiscado no cartão de Natal empresarial de uma das principais firmas de advocacia da cidade.

Veio acompanhado por um vídeo caseiro do local do corpo, que a equipe do BEST imediatamente reconheceu pelo característico coreto em Park Hill.

Alertado pelos nossos repórteres, um policial enviou um pelotão de policiais uniformizados e à paisana para a área mencionada do parque.

Depois de uma rápida busca entre os arbustos nas proximidades da trilha e do coreto, conforme indicado no vídeo, um policial uniformizado encontrou o cadáver de um homem.

De acordo com as fontes da polícia, o corpo estava nu. A garganta do homem tinha sido cortada e seu corpo estava mutilado.

Acredita-se que ele pode ter sido torturado antes de morrer.

Embora essa área de Carlton Park seja conhecida como um local de encontros casuais de homossexuais ávidos por sexo, a polícia não está no momento conectando esse crime ao assassinato de dois jovens, ocorrido anteriormente neste ano, cujos corpos foram descartados no “bairro gay” de Temple Fields.

O corpo ainda não foi identificado, e a polícia não divulgou uma descrição da vítima, que se acredita estava no final de seus vinte anos ou no início dos trinta.

O pacote, que foi postado na véspera do Natal em Bradfield, chegou aos escritórios do Sentinel Times no correio desta manhã, endereçado ao editor de notícias, Matt Smethwick.

O sr. Smethwick disse: “Meu primeiro pensamento foi que alguém estava fazendo uma brincadeira de mau gosto, principalmente porque conheço um dos advogados na referida firma.

“Depois percebi que meu amigo estava fora do país, de férias, esquiando, então não poderia ter sido ele quem postou o pacote.

“Telefonei para a polícia imediatamente e, por sorte, eles levaram a sério.”

Era de se supor. Nunca na vida falei tão sério. Apesar do que a polícia estava dizendo, o pensamento de que Gareth era o terceiro de uma série devia

passar por suas mentes numa curta viagem. Certamente isso não escapou à atenção dos jornalistas, que usaram a mais recente descoberta como uma desculpa para repetir as matérias sobre os assassinatos de Adam e Paul. Quando a edição final da cidade chegou às ruas, eles tinham até encontrado um acadêmico de aluguel para tagarelar.

DENTRO DA MENTE DE UM ASSASSINO

O homem que o Ministério do Interior escolheu para liderar a caçada a serial killers falou hoje sobre o último assassinato que aterrorizou a comunidade gay da cidade.

Há um ano, o psicólogo forense Tony Hill realiza um amplo estudo, com financiamento do governo, que levará à criação de uma Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais similar à unidade do FBI que figurou no filme

O silêncio dos inocentes.

Dr. Hill, de trinta e quatro anos, foi psicólogo clínico-chefe no Blamires Hospital, o sanatório de segurança máxima que abriga os criminosos insanos mais perigosos do Reino Unido, incluindo o assassino em massa David Harney e o serial killer Keith Pond, o Maníaco da Autoestrada.

Dando seu veredicto, o dr. Hill afirmou: “Não fui convocado pela polícia para oferecer consultoria em nenhum desses casos, então não sei mais que seus leitores sobre eles.

“Reluto em fazer julgamentos apressados, mas, se fosse obrigado, eu diria que é certamente possível, e talvez provável, que os assassinatos de Adam Scott e Paul Gibbs tenham sido cometidos pela mesma pessoa.

“Superficialmente, o assassinato mais recente foi parecido, mas há certas diferenças cruciais. Para começar, o corpo foi descoberto num tipo de local bem diferente. Muito embora Carlton Park também seja conhecido como uma área de público gay, sua atmosfera é bastante diversa do ambiente da Temple Fields urbana.

“Além disso, o envio da mensagem para o Sentinel Times é uma variação importante. Nada similar aconteceu nos casos anteriores, e o assassino não faz referência às outras mortes.

“Isso me inclina a pensar que podemos estar lidando com pelo menos dois indivíduos diferentes neste caso.”

E assim por diante, tudo na mesma toada. Tudo dizendo em néon: “Não temos a menor ideia de por onde começar a procurar.” Não achei que me preocupar com Tony Hill fosse me tirar o sono à noite. Decidi que era hora de ensinar às autoridades algumas lições que elas não iam esquecer tão cedo.



Um homem não está obrigado a pôr olhos, ouvidos e entendimento no bolso de suas calças quando se depara com um homicídio. Se ele não estiver em coma absoluto, presumo que deve perceber que um assassinato é melhor ou pior que outro, com relação ao bom gosto. Os assassinatos têm suas pequenas diferenças e matizes de mérito, da mesma forma que estátuas, pinturas, oratórios, camafeus, entalhes e quejandos.

Tony estava esparramado em sua banheira, com uma taça de conhaque à mão. Lânguido, relaxado, extremamente cansado, ele não conseguia se lembrar da última vez que se sentira confortável e otimista assim. Suas experiências ao telefone com Angelica, aliadas à sua convicção de que fizera um bom trabalho no perfil, haviam lhe conferido esperança nova. Talvez ele não precisasse ser incapaz. Talvez pudesse se juntar ao resto do mundo, aqueles que lidavam com os problemas, que assimilavam o passado e moldavam seu mundo de acordo com o que queriam ver.

— Posso mudar minha vida — declarou.

O telefone sem fio tocou. Num movimento lento e fluido, Tony se esticou para pegá-lo. Ele não guardava nenhum terror para ele agora. Estranhamente, ele não temia mais as ligações de Angelica, mas as recebia com alegria.

—Alô — atendeu com animação.

— Tony, é John Brandon. Estou mandando uma viatura buscá-lo. Temos mais um.

Tony se sentou, a água formando pequenas ondas para cima e para baixo como um experimento num laboratório marinho.

— Você tem certeza?

— Carol Jordan e Don Merrick chegaram à cena do crime cinco minutos depois da chamada.

Tony apertou os olhos com força.

— Ah, meu Deus — murmurou. — Onde está o corpo?

— Nos banheiros públicos da Clifton Street. Temple Fields.

Tony se levantou e saiu da banheira.

— Vejo você lá — disse ele, desanimado.

— Tudo bem, Tony. O carro deve chegar em cinco minutos aproximadamente.

— Estarei pronto.

Tony cortou a ligação e saiu do banheiro, enxugando-se com uma toalha enquanto andava. Sua cabeça estava agitada. Ele pôs jeans, camiseta, camisa, suéter e uma jaqueta de couro, adicionando um par extra de meias quando se lembrou do frio da noite. A campainha tocou no momento em que ele estava amarrando os cadarços das botas.

No carro da patrulha, a atmosfera de tensão impedia qualquer possibilidade de pensamento construtivo enquanto eles voavam pelas ruas noturnas, a luz azul piscando em rápida sucessão contra o laranja espectral dos postes de iluminação. Sua companhia, uma dupla de policiais de trânsito

machões, mantinha uma pose taciturna de absoluto controle que não se prestava à conversa. Cantando pneus, eles entraram a toda a velocidade na Clifton Street, o motorista forçando os freios ABS ao ver as fitas da polícia que impediam o acesso à parte central da rua.

Ergueram a fita para Tony, que se encaminhou para o meio da rua onde um grupo de viaturas e uma ambulância estavam estacionados em ângulos aparentemente aleatórios. Quando se aproximou, ele conseguiu ver que a placa que indicava os banheiros públicos estava acesa, contrastando com a escuridão ameaçadora do prédio. Ao lado da ambulância, identificou a figura destacada de Don Merrick, inconfundível com sua cabeça enfaixada. Ignorado pelos policiais que circulavam, Tony forçou o caminho até Merrick, que estava profundamente envolvido numa conversa ao celular. Ele deu um aceno rápido para sinalizar que o tinha visto.

— Tudo bem, obrigado, desculpe incomodar. — encerrou, desligando o telefone.

— Sargento — disse Tony. — Estou procurando o sr. Brandon. Ou a inspetora Jordan.

Merrick acenou positivamente com a cabeça.

— Os dois estão lá dentro. Vai querer dar uma olhada também, imagino.

— Quem encontrou o corpo?

— Uma das prostitutas. Ela alega que todos os banheiros femininos estavam cheios e, por isso, ela entrou no compartimento para deficientes. Quanto a mim, aposto que ela estava com um cliente. Ele deu no pé ao primeiro sinal de encrenca.

Com o canto dos olhos, Tony viu Carol surgir do banheiro. Ela veio direto até eles.

— Obrigada por vir — disse ela enquanto Merrick se distanciava e continuava fazendo suas ligações.

— Se eu dissesse que não perderia por nada, alguém quase com certeza entenderia do modo errado — respondeu Tony com ironia. — O que faz você pensar que seja o Faz-tudo?

— A vítima está nua, e sua garganta foi cortada. Ele obviamente foi trazido aqui numa cadeira de rodas, mas foi lançado ao chão. E, sobre ele, havia a primeira página do *Sentinel Times* da noite passada — respondeu Carol, com a voz tensa e os olhos abatidos. — Nós o provocamos, não foi?

— Nós, não. O jornal pode ter provocado; nós, não — disse Tony gravemente. — Não esperava que ele reagisse rápido assim, no entanto.

Merrick se aproximou novamente e disse com animação:

— Parece que rastreamos a cadeira de rodas. Uma se escafedeu da recepção de uma maternidade mais cedo à noite. Com um pouco de sorte, alguém pode ter visto.

— Bom trabalho, Don — disse Carol. — Vamos dar uma olhada, então? — perguntou ela a Tony. Ele assentiu e a seguiu, enquanto a detetive forçava com os ombros a passagem até a entrada do banheiro pelos policiais que circulavam. Tony andou devagar até os lavatórios, fazendo um inventário mental enquanto olhava em volta, consciente do piso emborrachado preto com círculos salientes, do padrão aparentemente aleatório dos azulejos cinza e pretos na parede, do grafite ousado, do ar úmido do esgoto não tratado, do cheiro de desinfetante mal disfarçando o mijo. No lado de dentro, os banheiros se dividiam em dois: homens na esquerda, mulheres na direita. O banheiro para deficientes ficava à direita, logo ao lado da entrada do feminino. Brandon e Kevin Matthews estavam parados ao lado da porta, olhando para dentro pelo amplo vão. Tony andou até eles e se juntou ao mau humor e à silenciosa comunhão dos dois. Um fotógrafo estava na porta, com um dos lados do corpo para fora, registrando uma cena que mexeria profundamente com um júri, desde que os homens de Brandon

conseguissem levar o Faz-tudo até eles. A cada poucos segundos, a luz branquíssima do flash gravava a cena nas retinas dos homens que observavam.

Tony fitou o corpo estendido no chão. Encontrava-se, como Carol tinha dito, nu, mas não estava limpo. Havia manchas de algum tipo de substância escura e oleosa nos joelhos, cotovelos e em um dos tornozelos. E também manchas de sangue no corpo. O corte na garganta era extenso, mas não profundo o suficiente para ter causado a morte, suspeitava Tony. O tanto que ele conseguia ver, os órgãos sexuais não tinham sido lesionados, mas o reto e o ânus do homem e a carne macia em volta tinham sido removidos barbaramente com cortes profundos feitos por uma lâmina afiada. Uma onda cálida de alívio o percorreu, forçando-o a reconhecer o que ele vinha se recusando a pensar. Como Carol, ele também tinha medo que, de alguma forma, suas atividades tivessem provocado o Faz-tudo a interromper seu ciclo e atacar novamente. Desde o telefonema de Brandon, esse horror pousava em seu ombro como uma ave de rapina malévola.

Tony se voltou para Brandon e disse sem emoção:

— Não foi ele. Trata-se de um imitador.

• • •

Das sombras na extremidade da Clifton Street, com o colarinho do casaco virado para cima, Tom Cross se juntou às pessoas morbidamente interessadas, que pareciam surgir de debaixo da própria calçada, e observavam a dança ritual de uma investigação de cena de crime. Seus lábios se contorceram num sorriso apertado, e ele se aprofundou nas sombras. Tirou sua agenda do bolso interno e arrancou uma página para fazer anotações. Sob a luz tênue do poste de iluminação, ele escreveu: “Caro Kevin, aposto um tostão contra um relógio de ouro que o Assassino de Bonecas não cometeu esse crime. Abraços, Tom.”

Seaford tinha sido motivo de embaraço e dor, mas Tom Cross não era um homem que permitia que a humilhação ficasse no caminho de seu objetivo. Ele dobrou a anotação em quatro e escreveu: “Detetive-inspetor Kevin Matthews. Pessoal”. Depois, forçou o caminho pela multidão até que identificou o olhar de um dos policiais atrás da fita.

— Você sabe quem eu sou, não sabe, rapaz? — interpelou Cross.

O policial fez que sim com hesitação, lançando um rápido olhar para cada um dos lados, verificando quem observava seu encontro com o atual leproso da força.

Cross apresentou o bilhete.

— Certifique-se de que o inspetor Matthews receba isso, por favor.

— Sim, senhor — respondeu o policial com esperteza, envolvendo o bilhete em seu punho enluvado e encontrando um momento para se perguntar quem teria a coragem de dar a Popeye Cross um olho roxo como aquele.

— Vou me lembrar de você quando estiver de volta à rotina — disse Cross por sobre o ombro enquanto forçava o caminho pelos espectadores.

Cross cortou o caminho por um beco até o Volvo, estacionado em frente à saída de incêndio de uma boate. O dia tinha sido longe de satisfatório, e a manhã não guardava promessas de melhora. Mas a real convicção na veracidade de sua mensagem a Kevin Matthews fez Tom Cross sentir que houvera algum sentido em suas atividades.

— A autópsia vai me respaldar — disse Tony, com teimosia. — Quem quer que tenha matado esse cara, não foi nosso serial killer.

Bob Stansfield fechou a cara.

— Não vejo como pode ter tanta certeza, só por causa de algumas manchas de óleo.

— Não é só porque o corpo não estava limpo.

Tony marcava os pontos com seus dedos.

— Ele está na faixa etária errada. Ele tem vinte anos, talvez nem isso. Longe de estar no armário, ele era bem conhecido no meio gay. Você o teria identificado às três da manhã.

Kevin Matthews fez que sim.

— Bem conhecido na Delegacia de Costumes. Chaz Collins. Um ex-garoto de programa que trabalhava num bar e gostava de sexo selvagem.

— Exato — disse Tony. — Além disso, não há uma marca em seu pênis ou testículos, ao passo que nosso assassino foi progressivamente mais violento com esses órgãos. Tudo que foi informado à imprensa até agora é que as vítimas foram mutiladas sexualmente. Não indicamos como ou onde. Esse assassino interpretou isso como uma justificativa para se livrar de toda a região anal. Suspeito que fez isso porque estuprou a vítima antes de matá-la e queria garantir que a perícia não encontraria resquícios do seu sêmen.

Tony pausou para organizar seus pensamentos e para servir-se de outra xícara de café do bule que a cantina enviara com o carrinho de café da manhã pedido por John Brandon para sua reunião matinal.

— A cadeira de rodas — disse Carol. — Ele assumiu um grande risco roubando-a da maternidade. Não acho que se ajuste ao comportamento cauteloso que o serial killer vinha demonstrando até agora.

— E ele não foi torturado — acrescentou Kevin, com a boca cheia de rolinho de linguiça e ovo. — Ou pelo menos não de um modo óbvio.

Ele tinha um bilhete em seu bolso que determinaria sua visão tanto quanto qualquer coisa dita dentro dessa sala. Popeye podia estar fora do emprego, mas Kevin apoiaria o instinto dele contra o de qualquer outra pessoa.

Mas Bob Stansfield não estava disposto a desistir.

— Tudo bem, e se ele estiver fazendo de modo diferente para nos fazer pensar que é um imitador? E se ele estiver deliberadamente tentando nos confundir? Afinal, não dá para ignorar o jornal posto ali. E o perfil do dr. Hill nos alertou que o estresse da cobertura do jornal poderia atrapalhar seu padrão.

Tony continuou montando cuidadosamente um rolo de bacon e ovos. Ele esguichou um círculo de molho marrom em volta da gema, fechou a tampa, pressionou para que a gema se rompesse, depois disse:

— Não há nada errado nisso como teoria. É perfeitamente plausível que ele tente matar apenas para exibir suas habilidades. Não seria planejado com tanta antecedência como os outros, por isso sua escolha de vítima poderia ser muito diferente. Mas o padrão básico seria o mesmo.

— Mas é o mesmo — insistiu Stansfield. — Cortaram a garganta do rapaz do mesmo jeito que a dos outros. E esse filho da mãe bagunçou ele de verdade. Como você pode dizer que ele não foi torturado olhando o estado da bunda dele?

— Se eu tivesse que dar um palpite, apostaria cem contra um que Chaz Collins não morreu por causa do corte na garganta. Aposto que ele foi estrangulado com as mãos e sua garganta foi cortada depois para fazer com que parecesse uma das vítimas do serial killer. Acho que o que aconteceu aqui foi que o sexo selvagem saiu um pouco do controle. Chaz estava lutando enquanto era sodomizado, e seu parceiro o agarrou em volta da garganta para fazê-lo se acalmar. No frenesi do orgasmo, ele deve ter apertado forte demais e encontrado um cadáver em suas mãos. Sua única chance de se safar disso era fazer parecer obra do serial killer e, por via das dúvidas, caso não entendamos a mensagem, ainda deixou o jornal da noite anterior sobre o cadáver.

— É certamente plausível — disse Brandon, limpando meticulosamente seus dedos engordurados num lenço de papel de um pacote que tirou do bolso.

— Acho que Tony tem razão — disse Carol decididamente. — Minha primeira reação foi que essa era a quinta vítima, mas quanto mais penso a respeito, mais acho que estava errada. Você sabe o que encerra o assunto para mim?

Quatro pares de olhos a fitaram, confusos. Ela se sentiu sob mais pressão do que no banco de testemunhas.

— Ontem à noite não era segunda-feira.

Tony sorriu. Stansfield virou os olhos para cima. Kevin assentiu com relutância, e Brandon disse:

— Você acha que o dia da semana é importante a esse ponto para ele?

Carol fez que sim.

— Há obviamente algum motivo muito forte para ele escolher as segundas, seja porque é prático ou por alguma superstição. E seja o que for, significa muito para ele. Não acho que fosse violar isso só para mandar a gente se ferrar.

— Concordo com Carol — interveio Kevin. — Não só por causa do dia da semana. As outras coisas também.

Stansfield dava a impressão de estar surpreso.

— Bem, eu obviamente fui derrotado nessa votação — observou ele com bom humor. — Vai ser um caso diferente. Quem vai cuidar dele, então?

Brandon suspirou.

— Vou ter uma palavra com o superintendente-chefe Sharpies na central, jogar a responsabilidade para ele. Se não for um de nós, vai ser culpa do inspetor-chefe.

— Ele está doente e não veio trabalhar — lembrou Kevin de modo distraído.

— Sim, está. Bem, será passado para qualquer inspetor que tiver a má sorte de passar aqui pela manhã. No entanto, sei que os eventos da noite passada nos privaram da chance de dar ao perfil do dr. Hill a atenção que merecia, mas acho que devíamos... — Brandon foi interrompido por uma batida na porta.

— Entre — disse ele, tentando evitar que sua irritação transparecesse em sua voz.

O sargento uniformizado de plantão chegou com alguns envelopes.

— Estes acabaram de chegar, senhor. Um da perícia, outro do laboratório de patologia — informou, depositando-os na mesa em frente a Brandon.

Ele já tinha ido embora quando Brandon tirou um maço de folhas de cada.

Os outros esconderam sua impaciência enquanto Brandon passava os olhos nas descobertas preliminares do patologista.

— “Caro John” — leu em voz alta —, “sei que deve estar ansioso por algo sobre isso, já que, aparentemente, seu serial killer finalmente deixou alguns indícios forenses. A má notícia é que não acho que seja obra do mesmo criminoso. A vítima já estava morta por asfixia antes que a garganta fosse cortada. É provável que tenha sido estrangulado com as mãos. Além disso, não acho que ele foi cortado com a mesma lâmina que as outras quatro vítimas anteriores. Aparentemente, essa era uma lâmina mais grossa e mais comprida, mais parecida com uma faca de fatiar. Ao passo que, como você sabe, acredito que as anteriores foram feitas com algo mais parecido com uma faca para desossar. A hora da morte eu diria que foi entre oito e dez da noite passada. Vou lhe enviar um relatório completo assim que...” blá-blá-blá. Bem, parece que você tinha razão, Tony.

— Ainda bem que concordei em não discutir com você a tempo, senão eu ia ficar parecendo um bocó — disse Bob Stansfield, estendendo a mão para o psicólogo.

— Boa, doutor — disse Carol, sorrindo veladamente. Graças a Deus o resto da equipe finalmente estava começando a aceitar que Tony tinha algo que valia a pena para dizer. Era impressionante como a atmosfera se tornou diferente após a saída de Cross.

Kevin se mexeu desconfortavelmente na cadeira e disse:

— O que a perícia tem a dizer? Algo sobre nossos casos, ou são apenas coisas preliminares sobre Chaz Collins?

Brandon folheou os outros papéis.

— Preliminares... Preliminares... — Ele inspirou com força. — Céus — disse ele, com repugnância e perplexidade em sua voz.

— O que foi, senhor? — perguntou Carol.

Brandon esfregou uma das mãos em seu rosto comprido e olhou novamente para o papel, como se para verificar se não tinha se enganado.

— Eles vêm analisando as queimaduras no corpo de Damien Connolly. Tentando descobrir o que as causou.

Tony ficou imóvel, a última mordida de seu sanduíche a meio caminho da boca.

— Então qual é o veredicto? — interpelou Bob Stansfield, abruptamente.

— Isso é uma loucura completa — avisou Brandon. — A única explicação de que os peritos conseguiram se aproximar é a decoração para um bolo pronto.

— É claro — disse Tony de modo vago, um sorriso distante fazendo brilhar seus olhos. — Todos os formatos de estrelas diferentes. É óbvio, depois que alguém enxerga isso.

Ele ficou subitamente consciente de que os outros quatro estavam olhando para ele. Apenas Carol parecia preocupada. Nos outros rostos, ele viu expressões que tinha visto antes. Cautela, repugnância, nojo, incompreensão.

— Verdadeiro maluco — disse Stansfield amargamente. Ninguém tinha certeza se ele queria dizer o assassino ou Tony.

No dia em que Penny Burgess assumiu a editoria de crimes do *Bradfield Evening Sentinel Times*, ela resolveu que teria melhores contatos do que qualquer um dos seus antecessores homens tinha conseguido. Ela percebeu que os rituais masculinos da loja maçônica e da reunião social entre homens permaneceriam mundos fechados para ela, mas decidiu que nada importante aconteceria neles sem o seu conhecimento.

Não foi surpreendente, portanto, que seu telefone residencial tivesse tocado duas vezes entre seis e sete da manhã. As duas ligações eram de policiais, dando conta de que o homem que tinha sido interrogado anteriormente em relação aos Assassinatos de Bonecas tinha sido preso tentando deixar o país. O milagre foi contado sem dizer o nome do santo, mas o suspeito anônimo estaria de pé perante os juízes leigos naquela manhã para ser recolhido à prisão sob a acusação de tentar cometer obstrução de justiça. Em seguida à descoberta de um quinto corpo que havia deixado Penny de pé até mais de duas da manhã, a conexão era óbvia.

Penny sorriu com seus botões enquanto tomava sua segunda xícara de chá Earl Grey forte. Seria outra primeira página para ela naquela noite, desde que o editor e o advogado não perdessem a coragem. Ela deixou sua xícara e tigela de cereal na pia e pegou o casaco. De qualquer forma, seria um dia interessante.

• • •

Carol tinha sido escolhida para ir ao tribunal e garantir que tudo saísse de acordo com o planejado perante os juízes leigos.

Stansfield e Kevin tinham um acúmulo de investigações de rotina para dar conta, e Tony tinha ido a Leeds para cumprir um compromisso antigo com um psicólogo acadêmico canadense que estava participando de um congresso na cidade. Eles precisavam, justificou Tony, discutir algum aspecto esquisito do seu estudo da força-tarefa.

— Mapeamento conceitual — contou a ela enquanto roubavam alguns minutos juntos depois da reunião do grupo.

Teria dado na mesma se ele tivesse dito “mecânica quântica”, pensou ela ironicamente enquanto subia correndo as escadas do prédio do tribunal, com a gola virada para cima contra um vento leste que prometia chuva e neve antes do jantar. Ela teria de aprender muito se quisesse convencer alguém a considerá-la seriamente para essa força-tarefa, até aí estava claro.

Todos os pensamentos sobre a operação desapareceram assim que ela passou pela verificação de segurança e virou no corredor longo que abriga metade dos doze tribunais de juízes auxiliares. Em vez do agrupamento descontente e rebelde de transgressores menores e suas famílias deprimidas, ela deu de cara com uma aglomeração de jornalistas que circulava pelo local. Carol nunca vira tal quantidade de representantes da mídia num tribunal no sábado de manhã, normalmente o dia mais tranquilo da semana. No centro da multidão, podia ver Don Merrick que, de costas para a porta da sala de audiências do tribunal, parecia atormentado.

Carol imediatamente deu meia-volta. Mas era tarde demais. Ela não só tinha sido vista como também reconhecida por um dos muitos jornalistas que não eram gente de fora enviada pelas redes de mídia nacionais para farejar uma boa história. Quando ela virou no corredor, eles correram atrás

dela. Todos exceto Penny Burgess, que se reclinou na parede e deu um sorriso cansado para Don Merrick.

— Você não foi a única que recebeu o telefonema cedo de manhã, afinal — disse ele, clinicamente.

— Infelizmente não, sargento. Pelo menos os rapazes parecem mais interessados na sua chefe do que em você.

— Ela tem melhor aparência.

— Ah, eu não diria isso.

— Foi o que ouvi dizer — disse Merrick, com ironia.

As sobrancelhas de Penny se ergueram.

— Você tem de me deixar pagar um drinque para você um dia desses, Don. Então vai descobrir por si mesmo se o boato é verdade.

Merrick balançou a cabeça.

— Acho que não, querida. A patroa não ia gostar disso.

Penny sorriu.

— Isso sem falar na chefe. Bem, Don, agora que o bando já foi embora a toda atrás da inspetora Jordan, você vai me deixar exercitar meu direito democrático de relatar os trabalhos dos juízes?

Don Merrick liberou o acesso à porta e acenou para que ela entrasse.

— Fique à vontade. Apenas lembre-se, sra. Burgess, os fatos, e nada mais que os fatos. Não queremos que pessoas inocentes sejam postas em risco, não é?

— Você quer dizer como o Assassino de Bonecas vem fazendo? — perguntou Penny com doçura, enquanto passava por ele e entrava na sala de audiências do tribunal.

• • •

Brandon fitava Tom Cross com descrença. Seu rosto estava contraído numa expressão de profunda vaidade, a órbita multicolorida de seu olho era a única ruptura numa imagem de presunçosa autossatisfação.

— Cá entre nós, John, você precisa admitir que eu acertei na mosca quanto a McConnell. Aquele presunto da noite passada não foi coisa do Assassino de Bonecas mesmo, não é? Bem, não poderia ter sido, poderia, porque nosso querido estava engaiolado lá embaixo.

Ignorando a ausência de cinzeiros no escritório do chefe de polícia assistente, Cross acendeu um cigarro e soprou, contente, uma baforada de fumaça no ar.

Brandon se esforçou, mas não conseguia encontrar as palavras. Dessa vez, foi incapaz de falar.

O outro olhou em volta vagamente em busca de algum lugar onde depositar suas cinzas, e se contentou com o chão, esfregando-as no tapete com a ponta do sapato.

— Então, quando quer que eu comece de volta no trabalho? — perguntou ele.

Brandon se recostou na cadeira e olhou para o teto.

— Se dependesse de mim, você nunca iria voltar a trabalhar nesta cidade — respondeu ele, com prazer.

Cross se engasgou com a boca cheia de fumaça. Brandon abaixou os olhos novamente e saboreou o momento.

— Que diabos, você se acha engraçado, John! — explodiu Cross.

— Nunca falei mais sério na vida — retrucou Brandon com frieza. — Chamei-o aqui esta manhã para alertá-lo. O que você fez a Steven McConnell ontem à tarde foi agressão. O arquivo continua aberto, superintendente. Se você chegar perto dessa investigação novamente, não hesitarei em acusá-lo.

Na verdade, vou gostar disso. Não vou permitir que nenhum policial, no trabalho ou suspenso, lance esta força em descrédito.

Quando as palavras de Brandon penetraram fundo na mente de Cross, ele empalideceu, depois ficou roxo de raiva e humilhação. Brandon se levantou.

— Agora saia da minha sala e da minha delegacia.

Cross levantou-se como um homem abalado.

— Vai se arrepender disso, Brandon — gaguejou furiosamente.

— Não me provoque, Tom. Para o seu próprio bem, não me provoque.

Pensando rapidamente, Carol liderou os jornalistas em volta até o pequeno lounge do lado de fora do restaurante dos advogados.

— Tudo bem, tudo bem — acalmou ela, tentando abafar a gritaria deles com movimentos de mão exagerados. — Vejam só, se me derem apenas dois minutos, voltarei logo e responderei às suas perguntas, está bem?

Eles pareciam em dúvida, um ou dois nos fundos mostraram uma tendência para se deslocar de volta para as salas de tribunais.

— Por favor, pessoal — disse ela, massageando gentilmente o maxilar. — Estou com muita dor. Estou com uma dor de dente furiosa. Se eu não ligar para o meu dentista antes das dez, não tenho nenhuma chance de que ele me encaixe hoje. Por favor? Preciso de um tempinho. Depois, eu sou toda de vocês, prometo! — Carol forçou um sorriso de dor e escapou para o restaurante. Havia um telefone na parede oposta. Ela o pegou fazendo uma grande encenação ao procurar em seu diário e olhar uma página, enquanto discava o número conhecido do tribunal.

— Primeira vara, por favor.

Ela aguardou a conexão, depois disse ao atendente:

— Aqui é a inspetora Jordan. Posso falar com o Serviço da Procuradoria da Coroa? — Instantes depois, ela estava falando com o advogado da

Procuradoria. — Eddie? Carol Jordan. Tenho cerca de trinta jornalistas aqui esperando que Steven McConnell apareça. Eles estão doidos para chegar às conclusões erradas, e acho que você pode preferir pressioná-lo agora enquanto estou com eles presos numa coletiva de imprensa improvisada. Pode arranjar isso com o escrivão?

Ela aguardou enquanto o advogado sussurrava com o escrivão.

— Dá para fazer, Carol — respondeu ele. — Obrigado.

Mantendo a farsa, Carol pôs o telefone no gancho e escreveu algo em seu diário. Depois, ela respirou fundo e se encaminhou até o bando.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 015**

Damien Connolly, o policial por excelência. Eu não poderia ter encontrado uma pessoa melhor para ensinar uma lição à polícia, mesmo que tivesse procurado um ano inteiro. Mas ele já estava lá, na minha lista, figurando no meu top 10 pessoal. Era mais difícil persegui-lo do que os demais, porque seu padrão de turno muitas vezes estava em conflito com minhas horas de trabalho. Contudo, como minha avó sempre dizia, nada que vale a pena vem fácil.

Eu o enganei como de costume.

— Desculpe incomodar, mas meu carro quebrou e não sei onde fica o próximo telefone público. Posso usar seu telefone para ligar para a seguradora?

É quase risível a facilidade para passar pela porta da casa deles. Três homens mortos, e ainda assim eles não conseguem tomar a mais elementar das precauções. Eu quase tive pena de Damien, já que, entre todos, ele tinha sido o único que não tinha me traído. Mas precisava usá-lo como exemplo,

para mostrar à polícia como ela era de uma inutilidade patética. Era irritante me surpreender concordando com a assim chamada “comunidade gay”, mas eles estavam cem por cento certos quando disseram que, enquanto supostos gays estivessem sendo mortos, a polícia não faria nada. Matar um dos seus seria a única coisa que me faria ganhar seu interesse. Finalmente, eles seriam forçados a me dar o reconhecimento e o respeito que eu merecia.

Para marcar isso, eu tinha projetado algo um tanto especial para Damien. Um método incomum de punição, usado ocasionalmente para agir como um exemplo terrível pour discourager les autres. Parece ter sido mais comumente usado nos casos de alta traição, onde homens tramavam para matar o rei. Apropriado, pensei. Afinal, o que era Damien se não uma parte integrante do grupo que, se pudesse, causaria a minha queda?

O primeiro registro desse tratamento na Inglaterra foi em 1238, quando algum nobre menos importante arrombou o aposento real em Woodstock com a intenção de matar Henrique III, que estava lá numa viagem de caça. Para demonstrar a qualquer outro possível traidor que o rei levava a sério atentados contra sua vida, o homem foi sentenciado a ter cada um dos membros destroçados por cavalos e depois ser decapitado.

Outro com pretensões a assassino real encontrou o mesmo destino na metade do século XVIII. O nome do aspirante simplesmente tinha de ser um mau presságio: François Damiens apunhalou o rei Luís XV em Versailles. Sua sentença dizia que “seu peito, braços, coxas e canelas deviam ser queimados

com tenazes; a mão direita, empunhando a faca com que cometeu o referido ataque, devia ser queimada com enxofre; que óleo fervente, chumbo derretido, resina e cera misturados com enxofre fossem despejados em suas feridas; e depois seu corpo devia ser puxado e desmembrado por quatro cavalos”.

De acordo com os relatos da execução, os cabelos castanho-escuros de Damiens ficaram brancos durante a tortura. Casanova, aquele outro grande amante, relatou em suas memórias: “assisti a essa cena terrível durante quatro horas, mas fui várias vezes obrigado a virar o rosto e fechar os olhos enquanto ouvia seus gritos penetrantes, metade do corpo lhe tendo sido rasgada.”

Obviamente, eu não podia levar um tropel de cavalos para o porão. Portanto, tinha de criar meu próprio esquema. Construí um sistema de cordas e polias, presas ao piso e ao teto, ligadas com um desses guinchos elétricos usados em iates. Cada corda terminava numa manilha de ferro que seria presa em volta do pulso ou tornozelo. Ao ajustar o comprimento e a tensão nas cordas, eu havia suspenso Damien no ar, seus membros esticados num imenso X humano, seus genitais patéticos pendentes no meio como carne num açougue.

O clorofórmio teve um efeito pior nele do que em qualquer dos outros. Assim que chegou, ele vomitou violentamente, uma coisa não muito fácil de conseguir quando se está suspenso de pé a um metro e vinte centímetros do

chão. Ainda bem que removi sua mordaca, ou ele teria engasgado com o próprio vômito e me privado de minha satisfação em puni-lo.

Damien estava completamente perplexo. Não fazia ideia do motivo pelo qual estava ali.

— Porque eu o escolhi — disse a ele. — Você foi apenas azarado o bastante para escolher o emprego errado. Agora, vou interrogá-lo do jeito que interroga seus suspeitos.

Enquanto investigava a cozinha de tia Doris, procurando vagamente verificar se ela possuía algo que pudesse me ser útil, encontrei seu material de confeito. Eu me lembrava daqueles utensílios. Todos os anos, seus bolos no Natal eram um milagre artístico que qualquer uma das confeitarias de Bradfield teria dificuldade em igualar. Uma vez, ela havia sido chamada por tio Henry enquanto estava fazendo um bolo enorme, e eu peguei a bisnaga de confeitar, com o intuito de ajudá-la. Acho que tinha no máximo uns seis anos de idade.

Quando ela voltou de qualquer que fosse a tarefa nojenta que estava realizando na fazenda e viu meus esforços, ficou doida. Agarrou o amolador de couro pesado que tio Henry usava para manter suas lâminas afiadas a ponto de cortar gargantas e me bateu com tanta força que rasgou minha camisa. Depois, me trancou no meu quarto sem jantar, deixando-me lá por vinte e quatro horas sem nada a não ser um balde para mijar. Eu sabia que precisava encontrar um uso apropriado para seu querido conjunto de confeitaria.

Havia um maçarico no porão, que usei para aquecer a minha cobertura e deixar minha marca em Damien, do mesmo jeito que o carrasco tinha feito em seu homônimo duzentos e quarenta anos antes. Havia algo bem bonito na forma como sua epiderme se abriu como uma flor, transformando-se em estrelas escarlates quando os bicos de confeitaria em brasa entraram em contato com sua pele pálida. Foi também espantosamente eficaz. Ele me disse tudo que eu queria saber e muita bobagem com a qual não me importava. Lamentei apenas que ele não estivesse diretamente envolvido na investigação sobre meu trabalho anterior. Eu poderia ter confirmado em primeira mão o quanto a polícia estava irremediavelmente perdida.

Decidi depositar os restos mortais em Temple Fields novamente. Tinha usado o intervalo de tempo desde Gareth para encontrar outros lugares seguros para o descarte de minha obra. O pátio do Queen of Hearts era perfeito para o propósito; escondido e isolado à noite. No entanto, ganharia vida no dia seguinte, garantindo que Damien não seria deixado lá fora no frio por muito tempo.

Era o momento perfeito para um novo jogo. Na preparação para isso, logo após Adam, subi ao sótão e abri o baú que continha as partes guardadas do meu passado. Uma das coisas que preservei como souvenir foi uma jaqueta de couro que me foi dada por um engenheiro num navio-oficina soviético, como pagamento por uma noite que ele não vai esquecer tão cedo. Ela tem uma aparência e uma textura diferentes de tudo que já vi neste país. Cortei tiras

do couro da manga até conseguir algo que poderia ter ficado preso num prego ou num canto afiado de uma tranca. Enfiei a tira numa gaveta, depois cortei o resto da jaqueta em retalhos, coloquei-a numa sacola plástica com cascas de ovo e cascas de legume e dirigi até encontrar uma caçamba para deixá-la na cidade. Quando precisasse usar aquela cortina de fumaça, os restos da jaqueta estariam enterrados há muito tempo em algum aterro sanitário genérico.

Não pude deixar de sentir uma emoção ao pensar em quantas horas de trabalho os homens da polícia estavam desperdiçando tentando rastrear a origem desse estranho pedacinho de couro, embora nunca fossem vinculá-lo a mim. Além de tudo, ninguém em Bradfield jamais tinha me visto usar aquela jaqueta.

Dessa vez, a repercussão superou tudo que conquistara até então. Finalmente, a polícia admitiu que uma única mente estava por trás dos quatro assassinatos e percebeu que era hora de me levar a sério.

Com Damien fora deste mundo e no meu computador, ainda havia uma pessoa que precisava se resolver comigo antes que eu pudesse retornar ao meu projeto original. Não podia me contentar com a tarefa de encontrar um homem digno de mim, que compartilhasse minha vida como um parceiro igual e respeitoso. Não até que tivesse punido o homem que tinha me tratado publicamente com tanto desprezo.

Meu alvo era o dr. Hill, o idiota que não tinha percebido que Gareth Finnegan era uma das minhas obras. Ele havia me insultado, me coberto de escárnio, recusando-se a reconhecer a extensão das minhas conquistas. Ele não fazia ideia da capacidade da mente que enfrentava. Teria de pagar por sua arrogância.

Não conseguia deixar de ver sua eliminação como um desafio. Mas quem conseguiria?



Não lhes é possível manter o modo autêntico de cortar gargantas sem introduzir inovações tão abomináveis...?

O som dos berros de uma multidão saudou Carol quando ela fechou a porta do apartamento. Michael, esparramado num dos sofás, sequer tirou os olhos da partida de rúgbi da televisão.

— Oi, mana — disse ele. — Jogo duro. Dez minutos, e sou todo seu.

Carol olhou para a tela, onde gigantes enlameados nas cores da Inglaterra e da Escócia estavam espalhados pelo campo num *scrum* desfeito.

— Altíssima tecnologia — resmungou ela. — Preciso de um banho.

Quinze minutos depois, os irmãos estavam dividindo uma garrafa comemorativa de espumante cava.

— Tenho algumas conclusões para você — disse Michael.

Carol se animou.

— Algo significativo?

Michael deu de ombros.

— Não sei o que é significativo para você. O seu assassino usou cinco objetos de formato diferente para fazer as marcas. Eu os separei em cinco padrões distintos. Você tem o que parece um coração e algumas letras rudimentares. A, D, G e P. Significam alguma coisa para você?

Carol estremeceu involuntariamente.

— Ah, sim. Muita coisa. Você está com suas conclusões aqui?

Michael assentiu.

— Estão na minha pasta.

— Vou olhá-las num instante. Enquanto isso, posso pedir uma consultoria de novo?

Michael esvaziou sua taça e a encheu novamente.

— Não sei. Pode arcar com meu preço?

— Jantar, hospedagem e café da manhã no hotel de campo de sua escolha, no meu primeiro fim de semana de folga — ofereceu Carol.

Michael fez uma careta.

— Com essa oferta, vou receber a aposentadoria antes de ganhar isso. Que tal você passar minha roupa por um mês?

— Quinze dias.

— Três semanas.

— Fechado.

Ela ofereceu sua mão e Michael a apertou.

— Então, o que você quer saber, mana?

Carol delineou sua teoria sobre a manipulação de computador dos vídeos do assassino.

— O que você acha? — perguntou ela com ansiedade.

— Dá para fazer — disse ele. — Não há dúvidas quanto a isso. A tecnologia está disponível, e não é um software difícil de usar. Eu podia fazer isso com o pé nas costas. Mas você está falando de grana alta. Digamos

trezentas libras por uma placa de captura de vídeo, quatrocentas por uma placa ReelMagic, outras trezentas a quinhentas para um digitalizador de vídeo decente, mais pelo menos mil libras por um scanner de ponta. Complicado mesmo é o software, porém. Só há um pacote que consegue fazer o que você está falando com alguma qualidade de fato. Vicom 3D Commander. Nós o temos, e nos custou quase quatro mil libras, e isso foi há seis meses. Adquirimos a última atualização por mais oitocentas libras. O manual é grosso como um tijolo.

— Então não é um software que muitas pessoas teriam?

Michael bufou.

— Não mesmo. É um pacote e tanto. Apenas profissionais como nós, estúdios de produção de vídeo e adeptos muito dedicados ao hobby teriam.

— E isso está disponível com facilidade? É possível comprar no varejo? — perguntou Carol.

— Na verdade, não. Lidamos diretamente com a Vicom, porque queríamos que eles executassem uma demonstração completa para nós antes de nos comprometermos em gastar toda essa grana. Obviamente, alguns fornecedores comerciais especializados fazem a venda, mas eles não vão descarregar isso a granel. Seria por encomenda postal, de qualquer forma. A maior parte das coisas de informática é.

— As outras coisas que mencionou... são coisas que muitas pessoas teriam?

— Elas não são incomuns. Assim de cabeça, eu diria dois a três por cento de penetração no mercado de itens de vídeo, talvez quinze por cento no scanner. Mas, se está pensando em rastrear seu suspeito, eu começaria com a Vicom — aconselhou Michael.

— Qual você acha que seria a atitude deles com relação a permitir que vejamos seus registros de venda?

Michael fez uma careta.

— Sei tanto quanto você. Você não é uma concorrente, e essa é uma investigação de homicídio. Nunca se sabe, eles podem cooperar de bom grado. Afinal, se esse cara estiver usando o material deles, seria ruim para as relações públicas se não o fizessem. Posso procurar o nome do sujeito com quem lidamos. Ele era o diretor de vendas. Um escocês. Com um desses nomes que não dá para dizer qual é o primeiro nome, sabe? Grant Cameron, Campbell Elliott. Vou me lembrar...

Enquanto Michael procurava em seu caderno de endereços, Carol enchia novamente sua taça e saboreava o formigamento das bolhas no céu da boca. Ultimamente, prazer parecia um item escasso. Mas se ela pudesse gerar algumas pistas sobre sua teoria, tudo isso podia mudar.

— Consegui! — exclamou Michael. — Fraser Duncan. Ligue para ele na segunda-feira de manhã e diga meu nome. É hora de você ter uma folga, mana.

— Você não se engana — disse Carol, com emoção. — Acredite em mim, eu mereço.

Kevin Matthews se deitou esparramado na cama king size desfeita, sorrindo para a mulher montada sobre ele.

— Hum — murmurou ele. — Isso até que foi divertido.

— Melhor que a comida de casa — provocou Penny Burgess, correndo os dedos pelos cabelos castanho-avermelhados que se encaracolavam no peito de Kevin.

Kevin deu uma risadinha.

— Só um pouquinho.

Ele se esticou para pegar o resto da vodca com Coca-Cola que Penny tinha lhe servido.

— Estou surpresa por você ter conseguido fugir esta noite — disse Penny, movendo-se para a frente sensualmente, de modo que seus mamilos se esfregassem nos dele.

— Tivemos tantas horas extras ultimamente que ela desistiu de me esperar em casa para alguma coisa a não ser uma soneca.

Penny deixou a parte de cima do corpo cair pesadamente sobre Kevin, expulsando o ar do corpo dele.

— Não quis dizer Lynn — disse ela —, quis dizer o trabalho.

Kevin agarrou os pulsos dela e lutou, afastando-a de si. Quando caíram deitados lado a lado, rindo até perderem o fôlego, ele finalmente disse:

— Não tinha muito o que fazer, para lhe dizer a verdade.

Penny bufou, incrédula.

— Ah, é? Na noite passada Carol Jordan encontra o corpo número cinco, o suspeito é preso tentando deixar o país, e você vem me dizer que não tem nada acontecendo? Qual é, Kevin, é comigo que você está falando.

— Você entendeu tudo errado, querida — disse Kevin, com generosidade. — Você e todo o resto dos seus coleguinhas da mídia.

Não era com frequência que ele tinha a chance de corrigir Penny, e ele pretendia aproveitar ao máximo.

— O que quer dizer? — Penny se apoiou num dos cotovelos, cobrindo inconscientemente seu corpo com o edredom. Isso não era mais divertido; isso era trabalho.

— Em primeiro lugar: o corpo que Carol encontrou na noite passada não era uma das vítimas do serial killer. Era trabalho de um imitador. A autópsia comprovou isso sem sombra de dúvida. Era apenas mais um sórdido assassinozinho sexual. A Central deve esclarecer isso em alguns dias com um pouco de ajuda da Delegacia de Costumes — explicou Kevin, a autossatisfação óbvia em sua voz.

Penny aceitou a situação e disse com voz doce por entre os dentes cerrados:

— E?

— E o quê, querida?

— Se isso era em primeiro lugar, deve haver um segundo.

Kevin sorriu, de modo tão presunçoso que Penny tomou a decisão instantânea de que lhe daria o fora assim que tivesse arranjado uma alternativa aceitável.

— Ah, sim. Em segundo lugar. Stevie McConnell não é o assassino.

Dessa vez, Penny ficou sem palavras. A própria informação era chocante. Mas mais chocante era o fato de que, sabendo disso, Kevin não dissera nada. Ele permaneceu em silêncio e permitiu que seu jornal publicasse uma matéria que, no final das contas, faria com que ela parecesse uma idiota mal-informada.

— É mesmo? — questionou ela, com o sotaque superior que não tinha usado desde o dia que deixou feliz o internato e tomou a decisão de abraçar declaradamente o mercado de menor prestígio.

— É, sim. Sabíamos disso antes de ele dar no pé.

Kevin se deitou nos travesseiros, contente e alheio ao olhar de ódio que Penny destilava em sua direção.

— Então de que servia exatamente aquele teatro no tribunal? — indagou ela num tom que daria orgulho à sua professora de dicção.

Kevin deu um sorriso afetado.

— Bem, a maioria de nós já concluiu que McConnell não é o nosso homem. Mas Brandon tinha posto um detetive atrás dele. Então, quando o cara tentou sair do país, fomos mais ou menos obrigados a prendê-lo. A essa altura, estava começando a ficar óbvio que McConnell não é o Assassino de Bonecas. Além disso, ele não se encaixa no perfil que Tony Hill criou.

— Não acredito que estou ouvindo isso — reclamou Penny, com agressividade.

Kevin finalmente registrou que nem tudo estava bem.

— Que foi? Algum problema, querida?

— Só um probleminha, porra — disse Penny, enunciando cada sílaba claramente. — Você quer me contar que não só deteve um homem inocente como também permitiu que a imprensa mundial divulgasse a conclusão de que esse homem é muito provavelmente o Assassino de Bonecas?

Kevin se apoiou e tomou outra dose de seu drinque, esticando-se para alisar os cabelos de Penny com a outra mão. Ela se afastou dele com um movimento brusco.

— Não é um grande problema — contestou ele com condescendência. — Ninguém pode reunir um grupo para linchá-lo e ir à casa dele enquanto estiver preso. E imaginamos que dizer ao mundo nas entrelinhas que prendemos o assassino poderia levar o assassino verdadeiro a entrar em contato conosco a fim de garantir que saibamos que ele ainda está à solta.

— Você quer dizer que vocês querem levá-lo a matar de novo? — interpelou Penny, com a voz ficando mais alta.

— É claro que não — disse Kevin, indignado. — Eu disse “entrar em contato”. Como ele fez depois que matou Gareth Finnegan.

— Meu Deus — murmurou Penny, pensativa. — Kevin, como você consegue ficar sentado aí e me dizer que nada de ruim pode acontecer a Stevie McConnell enquanto ele estiver trancado numa cela?

Enquanto Penny Burgess e Kevin Matthews discutiam a moralidade da detenção de Stevie McConnell, na ala C da Prisão Barleigh de Sua Majestade, três homens estavam se revezando para mostrar a Stevie McConnell o que acontece a criminosos sexuais na prisão. Na extremidade do patamar, havia

um guarda impassível, parecendo tão inconsciente dos gritos e súplicas de McConnell quanto um deficiente auditivo com o aparelho de surdez desligado. E nas charnecas no alto de Bradfield, um assassino implacável aplicava os toques finais no instrumento de tortura que ajudaria a mostrar ao mundo que o homem na prisão não era responsável por quatro punições em série perfeitamente executadas.

A sala da equipe HOLMES estava em atividade silenciosa; operadores olhavam para telas e apertavam teclas. Carol encontrou Dave Woolcott sentado em seu escritório beliscando sem entusiasmo seu lanche de peixe com batatas fritas. Ele ergueu os olhos quando ela entrou e conseguiu dar um sorriso cansado.

— Achei que estivesse tirando a noite de folga — disse ele.

— Ainda espero tirar. Meu irmão prometeu me comprar um balde de pipoca só para mim se eu chegasse ao cinema antes do começo do filme. Só queria dar uma passadinha para lhe contar algo.

Ela deixou duas sacolas plásticas na mesa de Dave. Revistas de informática em papel brilhoso saíram da sacola.

— Tenho uma teoria — disse ela. — Bem, é mais um palpite.

Pela terceira vez, Carol descreveu sua ideia sobre o assassino que importava vídeos e os transformava em suporte para suas fantasias.

Dave ouviu com atenção, meneando a cabeça enquanto assimilava as ideias de Carol.

— Gosto dessa teoria — disse ele simplesmente. — Li esse perfil algumas vezes, e realmente não consigo aceitar o que dr. Hill diz sobre manter-se estável apenas usando vídeos dos assassinatos. Não faz sentido. A sua ideia faz. Então, o que quer de mim?

— Michael acha que rastrear os compradores do Vicom 3D Commander pode nos levar a ele, caso estejamos corretos. Não tenho certeza. É possível

que a empresa para quem o assassino trabalhe tenha o software, e ele faça o trabalho de manipulação de vídeo lá. Para garantir, no entanto, ele teria de fazer toda a digitalização em casa. Então pensei que valeria a pena fazer um levantamento dos fornecedores de digitalizadores e placas de captura de vídeo. Podemos encontrar fornecedores por meio dos anúncios nessas revistas, já que praticamente todos os itens de informática são enviados por encomenda postal. Devemos também contatar os grupos de usuários locais. Se você tiver algum pessoal sobrando, é isso.

Dave suspirou.

— Vá sonhando, Carol.

Ele pegou uma revista e folheou.

— Imagino que eu possa redigir a lista entre hoje à noite e amanhã, e na segunda de manhã bem cedo possamos conseguir alguns detetives para fazer uma rodada de ligações. Quando meus operadores terão tempo de inserir os dados eu não sei, mas vou providenciar para que seja feito, tudo bem?

Carol sorriu.

— Você é um amor, Dave.

— Sou um maldito mártir, Carol. Meu filho mais novo está com dois dentes saindo que nem vi ainda.

— Eu podia ficar e ajudar você a ver as revistas — disse Carol com certa relutância.

— Ah, dê o fora daqui. Vá embora e se divirta. Já passou da hora de que alguém entre nós consiga isso. O que você vai ver?

Carol fez uma careta.

— É a sessão dupla especial de sábado: *Caçador de assassinos* e *O silêncio dos inocentes*.

A risada de Dave ecoou nos ouvidos dela por todo o caminho até o carro.

O longo uivo parecia vir do fundo do estômago. Quando o seu orgasmo estremeceu dentro dele como um trem descarrilhado, Tony sentiu uma gloriosa sensação de relaxamento.

— Ai, meu Deus — suspirou.

— Ai, assim, assim — dizia Angelica, de modo ofegante. — Estou gozando de novo, de novo. Ah, Tony, Tony..

A voz dela enfraqueceu até virar um soluço contido.

Tony relaxou na cama, com o peito inflando com a respiração ofegante, o cheiro de suor e sexo pesado em volta dele. Ele se sentiu como se, de repente, tivesse se livrado de um fardo que vinha carregando havia tanto tempo que tinha deixado de perceber o peso. Seria essa a sensação de ser curado, essa impressão de luz e cor, esse sentimento de ter abandonado o passado como sacos de carvão numa carvoeira de um navio? Era assim que seus pacientes se sentiam quando eles descarregavam o peso de seu caos sobre ele?

Em seu ouvido, ele podia escutar o som entrecortado da respiração dela. Depois de alguns momentos, ela disse:

— Minha nossa. Minha nossa senhora. Essa foi a melhor de todas. Eu amo o jeito que você faz amor comigo.

— Foi bom para mim também — disse Tony, falando a sério dessa vez. Pela primeira vez desde que tinha iniciado essa combinação estranha de terapia e jogo sexual, ele não teve nenhum problema com sua ereção. Desde o início, ele esteve duro como uma rocha. Sem esmorecer, sem murchar, sem vergonha. Simplesmente o primeiro ato sexual livre de problemas que tivera em anos. Tudo bem, Angelica não estava de verdade no quarto com ele, mas era um passo gigantesco na direção certa.

— Juntos fazemos a mais doce melodia — disse Angelica. — Ninguém jamais me excitou como você.

— Você faz muito isso? — perguntou Tony de um jeito relaxado.

Angelica deu uma risadinha, um gorgolejo rouco e sexy.

— Você não é o primeiro.

— Deu para notar. Você é muito especialista para isso — elogiou, com alguma sinceridade. Ela havia sido a perfeita terapeuta para ele, isso sem dúvida era verdade.

— Sou muito criteriosa quanto aos homens que permito que compartilhem o prazer comigo — respondeu Angelica. — Não é todo mundo que gosta do que tenho a oferecer — acrescentou.

— Eles têm de ser muito estranhos para não gostar. Sei que gosto.

— Fico feliz, Anthony. Você nunca vai saber o quanto. Preciso ir agora — disse ela, mudando abruptamente para o tom sério que Tony passara a associar ao fim de suas ligações. — Esta noite foi muito especial. Nos falamos em breve.

A linha ficou muda. Tony desligou o telefone e se deitou. Esta noite, com Angelica, pela primeira vez na vida, ele havia sentido um cuidado protetor que auxiliava sem sufocar. Sua avó, ele sabia com o intelecto, o tinha amado e cuidado dele, mas sua família nunca fora dada a demonstrações de afeto, e o amor dela tinha sido direto e prático, atendendo às necessidades dela no lugar das dele. As mulheres com quem se envolveu no passado foram, agora ele percebia, substitutas emocionais para ela. Graças a Angelica, ele ousava ter esperança de que o padrão tivesse sido quebrado. Isso lhe causara dor o suficiente ao longo dos anos.

Sua vida sexual havia começado mais tarde do que a da maioria de seus colegas de mesma idade, em parte porque seu corpo relutou em amadurecer. Até seus dezessete anos, ele era de longe o menor dos garotos da turma, condenado a namorar as meninas de treze e catorze anos, ainda mais assustadas com o sexo do que ele. Depois, de repente, ele cresceu treze centímetros em cinco meses. Quando foi à universidade, tinha perdido a

virgindade num ato desajeitado numa cama de solteiro, a padronagem em alto-relevo da colcha deixando-o com ardências desconfortáveis pela fricção durante dias. Sua namorada, aliviada por se livrar finalmente do empecilho da virgindade, terminou com ele dias depois.

Na universidade, ele era muito tímido e aplicado para melhorar sua experiência. Depois, quando começou a trabalhar em seu doutorado, ficou caidinho por uma jovem monitora de filosofia da faculdade. Como era inteligente e interessante, ele chamou a atenção dela. Patricia não fez segredo do fato de que era uma mulher liberada, do mesmo modo que ela não fizera segredo do fato de que terminara seu relacionamento por causa de seu desempenho decepcionante na cama.

— Encare os fatos, querido — disse-lhe ela. — Seu cérebro pode ser bom para um doutorado em filosofia, mas sua trepada não passaria nem do secundário.

Daí foi ladeira abaixo. As últimas poucas mulheres com quem Tony se envolveu tinham achado que ele era um perfeito cavalheiro, nunca as pressionando a ir para a cama. Até que elas a levavam e descobriam como era raro que ele conseguisse alguma performance. Ele havia descoberto há muito tempo como era difícil convencer uma mulher de que o fato de não conseguir uma ereção não tinha nada a ver com ela.

— Elas só ficavam aborrecidas e feridas em seus egos — disse em voz alta.

Talvez agora ele tivesse finalmente encontrado um jeito de enfrentar o passado e ir adiante. Mais algumas noites como essa com Angelica e, talvez, apenas talvez, ele estivesse pronto para tentar a coisa de verdade. Ele imaginava se os serviços dela se estendiam a isso. Talvez ele devesse começar a pensar em deixar algumas indiretas.

• • •

Brandon leu a folha de papel em sua mesa e limpou os olhos. Ele e Dave Woolcott tinham passado a noite analisando dúzias de relatórios que chegaram a partir das medidas tomadas por Dave em resposta às correlações obtidas pelo sistema HOLMES. Apesar de seus esforços determinados em encontrar algum indício mínimo que revelasse o assassino, não havia nada que nenhum deles pudesse identificar como pista.

— Talvez essa ideia de Carol seja útil — disse Dave, com um bocejo.

— Fora isso, tentamos de tudo — concluiu Brandon, com a voz tão deprimida quanto o rosto. — Mal não vai fazer seguir com ela.

— Ela é uma manipuladora inteligente, essa mulher — comentou Dave. — Um dia ainda vai chegar ao comando.

Não havia amargura em seu tom, só uma admiração desgastada. Sua boca se abriu em outro bocejo.

— Vá para casa, Dave. Quando foi a última vez que você viu a Marion acordada?

Dave lastimou-se.

— Não comece, senhor. Eu iria parar de qualquer jeito, não há muito o que fazer. Vou estar aqui amanhã para terminar a lista desses fornecedores de informática.

— Tudo bem, mas não cedo demais, ouviu? Faça um agrado à sua família. Tome o café da manhã com eles.

Antes que aceitasse seu próprio conselho, Brandon queria analisar os depoimentos de testemunhas e as impressões dos policiais mais uma vez, incapaz de acreditar que não havia nada à espreita ali que lhes daria seu primeiro golpe de sorte. Quando chegou à metade, ele estava achando quase impossível se motivar para continuar no resto da pilha. A perspectiva de se enroscar no corpo quente de Maggie era irresistível.

Brandon suspirou e se concentrou na próxima folha de papel. Sua análise foi interrompida pelo toque insistente do telefone.

— Brandon — disse com um suspiro.

— Aqui quem fala é o sargento Murray, da recepção. Desculpe interrompê-lo, senhor, mas nenhum dos inspetores está no posto policial no momento. O problema é que há uma pessoa aqui com quem acho que o senhor gostaria de falar. Ele é vizinho de Damien Connolly, senhor.

Brandon já tinha se levantado da cadeira.

— Estou indo.

O homem na recepção estava sentado no banco de madeira que ia de um lado ao outro da parede, com a cabeça baixa, o áspero borrão da barba por fazer em seu queixo. Quando Brandon saiu de trás do balcão, ele ergueu os olhos. Devia ter quase uns trinta anos, estimou Brandon. Bronzeado artificialmente, círculos escurecidos em volta dos olhos. Alguma espécie de executivo, a julgar pelo terno caro, mas sóbrio, e a gravata de seda pendendo torta sob o botão superior aberto da camisa. Ele tinha a aparência amarfanhada, de olhos vermelhos, como alguém que vinha viajando havia tanto tempo que tinha esquecido em que dia ou em que cidade estava. Ver alguém mais cansado do que ele mesmo pareceu injetar nova energia em Brandon.

— Pois não? — disse ele, com animação. — Sou John Brandon, o chefe de polícia assistente a cargo da investigação sobre a morte de Damien Connolly.

O homem fez um aceno de cabeça.

— Terry Harding. Moro a algumas casas de distância de Damien.

— O sargento informou que você pode ter alguma informação para nós.

— Isso mesmo — disse Terry Harding, sua voz rouca devido ao cansaço.

— Vi um estranho saindo da garagem de Damien na noite em que ele foi

morto.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 016**

Eu já havia começado a trabalhar no dr. Tony Hill mesmo antes de ter despachado Damien Connolly. Parecia justiça poética para mim que, como Damien, seu nome já estivesse em minha lista como parceiro em potencial. Se eu precisava de qualquer tipo de confirmação de que estava fazendo a coisa certa em puni-lo, era isso.

Pois bem, eu já sabia onde ele morava, onde trabalhava e qual era sua aparência. Sabia a que horas ele saía de casa pela manhã, que bonde pegava para trabalhar e por quanto tempo ficava em seu pequeno escritório na universidade.

Só percebi a tranquilidade com que tudo tinha transcorrido até agora quando as coisas começaram a se encaminhar em direções que eu não previra nem gostava. Acho que cometi o erro de subestimar a estupidez das forças que se opunham a mim. Nunca pensei que houvesse muita capacidade cerebral

compartilhada entre os policiais da corporação de Bradfield, mas os últimos desdobramentos chocaram até a mim mesmo. Eles prenderam a pessoa errada!

A incrível falta de inteligência e percepção deles só era comparável à da mídia, que seguia a polícia como ovelhas sem raciocínio. Não consegui acreditar quando peguei o Sentinel Times e li que um homem estava preso, ajudando as investigações da polícia sobre os meus assassinatos. A prisão ocorreu depois de uma agressão de rua envolvendo um policial. Como é que eles podiam imaginar que alguém que tomara tanto cuidado quanto eu acabaria numa briga de rua em Temple Fields? Era um insulto à minha inteligência. Eles achavam mesmo que eu estaria fora de controle fazendo arruaça por aí?

Li e reli o artigo, incapaz de crer na profundidade da tolice deles. A raiva queimava dentro de mim. Conseguia senti-la no meu estômago como indigestão e cólicas provocadas por gases que se reviravam como uma bola com saliências pontudas. Eu queria fazer algo cruel e dramático, algo que lhes provasse como estavam errados.

Malhei com meus pesos até que meus músculos tremessem com o esforço e meu equipamento ficasse encharcado de suor, mas ainda assim a raiva se recusava a diminuir. Corri pelas escadas até meu computador e trabalhei nos vídeos de Damien que eu importara para o meu sistema. Quando terminei, tínhamos realizado uma ginástica sexual que deixaria orgulhosa a equipe nacional da Rússia. Mas nada me satisfez. Nada eliminou a raiva.

Por sorte, ao contrário deles, eu não era uma pessoa estúpida. Sabia o quanto a raiva descontrolada poderia ser perigosa para mim. Precisava domá-la, usá-la com criatividade e fazê-la trabalhar para mim. Forcei-me a canalizar aquilo para fins construtivos. Planejei em detalhes como capturaria o dr. Tony Hill e o que faria com ele quando o pegasse. Ele teria coisas pendentes — literalmente.

Squassation e strappado. A Inquisição Espanhola sabia exatamente como aproveitar ao máximo o que estava disponível. Eles simplesmente utilizaram a força mais poderosa do planeta, a força da gravidade. Tudo que se precisava era um guincho, uma polia, algumas cordas e um bloco de pedra. As mãos das vítimas eram amarradas atrás das costas e corria-se uma corda delas até uma polia. Depois, uma pedra era presa aos pés.

Em seu livro *The Horrid Cruelties of the Inquisition*, publicado em 1770, John Marchant descreveu essa tortura eficaz do modo mais eloquente:

O corpo é puxado para cima, até que a cabeça atinja a polia. Ele é mantido pendente dessa maneira por algum tempo, de modo que, pela grandeza do peso suspenso em seus pés, todas as suas articulações e membros possam ser terrivelmente esticados e, de repente, ele é baixado com um solavanco, dando folga à corda. Contudo, é impedido de chegar ao chão; pelo horrível abalo, seus braços e pernas se separam das juntas. Com isso, ele é submetido à dor mais intensa; o choque, que recebe pela súbita interrupção da queda, e o peso em seus pés, que estica todo o seu corpo da forma mais intensa e cruel.

Os alemães acrescentaram um refinamento que me atraiu. Atrás da vítima, eles puseram um rolo com saliências pontiagudas, de modo que, quando ele descia, as pontas cortavam e despelavam suas costas, deixando seu corpo como uma massa sangrenta de ligamentos rompidos. Considerei reproduzir esse efeito, mas, mesmo depois de muita manipulação do layout, não consegui criar com satisfação um projeto no computador e ter certeza de que ele funcionaria tranquilamente, a menos que eu algemasse suas mãos na frente dele, o que tornaria a squassation e o strappado muito menos eficazes. Manter a simplicidade, esse é o meu lema.

Enquanto estava planejando e construindo, tomei medidas para fechar minha teia ainda mais apertada em volta do dr. Hill. Ele podia pensar que conseguia penetrar minha mente, mas tinha entendido as coisas errado.

Mal podia esperar para começar. Estava contando as horas.



— Pois bem, senhorita R., supondo que eu aparecesse por volta da meia-noite ao lado da sua cama, armado com uma faca de trinchar, o que diria?

Ao que a crédula moça respondeu:

— Ah, sr. Williams, se fosse qualquer outra pessoa, ficaria amedrontada. Porém, assim que ouvisse sua voz, ficaria tranquila.

Pobre moça, tivesse esse esboço do sr. Williams sido detalhado e concretizado, ela teria visto alguma coisa no rosto cadavérico, e ouvido algo na voz sinistra, que teria perturbado sua tranquilidade para sempre.

Quando o telefone tocou, a primeira reação de Carol foi indignação. Oito e dez numa manhã de domingo só podia significar trabalho. Ela se agitou na cama, com um longo e grave resmungo de descontentamento atormentando os ouvidos de Nelson. Seu braço apareceu por baixo das cobertas, tateando em volta da mesa de cabeceira. Ela atendeu o telefone e grunhiu:

— Jordan.

— Esta é sua ligação de alarme do início da manhã.

A voz estava alegre demais, concluiu Carol, antes de registrar a identidade de quem ligava.

— Kevin — disse ela. — É melhor que isso seja bom.

— É melhor do que bom. O que você diria de uma testemunha que viu o assassino sair de carro da casa de Damien Connolly?

— Repita? — murmurou ela. Kevin repetiu seu anúncio. Da segunda vez, sua voz fez Carol ficar sentada, na beirada da cama. — Quando? — indagou ela.

— O sujeito chegou aqui ontem de madrugada. Tinha estado fora do país a negócios. Brandon o interrogou. Ele marcou uma reunião para as nove — disse Kevin, empolgado como uma criança no Natal.

— Kevin, seu safado, você podia ter me ligado antes...

Ele deu uma risadinha.

— Achei que você precisava do sono para manter a beleza.

— Que se danem o sono e a beleza...

— Eu só cheguei há cinco minutos também. Pode trazer o doutor com você? Acabo de tentar ligar para ele, mas ninguém atende.

— Tudo bem, vou dar uma passada na casa dele e ver se consigo acordá-lo. Ele parece ter o hábito de desligar os telefones. Ilusão dele achar que pode se dar bem e ter uma noite de sono decente. Dá para notar que não é policial — acrescentou ela.

Carol recolocou o telefone no gancho abruptamente e se encaminhou para o chuveiro. O pensamento de que Tony pudesse ter desligado o telefone porque estava com a mulher da secretária eletrônica passou por sua mente. A ideia provocou uma dor em seu estômago. — Vaca idiota — murmurou para si mesma, enquanto a água caía em cascata sobre ela.

Às vinte para as nove, ela estava pressionando a campainha de Tony. Depois de alguns minutos, a porta se abriu. Com os olhos turvos, lutando

com a faixa de seu roupão, Tony olhou para fora na direção dela.

— Carol?

— Desculpe por acordá-lo — disse ela formalmente. — Você não estava atendendo o telefone. O sr. Brandon me pediu para vir buscá-lo. Há uma reunião às nove. Temos uma testemunha.

Tony esfregou os olhos, parecendo confuso.

— É melhor você entrar.

Ele caminhou pelo corredor, deixando Carol fechar a porta atrás de si.

— Desculpe quanto aos telefones. Fui dormir tarde, por isso os desliguei. — Ele balançou a cabeça. — Você pode esperar um instante enquanto tomo um banho e faço a barba? Caso contrário, vou para lá sozinho. Não quero que se atrase por minha causa.

— Vou esperar — disse Carol. Ela pegou o jornal do capacho e o folheou, encostada na parede, alerta para os sinais denunciadores da presença de uma terceira pessoa. Ela se sentiu irracionalmente satisfeita quando não ouviu nenhum. Muito embora soubesse que era uma reação infantil, não significava que reações como essa fossem parar da noite para o dia. Ela apenas aprenderia como disfarçá-las até que acabassem, como tinha certeza de que aconteceria um dia, com sua existência exaurida pela falta de interesse de Tony.

Dez minutos mais tarde, ele reapareceu de jeans e camisa de malha, cabelos úmidos e bem-penteados.

— Desculpe por isso. Meu cérebro não funciona até que eu tome um banho. Pois bem, que negócio é esse de testemunha?

Carol lhe contou o pouco que sabia a caminho do carro.

— Essas são ótimas notícias — disse Tony com entusiasmo. — Primeiro grande avanço, não é?

Carol deu de ombros.

— Depende do quanto ele possa nos contar. Se o cara estiver dirigindo um Ford Escort vermelho, não nos levará muito adiante. Precisamos de algo sério para fazer a correspondência cruzada. Talvez algo como o ponto de vista do computador.

— Ah, sim, a teoria do computador. Como vai isso?

— Eu a discuti com meu irmão. Ele acha que é perfeitamente plausível — respondeu Carol com frieza, sentindo-se tratada com condescendência.

— Ótimo — disse Tony, entusiasmado. — Espero realmente que dê certo. Não estava tentando jogar um balde de água fria na coisa, sabe. Tenho de trabalhar com equilíbrio de probabilidades, e sua ideia estava muito além de meus parâmetros. Mas é o tipo de estalo investigativo que vamos precisar na força-tarefa nacional. Acho mesmo que você deve considerar seriamente se inscrever quando dermos o pontapé inicial no projeto.

— Não pensei que você ficaria confortável com a ideia de trabalhar comigo depois disso — comentou Carol, com os olhos firmes na estrada.

Tony respirou fundo.

— Nunca encontrei um policial com quem preferisse trabalhar.

— Mesmo que eu invada o seu espaço pessoal? — perguntou ela amargamente, odiando-se por futucar a mágoa como se fosse uma velha casca de ferida.

Tony suspirou.

— Achei que tivéssemos concordado que podíamos ser amigos? Sei que eu...

— Tudo bem — interrompeu ela, desejando que jamais tivesse começado a conversa. — Posso ser sua amiga. Você acha que o Bradfield Victoria tem alguma chance no torneio?

Assustado, Tony se virou no banco e fitou Carol. Ela estava com um sorriso crispado no canto da boca. De repente, os dois estavam rindo.

As últimas ameaças do governo ao serviço prisional significavam que os policiais da HM Prison Barleigh tinham começado a trabalhar numa operação padrão. Isso, por sua vez, significava que os presos ficavam nas celas por vinte e três em cada vinte e quatro horas. Stevie McConnell estava deitado de lado em sua cama beliche na cela que tinha apenas para si. Em seguida ao ataque que o tinha deixado com dois olhos roxos, algumas costelas quebradas, mais contusões do que podia contar, e o tipo de dano sexual que tornava o ato de se sentar uma opção muito dolorosa para contemplar de imediato, ele havia solicitado confinamento solitário, e ele lhe fora concedido.

Não importa o quanto ele declarasse que não era o Assassino de Bonecas. Ninguém estava nem aí, nem os presos nem os guardas. Ele tinha percebido que os carcereiros tinham por ele o mesmo desdém que seus colegas detentos quando ouviu o som de passos por toda a ala. Mas nenhum policial havia destrancado a porta de sua cela para permitir que ele esvaziasse o balde fedorento de seus dejetos que estava no corredor, com seu cheiro insistente de certa forma mais nojento do que o das dúzias de banheiros públicos onde Stevie tinha escolhido estranhos para transar.

O tanto que conseguia ver, suas perspectivas eram desoladoras. O próprio fato de que ele estava por trás das grades era suficiente para condená-lo aos olhos da maioria das pessoas. Provavelmente o mundo inteiro estava convencido de que o Assassino de Bonecas tinha feito sua última vítima agora que Stevie McConnell estava na cadeia. Depois que ele foi solto em seguida ao primeiro período de interrogatório, ficou intensamente consciente de que todos no trabalho, equipe e clientes, estavam evitando-o, recusando-se a olhá-lo nos olhos. Um drinque num bar de Temple Fields onde ele era freguês há anos tinha sido o suficiente para lhe mostrar que a solidariedade gay o havia deserdado misteriosamente também. A polícia e a imprensa claramente pensavam que ele era um psicopata. E até que eles pegassem o Assassino de

Bonecas, Bradfield não seria um lugar acolhedor para Stevie McConnell. A decisão de se mudar para Roterdã, onde um ex-amante administrava uma academia, pareceu fazer sentido na ocasião. Não lhe ocorreu que eles estariam atrás dele.

A ironia de que, inicialmente, tudo isso lhe havia acontecido porque correria para defender um policial não foi algo que Stevie deixou de perceber. Ele deu uma risada amarga. Aquele grande sargento do nordeste da Inglaterra estava provavelmente contando suas bênçãos por ter sido atingido por metade de um tijolo, achando que essa era a única coisa que o tinha salvado de ser a próxima vítima do assassino. A realidade era que Stevie McConnell era a única vítima naquela noite. E isso não ia mudar. Mesmo sua família escandalizada não queria saber, de acordo com seu advogado.

Deitado ali, examinando seu futuro sem arroubos de emoção, ele chegou a uma decisão. Com uma careta de dor, Stevie rolou para fora do beliche e tirou a camisa, estremeando com a pontada de dor em suas costelas. Com os dentes e as unhas, desfez pacientemente as costuras que uniam o brim. Na ponta afiada de uma mola da cama, ele rasgou as bordas do material de modo que pudesse fazer tiras finas, que entrelaçou para que ficassem mais fortes. Ele prendeu uma extremidade da amarra improvisada em volta do pescoço num laço apertado, depois subiu no beliche de cima. Amarrou a outra extremidade de sua curta corda na grade inferior da cama de cima.

Então, às nove e dezessete de uma manhã ensolarada de domingo, ele se jogou de cabeça da beirada da cama.

Como uma empresa em dificuldades que recebeu uma oferta inesperada para se salvar da falência, a delegacia de Scargill Street estava agitada com uma intensa atividade. No centro de tudo isso estava a sala da equipe HOLMES,

onde os policiais olhavam para telas, manipulando as novas informações, avaliando as novas correspondências que o sistema apresentava.

Em sua sala, Brandon conduzia um conselho de guerra com seus quatro inspetores e Tony, todos eles segurando uma fotocópia das observações de Brandon em sua entrevista com Terry Harding. O chefe de polícia assistente tinha tido apenas cinco horas de sono, mas a perspectiva de andamento na investigação lhe dera nova energia, traída somente pelas olheiras pesadas em volta de seus olhos fundos.

— Para recapitular, então — disse Brandon. — Às sete e quinze da noite, aproximadamente, Damien Connolly foi morto, um homem dirigiu de sua garagem em algum tipo de 4x4 grande, de cor escura. Ele saiu do 4x4 para fechar a porta da garagem, e foi então que nossa testemunha o viu melhor. A descrição que temos é de um homem branco, de um metro e setenta e oito a um metro e oitenta e três, com idade entre vinte e vinte e cinco anos, possivelmente com o cabelo amarrado atrás num rabo de cavalo. Usava tênis branco, jeans e um casaco longo de algodão encerado. Durante a noite, a equipe do HOLMES vem analisando os veículos registrados em Temple Fields que estão de acordo com a descrição. A maioria desses motoristas já tinha sido interrogada, mas todos eles serão acompanhados e interrogados mais detidamente agora que temos os indícios de Terry Harding. Bob, quero que fique responsável por isso, e verifique também os álibis.

— Certo, chefe — disse Stansfield, removendo as cinzas do cigarro com um movimento determinado.

— Ah, e Bob? Você pode conseguir que alguém confirme se Harding esteve mesmo no Japão a semana inteira numa viagem de negócios? Quero ter certeza de que não deixamos nada de fora.

Stansfield assentiu com a cabeça.

— Estou mandando uma viatura para buscar Harding às onze horas — prosseguiu Brandon, conferindo a lista que preparara na cozinha às sete. — Carol, quero que você faça a entrevista. Verifique qual empresa de táxi Harding usou para pegá-lo no aeroporto, vamos ver se conseguimos restringir esse tempo um pouco mais. Tony, gostaria que você fizesse parte disso. Talvez possa nos ajudar com as estratégias para melhorar as recordações dele, ver se podemos conseguir alguma descrição segura da aparência desse sujeito.

— Farei o melhor que puder — concordou ele. — No mínimo, provavelmente poderei distinguir entre o que ele lembra e o que ele acha que lembra.

Brandon lançou-lhe um olhar estranho, mas continuou assim mesmo.

— Kevin, quero que organize uma equipe para visitar os showrooms de carros, consiga o máximo de brochuras e pôsteres que puder de veículos de tração nas quatro rodas para que possamos mostrá-los ao sr. Harding e ver se ele pode nos fornecer uma identificação positiva.

— Sim, senhor. Quer que voltemos aos vizinhos dos casos anteriores, para verificar se alguém notou o mesmo veículo lá? — perguntou Kevin com ansiedade.

Brandon refletiu por um momento.

— Vamos ver como prosseguimos hoje — disse ele após alguns instantes. — Seria preciso muito pessoal e tempo para seguir por esse caminho novamente, e podemos não precisar. Provavelmente vale a pena ter uma palavra com o resto dos vizinhos na rua de Connolly, no entanto. Agora que temos alguma coisa específica para lhes perguntar. Boa ideia, Kevin. Pois bem, Dave. O que você pode fazer por nós?

Woolcott descreveu as ações que a equipe HOLMES já estava desempenhando.

— Como é domingo, estou deixando de contatar a Swansea até que tenhamos restringido o veículo. Quanto mais informações pudermos lhes fornecer, com menos possibilidades teremos de lidar. Se esse sujeito Harding puder nos dar a marca, modelo e o ano, ou pelo menos eliminar alguns modelos, poderemos pedir à Agência de Licenciamento de Veículos uma lista de todos os veículos correspondentes no Reino Unido. Então poderemos começar a entrevistar os donos registrados, começando com Bradfield, depois nos distanciando progressivamente. É uma trabalhadeira dos diabos, mas chegaremos lá no final.

Brandon assentiu, mostrando que registrava a informação.

— Alguém conseguiu mais alguma coisa?

Tony levantou a mão.

— Se estiver interrogando os vizinhos mesmo, pode valer a pena estender as investigações um pouco.

Todos os olhos estavam nele, mas ele só estava ciente dos de Carol. O que tinha acontecido entre eles tinha aguçado seu desejo de ser fundamental para capturar o Faz-tudo.

— Esse sujeito é um perseguidor, não acho que ninguém questionaria isso agora. Acredito que ele vinha observando Damien Connolly por um tempo. Como estamos no meio do inverno, não é o tempo ideal para ficar por aí em lugares abertos. É provável que ele tenha feito grande parte de sua espionagem de dentro do carro. Ele provavelmente não parava no próprio beco, já que ficaria muito visível numa rua tão pequena. Imagino que estacionava na rua que percorre a parte mais baixa, em algum lugar em que tivesse a casa em sua linha de visão. Talvez alguém lá tenha notado um veículo desconhecido estacionado do lado de fora por longos períodos.

— Boa ideia — disse Brandon. — Kevin, pode cuidar disso?

— Sim, senhor. Vou colocar os rapazes nisso.

— E as moças — disse Carol, com doçura. — Talvez devêssemos pedir a eles que não se concentrem no veículo de tração nas quatro rodas. Se esse sujeito for tão cuidadoso quanto achamos que é, ele pode usar o 4x4 para as capturas e tentar algo diferente quando está fazendo as perseguições, para o caso de algum vizinho intrometido ter registrado seus horários.

— O que você acha, Tony? — perguntou Brandon.

— Não me surpreenderia — disse ele. — É importante que não esqueçamos como esse assassino é competente. Pode até mesmo estar usando carros alugados.

Dave Woolcott gemeu.

— Ah, meu Deus, não faça isso comigo.

Bob Stansfield ergueu os olhos do bloco onde estava escrevendo os nomes de sua equipe.

— Imagino que as outras linhas de investigação que o dr. Hill sugeriu vão ficar suspensas por enquanto?

Brandon crispou os lábios com gravidade. A euforia tinha morrido em algum lugar durante a reunião. O peso do trabalho à frente parecia insustentável; e a ideia de encontrar o assassino, quase tão distante quanto antes de Terry Harding entrar na delegacia.

— Certo. Sem querer desrespeitá-lo, Tony, mas suas sugestões são hipóteses, e o que temos agora é nosso primeiro conjunto de fatos concretos.

— Sem problema — disse Tony. — Indícios concretos sempre vêm primeiro.

— E a ideia de Carol sobre o computador? Ainda devemos segui-la? — perguntou Dave.

— O mesmo se aplica a ela — respondeu Brandon. — É um palpite, não é um fato. Então, sim, fica suspensa.

— Com o devido respeito, senhor — interveio Carol, determinada a não ser relegada a uma participação menor. — Mesmo que Terry Harding nos dê uma identificação positiva da marca e do modelo do veículo, podemos não avançar. Precisamos de outros fatores de eliminação antes que possamos restringir as coisas. Se eu estiver certa sobre o computador, estaríamos olhando um segmento tão pequeno da população que poderia ser significativo se fizermos a correspondência cruzada dos dados.

Brandon considerou a ideia por um momento, depois disse:

— Argumento aceito, Carol. Tudo bem, podemos ir atrás disso, Dave, mas não como uma prioridade. Somente quando tivermos pessoal liberado da investigação principal. Certo, estamos todos cientes do que temos de fazer? — Ele olhou em volta com expectativa, registrando uma série de acenos de cabeça. — Tudo bem, equipe — acrescentou Brandon, com severidade na voz. — Vamos correr atrás disso.

— E que a força esteja com você — murmurou Kevin para Carol enquanto eles saíam do escritório.

— Eu prefiro a força à imprensa marrom — disse ela secamente, dando as costas para ele. — Tony, podemos encontrar um lugar tranquilo e planejar nossa estratégia para o interrogatório?

— A única forma de conseguir extrair mais dele é por meio de hipnose — disse Tony, enquanto eles conversavam no corredor depois de uma hora com Terry Harding.

— Sabe fazer isso? — perguntou Carol.

— Conheço a técnica básica. Julgando por seus movimentos oculares e linguagem corporal, ele estava falando a verdade sobre o que viu, sem inventar nem exagerar nada, então pode transmitir mais detalhes sob hipnose, particularmente se tivermos fotos para lhe mostrar.

Dez minutos mais tarde, Carol estava de volta com uma pilha de brochuras de automóveis que a equipe de Kevin tinha coletado nas concessionárias da cidade.

— É disso que precisamos?

Tony assentiu.

— Perfeito. Tem certeza de que quer que eu tente isso?

— Deve valer a pena tentar — disse Carol.

Eles andaram de volta à sala de interrogatório, onde Terry Harding estava terminando uma caneca de café.

— Posso ir embora agora? — perguntou ele, pesaroso. — Só porque tenho um voo agendado para Bruxelas amanhã e nem desfiz minha mala.

— Não vai demorar muito mais, senhor — disse Carol, sentando-se num lado da mesa. — O dr. Hill gostaria de tentar algo com o senhor.

Tony sorriu de modo tranquilizador.

— Temos algumas fotos de veículos 4x4 do tipo que o senhor viu deixando a garagem de Damien. O que eu gostaria de fazer, se concordar, é colocá-lo num leve transe hipnótico e pedir que dê uma olhada nelas.

Harding franziu as sobrancelhas.

— Por que não posso simplesmente vê-las como estou?

— As chances de reconhecer o modelo específico são melhores — explicou Tony suavemente. — A questão é que, sr. Harding, o senhor é obviamente um homem muito ocupado. Desde que viu o incidente, já viajou para o outro lado do mundo, teve uma série de reuniões de negócios importantes e provavelmente não teve tempo suficiente de sono. Tudo isso significa que sua mente consciente deve ter arquivado os detalhes do que o senhor viu no último domingo. Usando a hipnose, posso ajudá-lo a recuperar essas informações.

Harding parecia em dúvida.

— Não sei. Sempre achei que, se me fizessem entrar nesse estado, poderiam me forçar a dizer qualquer coisa.

— Infelizmente, esse não é o caso. Se fosse, os hipnotizadores seriam todos milionários — brincou Tony. — Como disse, tudo que ela faz é trazer à luz coisas que estão ocultas porque não são importantes.

— O que preciso fazer? — disse Harding, desconfiado.

— Só ouvir a minha voz e seguir minhas instruções — disse Tony. — Você vai se sentir um pouco estranho, um pouco desorientado, mas estará no controle o tempo inteiro. Uso uma técnica chamada programação neurolinguística. É muito relaxante, prometo.

— Tenho que me deitar ou não?

— Nada disso. Vou balançar um relógio na sua frente. Está preparado para tentar?

Carol suspendeu a respiração, observando Harding enquanto uma mistura de expressões entrava em conflito no rosto dele. Finalmente, ele assentiu.

— Duvido que consiga me hipnotizar — disse ele. — Sou um homem que conhece a própria mente. Mas estou disposto a tentar.

— Tudo bem — respondeu Tony. — Quero que relaxe. Feche os olhos se for mais confortável. Agora, quero que vá fundo dentro de si mesmo...

Eufóricos com o sucesso, Tony e Carol entraram energicamente na sala da delegacia de homicídios. Bob Stansfield estava de pé ao lado da janela, olhando para a rua encharcada embaixo, com os ombros caídos, um cigarro desprezado queimando em sua mão. Ele olhou em volta e Carol gritou:

— Anime-se, pode ser que nunca aconteça.

Stansfield se virou e disse com amargura:

— Você obviamente não ficou sabendo da notícia.

— Que notícia? — perguntou Carol, andando até ele.

— Stevie McConnell se enforcou.

Carol balançou sobre seus saltos e tropeçou numa mesa. Seus ouvidos estavam tinindo, e ela achou que fosse desmaiar. Instintivamente, Tony avançou à frente e a guiou até uma cadeira.

— Respire fundo, Carol. Fundo e devagar — disse ele, suavemente inclinado sobre ela, fitando seu rosto pálido.

Ela fechou os olhos, afundou as unhas na palma das mãos e obedeceu.

— Desculpe — disse Stansfield. — Foi um baque para mim também.

Carol ergueu os olhos e desviou os cabelos da testa, que ficou pegajosa de repente.

— O que aconteceu?

— Ao que parece, ele foi vítima de agressão ontem. Um tratamento especial para casos sexuais, pelo que disseram. Então, esta manhã ele rasgou a camisa e se enforcou. A porra dos guardas nem por um momento notaram, porque estavam no meio de uma operação padrão — acrescentou de um modo brutal.

— Coitado — disse Carol.

— Vai ser um pandemônio — previu Stansfield. — Estou feliz que isso não tem porra nenhuma a ver comigo. Pelo menos não vai ser o meu na reta. Quer dizer, Brandon tem as costas quentes, então vai ser a porra de um inspetor que vai levar a culpa.

Carol o olhou como se desejasse bater nele.

— Às vezes, Bob, você realmente torra o saco — disse ela, friamente. — Onde está o Brandon?

— Na sala do HOLMES. Provavelmente se escondendo do chefe de polícia.

Eles encontraram Brandon e Dave Woolcott fechados no cubículo do inspetor, na saída da sala principal.

— Temos certeza da marca, senhor — anunciou Carol, com o vigor abalado pela notícia de Stansfield. — Sabemos que carro ele estava dirigindo.

Penny Burgess saiu da estrada principal e enveredou pela trilha do Departamento Florestal que levava ao coração da floresta. Tinha como meta um estacionamento e a área de piquenique no meio da mata. Era um dos seus lugares favoritos para caminhar entre as árvores e subir até as escarpas de arenito sem vegetação, onde o vento podia soprar para longe todas as impurezas da semana. Ela certamente precisava disso depois dos últimos dias de trabalho duro, matérias importantes e sono insuficiente.

A música na rádio terminou e o locutor disse:

— E agora, direto para a redação, para as manchetes da hora.

Em seguida veio a vinheta de notícias, depois uma mulher disse numa voz muito animada para o assunto:

— Notícias da hora da Northern Sound. Um homem que foi interrogado pela polícia de Bradfield em relação aos assassinatos em série que aterrorizaram a cidade foi encontrado morto nesta manhã em sua cela na prisão de Barleigh.

Em choque, Penny tirou o pé do acelerador e foi lançada para a frente quando o carro parou.

— Merda — exclamou ela, esticando a mão para aumentar o volume.

— Acredita-se que Steven McConnell tenha cometido suicídio se enforcando com um laço feito com suas próprias roupas. McConnell, o gerente de uma academia de fisiculturismo na cidade, foi preso na semana passada depois de uma briga de rua envolvendo um policial à paisana no bairro gay da cidade — continuou a repórter, dando ao mundo a impressão de que anunciava os resultados do Festival da Canção do Eurovision. — Ele foi liberado sob fiança, mas detido novamente depois de tentar deixar o país.

Um porta-voz do Ministério do Interior disse que haverá um inquérito completo quanto às circunstâncias de sua morte. A economia nunca esteve melhor, disse o primeiro-ministro hoje...

Penny girou a chave na ignição e virou perigosamente na direção oposta no acesso estreito, antes de pisar no acelerador e voltar à estrada. Ainda bem, pensou, que ela já tinha decidido dispensar Kevin. Depois da matéria que ela estava prestes a escrever, ela não podia imaginar que ele um dia fosse querer vê-la de novo.

• • •

Tony tamborilou os dedos nas costas do assento do táxi, com uma inquietude curiosa que o dominava. Deixar a Scargill Street não fora fácil, mas ele sabia que não tinha nenhum papel a desempenhar enquanto a polícia trabalhava em seu único indício concreto. A última coisa de que eles precisavam nesse turbilhão de censura e atividade persistente era que ele ficasse ali lembrando os policiais de todas as razões pelas quais nunca se convencera de que Stevie McConnell era o homem que procuravam.

Seu consolo era que tinha certeza de que Angelica lhe telefonaria naquela noite. Enquanto o táxi zunia pelas ruas molhadas e vazias, Tony ensaiou a conversa. Ele sentia uma nova confiança, uma certeza de que esta noite não teria nenhum problema, que tinha finalmente dominado seus fantasmas, graças à sua estranha terapia erótica. Ele lhe diria que ela não fazia ideia de como seus telefonemas tinham sido importantes para ele. Que ela o tinha ajudado mais do que podia saber. Satisfeito por ter as coisas sob controle, Tony suspirou, relaxado, e tirou o Faz-tudo da cabeça.

Penny Burgess abriu uma lata de Guinness, acendeu um cigarro e ligou o computador. Depois de dar vários telefonemas para confirmar a versão dos eventos que ouvira na rádio, ela se inflamou com um entusiasmo hipócrita que apenas políticos, jornalistas e pastores fundamentalistas parecem capazes de canalizar para seu progresso profissional.

Inalou uma longa lufada de fumaça, pensou por um momento, depois começou a bater nas teclas.

O serial killer de Bradfield fez sua quinta vítima ontem (domingo) quando o fisiculturista gay Stevie McConnell se matou na cela de uma prisão.

A polícia havia insinuado que o próprio McConnell era o Assassino de Bonecas, numa tentativa cínica de compelir o verdadeiro assassino a agir.

Mas esse exercício tortuoso terminou em tragédia, quando McConnell, de trinta e dois anos, enforcou-se com uma corda improvisada feita com sua própria camisa rasgada. Ele a atou ao beliche superior em sua cela solitária, na prisão de Barleigh, e se estrangulou.

Na noite passada, um policial envolvido na investigação do Assassino de Bonecas admitiu: “Sabemos há muitos dias que Stevie McConnell não era o assassino.”

McConnell havia pedido que a equipe prisional o pusesse numa cela isolada depois de um ataque bárbaro de presidiários como ele no dia anterior.

Uma fonte interna da prisão de Barleigh disse: “Ele levou uma verdadeira surra. Os rumores quando ele chegou davam conta de que ele era o Assassino de Bonecas, só que a polícia ainda não tinha indícios suficientes para acusá-lo.

“Presidiários não gostam de assassinos sexuais, e tendem a expressar esses sentimentos. McConnell recebeu uma surra brutal. Ele foi espancado e agredido sexualmente também.”

Conforme relatos, os carcereiros fizeram vista grossa para o espancamento selvagem do prisioneiro. Assim, ontem (domingo), por causa de uma operação padrão dos policiais da prisão, McConnell foi deixado por sua própria conta na cela por tempo suficiente para acabar com a vida. Um porta-voz do Ministério do Interior disse que haverá um inquérito completo sobre o incidente.

McConnell gerenciava a academia de ginástica Bodies no centro da cidade, onde a terceira vítima do assassino, o advogado Gareth Finnegan, era associado.

Ele foi acusado de agressão leve depois de sair em defesa de um sargento da polícia à paisana que foi atacado por um terceiro homem no bairro gay de Temple Fields.

Em seguida, tentou deixar o país enquanto estava sob fiança. A polícia o deteve novamente, quando estava prestes a entrar numa embarcação para a Holanda, e persuadiu os juízes leigos a devolvê-lo à prisão.

Uma fonte da polícia revelou: “O que fizemos levou as pessoas a pensarem que McConnell era o assassino, e era isso que queríamos.

“Serial killers são muito vaidosos. Pensamos que o assassino ficaria tão escandalizado que tivéssemos indicado a pessoa errada que sairia às claras e faria contato.

“Tudo saiu terrivelmente errado.”

Um amigo de McConnell disse na noite passada: “A polícia de Bradfield é a assassina. Pelo que me consta, foram eles que mataram Stevie.

“Os policiais o interrogaram longamente sobre os assassinatos. Eles os puseram sob todo tipo de pressão.

“Muito embora tenham deixado que ele partisse depois, não é fácil se livrar de uma mancha assim.

“Ele foi tratado com frieza no trabalho e nos bares gays.

“Foi por isso que decidiu fugir. É uma tragédia. Pior do que isso, é uma tragédia sem sentido.

“Isso não fez a polícia avançar um centímetro na busca do assassino.”

Penny acendeu outro cigarro e leu sua cópia.

— Agora, tente sair dessa, Kevin — disse ela baixinho, apertando as teclas que salvariam o arquivo e o transmitiriam via modem para o computador do escritório. Então, como algo que lhe ocorreu depois, digitou:

Memorando para a redação.

De Penny Burgess, editoria de crimes.

Estou tirando folga amanhã (segunda-feira) para compensar as horas extras da semana passada e de ontem. Espero que isso não cause problemas demais!

— Um Land Rover Discovery, cinza metálico ou azul-escuro? — confirmou Dave Woolcott, fazendo uma anotação no bloco.

— Foi o que o homem disse — confirmou Carol.

— Certo. Como hoje é domingo, não consigo um relatório completo da Swansea sobre cada veículo como esse no nosso território — explicou Dave.

— O que podemos fazer, no entanto, é mandar uma equipe visitar as principais concessionárias e os vendedores de usados, perguntando por registros de qualquer um que tenha comprado um desses — sugeriu Kevin. Como todos eles, ele estava agitado, com uma empolgação apenas ligeiramente temperada pela notícia trágica de Barleigh.

— Não — recusou Brandon. — Isso seria um desperdício de tempo e pessoal. Não há nenhuma garantia de que o assassino tenha comprado seu veículo em estabelecimentos locais. Esperaremos até amanhã de manhã. Aí trabalharemos o mais rápido possível.

Todos pareciam decepcionados, embora reconhecessem a força do argumento de Brandon.

— Nesse caso, senhor — disse Carol —, eu gostaria de trabalhar com Dave compilando listas de fornecedores de hardware e software de computador, de modo que estejamos prontos para começar assim que haja pessoal livre para atacar os telefones.

Brandon assentiu.

— Bem pensado, Carol. Agora, por que o restante de nós não volta para casa e relembra a aparência do lugar onde mora?

Tony estava estirado no sofá, tentando se convencer de que estava aproveitando o luxo de assistir à TV quando a campainha tocou. A esperança de que a companhia viesse resgatá-lo do tédio inquietante levantou-o num salto e o levou direto ao corredor. Ele abriu a porta, já com um sorriso se espalhando pelo rosto.

O sorriso morreu no meio do caminho quando percebeu que estava sem sorte. Havia uma mulher à porta, mas não era uma de suas amigas ou colegas. Ela era alta, com ossos largos, feições pesadas e rudes, e maxilares quadrados e fortes. Afastando os longos cabelos escuros do rosto, disse:

— Desculpe incomodá-lo, mas meu carro quebrou e não sei onde há um telefone público. Poderia usar seu telefone para ligar para a seguradora? Eu pago a ligação, é claro...

Sua voz foi diminuindo, e ela sorriu, como quem pede desculpas.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 017**

Quando avistei o sargento Merrick no Sackville Arms, pensei que ia desmaiar. Só tinha ido lá porque sabia que os detetives da Scargill Street usavam o lugar. Queria ouvir quais eram as fofocas na delegacia de homicídios. Queria ouvi-los falar sobre mim e minhas conquistas. A última coisa que esperava era ver um rosto tão familiar me olhando.

Estava numa mesa discreta, num canto, quando vi Merrick entrar. Ponderei se devia ou não ir embora, mas concluí que isso poderia me tornar visível. A última coisa que eu queria era que ele me reconhecesse e me seguisse por qualquer motivo que fosse. Além disso, por que eu devia permitir que um policial me forçasse a abandonar meu horário de almoço?

Mas não conseguiria evitar a agitação em meu estômago caso ele me visse e viesse falar comigo. Não tinha medo dele, mas não queria chamar atenção. Por sorte, ele estava com dois de seus colegas, e eles estavam muito ocupados discutindo alguma coisa — provavelmente sobre mim, se eles soubessem —

para prestar muita atenção a qualquer outra pessoa. Reconheci a mulher pelos jornais. Inspetora Carol Jordan. Ela é mais bonita pessoalmente do que nas fotos, talvez porque seus cabelos têm um belo tom de louro. O outro homem eu nunca tinha visto antes, mas registrei seu rosto para referência futura. Cabelos vermelho-cenoura, pele branca, sardas, traços de menino. E, é claro, Merrick, consideravelmente mais alto que os outros, com algum tipo de curativo na cabeça. Queria saber como ele foi arrumar aquilo.

Nunca odiei Merrick do jeito que odiei alguns dos outros, muito embora ele tenha me prendido algumas vezes. Ele nunca me tratou com o mesmo desdém. Nunca me olhou com escárnio quando me prendia. Mas eu conseguia perceber que ainda assim ele me via como um objeto, uma pessoa indigna de respeito. Nunca compreendeu que, quando eu vendia meu corpo para os marinheiros, havia um propósito. No entanto, o que quer que eu tenha feito naquela época já não é importante agora. Hoje sou diferente, sou uma pessoa transformada. O que aconteceu em Seaford parece tão irrelevante e remoto quanto algo que eu tenha visto no cinema.

De forma curiosa, estar na presença justamente dos policiais que tentavam me encontrar era bastante empolgante. Senti verdadeira excitação em estar a apenas alguns metros de distância dos meus perseguidores, que não sentiam a presença da presa. Eles nem mesmo tinham sexto sentido suficiente para perceber que havia algo extraordinário acontecendo, nem mesmo Carol Jordan. Isso é que é intuição feminina. Eu encarava aquilo como uma espécie

de teste, uma medida da minha habilidade de iludir meus perseguidores. A ideia de que eles podem me pegar é absurda, é impensável.

Senti-me tão forte depois desse encontro que o jornal do dia seguinte atingiu-me como uma pancada de um saco de areia. Estava andando pela sala do computador principal quando vi a primeira edição do Sentinel Times largada numa mesa de algum engenheiro júnior. A manchete QUINTO CORPO NO FUROR DO ASSASSINO DE BONECAS saltava para mim.

Queria me enfurecer e gritar, atirar coisas pela janela. Como eles ousavam? Meu trabalho é tão pessoal, como podiam confundir a obra de algum imitador descuidado com uma das minhas?

Estava tremendo com a ira contida quando voltei para meu escritório. Queria perguntar ao engenheiro se eu podia dar uma olhada no jornal, mas achei que não seria prudente. Queria sair correndo dali para a banca mais próxima e comprar um exemplar. Mas isso teria sido uma fraqueza imperdoável. O segredo do sucesso, disse com meus botões, era agir normalmente. Não fazer nada que faria meus colegas pensarem que havia algo estranho acontecendo em minha vida.

— Paciência — convenci-me — é uma virtude cardinal.

Então me sentei em minha mesa, mexendo com as complicações de um software que precisava ser reescrito. Mas meu coração não estava nisso, e eu sabia que não estava justificando meu salário naquela tarde. Às quatro horas,

não podia mais suportar. Peguei o telefone e disquei o número especial que transmite a Bradfield Sound.

A reportagem era a principal notícia do boletim, como tinha de ser.

— O corpo de um homem encontrado na área de Temple Fields nas primeiras horas da manhã não é a quinta vítima do serial killer que trouxe terror à comunidade gay de Bradfield, revelou a polícia esta tarde.

Enquanto as palavras do repórter eram assimiladas, senti minha raiva se esvaír, o vazio dentro de mim me preenchendo de novo.

Sem esperar mais, bati o telefone. Finalmente eles acertaram alguma coisa. Mas eu havia passado quatro horas infernais por causa do erro deles. Cada hora que eu sofrera seria mais uma hora acrescida à agonia do dr. Tony Hill, prometi.

Porque a polícia de Bradfield havia agora cometido o maior dos absurdos. O dr. Tony Hill, o idiota que não tinha reconhecido ainda que todos os crimes pertenciam a mim, foi apontado consultor oficial da polícia na investigação do serial killer. Coitados dos tolos iludidos. Se essa era a melhor esperança deles, então claramente não tinham esperança alguma.



Num assassinato de pura volúpia, completamente desinteressado, onde nenhuma testemunha suspeita será removida, nenhuma recompensa será ganha, nenhuma vingança será satisfeita, é claro que apressar-se seria arruiná-lo inteiramente.

A agonia era tão extrema que Tony queria acreditar que estava num pesadelo. Ele nunca tinha compreendido antes quantos tipos diferentes de dor existiam. A cabeça latejava levemente; a garganta arranhava, áspera; a dilaceração óbvia e retorcida dos ombros; e as agulhadas das cãibras em suas coxas e batatas da perna. A princípio, a dor bloqueou todos os outros sentidos. Seus olhos se fechavam com força, e tudo que conhecia era um sofrimento tão intenso que fazia o suor lhe brotar da testa.

Gradualmente, ele aprendeu a suportar os extremos da dor, percebendo que se colocasse seu peso sobre os pés, as cãibras iriam diminuir lentamente e o rasgão excruciante em seus ombros aumentaria com menor velocidade. À medida que o tormento se tornava mais tolerável, ele percebia com mais nitidez que se sentia enjoado; um mal-estar profundo depositado em seu

estômago que ameaçava ser expelido a qualquer momento. Só Deus sabia por quanto tempo ele vinha aguentando aquilo.

Devagar, com medo, ele abriu os olhos e levantou a cabeça, um movimento que enviou um espasmo de agonia por seu pescoço e ombros. Tony observou em volta. Instantaneamente, arrependeu-se do que fez. Ele soube imediatamente onde estava. O recinto era iluminado com luzes brilhantes. Refletores instalados no teto e nas paredes revelavam um cômodo caiado, seu piso de pedra bruta marcado com manchas escuras que ele sabia, sem examinar, que eram os vestígios visíveis de sangue empoçado e esparramado. De frente para ele estava o olho cego de uma câmera num tripé, uma luz vermelha lateral indicando que seu escrutínio não estava deixando de ser registrado. Preso à parede distante havia uma faixa magnética com uma coleção de facas penduradas organizadamente. Num canto do quarto, ele viu os aparelhos inconfundíveis de tortura. Um potro; um aparato estranho parecido com uma cadeira que ele reconhecia, mas não conseguia lembrar o nome imediatamente. Seria algo religioso? Algo vagamente cristão? Algo traiçoeiro, que não era o que parecia? Um berço de Judas, era como se chamava. E, na parede, uma cruz de santo André imensa de madeira, uma espécie de relíquia sagrada medonhamente deturpada. Tony deixou escapar um gemido baixinho de seus lábios secos.

Agora que sabia do pior, avaliou sua própria situação. Ele estava nu, sua pele arrepiada no frio do porão. As mãos, presas atrás das costas. A julgar pelas extremidades rígidas que cortavam seus pulsos, por algemas, mantidas esticadas por sua vez por uma corda ou corrente ou algo que estava obviamente preso ao teto. Esse cabo estava apertado o bastante para forçar a parte superior do corpo dele para a frente, deixando-o dobrado na cintura. Tony conseguiu se empurrar nas pontas dos dedos dos pés e girar o corpo de lado. Com o canto dos olhos, enxergou uma corda de náilon forte passando

por trás dele, por uma polia, pela extensão do teto, depois por outra polia até um guincho.

— Jesus — disse, com a voz áspera. Ele estava com medo de olhar seus pés, para que seus piores temores não fossem confirmados, mas forçou seus olhos para baixo assim mesmo. Como ele temera, cada tornozelo estava envolvido numa correia de couro. As correias, por sua vez, estavam presas a um suporte feito com cordas que segurava uma pesada placa de pedra. Um tremor involuntário de medo o percorreu, tencionando seus músculos torturados ainda mais. Ele tinha conhecimento sobre tortura; para tratar seus pacientes, estudara a história do sadismo. Nem mesmo em seus piores momentos imaginara que enfrentaria um destino tão desumano.

Sua mente já estava agitada. Ele seria içado para cima até que atingisse o teto. Seus músculos seriam torcidos e rasgados; suas juntas, esticadas até o limite. Depois o guincho seria solto, deixando-o cair alguns metros antes que o freio fosse aplicado. O peso da placa de pedra, ainda se movendo rapidamente para baixo acelerada a dez metros por segundo, concluiria o serviço, destroçando suas juntas, deixando-o pendente numa confusão de membros deslocados. Se tivesse sorte, o choque e a dor o deixariam inconsciente. Strappado, transformado numa das belas-artes da Inquisição Espanhola. Não era preciso alta tecnologia na tortura.

Numa tentativa de escapar ao pânico cego que seu conhecimento lhe trouxera, ele se forçou a recordar o que havia ocorrido. A mulher na porta, foi onde começara. Sentira uma sensação desagradável de familiaridade ao deixá-la entrar. Ele tinha certeza de que a vira em algum lugar, mas não conseguia imaginar ter visto alguém tão caracteristicamente desgraçado e não se lembrar. Ele andou na frente dela pelo corredor até seu escritório. Depois, o leve sopro de um cheiro estranhamente medicinal e químico. Em seguida, a mão tinha envolvido furtivamente seu pescoço e apertado um algodão frio e

nojento em seu rosto. Um chute atrás dos joelhos para fazer dobrar suas pernas e levá-lo a cair. Ele lutara, mas, com o peso dela sobre ele, apenas um momento havia passado antes que perdesse a consciência.

Depois disso, entrou e saiu de um submundo de luz e escuridão, consciente apenas do algodão que parecia constantemente apagá-lo tão logo ele lutava para voltar à consciência. Até que, finalmente, recobrou os sentidos. Na câmara de tortura do Faz-tudo. Do nada, uma citação brotou em sua mente. “Pode estar certo, senhor, quando um homem sabe que será enforcado numa quinzena, isso concentra sua mente de modo esplêndido.” Em algum lugar, ele sabia que havia uma pista do que acontecera que poderia permitir que escapasse ao que parecia ser inevitável. Tudo que precisava fazer era encontrá-la.

Será que ele tinha errado completamente seu perfil? A mulher que o sequestrara era o Faz-tudo? Ela era a culpada? Ou era apenas o chamariz, a cúmplice voluntária que se empolgava com o vício do mestre? Novamente, ele reconstituiu o que sua memória permitia recuperar. Invocou a imagem dela novamente. Primeiro, as roupas, capa de chuva bege, corte no estilo europeu, igual à de Carol, que estava aberta, revelando uma camisa branca desabotoada o suficiente para mostrar o volume de seios fartos e um decote generoso. Jeans, tênis. Tênis. Eles eram da mesma marca e modelo que os seus. Mas nada disso era importante, Tony disse a si mesmo. Eles eram apenas símbolos exteriores do cuidado que o Faz-tudo tomou para não ser pego. A indumentária da mulher havia sido escolhida de modo que, se ela deixasse alguma fibra solta, não pareceria ter nenhum significado, sendo identificável como das roupas de Carol ou das suas. E Carol havia estado em sua casa com frequência suficiente para ter deixado algumas fibras.

O rosto dela não provocava nenhuma lembrança tampouco. Ela era alta para uma mulher, pelo menos um metro e setenta e oito, combinando com

uma estrutura óssea corpulenta. Nem mesmo sua mãe poderia dizer que era atraente, com seu maxilar pesado, nariz levemente bulboso, boca grande e olhos curiosamente separados. Muito embora usasse maquiagem bem-feita, ainda que pesada, não havia muito que pudesse fazer com os materiais de constituição básica. Ele tinha certeza de que nunca estiveram juntos num cômodo, embora não fosse desconsiderar a possibilidade de ter passado por ela na rua, na estação de bonde ou no campus.

O tênis. Por alguma razão, ele ficava voltando ao tênis. Se ao menos a dor parasse por tempo suficiente para que ele se concentrasse adequadamente. Tony prendeu as pernas esticadas, tentando aliviar a dor lancinante nos ombros. A fração de um centímetro que ganhou não foi nem perto o suficiente. Novamente, a dor visceral o dominou e ele deixou cair uma lágrima.

O que havia no tênis? Tony recorreu a cada partícula de concentração que pôde e invocou a imagem da mulher novamente. Arfando lentamente, ele percebeu o que era. Os pés eram grandes demais. Mesmo para uma mulher daquela altura, os pés eram grandes demais. Assim que percebeu isso, ele se lembrou também das mãos. Primeiro, couro negro; depois, finas luvas de látex cobrindo mãos grandes, dedos grossos e fortes. A pessoa que o trouxera ali nem sempre fora mulher.

• • •

Carol apertou novamente a campainha. Onde diabos estava ele? As luzes estavam acesas e as cortinas puxadas. Talvez tivesse dado uma saidinha para pegar uma pizza, postar uma carta, comprar uma garrafa de vinho, alugar um vídeo? Com um suspiro de frustração, ela deu meia-volta, andou até o final da rua, virando no beco que se alongava entre a rua de Tony e as casas atrás.

Andou até seu quintal, onde um proprietário anterior tinha demolido a parede e concretado metade da área para fornecer o local rígido onde Tony lhe dissera que sempre deixava seu carro.

O carro estava no lugar, exatamente onde devia. — Ah, maldição — reclamou Carol. Circundando o veículo, ela andou até a casa e olhou pela janela da cozinha. A luz da porta aberta que dava para o corredor lançava uma iluminação pálida sobre o cômodo. Nenhum sinal de vida. Nenhuma louça suja, nenhuma garrafa vazia.

Por via das dúvidas, Carol tentou a porta dos fundos. Nenhum sucesso. — Malditos homens — resmungou ela, enquanto andava até o carro. — Cinco minutos, amigo, depois vou embora — prometeu, lançando-se no assento do motorista. Dez minutos passaram lentamente, mas ninguém apareceu.

Carol deu partida no motor e saiu com o carro. No final da rua, olhou de relance o pub do outro lado da estrada principal. Valia a pena tentar, pensou. Foram necessários menos de três minutos para verificar os ambientes cheios e enfumaçados e descobrir que, onde quer que Tony estivesse, não era no Farewell to Arms.

Onde mais ele poderia ter ido a pé às nove horas de uma noite de domingo? — Para qualquer lugar — disse a si mesma. — Você não pode ser a única amiga dele no mundo. Ele não estava lhe esperando; você só ligou para marcar uma reunião para amanhã.

Desistindo, Carol dirigiu para casa. O apartamento estava vazio. Michael, ela recordava, tinha saído para jantar com alguma mulher que conhecera numa exposição. Ela decidiu desistir do mundo e ir para a cama. Mas, primeiro, era melhor que deixasse uma mensagem na secretária eletrônica de Tony. Se ela aparecesse duas manhãs seguidas sem avisar, ele poderia começar a ficar nervoso. A secretária eletrônica entrou depois de alguns toques, mas não havia mensagem, apenas uma série de cliques seguidos pelo tom. — Oi,

Tony — disse ela. — Não sei se sua secretária está funcionando bem, então não sei se vai receber esta mensagem. São nove e vinte, e estou prestes a dormir. Vou estar no escritório logo cedo, trabalhando na pesquisa do computador. O sr. Brandon convocou uma reunião sobre o caso para amanhã, às três. Se quiser me encontrar antes, me ligue. Se não estiver na sala de reuniões da delegacia, estarei na sala da equipe HOLMES.

Sentada com Nelson no colo e uma bebida forte ao lado, Carol pensou no trabalho que tinha pela frente. A lista de empresas fornecedoras de computadores que vendiam periféricos e o hardware que o Faz-tudo precisaria para construir suas próprias imagens era tão longa que dava tristeza. Ela dissera a Dave para não começar a trabalhar naquilo até que ela tivesse oportunidade de verificar a empresa de software. A lista de clientes deles seria menor e eles teriam o Discovery 4x4 para fazer a referência cruzada da lista. Apenas se isso não resultasse em nada, ela liberaria a equipe de Dave para ir atrás das dúzias de números que compilou meticulosamente naquela noite.

— Vamos chegar lá, Nelson — disse ela ao gato. — É melhor que a viagem valha a pena.

• • •

O estalo de saltos altos na pedra se infiltrou no delírio de dor como uma plaina num queijo. Assim, todo dia um som era convertido por seu local numa ameaça. Ele não fazia ideia se era dia ou noite, ou quanto tempo havia se passado desde que fora arrancado de sua vida. Tony se forçou a ficar alerta à medida que o som se aproximava dele por trás. Ela estava descendo. Na base da escada, os estalos cessaram. Ele ouviu uma risadinha grave. Devagar, um

degrau de cada vez, os passos seguiam atrás dele. Ele podia sentir o exame meticuloso a que estava sendo submetido.

Ela levou o tempo que precisou, circundando seu corpo amarrado, até que se moveu para a linha de visão dele. Tony ficou momentaneamente surpreso pela imponência do corpo dela. Do pescoço para baixo, ela poderia ser uma modelo de uma revista de soft porn. Ficou de pé com as pernas separadas, as mãos na cintura e os cotovelos virados para fora. Ela vestia um quimono de seda vermelho folgado, que se abriu para revelar um corpete de couro extraordinariamente vermelho com furos nos mamilos e uma abertura na região genital. Meias pretas cobriam perfeitamente pernas musculosas que terminavam em escaupins pretos. Mesmo debaixo da roupa, ele podia ver a silhueta nítida de braços e ombros fortes e musculosos. Da visão de onde estava pendurado, ela era tão sensual quanto emplastro de caulim.

— Já descobriu, *Anthony*? — disse com a voz arrastada, o entusiasmo da risada contida evidente em sua voz.

A ênfase em seu nome completo foi a última volta no cubo mágico de sua memória. Com a cabeça a mil, Tony disse:

— Imagino que comprimidos de paracetamol nem pensar, não é, Angelica?

A risada grave de novo.

— Fico contente de ver que não perdeu o senso de humor.

— Não, só a minha dignidade. Não esperava isso, Angelica. Nada em nossas conversas por telefone me levou a imaginar que era isso que tinha em mente para mim.

— Você não fazia ideia de quem eu era, fazia? — Angelica falava com um orgulho inconfundível em seu tom de voz.

— Sim e não. Não sabia que era você a pessoa que tinha matado esses homens. Mas sabia que você era a mulher para mim.

Angelica franziu a testa, como se estivesse em dúvida sobre como responder. Ela se virou e verificou a câmera.

— Você levou bastante tempo para chegar a essa conclusão. Faz ideia de quantas vezes bateu o telefone na minha cara? — Havia raiva em sua voz, não mágoa.

Tony percebeu o perigo e tentou achar palavras suaves.

— Isso é porque tenho um problema, não por sua culpa.

— Você tinha um problema comigo — disse ela, andando até os bancos de madeira que iam de um lado ao outro de uma das paredes. Ela pegou outra cassetete e andou de volta até a câmera.

Tony tentou novamente.

— Muito pelo contrário — disse ele. — Sempre tive problemas em relacionamentos com mulheres. É por isso que não sabia como tratá-la no começo. Mas melhorou tanto. Você sabe que melhorou. Sabe que juntos fomos maravilhosos. Graças a você, sinto como se tivesse deixado todos os meus dilemas para trás. — Ele esperava que ela não estivesse completamente consciente da ironia não intencional em suas palavras.

Mas Angelica não era nenhuma boba.

— Acho que você pode dizer isso com segurança, Anthony. — Ela abriu um sorriso irônico.

— Sua esperteza me venceu, sabe. Tinha certeza de que o assassino era um homem. Eu bem devia saber.

Com as costas para ele, Angelica trocou as fitas na câmera. Depois se virou e disse:

— Você nunca me teria pegado. E, com você fora do caminho, ninguém mais vai me pegar.

Ignorando a ameaça, Tony continuou a conversar, esforçando-se para manter a voz carinhosa e uniforme.

— Eu devia ter percebido que você era mulher. A sutileza, a atenção aos detalhes, o cuidado a que se deu para limpar o que havia deixado. Foi estúpido da minha parte não perceber que essas eram indicações de uma mente feminina, e não da mente de um homem.

Angelica sorriu com malícia.

— Vocês psicólogos são todos iguais. — Ela proferiu a palavra como se fosse algo obsceno. — Não têm nenhuma imaginação.

— Mas não sou como eles, Angelica. Tudo bem, cometi um engano crucial, mas aposto que sei mais sobre você do que qualquer um dos outros sabia. Porque você me mostrou o interior de sua mente. E não apenas através dos assassinatos. Mostrou-me a mulher de verdade, a mulher que compreende o amor. Mas acho que não entenderam você, entenderam? Eles não acreditaram em você quando disse a eles que tinha uma alma feminina aprisionada num corpo masculino. Ah, suponho que tenham fingido acreditar, que a tenham tratado com condescendência e falado com superioridade com você. Mas, no fundo, eles consideravam você um monstro, não é? Acredite em mim, nunca achei isso.

A voz de Tony falhou quando ele chegou ao fim de seu discurso, sua boca estava seca com uma mistura de medo e clorofórmio. Pelo menos, a adrenalina que corria por suas veias parecia agir como um analgésico.

— O que sabe a meu respeito? — disse ela com rispidez, a dor em seu rosto num contraste estranho com a pose de coquete que havia adotado.

— Se formos conversar, preciso de um drinque — disse Tony, apostando que o narcisismo dela a obrigaria a compartilhar suas proezas, que ela precisava ouvir a versão dele de si mesma. Se quisesse ter alguma chance de escapar com vida, ele precisava construir um relacionamento com ela. Um drinque seria o primeiro tijolo da parede. Quanto mais ele conseguisse fazer

que ela o visse como um indivíduo, não como um número, maiores seriam suas chances.

Angelica franziu a testa, desconfiada. Depois virando a cabeça para o lado, gesto que fez seus cabelos se esvoaçarem, virou-se e andou até o tanque instalado na parede. Ela abriu a torneira e olhou em volta vagamente à procura de um recipiente para bebidas de algum tipo.

— Vou buscar um copo — murmurou ela, passando por ele e estalando os degraus novamente.

Tony sentiu uma onda de alívio com essa pequena vitória. Angelica tinha ido há menos de trinta segundos, retornando com uma caneca branca grossa. A cozinha fica em cima, Tony deduziu quando ela voltou até o tanque. Angelica andava bem nos saltos, seus passos medidos e femininos. Era interessante, já que ela havia obviamente regressado aos movimentos mais masculinos sob o estresse do sequestro e do assassinato. Essa era a única forma de justificar a convicção de Terry Harding de que vira um homem ao volante saindo da casa de Damien Connolly.

Angelica encheu a caneca e se aproximou de Tony com cautela. Ela agarrou-lhe os cabelos, puxou sua cabeça para trás de modo doloroso e derramou a água gelada em sua boca. A bebida desceu por seu queixo e garganta, mas o alívio era palpável.

— Obrigado — disse ele, de modo ofegante, quando ela retirou a caneca.

— A gente sempre deve ser hospitaleira com os convidados — respondeu ela, ironicamente.

— Espero continuar sendo um convidado por algum tempo — arriscou Tony. — Sabe, admiro você. Tem estilo.

Ela franziu a testa de novo.

— Não me venha com conversa fiada, Anthony. Não vai me enrolar com bajulação idiota.

— Não é conversa fiada — protestou ele. — Passei dias e noites com olhos fixos nos detalhes do que você conseguiu. Estou tão fundo na sua mente, como poderia não admirar você? Como poderia não ficar impressionado? Os outros que trouxe aqui, eles não faziam ideia de quem você era, do que pode fazer.

— Isso é verdade, vou admitir isso. Eram como bebês, amedrontados e estúpidos bebês — disse Angelica, com desdém. — Não sabiam dar valor ao que uma mulher como eu podia fazer por eles. Eram traiçoeiros, tolos lascivos.

— É porque não conheciam você como eu.

— Você fica dizendo isso. Prove. Prove que sabe alguma coisa sobre mim.

O desafio foi lançado, pensou Tony. Esqueça cantar em troca de pão, fale em troca da vida. Esse era o campo de provas, o lugar onde ele descobriria se sua psicologia era uma ciência de verdade ou apenas conversa fiada.

— Fraser Duncan? Alô, aqui é a detetive-inspetora Carol Jordan da polícia de Bradfield — apresentou-se ela. Carol nunca se acostumava a se referir a si mesma por seu título completo. Ela sentia como se a qualquer momento alguém fosse aparecer e gritar: “Ah, você não é não! Finalmente descobrimos.” Por sorte, não parecia que isso ia acontecer hoje.

— Sim? — A voz era cautelosa, a única sílaba proferida como uma pergunta.

— Na verdade, foi meu irmão, Michael Jordan, quem sugeriu que o senhor poderia me ajudar com uma investigação que estamos fazendo.

— Ah, é? — O clima estava melhorando. — Como vai o Michael? Ele está gostando do software?

— Acho que é seu brinquedo favorito — respondeu Carol.

Fraser Duncan riu.

— Um brinquedo caro, inspetora. Pois bem, o que posso fazer por você?

— É sobre o Vicom 3D Commander que gostaria de falar. Em sigilo absoluto, o senhor entende. Estamos envolvidos numa investigação importante de homicídio, e uma das teorias que estou cogitando é que o assassino possa estar usando seu software para editar os próprios vídeos, talvez até importar outros materiais para eles. Isso seria possível, não seria?

— Mais do que apenas possível. Seria absolutamente simples.

— Então, o senhor mantém registros de todos os seus clientes? — perguntou Carol.

— Mantemos. Não vendemos todos os pacotes diretamente, é claro, mas qualquer um que compre o Commander deve registrar sua compra conosco já que isso lhes fornece acesso a uma linha de atendimento gratuita e também significa que receberão correspondências prioritárias quando desenvolvermos atualizações. — Duncan agora estava bem expansivo. — A senhora está fazendo uma solicitação de acesso ao nosso banco de dados de clientes, inspetora?

— Sim, por favor, senhor. Esta é uma investigação de assassinato e as informações podem ser cruciais para nós. Posso garantir também que isso é completamente confidencial. Eu me envolveria pessoalmente para garantir que seus dados seriam removidos de nosso sistema assim que tivermos terminado com eles — disse Carol, tentando não parecer que estava implorando.

— Não sei — disse Duncan, com hesitação. — Não tenho certeza de que gosto da ideia de você e seus colegas batendo na porta dos meus clientes.

— Não seria assim, sr. Duncan. De jeito nenhum. O que faríamos seria inserir a lista no nosso sistema de investigações do Ministério do Interior e fazer a correspondência cruzada com os dados existentes. Agiríamos apenas nas correlações que surgissem com as pessoas que já estão lá.

— É o serial killer que vocês estão perseguindo? — perguntou Duncan de repente.

Carol perguntou-se momentaneamente o que ele queria ouvir como resposta.

— Sim — disse ela, arriscando.

— Deixe-me retornar a ligação, inspetora. Só para ter certeza de que é quem está dizendo que é.

— Sem problema. — Ela lhe forneceu o número da mesa telefônica da polícia. — Peça a eles para transferir a ligação para mim, na sala do sistema HOLMES, na Scargill Street.

Os cinco minutos seguintes se passaram numa agitação de impaciência. O telefone mal tinha tocado quando Carol o pôs no ouvido.

— Inspetora Jordan.

— Você me deve uma, maninha.

— Michael!

— Acabo de contar a Fraser Duncan a pessoa honrada que você é, e que, apesar do que já ouviu sobre a polícia, ele pode confiar em você.

— Amo você, maninho. Agora, saia do telefone e deixe o homem falar comigo!

Dentro de uma hora, os dados da Vicom estavam na rede de computadores do sistema HOLMES, graças a Dave Woolcott e aos milagres da tecnologia moderna. Carol havia transferido Fraser Duncan para ele, depois que concordaram quanto às regras do uso dos dados, e Carol ouvira sem compreender o fim de uma conversa de Dave que consistia em expressões estranhas como “taxa de baud” e “arquivos ASCII”.

Ela sentou-se ao lado do chefe da equipe HOLMES, enquanto ele trabalhava num dos terminais.

— Tudo bem — disse ele. — Temos a lista da Vicom de pessoas que compraram o software deles. Aperto esta tecla, vou a este menu, nesta opção, correspondência com caracteres-curinga, e agora a gente relaxa e deixa a máquina conversar consigo mesma.

Por um minuto angustiante, nada aconteceu. Depois, a tela ficou limpa e uma mensagem piscou: “[2] correspondências encontradas. Listar correspondências?” Dave apertou a tecla ‘s’ e dois nomes e endereços foram exibidos na tela.

1. Philip Crozier, 23 Broughton Crag, Sheffield Road Bradfield BX4 6JB
2. Christopher Thorpe [critério de classificação 1]/ Angelica Thorpe [critério de classificação 2], 14 Gregory Street, Moorside, Bradfield BX6 4LR

— O que isso significa? — perguntou Carol, apontando para a segunda opção.

— Significa que o Land Rover Discovery está registrado no nome de Christopher Thorpe e o software foi comprado por Angelica — explicou Dave. — Usar a opção de caracteres-curinga fez com que a máquina classificasse por endereço e também por nome. Bem, Carol, você tem alguma coisa. Se isso significa algo ou não, teremos de ver.

Penny Burgess andava pelo calcário fissurado e áspero da Malham Pavement. O céu tinha o brilho azul do início da primavera, a grama áspera da charneca começava a parecer mais verde e marrom. De vez em quando, cotovias alçavam ao céu e despejavam suas canções em seus ouvidos. Houve duas

ocasiões em que Penny se sentia realmente viva. Uma era na trilha de uma reportagem importante. A outra era lá na região alta da charneca de Yorkshire Dales e em Derbyshire Peak District. Ao ar livre, ela sentia liberdade igual à das cotovias, toda a pressão tinha ido embora. Não havia nenhuma redação exigindo a matéria pronta até uma hora atrás, nenhum contato a quem se sujeitar, nada de precisar olhar por sobre os ombros para ter certeza de que estava à frente de seus rivais. Apenas o céu, a charneca, a extraordinária paisagem de calcário e ela.

Por alguma razão, Stevie McConnell entrou em seus pensamentos. Ele nunca veria o céu novamente, nunca andaria pela charneca e observaria a mudança das estações. Graças a Deus, ela detinha o poder de garantir que alguém pagaria por essa privação desumana.

A casa de Philip Crozier era moderna, com terraço e três andares, e o piso inferior consistia principalmente numa garagem. Carol sentou-se no carro, observando-a de cima a baixo.

—Vamos entrar, senhora? — perguntou o jovem detetive ao volante.

Carol pensou por um momento. O ideal seria que Tony estivesse com ela quando entrevistasse as pessoas cujos nomes o computador tinha informado. Ela tentou ligar para a casa dele, mas ninguém atendeu. Claire disse que ele não havia chegado ainda ao escritório, o que a surpreendeu já que ele tinha um compromisso às nove e meia. Carol tinha rondado a casa, mas ela parecia exatamente igual à noite anterior. Saiu para se divertir com sua amiga, concluiu ela. Bem feito se perder o confronto com o Faz-tudo, pensou com malícia. Depois, se arrependeu imediatamente de sua infantilidade. Não podendo ter Tony, ela gostaria de poder ter Don Merrick com ela. Mas ele tinha saído em busca de outras linhas de investigação que surgiram a partir da identificação do Land Rover Discovery. A única pessoa que ela conseguiu

encontrar que não estava envolvida com urgência em outra coisa foi o detetive Morris, no terceiro mês de sua transferência temporária para o Departamento de Investigações Criminais.

— Já que estamos aqui podemos ver se ele está em casa — disse Carol. — Embora provavelmente esteja no trabalho.

Eles subiram o caminho, e Carol absorveu os detalhes do gramado bem-aparado e da pintura em bom estado. A casa não se adequava realmente ao perfil de Tony. Era mais parecida com as casas das vítimas quanto ao valor e ao status, em vez da casa de alguém que aspira ao estilo de vida que elas têm. Carol apertou a campainha e deu um passo atrás. Eles estavam prestes a desistir e retornar para o carro quando Carol ouviu o som de passos pesados no andar de baixo. A porta se abriu revelando um homem negro parrudo vestindo calças de moletom e uma camiseta vermelha, de pés descalços. Ele não poderia ser mais diferente da descrição de Terry Harding. Ela perdeu as esperanças momentaneamente, depois se lembrou que Crozier podia não ser a única pessoa com acesso a seu software e seu Land Rover Discovery. Ainda valia a pena entrevistá-lo.

— Pois não? — disse ele.

— Sr. Crozier?

— Isso. Quem quer saber? — Sua voz estava relaxada, o sotaque de Bradfield era forte.

Carol exibiu seu distintivo e se apresentou.

— Gostaria de saber se poderíamos entrar e conversar, senhor.

— Sobre?

— Seu nome foi selecionado numa investigação de rotina, e eu gostaria de fazer algumas perguntas com fins de eliminação.

Crozier franziu a testa.

— Que tipo de investigação?

— Se pudéssemos entrar, senhor...

— Não, espere, sobre o que é isso? Estou tentando trabalhar.

Morris se apresentou ao lado de Carol.

— Não há necessidade de criar dificuldades, senhor, é apenas rotina.

— O sr. Crozier não está dificultando, policial — repreendeu Carol friamente. — Eu me sentiria do mesmo modo se estivesse na sua situação, senhor. Um carro que corresponde à descrição do seu se envolveu num incidente, e precisamos eliminar o senhor de nossa investigação. Estamos falando com várias outras pessoas em relação a isso. Não vai demorar.

— Tudo bem, então — suspirou Crozier. — É melhor vocês entrarem.

Eles o seguiram subindo as escadas acarpetadas com fibra até uma sala de estar com cozinha num único ambiente. Ela estava mobiliada num estilo caro, mas minimalista. Ele acenou para duas poltronas de couro e madeira e se sentou num pufe de couro no lustroso piso de madeira. Morris sacou seu caderno e abriu ostensivamente numa nova página.

— O senhor trabalha em casa, então? — perguntou Carol.

— Isso. Sou desenhista de animação autônomo.

— Desenho animado?

— Faço mais animações sobre ciência. Se quiser algo para um curso da Open University que mostre como os átomos colidem, sou a pessoa indicada. Então, de que trata a investigação?

— O senhor dirige um Land Rover Discovery?

— Isso. Está na garagem.

— Pode me dizer se o estava dirigindo na noite de segunda-feira passada? — perguntou Carol. Meu Deus, só tinha se passado uma semana?

— Posso. Não estava. Estava em Boston, Massachusetts.

Ela prosseguiu com as perguntas de rotina que estabeleciam precisamente o que Crozier vinha fazendo e com quem ela podia verificar as informações.

Depois, ela se levantou. Hora da pergunta central, mas era importante manter a casualidade.

— Obrigada por sua ajuda, sr. Crozier. Só mais uma coisa: há alguém mais que tenha acesso à sua casa quando o senhor está fora? Alguém que pudesse ter pegado seu carro emprestado?

Crozier balançou a cabeça negativamente.

— Moro sozinho, não tenho nem um gato nem plantas, então ninguém precisa vir quando estou fora. Sou o único que tem as chaves.

— Tem certeza disso? Nenhuma faxineira, nem colega que vem aqui usar seu software?

— Certeza, certeza absoluta. Faço minha própria limpeza. Trabalho sozinho. Terminei com a namorada há alguns meses e troquei as fechaduras, certo? Ninguém tem as chaves, exceto eu.

Crozier estava começando a soar irritado.

Carol insistiu.

— E ninguém poderia ter pegado suas chaves emprestadas sem seu conhecimento e tê-las copiado?

— Não vejo como. Não tenho hábito de deixá-las por aí. E o carro só tem seguro quando eu sou o motorista, então nenhuma outra pessoa jamais o dirigiu — explicou Crozier, com sua irritação claramente aumentando. — Olhe só, se alguém cometeu algum crime num carro com minha placa, eles estavam usando placas frias, está bem?

— Aceito o que está dizendo, sr. Crozier. Posso garantir que se as informações que está me fornecendo se confirmarem, não vai nos ver novamente. Muito obrigada pelo seu tempo.

De volta ao carro, Carol disse:

— Encontre um telefone para mim. Quero tentar ligar para o dr. Hill de novo. Não acredito que ele está ausente do seu posto na única vez que

realmente precisamos dele.

**DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 018**

É risível. Eles escolheram um homem que não consegue sequer identificar se apliquei uma punição específica ou não, e eles o empregam para ajudá-los a me pegar. Podiam ao menos ter tido a decência de contratar alguém que tivesse alguma reputação, um oponente digno das minhas habilidades, não algum idiota que nunca lidou com alguém da minha categoria.

Mas, em vez disso, eles me insultam. O dr. Tony Hill deve fazer um perfil meu, com base em sua análise dos meus assassinatos. Quando esse relato for publicado, daqui a anos, depois de minha morte na cama por causas naturais, os historiadores poderão comparar seu perfil com a realidade e rir das imprecisões grosseiras de sua pseudociência.

Ele nunca chegará perto da verdade. Para que fique registrado, eu escrevi essa verdade.

Nasci no porto de Seaford, em Yorkshire, uma das docas de pesca e comércio mais movimentadas do país. Meu pai era da marinha mercante,

imediate em navios-petroleiros. Ele viajava o mundo todo, depois voltava para nossa casa. Mas minha mãe era tão ruim como esposa quanto era no papel materno. Posso ver agora que a casa estava sempre um caos, as refeições eram irregulares e pouco apetitosas. A única coisa em que era boa, a única coisa que os dois tinham em comum, era a bebida. Se houvesse campeonato em duplas nas Olimpíadas para pinguços, eles teriam conquistado a medalha de ouro.

Quando eu tinha sete anos, meu pai deixou de voltar para casa. É claro, minha mãe me culpou por não ser um filho bom o bastante. Ela disse que eu o afastara. Disse que eu era o homem da casa agora. Mas eu nunca consegui fazer jus às suas expectativas. Ela sempre queria mais de mim do que eu era capaz de oferecer, e estabelecia sua autoridade por meio da culpa e não do elogio. Passei mais tempo dentro do armário do que os casacos da maioria das pessoas.

Sem o cheque do meu pai, ela foi forçada a recorrer ao serviço de bem-estar social, que mal era suficiente para viver, quanto mais beber. Quando a sociedade de socorro mútuo tomou a casa, fomos viver com parentes em Bradfield por um tempo. Porém, ela não conseguia lidar com a desaprovação deles, por isso voltamos para Seaford e ela passou a se dedicar a outra indústria próspera da cidade: a prostituição. Acostumei-me cada vez mais à procissão de marinheiros nojentos e bêbados rondando os muitos apartamentos e conjugados sujos onde morávamos. Nosso aluguel estava

sempre atrasado, e geralmente tínhamos de fugir no meio da noite antes que os oficiais de justiça engrossassem.

Passei a odiar a cópula repulsiva e barulhenta de que era testemunha frequente, e ficava fora da casa o máximo possível, muitas vezes dormindo sem conforto nas docas. Costumava implicar com garotos que eram mais novos que eu para tirar o dinheiro deles e poder comer. Mudava de escola com quase a mesma frequência que mudávamos de casa, então nunca fui muito bem, apesar de saber que podia botar no bolso a maioria das outras crianças, que eram simplesmente estúpidas.

Assim que fiz dezesseis anos, deixei Seaford. Não tive saudades; não era como se jamais tivesse conseguido fazer muitos amigos, me mudando o tempo inteiro. Vira homens o bastante para saber que não queria crescer como eles, e me sentia diferente por dentro. Achava que, se me mudasse para uma cidade grande como Bradfield, seria mais fácil descobrir o que queria. Um dos primos de minha mãe me arrumou um emprego numa empresa de eletrônicos onde ele trabalhava.

Por volta dessa época, descobri que me vestir com roupas de mulher fazia eu me sentir bem com meu próprio corpo. Arrumei meu próprio conjugado para que pudesse fazer isso quando quisesse, o que me acalmou muito. Comecei a estudar ciência da computação em aulas noturnas e, por fim, consegui algumas qualificações adequadas. Mais ou menos nesse período,

minha mãe recebeu uma casa em Seaford em testamento, pela morte do irmão.

Tive a oportunidade de um emprego lá, trabalhando em sistemas de computadores para a empresa telefônica privada local. Não queria muito voltar, mas a chance era boa demais para recusar. Nunca cheguei perto de minha mãe. Acho que ela nem sabia que eu voltara.

Uma das poucas boas coisas sobre Seaford é o acesso de balsa para a Holanda. Costumava ir para lá a cada dois fins de semana, porque em Amsterdã eu podia sair com roupas de mulher e ninguém tinha nenhuma reação. Lá encontrei muitos transexuais e também travestis, e quanto mais conversava com eles, mais percebia que nos sentíamos da mesma forma. Eu era uma mulher aprisionada num corpo masculino. Isso explicava por que eu nunca tinha tido muito interesse sexual pelas garotas. E, embora eu achasse os homens atraentes, sabia que não era uma bicha. Elas me causavam repugnância, com seu fingimento de relacionamentos normais quando todo mundo sabe que somente homens e mulheres podem se ajustar adequadamente.

Procurei os médicos de um hospital em Leeds, onde eles fazem todas as operações de mudança de sexo no norte, e me recusaram. Os psicólogos deles eram tão estúpidos e tacanhos quanto o resto de sua irmandade. Mas consegui um médico particular em Londres, que me prescreveu o tratamento com hormônios de que eu precisava. É claro, eu não podia continuar

trabalhando enquanto isso acontecia, mas falei com meu chefe e ele disse que me daria uma boa referência para outro emprego quando eu operasse e me tornasse mulher.

Tive que ir ao exterior para fazer a operação, e foi muito mais caro do que eu esperava. Procurei minha mãe e perguntei se ela faria a hipoteca da casa para me emprestar o dinheiro, e ela só riu de mim.

Então, fiz o que aprendera com ela. Vendi meu corpo nas docas. É impressionante quanto dinheiro os marinheiros estão dispostos a pagar por um travesti. Eles ficam loucos de prazer ao pensar em alguém que tem seios e um pau. Eu não era como as outras prostitutas tampouco; não gastava tudo com bebida, drogas ou um cafetão. Guardei tudo até que pudesse pagar a operação.

Quando cheguei a Seaford, nem mesmo minha mãe me reconheceu a princípio. Eu só tinha voltado há alguns dias quando ela tomou aquela trágica overdose acidental de pílulas e bebida. Ninguém ficou surpreso. Sim, doutor, você pode acrescentá-la à lista.

Com as minhas qualificações, experiência e referências, não tive dificuldades em conseguir um emprego como analista de sistemas sênior na companhia telefônica de Bradfield. Com o dinheiro que ganhei com a venda da casa em Seaford, comprei minha residência em Bradfield e comecei a tarefa de encontrar um homem valoroso com quem dividir minha vida.

E o dr. Hill presume que me entende, sem saber nada disso? Bem, em muito pouco tempo, vou compartilhar tudo isso com ele. É uma pena que ele não vá ter a oportunidade de fazer suas anotações.



A verdade é que sou muito metuculoso em tudo relacionado a assassinatos; e talvez leve longe demais minha sensibilidade.

Don Merrick entrou na sala do sistema HOLMES mastigando um hambúrguer de churrasco com queijo duplo e bacon de cinco centímetros de espessura.

— Como faz isso? — perguntou Dave Woolcott. — Como consegue que aquelas desleixadas da cantina cozinhem comida de verdade? Elas queimam até xícara de chá, aquele grupinho. Mas você sempre consegue fazer milagre delas.

Merrick deu uma piscadela.

— É meu charme natural do nordeste — disse ele. — Só escolho a mais feia e digo que ela me lembra a minha mãe quando estava no auge.

Ele se sentou e esticou as pernas longas.

— Chequei a meia dúzia de Land Rovers Discovery que recebi do seu sargento. Estavam todos limpos. Dois deles eram de mulheres; dois tinham álibis inquestionáveis para pelo menos duas das noites; um tinha esclerose

múltipla, então não poderia ter feito os trabalhos; e o sexto vendeu seu carro para uma concessionária na região central do país há três semanas.

— Ótimo — disse Dave desanimado. — Dê a lista para um dos operadores para que possamos atualizar o arquivo.

— Onde está o chefe?

— Carol ou Kevin?

Merrick deu de ombros.

— Ainda penso na inspetora Jordan como minha chefe.

— Ela saiu para procurar agulha num palheiro — respondeu Dave.

— A ideia dela teve algum resultado, então? — perguntou Merrick.

— Duas correspondências cruzadas.

— Vamos dar uma olhada.

Dave vasculhou os papéis e encontrou três folhas grampeadas. A primeira listava as duas correlações. Merrick franziu a testa e virou a página. A segunda era uma impressão do resultado de uma pesquisa de ficha criminal de Philip Crozier. Nada encontrado. Com pressa, ele virou a terceira página, que listava dois Christopher Thorpe. Um tinha um último endereço conhecido em Devon e várias condenações por arrombamento. O segundo tinha um último endereço conhecido em Seaford. Havia uma série de condenações juvenis: agressão contra um juiz de futebol, quebra de vidraças na escola, roubo em lojas. Havia meia dúzia de prisões na vida adulta, todas por oferecer serviços de prostituição. Merrick inspirou com força e virou para a primeira página.

— Puta merda — disse.

— O que foi? — perguntou Dave, subitamente alerta.

— Esse aqui, o Christopher Thorpe, o de Seaford.

— Sim? Carol achava que não era o mesmo que o nosso. Quer dizer, ele tem condenações por prostituição masculina, mas este de Bradfield parece ser casado porque a mulher no mesmo endereço tem seu sobrenome. E vamos

encarar os fatos, michês das docas não dirigem por aí em máquinas caras como o Land Rover Discovery.

Merrick balançou a cabeça.

— Não, você entendeu tudo errado. Conheço esse Christopher Thorpe de Seaford. Trabalhei na Delegacia de Costumes lá antes de vir para cá, lembra? Fui o policial que o prendeu em duas dessas acusações. Christopher Thorpe estava prestes a fazer mudança de sexo nessa época. Ele tinha os peitos e tudo o mais, estava tentando ganhar dinheiro para fazer a operação. Adivinha qual era o nome de guerra dele? Dave, Christopher Thorpe não é *casado* com Angelica Thorpe. Ele *é* Angelica Thorpe.

— Puta merda — ecoou Dave.

— Dave, onde diabos está Carol?

Angelica estava parada na frente dele, de mãos na cintura, mastigando um canto da boca.

— Você não pode, né? Não pode provar porque não sabe nada sobre minha vida.

— Em certo sentido, você está absolutamente certa, Angelica. Não conheço os fatos de sua vida — disse Tony, com cuidado —, mas acho que sei um pouco sobre a trajetória dela. Sua mãe não fez um trabalho muito bom em amá-la. Talvez tivesse um problema com bebida ou drogas, ou talvez não compreendesse o que um garotinho precisava. De qualquer maneira, ela não fazia você se sentir amada quando era pequena. Estou certo?

Angelica fez uma careta.

— Continue. Cave sua própria cova.

Tony sentiu um arrepio de medo na base do crânio. E se ele tivesse errado tudo? E se essa mulher fosse a exceção para cada estatística próxima da certeza que Tony mantinha em primeiro plano na mente durante toda a

investigação? E se ela fosse o único serial killer que tinha vindo de uma família feliz e amorosa? Descartando suas dúvidas como um luxo a que não podia se dar no momento, Tony continuou: — O seu pai não estava muito presente enquanto você crescia, e ele nunca lhe mostrou que estava orgulhoso do filho, muito embora você tenha feito tudo que sabia para fazê-lo sentir esse orgulho. Sua mãe esperava demais de você, vivia lhe dizendo que você era o homem da casa, e o censurava quando se comportava como a criança que era no lugar do homem que ela fingia ver em você.

O rosto de Angelica se contraiu num espasmo de reconhecimento. Tony pausou.

— Prossiga — sussurrou ela entre os dentes cerrados.

— Não é fácil falar, dobrado assim. Não pode afrouxar a corda um pouco, deixar que eu fique na vertical?

Ela balançou a cabeça, a boca com um biquinho infantil.

— Não consigo olhar direito para você assim — tentou Tony. — Você tem um corpo fabuloso, deve saber disso. Se for a última coisa que vou ver, pelo menos me deixe apreciá-lo.

Ela inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse repetindo suas palavras para verificar a veracidade ou a traição contida nelas.

— Tudo bem — concedeu. — Não significa que algo mudou, no entanto — acrescentou ela enquanto andava até o guincho e o soltava. Ela deu cerca de trinta centímetros de folga.

Tony não conseguiu reprimir o grito da dor que se espalhou por seus ombros quando os músculos foram liberados da tensão que os esticava até seu limite.

— Vai passar — disse Angelica com rispidez enquanto retornava ao seu lugar ao lado da câmera. — Continue falando. Sempre gostei do gênero fantasia.

Ele se aliviou, pondo-se de pé, lutando contra a dor.

— Você era um garoto esperto — disse, ofegante. — Mais esperto que os demais. Nunca é fácil fazer amigos quando se é tão mais esperto que os outros garotos. E talvez você tenha mudado de residência um pouco. Bairros diferentes, talvez até escolas diferentes.

Angelica estava de volta ao controle de si mesma, seu rosto impassível enquanto ele continuava.

— Não era fácil fazer amigos. Você sabia que era diferente de todo mundo, especial, mas não podia descobrir por que a princípio. Depois, você cresceu, percebeu o que era. Não era igual aos outros meninos, porque não era de jeito nenhum um menino. Não tinha interesse sexual pelas meninas, mas não porque era gay. De jeito nenhum. Era porque você mesma era uma garota. O que descobriu foi que se vestir com roupas de mulher fazia você se sentir à vontade, como se fosse assim que as coisas deveriam ser. — Ele pausou e lhe deu um sorriso torto. — Como estou indo até agora?

— Muito impressionante, doutor — disse ela, com frieza. — Estou fascinada. Continue.

Tony flexionou os músculos do ombro, aliviado por descobrir que o dano até agora parecia ser apenas temporário. O formigamento que corria por suas costas parecia nada mais que uma pequena irritação depois do que tinha passado. Ele respirou fundo e continuou.

— Você decidiu se tornar a pessoa que era dentro de si, a mulher que de fato sabia ser. Meu Deus, Angelica, tenho tanto respeito por você, por ter passado por isso. Sei como é difícil convencer os médicos a levar a sério a ideia. Toda a terapia hormonal, a eletrólise, viver metade como homem, metade como mulher, enquanto aguardava as operações e depois toda a dor da cirurgia. — Ele balançou a cabeça, imaginando. — Sei que não teria coragem de passar por isso.

— Não foi fácil. — As palavras escaparam dos lábios de Angelica, quase contra sua vontade.

— Acredito em você — disse Tony, com empatia. — E, depois de tudo isso, encontrar-se imaginando se valera a pena no final das contas, quando percebeu que a estupidez, a insensibilidade e a falta de percepção que identificava nos homens não desapareciam simplesmente porque você era mulher. Eles ainda eram aquele mesmo bando de canalhas, incapazes de reconhecer uma mulher excepcional, quando lhes era oferecido amor e afeição de bandeja.

Ele pausou, estudando o rosto dela, decidindo se o momento era certo para jogar seu trunfo. A frieza havia deixado os olhos dela, substituída por um olhar quase de tristeza. Ele suavizou e baixou o volume da voz. Por favor, meu Deus, faça que seu treinamento seja recompensado.

— Eles rejeitaram você, não foi? Adam Scott, Paul Gibbs, Gareth Finnegan, Damien Connolly. Eles abriram mão de você.

Angelica balançou a cabeça com violência, como se com a atividade pudesse negar o passado.

— Eles me *deixaram* na mão. *Deixaram* a mim na mão, não abriram mão de mim. Me traíram.

— Conte-me sobre isso — arriscou Tony baixinho, rezando para que as técnicas que dominou com esforço não fossem lhe falhar agora. — Conte-me sobre isso.

— Por que deveria? — gritou ela, dando um passo à frente e o estapeando tão forte que ele sentiu o gosto do sangue quando suas bochechas se chocaram com os dentes. — Você não é melhor que eles. E aquela vadia? A vaca louca, aquela idiota de merda que você vem comendo?

Tony engoliu o sangue quente e salgado que enchia sua boca.

— Quer dizer Carol Jordan? — perguntou ele, tentando ganhar tempo. Como devia abordar isso? Devia mentir ou contar a verdade?

— Você sabe muito bem de quem estou falando. Sei que esteve com ela, não tente mentir para mim — sussurrou ela, erguendo a mão novamente. — Seu filho da mãe traiçoeiro e infiel.

A mão dela bateu nele em cheio no rosto de novo, com tanta força que ele ouviu seu pescoço estalar.

Lágrimas correram involuntariamente por seus olhos. A verdade não ia funcionar. Só lhe garantiria mais punição. Rezando para que pudesse mentir com convicção, Tony implorou:

— Angelica, foi só uma transa, só como se livrar da coceira. Você me deixou com tanto tesão com suas ligações, eu não sabia quando ia ligar novamente, ou mesmo se ia.

Ele permitiu que a raiva tomasse a sua voz.

— Eu queria você, mas você não me disse como podia tê-la, Angelica. É como você com os outros. Eu estava só ocupando o tempo, esperando por alguém à altura. Você não acha que uma policialzinha atenderia minhas fantasias, acha? Você deve saber bem, você também teve um.

Angelica recuou, seu rosto demonstrava choque. Sentindo que havia feito algum tipo de progresso, Tony a seguiu com as palavras.

— Éramos diferentes, eu e você. Eles não eram dignos de você. Mas nós somos especiais. Você deve saber disso, por causa de nossos telefonemas. Não percebeu que tínhamos algo extraordinário? Que dessa vez seria diferente? Não é isso que você quer de verdade? Não quer matar. Não de verdade. Matar só aconteceu porque eles não eram dignos, porque a decepcionaram. O que você quer mesmo é um parceiro que lhe dê valor. O que você quer é amor. Angelica, o que você quer sou eu.

Por um longo momento, ela o fitou com os olhos esbugalhados e a boca aberta. Depois foi tomada pela confusão, tão óbvia para Tony quanto uma prostituta que se oferece.

— Não use essa palavra comigo, seu desgraçado ordinário — gaguejou ela. — Não diga essa porra! — A voz dela era um grito gutural, grave. Subitamente, ela deu meia-volta e correu do cômodo, com seus saltos estalando nas escadas.

— Amo você, Angelica — gritou Tony desesperadamente depois do som dos passos, enquanto ela se retirava. — Amo você.

Carol e o detetive Morris ficaram parados na porta da pequena casa com terraço na Gregory Street. Ela não precisava ser psicóloga para ler a linguagem corporal dele. Morris estava de saco cheio de ficar dando voltas atrás do palpito idiota de Carol.

— Eles devem estar no trabalho — comentou ele, depois do quarto ataque dela à campanha.

— Parece que sim — concordou Carol.

— Devemos voltar depois?

— Vamos bater de porta em porta — sugeriu Carol. — Ver se algum dos vizinhos está por aí. Talvez eles possam nos contar quando os Thorpe voltam do trabalho.

Morris dava a impressão de que preferiria estar no controle da multidão numa manifestação estudantil.

— Sim, senhora — respondeu, com voz entediada.

— Você fica com o outro lado da rua, eu fico nesse.

Carol o observou atravessar a rua tão cansado quanto um mineiro no final do turno de trabalho. Balançando a cabeça com um suspiro, ela voltou sua atenção para o número doze. Esse era muito mais parecido com o tipo de

território que Tony havia sugerido para seu assassino. Pensar em Tony acabou deixando Carol chateada de novo. Onde diabos ele estava? Ela realmente precisava da opinião dele hoje, sem mencionar um pouco de apoio para uma ideia que todos pareciam pensar que era uma completa perda de tempo. Ele não poderia ter escolhido um momento pior para entrar na lista dos desaparecidos. Era imperdoável. Pelo menos, ele poderia ter telefonado para sua secretária e não deixado que ela tivesse que responder aos seus telefonemas e criar desculpas para ele.

Não havia campainha no número doze, então Carol bateu com o nó dos dedos na porta de madeira sólida. A mulher que abriu parecia uma caricatura de uma novela. Em seus quarenta anos, sua maquiagem teria sido exagerada para jantar em Los Angeles, quanto mais para o meio da tarde numa rua secundária de Bradfield. Seus cabelos louros platinados se empilhavam no formato de uma colmeia inclinada. Ela usava um suéter preto apertado com gola arredondada, revelando um decote com a textura de papel amassado, leggings coladas no corpo de cor azul brilhante, escarpins brancos e uma corrente fina de ouro no tornozelo. Um cigarro pendia do canto da boca.

— O que foi, querida? — disse ela, com uma voz nasalada.

— Desculpe incomodá-la — começou Carol, exibindo seu distintivo. — Detetive-inspetora Carol Jordan, Polícia de Bradfield. Estou tentando entrar em contato com seus vizinhos do número catorze, os Thorpe, mas parece que não tem ninguém em casa. Queria saber se por acaso a senhora sabe a que horas eles chegam em casa do trabalho.

A mulher deu de ombros.

— Sei lá, querida. Aquela vaca entra e sai em tudo quanto é hora.

— E quanto ao sr. Thorpe? — perguntou Carol.

— Que sr. Thorpe? Não tem nenhum sr. Thorpe no vizinho, querida. — Ela deu uma risada rouca. — Obviamente você nunca pôs os olhos nela.

Qualquer homem que se casasse com aquela vaca horrorosa teria de ser cego e estar na pior. Então vocês a pegaram pelo quê?

— São só investigações de rotina — disse Carol.

A mulher bufou.

— Não me venha com essa conversinha — disse ela. — Assisti a episódios de *The Bill* suficientes para saber que não mandam inspetores em investigações de rotina. Já era hora de vocês porem aquela vaca atrás das grades, se quer minha opinião.

— Por que isso, sra.... como se chama?

— Goodison, Bette Goodison. Como em Bette Davis. Porque ela é uma vaca horrorosa e antissocial, por isso.

Carol sorriu.

— Infelizmente, isso não é um crime, sra. Goodison.

— Não, mas assassinato é, não é? — gritou Bette Goodison com ar triunfante.

Carol engoliu em seco, esperando que o efeito da palavra não fosse tão visível quanto era palpável.

— Essa é uma acusação muito grave.

Bette Goodison deu uma última tragada em seu cigarro e, como um especialista, deu um peteleco na guimba que percorreu o espaço da calçada e foi parar na sarjeta.

— Estou feliz que pense assim. É mais do que seus colegas na delegacia de Moorside fizeram.

— Lamento que sinta que não foi bem-atendida por meus colegas. — desculpou-se Carol, com um tom preocupado. — Talvez pudesse me contar sobre o que estamos falando?

Por favor, meu Deus, faça com que essa seja uma repetição do caso do Estripador de Yorkshire, em que o melhor amigo do assassino contou à

polícia que suspeitava que ele era o Estripador e a polícia não deu a menor atenção.

— Prince, é de quem estamos falando.

Por um momento de fantasia, Carol visualizou o pequenino astro do rock enterrado no quintal de uma casa com terraço de Bradfield. Restabelecendo a compostura, ela disse:

— Prince?

— Nosso pastor-alemão. Sempre reclamava dele, essa Angelica Thorpe. E ela não tinha razão para isso. Aquele cachorro estava fazendo um serviço para ela. Bastava passar qualquer pessoa pelo nosso beco, e aquele cachorro avisava. Ela teria de pagar uma fortuna para ter um alarme tão eficiente quanto aquele cachorro. De qualquer forma, há alguns meses... Agosto, foi o mês, um fim de semana antes do Feriado dos Bancos, voltamos do trabalho, Col e eu, e Prince tinha desaparecido. Pois bem, não há jeito de que ele pudesse ter saído do quintal. E ele teria atacado qualquer um que entrasse. Só há um modo de ele ter desaparecido: sendo assassinado — disse a sra. Goodison, golpeando Carol no peito com o dedo para obter ênfase. — Ela envenenou o Prince, depois se livrou do corpo para que não houvesse provas. É uma assassina!

Normalmente, Carol teria andado descalça uns dois quilômetros, se precisasse, para evitar uma conversa como essa, mas ela estava à procura do Faz-tudo, e qualquer excentricidade era algo que se devia agarrar com ansiedade.

— Como a senhora pode ter tanta certeza de que foi a sra. Thorpe? — perguntou ela.

— Questão de lógica. Ela era a única que já tinha reclamado dele. E, no dia que ele sumiu, eu e Col saímos para o trabalho, mas ela ficou em casa o dia todo. Sei disso com certeza, porque ela estava trabalhando durante a noite

naquela semana. E quando batemos na porta dela para perguntar se ela sabia alguma coisa sobre o sumiço do cachorro, ela só mostrou um sorriso de orelha a orelha naquele focinho. Eu podia ter dado um jeito naquela cara dela — bradou a sra. Goodison com ênfase. — Então, o que vai fazer quanto a isso?

— Infelizmente sem indícios, não há muito que possamos fazer — disse Carol, com empatia. — A senhora tem certeza, não tem, de que a sra. Thorpe mora sozinha?

— Ninguém ia querer morar com uma vaca horrorosa daquelas. Ela nem recebe visitas. Não é de causar surpresa, veja bem, ela parece um brutamontes vestido de mulher.

— Por acaso sabe que tipo de carro ela dirige? — perguntou Carol.

— Um desses malditos 4x4 de yuppies. Pergunto a você quem precisa de um 4x4 no meio de Bradfield? Não é como se morássemos em alguma fazenda, não é?

— E sabe onde ela trabalha?

— Não sei nem quero saber. — Ela olhou para o relógio. — Agora, se não se importa, minha minissérie está começando.

Carol observou a porta se fechar atrás de Bette Goodison, com uma suspeita desagradável começando a se formar em sua mente. Antes que pudesse tentar o número dez, seu pager tocou insistentemente. “Ligue para Don na Scargill Street. Urgentíssimo”, ela leu.

— Morris — gritou Carol. — Arrume um telefone para mim.

O que quer que estivesse acontecendo na Gregory Street podia esperar. Don claramente não podia.

Exausto, Tony caíra no sono e estava tendo um pesadelo delirante. Um esguicho de água congelada, lançada no rosto, levou-o direto para o

angustiante despertar, sua cabeça retornando dolorosamente.

— Ai — gemeu.

— Hora de acordar — disse Angelica ríspidamente.

— Estava certo, não estava? — perguntou Tony pelos lábios inchados. — Você teve tempo para pensar e sabe que tenho razão. Quer que a matança pare. Eles precisavam morrer, mereciam morrer. Decepcionaram você, a traíram, não a mereceram. Mas tudo isso pode mudar agora. Pode ser diferente comigo, porque eu amo você.

A máscara rígida do rosto dela se enrugou diante dos olhos dele, tornando-se mais suave, mais macia. Ela sorriu para ele.

— Nunca foi questão de sexo. Sempre consegui sexo. Os homens me pagam por sexo. Me pagam muito dinheiro. Foi assim que paguei pela cirurgia. Eles sempre me quiseram. — A voz dela estava cheia de uma mistura estranha de orgulho e raiva.

— Posso entender o porquê — mentiu Tony, montando em seu rosto o que ele esperava que fosse uma expressão de ansiedade e admiração. — Mas o que você queria de verdade era o amor, não era? Queria mais que o sexo sem amor das ruas ou o sexo sem rosto ao telefone. Você merece isso. Meu Deus, como merece. É o que posso lhe dar, Angelica. O amor não é apenas atração física. O amor é questão de respeito, admiração, fascínio, e sinto tudo isso por você. Angelica, você pode ter o que quiser. Pode ter comigo.

Suas emoções conflitantes estavam estampadas em seu rosto. Ele conseguia ver que parte dela queria desesperadamente acreditar nele, queria escapar para o mundo normal dos relacionamentos. Mas essa parte tinha que lutar com um nível de autoestima muito baixo. Ela não conseguia imaginar que existisse alguém disposto a amá-la. E, por baixo disso tudo, a suspeita de que ele estava tentando ludibriá-la.

— Como poderíamos? — interpelou ela, com agressividade. — Você vem tentando me caçar. Está do lado da polícia. Do lado deles.

Tony balançou a cabeça.

— Isso foi antes de eu perceber que você era a mesma mulher por quem me apaixonei pelo telefone. Angelica, o amor é uma emoção que suplanta o dever. Sim, trabalhei para a polícia, mas não sou um deles.

— Quem com porcos se mistura, farelo come — zombou ela. — Você vem tentando me prender, Anthony. Espera que acredite no que diz? Deve pensar que sou muito burra.

— Muito pelo contrário. Se quiser falar sobre estupidez, fale da polícia. Em grande parte, eles são tão chatos e intolerantes que não conseguiram manter um psicólogo interessado por mais de cinco minutos. Não tenho nada em comum com eles — sustentou Tony, em desespero.

Ela balançou a cabeça, mais com tristeza do que com raiva.

— Você trabalha para o Ministério do Interior. Você passou sua carreira inteira pegando serial killers e tratando deles. E espera que eu acredite que, de uma hora para outra, mudaria de lado e seria fiel a mim? Qual é, Anthony? Não vou cair numa esparrela dessas.

Tony sentiu suas forças se esvaírem. Seu cérebro simplesmente não era mais rápido o suficiente para mantê-la a distância. Com tristeza, ele disse:

— Não fiz carreira capturando pessoas, mas, sim, as tratando. Tive de fazer isso, não compreende? O meu trabalho é o único lugar em que posso encontrar mentes complexas o bastante para serem interessantes. É como ir ver os animais no zoológico. Você quer observá-los em seu habitat, mas, se só puder ir vê-los no zoológico, você vai assim mesmo. Sempre precisei esperar até que eles estivessem presos para poder estudá-los. Mas você... você ainda está na natureza, ainda do jeito que quer ser, realizada em sua arte. E, comparada a eles, você é a nata. Excepcional. Quero passar o resto da vida

sendo estimulado por sua mente. Não posso imaginar um dia achar você entediante.

Aterrorizante, talvez, mas nunca entediante.

O lábio inferior dela se projetou, dando uma expressão de calculada petulância ao seu rosto. Ela meneou a cabeça na direção da região genital dele, onde seu pênis pendia flácido.

— Então, se me acha atraente, por que isso está assim?

Era uma pergunta para a qual Tony não tinha absolutamente nenhuma resposta.

— O que temos de fato, Carol? — interpelou Brandon.

Carol andava de um lado para outro do escritório de Brandon, marcando seus pontos com os dedos.

— Temos um transexual. Não um transexual que passou pelo processo controlado, com aconselhamento psicológico do Serviço Nacional de Saúde, mas alguém que, de acordo com Don, teve uma mudança de sexo recusada aqui e teve de financiar uma operação fora do país vendendo o corpo. Então, desde o começo, sabemos que temos alguém que foi examinado por psiquiatras e considerado instável. Temos esse transexual dirigindo um veículo idêntico ao do dirigido por um suspeito na morte de Damien Connolly. Temos uma vizinha que está convencida de que Angelica Thorpe matou seu cachorro. O cachorro foi morto uma quinzena antes do primeiro assassinato. Angelica Thorpe comprou o software que lhe permitiria manipular vídeos em seu sistema de computador. Isso se encaixa numa teoria de comportamento do assassino desenvolvida por mim e endossada pelo nosso analista de perfil psicológico. Ela até mesmo mora no tipo de casa que Tony disse que moraria — argumentou Carol com veemência.

— Quando ela era Christopher, tinha alguns parafusos a menos — interveio Don.

— Gostaria de poder perguntar a Tony sobre isso — disse Brandon, de modo evasivo.

— Eu também — admitiu Carol, por entre os dentes. — Mas, obviamente, ele encontrou algo mais importante para fazer hoje. — Um pensamento súbito atingiu Carol como um saco de areia na nuca. Seus joelhos começaram a se dobrar e ela caiu na cadeira mais próxima. — Ai, meu Deus — disse, sem fôlego.

— O que foi? — perguntou Brandon, preocupado.

— Tony. Ele não esteve em contato com ninguém desde que saiu daqui ontem. Ele tinha duas reuniões da força-tarefa marcadas para hoje, de acordo com sua secretária, mas não apareceu no trabalho e não telefonou. Ele não estava em casa na noite passada, e não está aqui agora.

As palavras de Carol ficaram suspensas no ar como uma nuvem de fumaça tóxica. Uma onda de náusea subiu de seu estômago, quase a sufocando. De alguma maneira, ela manteve sua compostura sob o olhar concentrado de Brandon.

Com os dedos tremendo, Carol pegou a cópia de Brandon do perfil em sua mesa. Com pressa, ela virou as páginas até que encontrou o que procurava.

— “É possível que seu próximo alvo seja também um policial, talvez mesmo alguém que esteja trabalhando na investigação. Isoladamente, isso não será motivo suficiente para que o assassino o escolha, ele deve também se encaixar no critério de vítima que delineou em sua cabeça a fim de que o assassinato assuma seu significado completo para ele. Eu recomendaria enfaticamente que qualquer policial que corresponda ao perfil da vítima aplicasse vigilância extra em todos os momentos, observando qualquer

veículo suspeito estacionado próximo à sua casa e verificando se está sendo seguido na ida e na volta do trabalho e dos eventos sociais.” Pense nisso, senhor. Pense no perfil da vítima. Senhor, Tony se encaixa perfeitamente.

Sem querer acreditar no que Carol estava sugerindo, Brandon disse:

— Mas não se passaram oito semanas. Não é hora!

— Mas hoje é segunda-feira. Não se esqueça, Tony também indicou que seu cronograma poderia ser acelerado se algo acontecesse para traumatizá-lo. Stevie McConnell, senhor. Pense em toda a publicidade. Outra pessoa estava recebendo o crédito por seus crimes. Veja, aqui está, senhor: “Outra situação possível é que uma pessoa inocente seja acusada dos assassinatos. Isso seria uma afronta tão grande à ideia que tem de si mesmo que ele poderia cometer seu próximo assassinato antes do cronograma.” Senhor, precisamos agir com relação a isso agora!

A mão de Brandon estava no telefone antes mesmo que ela tivesse começado sua última frase.

A porta da frente dava direto no interior da casa. Embaixo não poderia parecer mais normal. A pequena sala estava mobiliada de forma barata, mas confortável com um sofá de dois lugares combinando com uma poltrona acolchoada em Dralon cor de musgo. Havia TV, vídeo, um sistema de som de preço médio e uma mesa de café completa com um exemplar da revista *Elle*. Um par de pôsteres enquadrados de baleias no mar estava pendurado nas paredes. A única estante continha uma seleção de clássicos de ficção científica, alguns romances de Stephen King e três livros eróticos de Jackie Collins. Carol, Merrick e Brandon se moveram cautelosamente pela sala, passaram pelas escadas e entraram na cozinha. Era organizada ao extremo, como um showroom; as superfícies de trabalho limpas e sem excesso de itens. Num escriptor, uma caneca, um prato, um garfo e uma faca.

Com Brandon liderando o caminho, eles subiram as escadas estreitas construídas entre as duas salas embaixo. O quarto da frente era rosa e leve como um milkshake de morango. Até mesmo a mesa em formato de feijão, com sua borda de renda, era rosa.

— Cuide-se, Barbara Cartland — murmurou Merrick. Brandon abriu o armário e vasculhou a série de roupas femininas. Carol se dirigiu às gavetas de um armário alto cor-de-rosa e trabalhou por todas elas até embaixo. Eles não continham nada mais perturbador que uma seleção de peças íntimas bregas, a maioria delas em cetim vermelho.

Foi Merrick quem mencionou primeiro o quarto dos fundos. Assim que abriu a porta, ele sabia que ninguém iria gritar para os jornais sobre juízes leigos concedendo mandados com base em indícios não existentes.

— Senhor — gritou ele. — Acho que encontramos.

O quarto era organizado como um escritório. Uma escrivaninha grande continha um computador e periféricos variados que nenhum deles conseguia identificar. De um lado estava um telefone ligado a um gravador sofisticado. Uma pequena mesa de edição de vídeo estava num canto, ao lado de um armário de arquivos. Um carrinho com rodas sustentava uma televisão e um vídeo, os dois de última geração. As prateleiras tomavam duas paredes, cheias de jogos de computador, vídeos, fitas e disquetes de computador, cada caixa etiquetada organizadamente em letras maiúsculas firmes. O único objeto discrepante no quarto era uma cadeira reclinável de couro, o material suspenso como uma rede numa estrutura de aço.

— Achamos — disse Brandon. — Bom trabalho, Carol.

— Onde diabos começamos? — indagou Merrick.

— Algum de vocês sabe operar o computador? — perguntou Brandon.

— Acho que devemos deixar isso com os especialistas — respondeu Carol. — Ele pode estar programado para destruir os dados se alguém tentar

fazer o login.

— Certo. Don, você pega o armário de arquivos. Eu pegarei os vídeos. Carol, você leva os cassetes.

Carol se moveu pelas prateleiras de cassetes. As primeiras duas dúzias pareciam ser fitas de música, abrangendo de Liza Minnelli a U2. Em seguida, havia uma dúzia marcada como “AS” e numerada de um a doze. Catorze marcadas “PG” em seguida, depois quinze com a inscrição “GF”, oito com “DC”, e seis com “AH”. A sequência das iniciais estava longe de ser coincidência. Carol pegou a primeira fita “AH” e, com o coração cheio de apreensão, inseriu no aparelho. Pegou os fones plugados na máquina e, relutantemente, os colocou nos ouvidos. Ela ouviu o som de um toque de telefone, depois uma voz tão familiar que ela poderia ter chorado.

— Alô — disse Tony, sua voz reduzida pela ligação telefônica. — Quem fala?

Uma risadinha, baixa e sexy.

— Você nunca vai adivinhar. Nem em um milhão de anos.

Pegamos, pensou Carol, sendo tomada por uma sensação de mau agouro. A voz na secretária eletrônica.

— Tudo bem, então me diga — disse Tony, sua voz estranha, amigável, entrando no jogo.

— Quem você gostaria que eu fosse, se eu pudesse ser qualquer pessoa no mundo?

— Isso é algum tipo de brincadeira? — indagou Tony.

— Nunca falei mais sério na vida. Estou aqui para fazer seus sonhos se tornarem realidade. Sou a mulher das suas fantasias, Anthony. Sou sua amante telefônica.

Houve o silêncio de um momento, depois o telefone foi batido do lado de Tony. Pelo tom de discagem, Carol ouviu a mulher estranha dizer:

— *Hasta la vista*, Anthony.

Ela apertou com força o botão de parar e tirou violentamente os fones de ouvido. Virou-se para ver Brandon paralisado pela imagem de Adam Scott esticado num potro e, aparentemente, desacordado. Parte da mente dela não podia compreender o que estava vendo. O mal, pensou ela, devia estar coberto de sangue, não exibido de forma prosaica numa tela de tevê de subúrbio.

— Senhor — forçou-se a dizer. — As fitas. Ela vinha perseguindo Tony.

Tony tentou rir. Saiu algo mais parecido com um soluço, mas ele continuou assim mesmo.

— Você espera que eu consiga uma ereção? Amarrado assim? Angelica, você usou clorofórmio em mim, me sequestrou e deixou que eu recobrasse a consciência sozinho numa câmara de tortura. Desculpe-me desapontá-la, mas não tenho experiência em bondage. Estou muito assustado para conseguir ficar de pau duro.

— Não vou deixar você ir, sabe. Não para correr direto para eles.

— Não estou pedindo para me deixar ir embora. Acredite em mim, fico feliz em ser seu prisioneiro, se esse for o único jeito de passar tempo com você. Quero conhecê-la, Angelica. Quero provar meus sentimentos para você, quero lhe mostrar como é o amor. Quero lhe mostrar de que lado estou realmente.

Tony tentou acionar o tipo de sorriso que aprendera que causava reações nas mulheres.

— Então me mostre — desafiou Angelica, deixando uma das mãos correr acariciando o próprio corpo, demorando-se nos mamilos e avançando para a área genital.

— Vou precisar de sua ajuda. Do mesmo jeito que precisei de você ao telefone. Fez que eu me sentisse tão bem, como um homem de verdade. Por favor, ajude-me agora — suplicou Tony.

Ela deu um passo em direção a ele, movendo-se sinuosamente como uma stripper.

— Você quer que eu o excite? — Ela disse com a voz arrastada numa paródia medonha de sedução.

— Não acho que consiga fazer assim — disse Tony. — Não com meus braços atados para trás desse jeito.

Angelica parou de imediato e fez uma carranca.

— Já disse, não vou soltar você.

— E eu disse que não estou pedindo isso. Tudo que peço é que ate minhas mãos para a frente. Para que eu possa tocá-la.

Novamente ele forçou o sorriso gentil.

Ela o fitou, pensativa.

— Como sei que posso confiar em você? Eu teria de soltar suas mãos para poder atá-las para a frente. Talvez você esteja tentando me ludibriar.

— Não vou. Dou minha palavra. Se isso faz você se sentir mais segura, use o clorofórmio em mim novamente. Faça enquanto eu estiver inconsciente — disse Tony, arriscando de novo. A reação dela lhe diria tudo que ele precisava saber sobre suas chances.

Angelica se moveu atrás dele. Uma voz exultante na cabeça dele gritava: “Isso!” Ele sentiu o calor da mão dela entre as dele enquanto ela agarrava as algemas e as puxava dolorosamente para cima.

— Merda — gritou Tony quando novas ondas de dor tomaram seus braços e seus ombros. Ele ouviu um clique de metal quando a manilha que ligava a corda às algemas se soltou. Angelica soltou-as e Tony caiu sobre os joelhos; as pernas se dobraram.

— Céus — praguejou ele enquanto caía para a frente, sentindo a pedra áspera arranhar sua bochecha.

Movendo-se rapidamente, Angelica abriu um lado das algemas, agarrou as costas da cadeira e o puxou para cima. Ainda segurando o braço com as algemas colocadas, ela apareceu diante dele e agarrou com brutalidade seu outro braço logo abaixo do bíceps, arrastando-o por seu corpo. Segundos mais tarde, suas mãos estavam algemadas de novo, dessa vez na frente do corpo. Ele se ajoelhou como um suplicante, seu desconforto duplicado pelas correias de couro apertadas em volta dos tornozelos.

— Viu? — perguntou, respirando com dificuldade. — Eu disse que não ia tentar nada.

Levemente ofegante, Angelica ficou parada em frente a ele, com as pernas separadas.

— Então me mostre — exigiu ela.

— Você precisa me ajudar. Não posso fazer sozinho — protestou ele, sem energia.

Ela se inclinou para baixo e agarrou os cabelos dele de novo, içando-o para cima sobre pernas cujos músculos tremiam com o esforço de ficar em pé. Eles ficaram a centímetros de distância, a seda do quimono dela se esfregando nas mãos dele. Ele podia sentir o calor da respiração dela na carne viva de sua bochecha arranhada.

— Dê um beijo em mim — disse ele baixinho. As prostitutas nunca conseguem beijar, ele pensou. Isso tornará as coisas diferentes.

Algo brilhou nos olhos de Angelica, mas ela se inclinou sobre Tony, soltando os cabelos e puxando o rosto dele para junto de si. Ele precisou de toda a sua força de vontade para não recuar quando os lábios dela encontraram os seus, a língua dela invadindo-lhe a boca, explorando seus dentes e lábios. Sua vida depende disso, ele dizia a si mesmo. Você tem um

plano. Tony se forçou a retribuir o beijo, enfiando sua língua na boca de Angelica, dizendo a si mesmo que havia coisas piores no mundo, e essa mulher tinha feito algumas de suas vítimas anteriores passarem por algumas delas.

Depois do que pareceu o beijo mais longo de sua vida, Angelica se afastou, olhando criticamente para os genitais dele.

— Vou precisar de ajuda — repetiu Tony. — Não tem sido um dia fácil.

— Que tipo de ajuda? — perguntou Angelica, ofegando levemente por lábios entreabertos. Era claro que ela não estava tendo nenhuma dificuldade com a excitação sexual que estava além das possibilidades dele.

— Faça um boquete. É a única coisa que funciona quando estou tendo dificuldade. Já senti sua boca agora; sei que vai ser sensacional. Por favor, quero muito fazer amor com você.

Ele mal tinha terminado de falar, ela já estava de joelhos, com as mãos acariciando os testículos dele. Ternamente, ela levantou o pênis flácido dele e o escorregou para a boca, sem tirar os olhos de seu rosto. Tony estendeu a mão e começou a acariciar-lhe os cabelos. Depois, com o que parecia ser um vagar infinito, ele puxou a cabeça dela para a frente, forçando-a para baixo, os olhos dela longe dele.

Em seguida, reunindo o que restava de suas forças, Tony levantou as mãos e golpeou as algemas na nuca de Angelica.

A pancada a pegou completamente de surpresa e ela o atingiu entre as pernas, o arranhar de seus dentes causando uma dor lancinante em Tony. Ele deixou-se cair para trás, sentido a tensão de seus tornozelos quando eles protestaram contra um movimento que não foram criados para fazer. Quando atingiu o chão, ele se dobrou para a frente e agarrou a cabeça de Angelica batendo-a com força no chão de pedra até que o corpo dela parou de se debater.

Ele se arrastou sobre sua figura debruçada até que seus dedos dormentes conseguissem chegar às correias do tornozelo. Com uma falta de jeito enlouquecedora, Tony lutou para despregar os conjuntos de fivelas que o prendiam na placa de pedra. Depois do que pareceram horas, ele estava finalmente livre. Enquanto tentava pôr-se de pé, seus tornozelos se recusavam ao desafio, virando e o lançando ao chão de novo, causando pontadas excruciantes de dor em suas pernas. Gemendo, ele se arrastou pelo chão até a escada. Já tinha transposto apenas alguns metros quando o corpo no chão grunhiu. Angelica movimentou a cabeça, sangue e muco transformaram seu rosto numa horripilante máscara do Dia das Bruxas. Quando ela o viu, rugiu como um animal ferido e passou a se levantar rapidamente, de modo desajeitado.

• • •

A procura por uma pista para o local de matança de Angelica estava ficando cada vez mais desesperada à medida que o medo e a preocupação com Tony cresciam. Eles tinham esvaziado o conteúdo do armário de arquivos no chão. Cada pedaço de papel era analisado em busca de qualquer pista do local do porão revelado no vídeo. Notas fiscais, garantias, contas e recibos. Carol continuava vasculhando um arquivo de correspondência oficial, esperando encontrar algum detalhe de aluguel ou hipoteca, qualquer coisa relacionada a outra propriedade. Merrick estava trabalhando com perseverança pelos arquivos relacionados à mudança de sexo de Thorpe. Brandon já tivera um alarme falso, defrontando-se com uma pilha de cartas jurídicas relacionadas à propriedade em Seaford. Logo, porém, ficou claro que elas se relacionavam à venda da casa da mãe falecida de Thorpe na cidade.

Foi Merrick quem encontrou o elemento crucial. Ele tinha terminado com os arquivos da mudança de sexo e começado com um maço de cartas diversas, arquivadas em “Imposto”. Quando se deparou com a carta, precisou lê-la duas vezes para ter certeza de que a autossugestão não estava lhe fazendo imaginar coisas.

— Senhor — disse ele, com cautela. — Acho que pode ser isso que estamos procurando.

Merrick passou a carta para Brandon, que leu o papel timbrado da Pennant, Taylor, Bailey e Co., Advogados. “Caro Christopher Thorpe, recebemos uma carta de sua tia, sra. Doris Makins, enviada da Nova Zelândia, autorizando-nos a passar para o senhor as chaves da fazenda Start Hill, Upper Tontine Moor, em Bradfield, W. Yorkshire. Como seus agentes, temos o poder de permitir o acesso à referida propriedade para fins de manutenção e segurança. Por favor, agende com este escritório para recolher as chaves quando lhe for conveniente...”

— Acesso a uma propriedade rural isolada — disse Carol, olhando por sobre o ombro de Brandon. — Tony disse que o assassino poderia dispor disso. E agora ela o tem consigo.

Uma onda de raiva passou por ela, tomando o lugar da lenta queimação de medo que a vinha corroendo desde o momento que eles revelaram os segredos macabros daquele escritório superficialmente normal.

Brandon fechou os olhos por um momento, depois disse, tenso:

— Não sabemos quanto a isso, Carol.

— E mesmo que ela o tenha pegado, ele é um sujeito esperto. Se alguém pode usar sua lábia para se manter fora de encrenca é Tony Hill — interveio Don.

— É melhor prevenir do que remediar — disse Carol, com agressividade. — Onde diabos fica a fazenda Start Hill? E em quanto tempo conseguimos

chegar lá?

Tony olhou em volta, desesperado. O suporte de facas à sua esquerda estava a uma altura impossível. Quando Angelica ficou de joelhos, ele engatinhou no banco de pedra e pôs-se de pé. Sua mão se fechou no cabo de uma faca enquanto ela tentava ficar de pé e se lançava na sua direção, ainda gritando como uma vaca separada de seu bezerro.

O peso e o impulso do ataque dela curvaram Tony para trás no banco. As mãos de Angelica lutaram para chegar ao seu pescoço, agarrando sua traqueia com tanta força que luzes brancas começaram a dançar em frente aos seus olhos. Justamente quando pensou que não podia mais suportar, sentiu o jato quente e pegajoso de sangue contra seu estômago, e as mãos de Angelica se tornaram flácidas como um jornal molhado.

Antes que pudesse assimilar tudo, ele ouviu os passos batendo nos degraus de pedra. Como uma visão alucinada do paraíso, Don Merrick invadiu o porão, seguido por John Brandon, com o queixo caído pela cena em frente de si.

— Puta merda — gritou Brandon.

Carol passou pelos dois homens e ficou olhando sem compreender a carnificina diante de si.

— Vocês demoraram — disse Tony ofegante. Quando desmaiou, a última coisa que ouviu foi sua própria risada histérica.

Epílogo

Carol empurrou a porta da ala lateral do hospital. Tony estava escorado numa pilha de travesseiros, o lado esquerdo de seu rosto inchado e ferido.

— Oi — disse Tony, com um meio sorriso desanimado que era o melhor que podia conseguir sem sentir muita dor. — Entre.

Carol fechou a porta atrás de si e sentou-se numa cadeira ao lado da cama.

— Trouxe algumas coisinhas para você — disse ela, deixando um saco plástico e um envelope na colcha.

Tony se esticou para pegar a sacola. Carol fez uma careta por dentro quando viu o bracelete de feridas em torno de seus pulsos inflamados. Ele tirou um exemplar da revista *Esquire*, uma lata de Aqua Libra, uma lata de pistache e um volume de romances de Dashiell Hammett.

— Obrigado — agradeceu ele, surpreso pelo quanto a escolha dela o tinha emocionado.

— Não tinha certeza do que você gostava — respondeu ela na defensiva.

— Então você sabe adivinhar bem. A policial perfeita para a força-tarefa.

— Embora um pouco lenta para entender — disse Carol, com amargura.

Tony balançou a cabeça numa negativa.

— John Brandon esteve aqui mais cedo. Ele me disse como você desvendou tudo. Não vejo como você poderia ter chegado lá antes.

— Eu devia ter percebido antes que você não ia dar uma de sumido num momento tão crucial. Pensando bem, eu devia ter percebido logo que vi aquele perfil que você podia ser um alvo e tomado medidas para protegê-lo.

— Bobagem, Carol. Se alguém devia ter percebido isso, era eu. Você fez um trabalho muito bom.

— Não, se eu estivesse mais atenta, teríamos chegado lá a tempo de evitar que você tivesse de... fazer o que fez.

Tony suspirou.

— Você quer dizer que teria salvado a vida de Angelica? Para quê? Anos num hospício de segurança máxima? Veja as coisas pelo lado positivo, Carol. Você salvou uma fortuna ao país. Nada de julgamentos caros, nem anos de cárcere e tratamento a serem pagos. Merda, eles provavelmente vão lhe dar uma medalha.

— Não foi isso que quis dizer, Tony. Quero dizer que você não teria de viver sabendo que matou alguém.

— Sim. Bem, não posso fingir que foi o resultado perfeito, mas vou aprender a viver com isso. — Ele forçou um sorriso. — Não interprete isso do jeito errado, mas a primeira coisa que vou fazer quando andar de novo é sair e comprar para você um novo casaco impermeável. Toda vez que olho para essa capa que você está vestindo, tenho vontade de gritar.

— Por quê? — Carol franziu a testa, confusa.

— Você não sabe? Ela estava usando uma capa idêntica quando apareceu à minha porta. Se ela tivesse deixado alguma fibra na cena do crime, a perícia teria presumido que tinha vindo de você.

— Perfeito — concluiu Carol, ironicamente. — Como vão os tornozelos, aliás?

Tony fez uma careta.

— Acho que não vou nunca mais tocar violino. Consegui chegar ao banheiro de muletas, mas tive de sentar na beira da banheira para fazer xixi. Eles estão dizendo que provavelmente vai levar algum tempo para os ligamentos rompidos se curarem. Como foi seu dia?

Carol também fez uma careta.

— Horrível. Acho que você teria ficado à vontade. Você estava certo quanto a manter a fantasia viva. Ela, ele, aquilo, tinha fitas de todas as conversas telefônicas que tivera com suas vítimas, e ela tinha roubado as fitas das mensagens direcionadas a ela dos homens que tinham secretárias eletrônicas. Os nerds levaram um tempinho para decifrar a parte dos computadores. Eles não tinham ninguém que realmente soubesse o que estava fazendo, mas meu irmão Michael veio e resolveu para nós.

Tony deu um sorriso torto.

— Não queria dizer nada antes, mas por um momento de loucura eu realmente cogitei seu irmão.

— Michael? Você está de brincadeira!

Envergonhado, Tony fez que sim.

— Foi quando você propôs a ideia da manipulação dos vídeos no computador. Michael tinha o conhecimento especializado para fazer isso, sem dúvida. Ele está na faixa etária certa, ele mora com uma mulher, mas não num relacionamento sexual, ele tem acesso a todas as informações que o assassino precisaria sobre a forma como a polícia e os peritos trabalham, seu trabalho fica na área geral onde eu esperava que o assassino trabalhasse, e ele estava em condições de saber exatamente o que a polícia estava fazendo e se envolver na investigação. Se não tivéssemos pegado Angelica quando pegamos, eu teria arranjado um convite para jantar para analisá-lo.

Carol balançou a cabeça.

— Entende o que quero dizer com ser lenta para entender as coisas? Eu tinha acesso a todas as mesmas informações que você, e Michael nunca sequer me passou pela cabeça como uma possibilidade.

— Não é tão surpreendente. Você o conhece bem o bastante para saber que ele não é um psicopata.

Carol deu de ombros.

— Conheço mesmo? Não seria a primeira vez que um membro próximo da família, até uma esposa, comete o mesmo erro.

— Geralmente, elas estão iludindo a si mesmas ou são emocionalmente instáveis e dependentes do assassino de algum modo. Nenhuma das duas coisas teria se aplicado nesse caso. — Ele deu um sorriso cansado. — De qualquer forma, diga-me o que Michael descobriu.

— O computador era uma mina de ouro. Ela mantinha seu próprio diário da perseguição e dos assassinatos. Escreveu até o que queria que fosse publicado depois de sua morte. Dá para superar isso?

— Fácil — disse Tony. — Lembre-me de lhe mostrar alguns dos trabalhos acadêmicos que tenho sobre serial killers.

Carol estremeceu.

— Obrigada, mas não precisa. Trouxe uma impressão do diário para você. Imaginei que ficaria interessado. — Ela fez um gesto para o envelope. — Esta aí. Além disso, como você suspeitou, ele tinha gravado os assassinatos em fita, e manipulou as imagens para manter viva a fantasia. Era tétrico, Tony. Ia muito além de um pesadelo.

Tony concordou.

— Não vou dizer que a gente se acostuma, porque a gente nunca se acostuma se quiser ter alguma utilidade neste trabalho. Mas você chega a um estágio onde pode deixar isso trancado bem distante, para que não fique em primeiro plano e acabe destruindo a sua cabeça sem você perceber.

— Ah, é?

— Essa é a teoria. Pergunte-me novamente em algumas semanas — disse ele, com gravidade. — Havia algo sobre como ela escolhia suas vítimas?

— Só um pouco — respondeu Carol. — Ela vinha nisso há meses, antes mesmo que tivesse escolhido a primeira vítima. Angelica trabalhava para a companhia telefônica, era gerente de sistemas de computadores. Ao que parece, costumava trabalhar para uma pequena empresa telefônica privada em Seaford, que lhe deu a experiência para conseguir o trabalho em Bradfield. Ela era o que eles chamam de superusuário do sistema, então tinha acesso a todos os dados ali. Ela usou o computador da companhia telefônica para extrair todos os números residenciais que fizeram ligações regulares para linhas de disque-sexo no ano passado — pausou Carol, deixando a pergunta óbvia no ar.

— Era pesquisa — explicou Tony, com cansaço. — Publiquei um artigo sobre a função das linhas de sexo no desenvolvimento de fantasias entre criminosos sexuais. Alguém devia ter dito a Angelica para não tirar conclusões precipitadas.

Interpretando esse comentário como uma censura velada, Carol prosseguiu:

— Ela fez a correspondência cruzada desses dados com a lista dos eleitores e chegou aos homens que moravam sozinhos. Depois, verificava cada um observando suas casas. Tinha uma ideia clara do tipo físico que buscava. Ela queria alguém com casa própria, uma renda decente e boas perspectivas de carreira. Acredita nisso?

— Completamente — disse Tony, com gravidade. — Sua lógica era que ela nunca os quis matar, só queria amá-los. Mas eles a forçaram a matar porque a traíram. Ela ficava dizendo a si mesma que o que queria de verdade era um homem que fosse amá-la e viver com ela.

Não é o que todos queremos, pensou Carol, mas não disse.

— De qualquer forma, depois que decidia sobre um candidato possível, ela preparava o caminho com as ligações telefônicas eróticas. Ela conseguia fisgá-los assim, por causa de todos vocês, homens sórdidos, que não resistem ao sexo anônimo.

— Nossa — disse Tony, com uma careta. — Em minha defesa, gostaria de dizer que uma grande parte do meu interesse foi puramente acadêmico. Estava interessado na psicologia de uma mulher que fazia o que ela fazia por telefone.

Carol sorriu com os lábios apertados.

— Pelo menos agora sei que estava falando a verdade quando disse que não conhecia a mulher que estava deixando as mensagens sensuais na sua secretária eletrônica.

Tony desviou o olhar.

— E a descoberta de que o homem por quem se sentira atraída estava tendo ereções em sexo por telefone com uma estranha deve ter sido um prazer para você.

Carol ficou silenciosa, sem saber o que dizer.

— Já ouvi as fitas — admitiu ela. — As suas eram muito diferentes das outras. Você estava claramente desconfortável boa parte do tempo. Não que seja da minha conta.

Ainda incapaz de olhá-la nos olhos, Tony falou, com a voz entrecortada e distante:

— Tenho um problema com o sexo. Para ser preciso, tenho problema em conseguir manter uma ereção. A verdade é que apenas parte de mim estava tratando as ligações com interesse profissional. A outra parte estava tentando usá-las como uma espécie de terapia. Sei que isso faz com que eu pareça um pervertido, mas parte do problema dessa profissão é que é praticamente

impossível encontrar um terapeuta que possa respeitar e confiar que isso não esteja conectado, de alguma forma, com o mundo em que trabalho. E, por mais que eles aleguem verbalmente o princípio da confidencialidade de seus clientes, sempre relutei em me expor ao risco.

Percebendo a dificuldade que Tony tivera em fazer essa confissão, Carol pegou sua mão e a cobriu levemente com a dela.

— Obrigada por me contar isso. Não sairá daqui. E se isso deixar você melhor, as únicas pessoas que ouviram integralmente as fitas foram eu e John Brandon. Não precisa se preocupar com o que os outros estejam dizendo sobre você pelas suas costas na força.

— Isso é alguma coisa, acho. Então, prossiga. Conte sobre os telefonemas de Angelica para as outras vítimas.

— Era óbvio que os homens pensavam nisso como sexo sem compromisso nem segunda vez. A análise de Angelica foi completamente diferente. Ela se convenceu de que suas respostas significavam que estavam se apaixonando por ela. Infelizmente para os homens, eles decidiram de outra forma. Assim que mostravam algum interesse por outra mulher, eles assinavam seus mandados de execução. Isto é, fora Damien. Ela o matou para nos ensinar uma lição. Você seria a outra lição.

Tony estremeceu.

— Não é de admirar que ela tivesse que ir para o exterior para a operação de mudança de sexo. Os psicólogos do Serviço Nacional de Saúde que ela frequentou devem ter tido uma boa oportunidade com as atitudes e as aspirações dela.

— Ao que parece, eles decidiram que ela não era um candidato apropriado para uma mudança de sexo por causa da falta de percepção de sua sexualidade. Concluíram que era um gay que não conseguia lidar com sua orientação sexual por causa do condicionamento cultural e familiar.

Recomendaram acompanhamento psicológico com um terapeuta sexual, em vez de uma mudança de sexo. Houve uma briga feia na época. Ela jogou um dos psicólogos por uma porta de vidro — revelou Carol.

— Uma pena que eles não tenham feito boletim de ocorrência — disse Tony.

— Sim. E você ficaria satisfeito em ouvir que eles certamente não vão acusar você.

— Era de supor que não! Como disse, pense no dinheiro dos contribuintes que economizei. Talvez devêssemos jantar para celebrar quando eu sair daqui — convidou ele hesitante.

— Gostaria disso. Há uma coisa boa no final de tudo isso — disse Carol.

— Que foi?

— Penny Burgess tirou o dia de folga ontem para andar nos Dales. Ao que parece, o carro dela quebrou e ela ficou presa no meio de uma floresta durante a noite. Ela perdeu a coisa toda. Há uma dúzia de créditos de matérias no *Sentinel Times* esta noite e nenhum é dela.

Tony relaxou e olhou para o teto. Disfarçando o problema, era isso que eles estavam fazendo. Ele suspeitou que Carol sabia disso da mesma forma que ele, e não lamentava o esforço que ela estava fazendo. Mas, por enquanto, ele já tivera o bastante. Fechou os olhos e suspirou.

— Ah, meu Deus, desculpe — disse Carol, levantando-se. — Não pensei bem. Você deve estar exausto. Olhe, estou indo embora. Vou deixar essas coisas para que leia quando se sentir pronto. Posso dar uma passada aqui amanhã, se quiser.

— Acho que gostaria disso — respondeu Tony, exausto. — O cansaço chega a mim em ondas às vezes.

Ele ouviu os passos dela pelo piso e o clique da porta se abrindo.

— Cuide-se bem — disse Carol.

A porta se fechou atrás dela, e Tony se arrastou de volta para cima até ficar reclinado nos travesseiros. Ele estendeu a mão para pegar o envelope. Embora não pudesse lidar com a conversa, a curiosidade dele não o permitiria ignorar o diário de Angelica. Ele retirou um espesso maço de folhas de papel A4.

— Vamos ver do que você é feita de verdade — disse baixinho. — Qual é a história? Como você justifica o que esconde? — Com avidez, ele começou a ler.

Avançar pelas emoções dos psicologicamente perturbados era normalmente uma experiência de exploração rotineira para Tony. Mas essa era diferente, ele percebeu apenas depois de alguns parágrafos. A princípio, ele não conseguiu identificar o que era. A escrita era de nível intelectual mais elevado, mais controlada e mais imediata do que a maioria das divagações deles, mas isso não explica por que a reação dele era tão diferente. Ele avançou mais algumas páginas, igualmente fascinado e repellido. Não era nem mais nem menos obcecado consigo mesmo do que outras coisas que lera, mas havia um prazer horripilantemente incomum. A maioria dos assassinos cujos escritos ele tinha lido exultava muito mais em seu próprio papel, refletindo menos no que tinha feito a suas vítimas e em seus efeitos nelas. Mas aqui estava alguém que se identificava com a mesma intensidade em sua relação com eles. Nem mesmo isso poderia explicar inteiramente por que ele se sentia tão perturbado pelo que estava lendo. O que quer que fosse estava tornando-o mais relutante a continuar à medida que ele lia, o oposto de sua reação normal. Ele vinha interessado, de um modo tão obsessivo, em entrar na cabeça do assassino que o apelidou de Faz-tudo, mas agora que tudo estava disposto diante dele, era como se não quisesse mais saber.

Conforme se forçava a ler, registrando mentalmente as suposições corretas que fizera no perfil, Tony percebeu enfim que o que estava sentindo era pessoal. Essas palavras o tocavam de maneiras que ele nunca vivenciara antes,

porque a vida descrita nessas páginas o emocionava de um modo direto que ele nunca conhecera. Aquelas eram as pegadas de seu próprio arqui-inimigo pessoal que ele estava seguindo, e era uma jornada desconfortável.

Ele jogou os papéis para um lado, incapaz de continuar, vendo seu próprio destino espelhado nos corpos fragmentados que Angelica tinha descrito tão meticulosamente. O problema em ser psicólogo era que ele sabia exatamente o que estava acontecendo consigo mesmo. Ele sabia que ainda estava em choque, ainda negando inteiramente a realidade. Embora não conseguisse tirar os eventos do porão da cabeça, ainda havia um distanciamento entre ele e a lembrança, como se ele a estivesse observando de uma longa distância. Um dia o horror da noite anterior voltaria em estéreo, esparramado em sua visão interna em Cinemascope. Sabendo disso, esse torpor era uma bênção. Sua secretária eletrônica já estava, ele sabia, abarrotada de ofertas lucrativas para a história de como o caçador se tornou assassino. Um dia ele teria de contar essa história. Ele esperava ter força para guardá-la para um psiquiatra.

Não era nenhum conforto racionalizar que, tendo sido alvo de um serial killer, estatisticamente era improvável que ele se encontrasse nessa posição de novo. Tudo em que conseguia pensar era nas horas no porão, buscando em sua experiência e conhecimento as palavras mágicas que lhe dariam mais alguns minutos para tentar encontrar a chave da liberdade.

E depois aquele beijo. O beijo da prostituta, o beijo da assassina, o beijo da amante, o beijo da salvadora, tudo misturado numa coisa só. Um beijo de uma boca que o vinha seduzindo havia semanas. A boca cujas palavras tinham lhe dado esperança de um futuro, só para no final deixá-lo perdido nesse lugar. Ele tinha passado a carreira tentando entrar nas mentes daqueles que matam, apenas para acabar como um deles, graças a um beijo de Judas.

— Você venceu, não foi, Angelica? — disse ele baixinho. — Você me queria, e agora me tem.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O canto da sereia

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/355951-o_canto_das_sereias

Resenha do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/355951>

Site da autora

<http://www.valmcdermid.com/>

Wikipédia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Val_McDermid

Twitter da autora

<https://twitter.com/valmcdermid>

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/5672.Val_McDermid

Sumário

CAPA

ROSTO

CRÉDITOS

AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO

AMOR. 001

1

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO

AMOR. 002

2

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO

AMOR. 003

3

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO

AMOR. 004

4

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO

AMOR. 005

5

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 006

6

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 007

7

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 008

8

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 009

9

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 010

10

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 011

11

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 012

12

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 013

13

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 014

14

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 015

15

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 016

16

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 017

17

DO DISQUETE DE 3 ½” COM A ETIQUETA: BACKUP. 007; ARQUIVO
AMOR. 018

18

EPÍLOGO

COLOFON

SAIBA MAIS